

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS  
PROGRAMA DE LITERATURA E CULTURA RUSSA

Eduardo Soma

**(Re)inventando o moderno -  
a ressignificação da modernidade na obra dos Strugátski**

(Versão corrigida)

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras  
e Ciências Humanas da Universidade de São  
Paulo para obtenção do título de Doutor em  
Literatura e Cultura Russa.

Orientador: Prof. Dr. Homero Freitas de Andrade  
Responsável pela orientação: Profa Dra. Maria de  
Fátima Bianchi

São Paulo

2023

## Agradecimentos

O presente trabalho foi escrito sob condições bastante peculiares. Com a partida do professor Homero e a eclosão da pandemia da Covid-19, a qual ensejou outras perdas pessoais, um percurso que normalmente não seria simples se tornou bastante árduo. Assim, esses agradecimentos são os mais genuínos possíveis. Sem cada uma das pessoas aqui mencionadas – e de outras tantas que neste instante fogem à minha limitada cognição – não teria sido possível percorrer sequer uma fração dessa jornada. As limitações desse trabalho, que entendo serem reais e importantes, são minhas; quaisquer qualidades encontradas nas páginas que se seguem, por outro lado, são devidas às pessoas a quem aqui agradeço.

À professora Fátima, que acolheu a minha pesquisa quando tudo se tornou impossivelmente difícil.

Às professoras Lucia e Paula, cujas contribuições na qualificação desse trabalho foram fundamentais.

Às servidoras e aos servidores do Departamento de Letras Orientais, que me resgataram de grandes apuros.

À minha família, por tudo.

A Ana, Daniel, Moara, Raonito, Suzi, Lulu e Du, amigos que renovam o meu olhar sobre o mundo.

A Kelly, Eliane, Sabrina, Cleber, Carlos, Laura, Odair, Fabio, Magali e Eliana, por me ensinarem um ofício. A Kaik, Fernanda e Matheus, pelos cento e oitenta segundos diários.

À Kemi, por me ajudar a entender tanto.

À Ana, pelas conversas que foram fundamentais ao término desse projeto.

Ao Tobias, de quem sinto a falta.

Ao Homero, pela generosidade e paciência ilimitados diante das minhas omissões, pelos comentários e ensinamentos certos e pelo companheirismo em longos anos de pós graduação. Certa vez, um amigo de faculdade disse que você o havia ensinado a ler. Recordo com frequência das nossas conversas, e sigo tentando aprender.

À Nay, pela força e coragem que tornam a vida possível.

## RESUMO

### **(Re)inventando o moderno - a ressignificação da modernidade na obra dos Strugátski**

Este trabalho tem como objetivo principal propor uma investigação sobre as imbricações estabelecidas entre o gênero literário da ficção científica e o pensamento moderno na Rússia e na URSS. A partir da análise da introdução, tensionamentos e transformações do gênero ao longo do século XX, buscamos compreender o modo com que ele determinou, em diferentes momentos históricos, o significado de 'moderno'. As obras dos irmãos Arkádi e Boris Strugátski servem de ponto de partida para reflexões acerca da renovação das noções de modernidade no pensamento soviético da segunda metade do século XX.

## ABSTRACT

### **(Re)inventing the modern world - the resignification of modernity in the works of the Strugatsky brothers**

This work's objective is to initiate an investigation on the interconnections woven between the sci-fi literary genre and modern Russian and Soviet thought. Through the analysis of its uses, tensions and shifts throughout the twentieth century, we aim to understand the ways in which the genre determined the meaning of the modern in different historical moments. As a point of departure, the Strugatsky Brothers oeuvre is used to trace the renewal and transformations of the concept of modernity in Soviet thought during the second half of the twentieth century.

### **SOBRE A ENTREGA DO EXEMPLAR IMPRESSO**

Aa Comissão de Pós-Graduação da FFLCH, em sessão de 13/12/2016, flexibilizou a entrega do exemplar impresso.

O exemplar impresso só deverá ser entregue mediante solicitação do membro da banca. Caso contrário todo o processo da defesa tramitará apenas com a versão em PDF da dissertação/tese.

Comissão de Pós-Graduação, 13 de dezembro de 2016.



Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

S693( Soma, Eduardo  
(Re)inventando o moderno - a resignificação da modernidade na obra dos Strugátski / Eduardo Soma; orientador Homero Freitas de Andrade; coorientadora Maria de Fátima Bianchi - São Paulo, 2023.  
236 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Orientais. Área de concentração: Literatura e Cultura Russa.

1. Literatura. 2. Modernidade. 3. URSS. I. Andrade, Homero Freitas de, orient. II. Título.

## ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

### Termo de Anuência do (a) orientador (a)

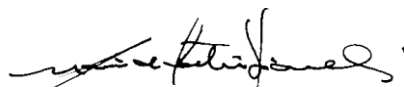
**Nome do (a) aluno (a): Eduardo Soma**

**Data da defesa: 20/06/2023**

**Nome do Prof. (a) orientador (a): Homero Freitas de Andrade**

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 19/08/2023



---

Orientador: Prof. Dr. Homero Freitas de Andrade  
Responsável: Profa. Dra. Maria de Fátima Bianchi

## Sumário

Introdução.....	1
1. Modernidade e Ficção Científica.....	6
1.1 Uma modernização recuperadora.....	8
1.2 Uma modernidade domesticada.....	17
1.3 Modernidade e ficção científica.....	32
1.3.1 Como surgiu a ficção científica soviética?.....	44
1.3.2 O que surgiu da ficção científica soviética?.....	60
2.1. Uma resposta radical à modernidade: Nikolai Fiódorov e os cosmistas russos.....	76
2.2. A construção da URSS como projeto da razão científica moderna.....	93
2.2.1. A industrialização e a criação do 'novo homem soviético'.....	93
2.2.2 Realizações em perspectiva contrária.....	115
2.2.2.3. Imortalidade.....	120
3. Os Strugátski.....	132
3.1. Análise de obras.....	138
3.1.1. <i>É Difícil Ser um Deus</i> (1964).....	138
3.1.2 A segunda-feira começa no sábado.....	168
3.1.3. <i>Piquenique à Beira da Estrada</i> (1972).....	210
Conclusão.....	222
Bibliografia.....	226



## Introdução

Science and art both project the world along certain coordinates. Differences in form are due only to differences in the coordinates. All realistic forms are projections along the fixed, plane coordinates of Euclid's world. These coordinates do not exist in nature. Nor does the finite, fixed world; this world is a convention, an abstraction, an unreality. And therefore Realism – be it “socialist” or “bourgeois” – is unreal. Far closer to reality is projection along speeding, curved surfaces – as in the new mathematics and the new art. Realism that is not primitive [...] consists in displacement, distortion, curvature, nonobjectivity.<sup>1</sup>

Zamiátin reivindicava uma arte que projetasse o mundo sobre coordenadas novas, consoantes com aquelas dos novíssimos avanços científicos modernos que inundaram a imaginação russa após a explosão de publicações científicas ocorrida no país na virada do século XX<sup>2</sup>, a qual prenunciava a sua efetiva modernização.

Sob certa perspectiva, o processo de introdução da modernidade na Rússia pode ser compreendido como um movimento de compressão temporal. A “grande transformação” a que as sociedades europeias foram submetidas no decorrer de vários séculos<sup>3</sup> foi, em grande medida, aplicada ao território que compusera o império russo em poucas décadas, especialmente a partir do início do período soviético<sup>4</sup>. Nestes locais, os choques provocados pela introdução do moderno – significativos mesmo em sociedades nas quais o processo se deu de modo gradual<sup>5</sup>, dado que ele implicava a submissão do humano a uma nova lógica de trabalho, a um papel social radicalmente novo – foram particularmente importantes, e exigiram toda sorte de estratégias de conciliação entre a cosmovisão até então hegemônica e o radicalmente *novo*. Limitações

---

<sup>1</sup> “Tanto a ciência quanto a arte projetam o mundo sobre certas coordenadas. Diferenças na forma derivam apenas de diferenças nas coordenadas. Todas as formas realistas são projeções sobre as coordenadas fixas e planas do mundo euclidiano. Essas coordenadas não existem na natureza. Tampouco existe o mundo finito e fixo; esse mundo é uma convenção, uma abstração, uma não-realidade. E portanto o Realismo – seja ele “socialista” ou “burguês” – não é real. Muito mais próxima da realidade é a projeção sobre superfícies rápidas e curvas – como no caso da nova matemática e da nova arte. O Realismo que não é primitivo (...) consiste em deslocamento, distorção, curvatura e não-objetividade.” (ZAMYATIN, 1970)

<sup>2</sup> BROOKS, 1985

<sup>3</sup> POLANYI, 2000

<sup>4</sup> KURZ, 1993

<sup>5</sup> JAMESON, 2005

materiais exigiam, ainda, a conciliação entre o discurso do moderno e certas práticas pré-modernas<sup>6</sup>.

As artes constituíram um campo fértil para esse tipo de operação de “amortecimento de choques”, ao articular precondições imaginativas para a inserção das radicais novidades na vida cotidiana. Nas primeiras décadas do século XX, a “nova arte” a que alude Zamiátin – a mais adequada à incipiente realidade moderna, de acordo com o escritor – serviria não apenas para mitigar os choques da modernidade, mas também para criar as condições necessárias ao surgimento da modernidade em um contexto de escassez material<sup>7</sup>, sendo, no limite, mobilizada em sua dimensão performativa para concretizar o moderno em um mundo pré-moderno<sup>8</sup>.

Nos termos de Banerjee, a ficção científica surgiu no mundo russo na virada do século XX, adquirindo imediatamente enorme prestígio cultural e valor ideológico, e constituindo um “modo não apenas de relatar, mas de fazer a modernidade” ao operar no público uma transformação cognitiva capaz de “produzir a sensação e o estado de ser moderno”<sup>9</sup>. O gênero emergia, deste modo, como uma forma de construir a ideia do moderno, o que se mostrou particularmente importante no período de construção socialista, dado que o socialismo real se constituiu como um projeto essencialmente moderno<sup>10</sup>.

A ascensão avassaladora da ficção científica entre o início do século XX e o final do período da NEP foi interrompida, entre outros motivos, por conta dos potenciais pouco previsíveis do gênero, muitas vezes utilizado como meio para a disseminação de narrativas esópicas, e, a partir dos anos 1930, a ficção especulativa foi amplamente relegada à esfera da literatura infantil. O seu ressurgimento, em meio ao chamado “degelo” cultural da década de 1950 e à rápida expansão da “cultura espacial” que se seguiu ao lançamento dos primeiros satélites artificiais, viu o surgimento de autores como Ivan Iefrémov e os irmãos Strugátski, que alcançaram enorme popularidade entre o público soviético. Em pouco tempo, contudo, o potencial do gênero em gerar o estranhamento e permitir uma perspectiva renovada sobre o mundo<sup>11</sup> o colocou em uma posição peculiar perante o *establishment* literário soviético. Em um período no qual a

---

<sup>6</sup> BUCK-MORSS, 2000

<sup>7</sup> BANERJEE, 2012

<sup>8</sup> VUJOSEVIC, 2017

<sup>9</sup> BANERJEE, 2012, p. 3-5

<sup>10</sup> SOARES, 2019

<sup>11</sup> JAMESON, 2005

esfera cultural era marcada pela “virada performativa”<sup>12</sup>, a ficção científica soviética passou a expressar, por meio de uma forma previsível – uma literatura infantil ou de despreziosa divulgação científica –, conteúdos imprevisíveis, os quais questionavam o significado da modernidade soviética e o percurso da URSS em relação ao desenvolvimento socialista.

A trajetória da recepção da modernidade na Rússia é, de muitas formas, conectada ao pensamento de Nikolai Fiódorov (1829-1903). Fundador de um movimento milenarista denominado Cosmismo, Fiódorov propunha, em meio ao desencantamento do mundo, uma releitura da cosmovisão cristã mediada pelos avanços tecnológicos modernos<sup>13</sup>. A salvação eterna por meio da imortalidade da alma, como sugerida no dogma religioso, dava lugar à busca científica por tecnologias capazes de permitir a ressurreição e a imortalidade – os quais representariam a “causa comum” a ser perseguida pela humanidade. Os grandes projetos imaginados por Fiódorov em sua busca pelo triunfo sobre a morte, que envolviam a transformação da natureza – necessária à manipulação molecular que resultaria na ressurreição de pessoas há muito falecidas – e a exploração do cosmos – imprescindível em um mundo de ressuscitados e imortais, dada a escassez de recursos e de espaço físico no planeta Terra – teriam repercussões ao longo do século XX<sup>14</sup>, por meio de seus numerosos discípulos que desempenhariam papéis de destaque tanto na burocracia quanto nas artes soviéticas<sup>15</sup>. Figuras como Konstantin Tsiolkóvski – o fundador da cosmonáutica russa e autor de

---

<sup>12</sup> De acordo com Yurchak, a “virada performativa” constituiu um fenômeno ocorrido na URSS da segunda metade do século XX, no qual a função poética do discurso de autoridade era reproduzida com exatidão, enquanto a sua função referencial perdia importância, o que permitia o surgimento de significados imprevisíveis associados a significantes esperados. (YURCHAK, 2006)

<sup>13</sup> “Fedorov’s mission stemmed from a distinctly theocratic view of the universe in which he saw Christianity as primarily a religion of resurrection, an idea that attracted both Dostoevskii and Tolstoi. He believed that humanity’s moral task was to emulate Christ and make bodily resurrection possible. Mass resurrection would finally eliminate the artificial boundaries among the ‘brotherhood’ of humanity, that is, between previous and current generations. In other words, none of the ills of society could be solved without devising a solution to the inevitability of death. He argued that using all of the resources at its disposal, including science and technology, humanity should engage in a quest to reassemble the corporeal particles lost in the ‘disintegration’ of human death”. [“A missão de Fiódorov partia de uma perspectiva distintamente teocrática sobre o universo, que via o cristianismo como uma religião baseada primariamente na ideia de ressurreição - uma noção que atraiu tanto Dostoiévski quanto Tolstói. Ele acreditava que a obrigação moral da humanidade era emular Cristo, tornando possível a ressurreição corpórea. A ressurreição em massa eliminaria as fronteiras artificiais que separam a ‘irmandade’ humana, isto é, as gerações anteriores da atual. Em outras palavras, nenhum mal da sociedade poderia ser resolvido sem que fosse encontrada uma solução para a inevitabilidade da morte. Ele argumentava que a humanidade deveria usar todos os recursos possíveis, incluindo a ciência e a tecnologia, para reconstituir as partículas corpóreas perdidas na ‘desintegração’ da morte humana”] (SIDDIQI, 2010)

<sup>14</sup> KALININ, 2018

<sup>15</sup> HAGEMEISTER, 1997

ficção científica, fortemente influenciado pela noção fiodoroviana de uma força metafísica que ele chamava de “vontade do universo” –, Aleksandr Bogdánov – um destacado revolucionário, cientista e autor de ficção científica, que via na transfusão sanguínea um meio para o rejuvenescimento e o prolongamento da vida humana –, Leonid Krasin – o projetista do mausoléu de Lenin, adepto da possibilidade de ressurreição por meios científicos – e Valerian Muravióv – um escritor e um dos diretores do TsIT<sup>16</sup>, que acreditava que o ritmo de trabalho do operário ideal estaria sincronizado com o ritmo do cosmos – exemplificam a amplitude da influência da filosofia de Fiódorov sobre a concretização da modernidade soviética<sup>17</sup>.

Os projetos fiodorovianos – a transformação da natureza, a viagem espacial e a busca pela imortalidade – seriam, nos termos de Kalinin, “realizados em perspectiva contrária” ao longo do século XX. Isto é, foram concretizados despidos de seu elemento essencial – a “causa comum” teológica proposta por Fiódorov. A dissonância entre prática e teoria cosmista coincidiu, de muitas formas, com certas contradições no percurso de desenvolvimento socialista na União Soviética – algumas delas expressadas na execução desses projetos.

Os Strugátski certamente utilizaram a sua ficção científica para tecer críticas a políticas governamentais – passadas e presentes –, sem que isso os impedisse de se reivindicar comunistas. Como membros da prosa da juventude dos anos 1960, a dupla se identificava fortemente com a *intelligentsia* do período, a qual se via em marcado antagonismo com o governo Khrushchóv. O processo de desestalinização, ademais, tornara os autores céticos em relação a certas políticas levadas a cabo em décadas pgressas. Deste modo, as obras dos Strugátski podem ser interpretadas como, de um lado, espaços no qual o estranhamento permite a reflexão crítica sobre o seu tempo de criação, e, de outro, meditações propositivas acerca do significado da modernidade soviética – tentativas, talvez, de (re)construção da utopia.

Ainda que a investigação acerca dos Strugátski inevitavelmente trate de elementos da história soviética, a presente pesquisa, cabe ressaltar, não possui maiores pretensões historiográficas. Abordaremos aspectos do desenvolvimento histórico soviético apenas na tentativa de explicação da obra dos autores. Compreendemos, ademais, que a história da URSS constitui tema sensível, cuja abordagem pode suscitar significativas controvérsias até os dias atuais. Buscaremos aqui desenvolver a pesquisa

---

<sup>16</sup> Центральный институт труда, ou Instituto Central do Trabalho

<sup>17</sup> VUJOSEVIC, 2017

partindo de uma perspectiva não-binária, que se afaste tanto da crítica enviesada produzida no espírito da Guerra Fria quanto da nostalgia acrítica. Neste sentido, tentaremos nos aproximar da abordagem proposta por Yurchak, a qual considera, simultaneamente, o “sofrimento e a repressão” produzidos pelo sistema soviético em determinados períodos e os “valores humanos e éticos”, o “altruísmo, a amizade” e as “possibilidades criativas” que, aparentemente de modo paradoxal, efetivamente permeavam a realidade soviética<sup>18</sup>.

A pesquisa é dividida, assim, em três partes. Na parte 1, abordamos em linhas gerais a forma com que a modernidade foi introduzida na Rússia e na URSS, e as imbricações entre esse processo e a ascensão do gênero de ficção científica. Na parte 2, buscamos contextualizar a filosofia de Nikolai Fiódorov sobre o pano de fundo da recepção da modernidade na Rússia e da construção do socialismo real como um moderno projeto da razão científica. Na parte 3, apresentamos os aspectos gerais de três obras dos irmãos Strugátski, procurando estabelecer um fio analítico que as costure como tentativas de compreensão e ressignificação da modernidade soviética. Nesse sentido, em *Трудно быть богом*<sup>19</sup> são tematizados certos desvios no percurso de construção socialista, particularmente no que tange a interferência sobre outras sociedades; em *Понедельник начинается в субботу*<sup>20</sup> encontramos uma bem-humorada crítica a certos aspectos do campo científico soviético; e em *Пикник на обочине*<sup>21</sup>, nos deparamos com um cenário de fragmentação social em meio a escombros de grandes projetos abandonados – em todos os casos, mesmo no mais pessimista, sem o abandono da esperança na construção de um mundo mais justo.

---

<sup>18</sup> YURCHAK, 2006, p. 8

<sup>19</sup> É difícil ser um deus.

<sup>20</sup> A segunda-feira começa no sábado.

<sup>21</sup> Piquenique à beira da estrada.

## 1. Modernidade e Ficção Científica

Partimos aqui do pressuposto de que há uma relação estreita entre obras do gênero da ficção científica e a realidade em que estas são concebidas. Ainda que esta relação não seja tão imediatamente perceptível, como era, por exemplo, no caso do romance naturalista do século XIX, ela existe na medida em que o romance de ficção científica “fornece modelos das estruturas essenciais, dos processos internos, dos movimentos típicos da natureza e da história”<sup>22</sup> presentes em seu contexto de produção; estas obras de ficção não realista surgem, potencialmente, como um modo de “representar a realidade sem reproduzi-la”<sup>23</sup>. Indo além, Donna Haraway argumenta que a fronteira entre a realidade e a ficção científica não passa de “uma ilusão de ótica”<sup>24</sup>.

Fredric Jameson argumenta que o modo de produção – isto é, o sistema de pensamento ou produção gerado pelo arranjo social ou econômico dominante – invariavelmente se manifesta e pode ser detectado na organização das formas presentes em um texto. Especificamente sobre o gênero de ficção científica e as narrativas utópicas, ele aponta que:

[...] até mesmo as nossas concepções mais ousadas são colagens feitas a partir de experiências, constructos formados de fragmentos do aqui e do agora: “Quando Homero formou a ideia da Quimera, ele apenas uniu em um animal partes que pertenciam a animais diversos; a cabeça de um leão, o corpo de um bode, e a cauda de uma serpente”. No nível social, isto significa que as nossas imaginações são reféns do nosso próprio modo de produção (e, talvez, de quaisquer resquícios de modos de produção passados que tenham sido preservados).<sup>25</sup>

Tzvetan Todorov, por sua vez, via a ficção científica – ou o “maravilhoso científico” – como um subgênero do fantástico literário. De acordo com ele, a partir de uma premissa não realista, surge uma narrativa coerente com o que nós entendemos como realidade em termos de caracterização de personagens, motivos e encadeamento de ações no enredo.

---

<sup>22</sup> PARRINDER, 1979, p. 146

<sup>23</sup> STOCKWELL, 2000, p. 72

<sup>24</sup> HARAWAY, 2000, p. 272

<sup>25</sup> JAMESON, 2005, p. xiii

[Na ficção científica,] o sobrenatural é explicado de uma maneira racional, mas a partir de leis que a ciência contemporânea não reconhece [...] São narrativas em que, a partir de premissas irracionais, os fatos se encadeiam de uma maneira perfeitamente lógica.<sup>26</sup>

Além disso, ainda de acordo com Todorov, o leitor seria colocado em uma trajetória de reconhecimento da realidade presente em textos que inicialmente aparentam ser inverossímeis.

[Na ficção científica, os] dados iniciais são sobrenaturais: os robôs, os seres extra-terrestres, o cenário interplanetário. O movimento da narrativa consiste em nos obrigar a ver quão próximos realmente estão de nós esses elementos aparentemente maravilhosos, até que ponto estão presentes em nossa vida [...] É o leitor que sofre aqui o *processus* de adaptação: colocado inicialmente diante de um fato sobrenatural, acaba por reconhecer sua “naturalidade”.<sup>27</sup>

Isso possibilita, ainda, que autores façam uso desse gênero para descrever aquilo que não pode ser mencionado em termos realistas, pois “o fantástico permite franquear certos limites inacessíveis quando a ele não se recorre”<sup>28</sup>. Isto é, a ficção científica pode ser uma forma de se representar uma determinada realidade – ou aspectos desta – de forma que parece expandir as possibilidades de representação de um dado momento histórico.

A utilização, por parte de escritores, de recursos literários com o fim de ludibriar a censura não é, evidentemente, um expediente inaugurado pela literatura de ficção científica. Na tradição literária russa, por exemplo, Nikolái Gógol empregou o grotesco e o fantástico neste sentido, assim como fez Mikhail Saltikóv-Schedrín com a linguagem esópica.<sup>29</sup> O *status* do gênero de ficção científica no contexto soviético, contudo, gerou um conjunto de possibilidades bastante particulares de representação da realidade.

---

<sup>26</sup> TODOROV, 2017, p. 63

<sup>27</sup> TODOROV, 2017, p. 180

<sup>28</sup> TODOROV, 2017, p. 167

<sup>29</sup> O escritor soviético Liev Lóssev apontava que o uso da linguagem esópica permaneceu bastante popular no país muito após a perseguição tsarista sofrida por Saltikóv-Schedrín, sendo um dos recursos favoritos de escritores soviéticos para escapar à censura (LOSEFF, 1984)

Isto é, a caracterização da ficção científica como uma literatura esópica – amplamente investigada<sup>30</sup>, especialmente em apreciações binárias do gênero<sup>31</sup> – é necessária, mas não suficiente para explicar o seu papel nas esferas cultural e social soviéticas.

De modo a prosseguirmos a tentativa de compreender a trajetória e as funções exercidas pela ficção científica no mencionado contexto, é preciso investigar brevemente o processo de introdução da modernidade na Rússia e na URSS, o qual se desenvolveu, como veremos, a par e passo com o gênero literário em questão. Isto é, se a ficção científica possui uma conexão estreita com a modernidade<sup>32</sup>, é de fundamental importância compreender, em linhas gerais, como se deu o processo de introdução – ou de construção – da modernidade no contexto russo.

## 1.1 Uma modernização recuperadora

A gênese da era moderna já foi detectada em diversos pontos da história. Certos autores a localizam nas transformações ocorridas entre os séculos XIV e XVI, convencionalmente chamadas de Renascimento, enquanto outros a identificam séculos mais tarde, nas convulsões que se seguiram ao advento do Iluminismo. Alguns percebem o germe primeiro da modernidade em desenvolvimentos estéticos, tecnológicos, filosóficos ou sociais – por exemplo, o surgimento e ressurgimento de técnicas artísticas no Renascimento, a racionalidade iluminista, o surgimento da democracia moderna –, enquanto outros o enxergam em eventos devastadores – como a invenção das armas de fogo<sup>33</sup> ou o escravismo atlântico<sup>34</sup>.

Certa perspectiva marxista identifica o ponto de inflexão do desenvolvimento moderno na virada técnico-científica industrial, momento no qual as forças produtivas mecanizadas esgarçaram os limites das relações de produção feudais.<sup>35</sup> Desse ponto de

---

<sup>30</sup> Kahn, por exemplo, afirma que “The 1960s and especially the 1970s [...] witnessed the transformation of science fiction into the Aesopian sub-genre” [“Nos anos 1960, e especialmente nos anos 1970, o gênero de ficção científica se transformou em um subgênero esópico”] (KAHN et al., 2018, p. 552).

<sup>31</sup> BANERJEE, 2012, p. 4

<sup>32</sup> “Science fiction had been a major, if underappreciated, contributor to the earlier post-Revolutionary project, in effect helping to shape Russia's culture of modernity.” [“A ficção científica desempenhou um papel central, e subestimado, no projeto inicial do período pós-Revolução, efetivamente auxiliando a moldar a cultura da modernidade na Rússia”. (KAHN et al., 2018, p. 552)

<sup>33</sup> KURZ, 1997

<sup>34</sup> GILROY, 2001

<sup>35</sup> KURZ, 1997



vista, ter-se-ia na máquina a vapor e na industrialização dos oitocentos o desenvolvimento tardio da acumulação primitiva do capital – precoce e pré-moderna –, e a ruptura definitiva com o modo de produção feudal. Tal fratura nas relações de produção, ainda dessa perspectiva marxista, não se teria dado de maneira uniforme em regiões e sociedades diversas: como aponta Kurz, “para muitas regiões do mundo e para muitos grupos sociais o início da modernização prolonga-se até o presente”<sup>36</sup>.

Aqui, nos é de particular interesse um recorte geográfico específico, com foco na introdução da modernidade nas sociedades russa e – mais tarde – soviética. Mais do que o processo histórico preciso que engendrou tal ruptura, interessam-nos as suas consequências no pensamento e na literatura locais.

Nesse sentido, partimos da reflexão de Kurz, que acreditava que a própria existência da URSS poderia ser compreendida como um movimento de aceleração histórica, que teria comprimido em poucas décadas o processo de modernização que teve séculos de duração nos países economicamente centrais da Europa. Essa tentativa de explicação do sistema soviético pode ser mais bem compreendida se retrocedermos um passo e nos voltarmos ao esforço empreendido por Polanyi em descrever a consolidação do modo de produção capitalista no velho continente.

A tese central de Polanyi, desenvolvida em *A Grande Transformação*, orbita em torno da ruptura civilizacional sem precedentes ocorrida por meio da inflexão social rumo a um sistema de mercado. Até a virada do século XIX, o sistema econômico estava submetido ao sistema social – isto é, as inúmeras formas de organização social humanas tiveram sempre imersas em si variadas formas do processo econômico –, e a instituição do mercado, embora comum, desempenhava papel “apenas incidental na vida econômica”<sup>37</sup>. Em outras palavras, antes do advento da sociedade moderna, o “sistema econômico estava submerso em relações sociais gerais; os mercados eram apenas um aspecto acessório” da estrutura social<sup>38</sup>, e a cisão entre economia e outras atividades sociais era impensável<sup>39</sup>. Com isso, Polanyi desmistifica o “caráter natural e eterno atribuído ao mercado pelo liberalismo econômico”<sup>40</sup>, demonstrando que a mobilização do aparato estatal no sentido de submeter a sociedade ao mercado foi fundamental à instalação do moderno sistema capitalista – o processo de cercamentos, por exemplo,

---

<sup>36</sup> KURZ, 1997.

<sup>37</sup> POLANYI, 2000, p. 62

<sup>38</sup> POLANYI, 2000, p. 88

<sup>39</sup> LISBOA, 2000

<sup>40</sup> GARLIPP, 2019

que extinguiu o direito às terras comunais, foi essencial à Revolução Industrial e à transição do modo de produção feudal ao capitalista. Assim, o sistema capitalista somente foi capaz de se estabelecer por meio da violência e coerção estatais, empregados em defesa da instituição mercado e da ficção da mercadoria, que propõe fantasiosamente serem mercadorias o trabalho e a terra:

O ponto crucial é o seguinte: trabalho, terra e dinheiro são elementos essenciais da indústria. Eles também têm que ser organizados em mercados e, de fato, esses mercados formam uma parte absolutamente vital do sistema econômico. Todavia, o trabalho, a terra e o dinheiro obviamente não são mercadorias. O postulado de que tudo o que é comprado e vendido tem que ser produzido para venda é enfaticamente irreal no que diz respeito a eles. Em outras palavras, de acordo com a definição empírica de uma mercadoria, eles não são mercadorias. Trabalho é apenas um outro nome para atividade humana que acompanha a própria vida que, por sua vez, não é produzida para venda mas por razões inteiramente diversas, e essa atividade não pode ser destacada do resto da vida, não pode ser armazenada ou mobilizada. Terra é apenas outro nome para a natureza, que não é produzida pelo homem. Finalmente, o dinheiro é apenas um símbolo do poder de compra e, como regra, ele não é produzido mas adquire vida através do mecanismo dos bancos e das finanças estatais. Nenhum deles é produzido para a venda. A descrição do trabalho, da terra e do dinheiro como mercadorias é inteiramente fictícia.<sup>41</sup>

Kurz, de modo similar, afirma que o sistema capitalista “transforma a própria força de trabalho humana em mercadoria e generaliza o caráter mercantil anteriormente marginal dos produtos (destruição da produção de subsistência, transformação de camponeses em assalariados industriais, capitalização da economia rural)”<sup>42</sup>.

Tal ficção, ainda de acordo com Polanyi, se mostrou tremendamente eficaz, e foi capaz de, no curso de alguns séculos, operar a gigantesca transformação que submeteu a moderna sociedade capitalista à lógica do trabalho abstrato, da venda da força de trabalho em um mercado próprio.

Retornando à tese de Kurz sobre a URSS, temos que, no limite, o autor entende o socialismo real como a construção aceleradíssima de uma forma particular de

---

<sup>41</sup> POLANYI, 2000, p. 94

<sup>42</sup> KURZ, 1984

modernidade capitalista, operacionalizada por meio da mesma submissão violenta da sociedade ao trabalho abstrato descrita por Polanyi:

A violência especial da modernização burguesa soviética explica-se pelo fato de que nela se concentrou, numa aceleração incrível, uma época de duzentos anos: mercantilismo e Revolução Francesa, processo de industrialização e economia de guerra imperialista em um só passo.<sup>43</sup>

Na leitura de Kurz, a Revolução de 1917 inaugura a acumulação primitiva de natureza *recuperadora* – forma tardia do processo de transformação forçada dos tradicionais “produtores diretos” (camponeses, artesãos etc.) em uma massa de trabalhadores desprovidos de terra e de meios de produção, ou seja, a conversão de “[p]rodutores de subsistência, no sentido mais amplo [...] em trabalhadores assalariados efetivos ou potenciais e, com isso, em modernos sujeitos-mercadoria-dinheiro”<sup>44</sup>. Dentre as diferenças fundamentais entre esse tipo de acumulação primitiva e aquele que se viu nos séculos anteriores em sociedades Europeias, destacar-se-ia o seu curso histórico, a “diferença temporal no processo histórico da modernidade”. Isto é, o momento da modernização soviética traria consigo suas próprias exigências:

o tipo soviético dessa acumulação primitiva, no início do século XX, não estava mais em condições de adotar o passo relativamente lento com que se desenvolvera o sistema produtor de mercadorias na Europa ocidental. A União Soviética tinha que exagerar o elemento estatista, isto é, transformar toda a sociedade numa máquina de trabalho abstrato comandada de forma quase militar, para impor a lógica do capital.<sup>45</sup>

Ainda na perspectiva de Kurz, que aproxima radicalmente a experiência moderna soviética da sua contraparte europeia – perguntando-se, centralmente, “até que ponto o chamado socialismo realmente existente não reproduziu, muito pelo contrário, elementos da história da implementação do capitalismo nos séculos passados, só que desta vez sob as novas condições históricas do século XX”<sup>46</sup> –, a massa de novos trabalhadores soviéticos correspondia, do ponto de vista histórico, a “uma forma

---

<sup>43</sup> KURZ, 1993, p. 58

<sup>44</sup> KURZ, 1993, p. 189

<sup>45</sup> KURZ, 1993, p. 192

<sup>46</sup> KURZ, 1997a

disfarçada do mesmo sujeito-dinheiro abstrato que no ocidente surgira há muito tempo”<sup>47</sup>. Nesse sentido, a Guerra Fria poderia ser interpretada como “uma espécie de mal-entendido [...] entre duas fases históricas não sincrônicas do mesmo sistema produtor de mercadoria”<sup>48</sup>, cuja função central é “a transformação incessante do trabalho abstrato em dinheiro e, com isso [...] a economicização abstrata do mundo”<sup>49</sup> – no limite, “o conflito ou a concorrência entre diferentes etapas, diferentes tempos históricos de modernização”<sup>50</sup>.

A aproximação feita por Kurz entre o socialismo real e o sistema capitalista europeu baseia-se, centralmente, na noção de “acumulação primitiva socialista”, originada em Preobrajénski. Kurz a interpreta como um encobertamento da natureza da modernização soviética – segundo o autor, um processo de construção capitalista, de modernização recuperadora (“catch-up modernization”) – sob o véu do *socialismo real*: “Os problemas de uma modernização burguesa recuperadora eram simplesmente definidos como ‘problemas do socialismo real’, até o colapso atual dessa ilusão histórica”<sup>51</sup>.

Em suma, Kurz percebe a experiência soviética como um processo de radical compressão temporal, o qual teria repetido, tardiamente, a acumulação primitiva anteriormente vista no contexto europeu. Tal processo ter-se-ia utilizado de muitos dos mesmos expedientes empregados na Europa dos séculos pregressos para transformar – no período de poucas décadas – enormes contingentes populacionais em modernos trabalhadores assalariados, inseridos na lógica do trabalho abstrato<sup>52</sup>. Com isso, argumenta Kurz, o sistema soviético teria dado origem a uma forma particular de modernidade capitalista, marcada por uma centralização ainda maior do que aquela vista no incipiente capitalismo europeu, e capaz de operar avanços descomunais – ilustrados pelas cifras gigantescas registradas no setor produtivo e pelo salto tecnológico que

---

<sup>47</sup> KURZ, 1993, p. 192

<sup>48</sup> KURZ, 1993, p. 192

<sup>49</sup> KURZ, 1995

<sup>50</sup> KURZ, 1997a

<sup>51</sup> KURZ, 1993, p. 60

<sup>52</sup> Nos termos de Kurz, “Se sob o regime stalinista foi estabelecida temporariamente a bagatela de uma pena de morte por simples atrasos, para forçar o adestramento das massas agrárias da Rússia, que não estavam acostumadas com as necessidades objetivas da disciplina fabril, isso constitui não apenas uma continuação direta da 'militarização da economia' de Trotski, do período da guerra civil, como também um reflexo do processo violento de modernização de uma *acumulação primitiva* de capital, tal como Marx já a descrevera, com qualidades bem semelhantes, para a Inglaterra da industrialização” (KURZ, 1993, p. 58-59).

possibilitou a concorrência com sociedades que se encontravam em um “tempo histórico de modernização” diverso.

A perspectiva apresentada por Kurz revela contradições importantes do sistema soviético e uma chave interpretativa fundamental para a compreensão do processo de inserção da modernidade na URSS. Ainda assim, alguns aspectos do seu argumento não nos parecem inteiramente convincentes, particularmente no que tange à equivalência traçada entre o socialismo real e as sociedades capitalistas ocidentais. Quanto a este ponto, nos parece mais acertada a leitura de Marcuse, a qual revela extensas superfícies de contato entre as diferentes espécies de sociedades pós-industriais, mas sem perder de vista as suas diferenças qualitativas.

Marcuse centraliza a sua crítica ao sistema soviético em torno da “nova racionalidade” – isto é, a organização social e industrial em torno da máquina, que resultava na submissão da autonomia à eficiência mecânica – nele prevalente. Assim como a crítica tecida por Kurz, a perspectiva de Marcuse implica o exame das aproximações e diferenças entre as sociedades capitalistas e a sociedade soviética no que diz respeito à base tecnológica, à organização social e às formas de dominação.

Nos termos de Marcuse:

The fundamental difference between Western and Soviet society is paralleled by a strong trend towards assimilation. Both systems show the common features of late industrial civilization – centralization and regimentation supersede individual enterprise and autonomy; competition is organized and ‘rationalized’; there is joint rule of economic and political bureaucracies; the people are co-ordinated through the ‘mass media’ of communication, entertainment industry, education ... Nationalization, the abolition of private property in the means of production, does not, by itself, constitute an essential distinction as long as production is centralized and controlled over and above the population. Without initiative and control ‘from below’ by the ‘immediate producers’, nationalization is but a technological-political device for increasing the productivity of labour, for accelerating the development of the productive forces and for their control from above (central planning) – a change in the mode of

domination, streamlining of domination, rather than prerequisite for its abolition.<sup>53</sup>

Todavia, no entendimento de Marcuse, em contraste com a interpretação de Kurz, essa tendência à convergência possui limites bem demarcados:

It remains to clarify a point that has caused much misunderstanding, due, in fact, to my inadequate treatment. The book recurrently stresses certain tendencies that make for assimilation, and perhaps even convergence of Western and Soviet society... I would like to dissociate myself from this position, while maintaining my emphasis on the all-embracing political character of the machine process in advanced industrial society. It is precisely this ‘total’ character of the machine process which limits the tendencies towards assimilation and convergence between Western and Soviet society (in terms of time as well as structure) and generates very different potentialities of development.<sup>54</sup>

Assim, Marcuse via o potencial de libertação na sociedade soviética (por meio da racionalidade tecnológica, com a automação e o desenvolvimento tecnológico, que – se aliada ao exercício do controle sobre a produção pela classe trabalhadora – poderiam reduzir a carga de trabalho e promover o desenvolvimento das potencialidades humanas), apesar de suas graves falhas. Esse mesmo potencial não existia nas

---

<sup>53</sup> “A diferença fundamental entre as sociedades Ocidental e Soviética encontra paralelo em uma forte tendência à assimilação. Ambos os sistemas apresentam características comuns à civilização industrial tardia – a centralização e a arregimentação suplantam a iniciativa individual e a autonomia; a concorrência é organizada e ‘racionalizada’; o poder é exercido conjuntamente por burocracias econômicas e políticas; o povo é coordenado pelos meios de comunicação em massa, pela indústria do entretenimento, pela educação ... A nacionalização, a abolição da propriedade privada dos meios de produção, não constitui, por si só, um fator diferenciador essencial, na medida em que a produção é centralizada e controlada por camadas que se encontram acima da população. Na ausência de iniciativa e de controle ‘vindos de baixo’, pelos ‘produtores imediatos’, a nacionalização surge apenas como um dispositivo tecnológico-político para o aumento da produtividade do trabalho, para a aceleração do desenvolvimento das forças produtivas e para o seu controle ‘vindo de cima’ (o planejamento centralizado) – uma alteração no modo de dominação que otimiza a subjugação, e que não constitui um pré-requisito para a sua abolição”. (MARCUSE, 1958, p.66)

<sup>54</sup> “É necessário esclarecer um ponto que causou muitos mal-entendidos por conta, é verdade, da minha abordagem inadequada. O livro recorrentemente destaca certas tendências que contribuem para a assimilação, e talvez até para a convergência entre as sociedades Ocidental e Soviética... Eu gostaria de me dissociar de tal posição, ainda que mantendo a minha ênfase no caráter político abrangente do processo da máquina na sociedade industrial avançada. É precisamente este caráter ‘total’ do processo da máquina que limita as tendências à assimilação e à convergência entre as sociedades Ocidental e Soviética (em termos de tempo e de estrutura) e que gera potencialidades de desenvolvimento bastante distintas.” (MARCUSE, 1958, p. xi-xii)

sociedades capitalistas, nas quais essas mesmas tendências inevitavelmente produziam o “homem unidimensional”:

There is no personal escape from the apparatus which has mechanized and standardized the world ... in manipulating the machine, man learns that obedience to the directions is the only way to obtain desired results. Getting along is identical with adjustment to the apparatus. There is no room for autonomy. Individualistic rationality has developed into efficient compliance with the pre-given continuum of means and ends. The latter absorbs the liberating efforts of thought, and the various functions of reason converge upon the unconditional maintenance of the apparatus.<sup>55</sup>

A comparação delineada por Kurz nos parece especialmente insuficiente quando trata do colonialismo. Kurz evidentemente não ignora a relação fundamental existente entre os processos de espoliação que fundamentam a acumulação primitiva e as empreitadas coloniais<sup>56</sup>. Isto é, Kurz afirma que a construção do capitalismo ocidental se deu não apenas por meio da grande transformação que acometeu a terra e o trabalho, mas também pela forma com que tal processo se entrelaçou com a expansão colonial. Todavia, assevera também o autor que a espoliação e exploração “internas” à sociedade soviética – necessariamente voltado à população soviética, dado o contexto de ausência de colônias e de construção recuperadora da modernidade – seriam equivalentes ao sistema colonial estabelecido pelos países centrais do sistema capitalista:

Pelo menos uma parte dos recursos para a histórica acumulação primitiva da Europa ocidental foi obtida mediante a expansão colonial desde o século XVI (sem esquecer a enorme quantidade de ouro roubado na América do Sul). Essas possibilidades realmente não existiam mais para a União Soviética. Mas, se o capital monetário

---

<sup>55</sup> “Não há escapatória pessoal do aparato que logrou mecanizar e padronizar o mundo (...) ao manipular a máquina, o homem aprende que a obediência às instruções é o único modo de obter os resultados desejados. Assim, progredir torna-se sinônimo de se adequar ao aparato. Não resta espaço para a autonomia. A racionalidade individualista se desenvolveu em obediência eficiente a um universo pré-estabelecido de meios e fins. Esta absorve os esforços liberalizantes do pensamento, e as várias funções da razão convergem à manutenção incondicional do aparato.” (MARCUSE, 1941, p. 419)

<sup>56</sup> Afinal, a noção de acumulação primitiva – e, por extensão, da gênese do sistema capitalista, de uma perspectiva marxista – sempre foi indissociável dos processos de espoliação colonial: “A descoberta das terras auríferas e argentíferas na América, o extermínio, a escravização e o soterramento da população nativa nas minas, o começo da conquista e saqueio das Índias Orientais, a transformação da África numa reserva para a caça comercial de peles-negras caracterizam a aurora da era da produção capitalista. Esses processos idílicos constituem momentos fundamentais da acumulação primitiva” (MARX, 2017, p. 821).

exigido tinha que ser obtido exclusivamente “dentro do país”, isso significava que o “material humano” do próprio “país” tinha que ser explorado sem piedade e transformado rigorosamente em produtores de riqueza abstrata, isto é, em produtores de dinheiro ou mais-valia.

Não apenas a ausência de recursos estrangeiros reforçava a pressão da acumulação, como também o caráter recuperador de todo o processo, que também exigia recursos iniciais muito maiores do que a acumulação primitiva histórica no Ocidente<sup>57</sup>

Parece-nos que há algum desacerto na comparação, em que pese a violência do processo de modernização do socialismo real. O colonialismo empreendido pelos países centrais do sistema capitalista possui características próprias e consequências específicas para os territórios sobre os quais se projetou<sup>58</sup>, de modo que o agrupamento de tal experiência com o que se viu nas primeiras décadas do período soviético em pouco auxilia a compreensão de qualquer dos dois fenômenos<sup>59</sup>. Neste sentido, também a comparação entre regimes coloniais e o sistema organizativo das repúblicas soviéticas se mostra pouco acertado, dado o abismo existente entre tais experiências no que diz respeito à garantia de direitos políticos e sociais.

De todo modo, a ruptura das relações de produção feudais e o estabelecimento de um sistema produtivo moderno – particularmente em um contexto de modernização retardatária, operada dentro de limites temporais comprimidos –, que evidentemente introduzem a necessidade de profundas alterações na percepção e mentalidade da população trabalhadora, tornava imperativa a domesticação do moderno.

---

<sup>57</sup> KURZ, 1993

<sup>58</sup> Davis trata das consequências dos regimes coloniais impostos pelos países economicamente centrais da Europa dos séculos XIX e XX sobre os territórios que viriam a ser conhecidos como o terceiro mundo, com foco na relação existente entre a expansão geográfica do sistema capitalista e a destruição humana e ambiental nessas localidades. (DAVIS, 2022)

<sup>59</sup> A experiência do regime colonial era também um ponto algo omissos em Polanyi, que via nos “cem anos de paz” entre as potências europeias um dos pilares da civilização do século XIX, reduzindo assim, de certo modo, a centralidade do papel desempenhado pelo colonialismo no processo de acumulação. Wallerstein supre essa lacuna ao apontar a relação entre o estabelecimento da “economia-mundo capitalista” e a expansão geográfica desse sistema realizada por meio dos regimes coloniais. (WALLERSTEIN, 1974)



## 1.2 Uma modernidade domesticada

O processo de modernização enseja uma sequência de “choques”: os avanços tecnológicos alcançam um ritmo de tal modo avassalador que a experiência cotidiana se torna permeada pela neurose da incontinência. A célebre perspectiva de Benjamin sobre a modernidade é fundada precisamente sobre essa noção. De acordo com o autor, o “preço pelo qual se pode adquirir a sensação da modernidade” seria “a destruição da aura na vivência do choque”<sup>60</sup>. A modernidade, assim, veria a substituição de uma cosmovisão unitária e harmônica – dentro de certos parâmetros estreitos, evidentemente – por uma sucessão de violentos processos criativos e destrutivos, em um ambiente de crise permanente.

O choque provocado pelo vertiginoso ritmo que a modernidade imprimia às cidades industriais é ilustrado por Benjamin na descrição dos *flâneurs* parisienses e sua relação com as enormes multidões<sup>61</sup> – os “choque diários de civilização”, nos termos benjaminianos, que causavam “medo, repugnância e horror” naqueles que as encontravam pela primeira vez<sup>62</sup> – que caracterizavam a capital francesa na segunda metade do século XIX. O pintor Constantin Guy, citado por Benjamin, dizia que “[q]uem consegue entediarse no meio de uma multidão é um idiota. Um idiota, repito,

---

<sup>60</sup> BENJAMIN, 2015. A esse respeito, escreve Furtado que “Entre as problemáticas caras à reflexão [de Benjamin] estão as modernas transformações sofridas pela técnica e seus efeitos sobre a produção artística contemporânea. O filósofo desenvolverá a noção de ‘perda da aura’ nas obras de arte, cujo significado está na constatação do desaparecimento do sentido ‘sagrado’ que outrora foi conferido ao artista e sua obra. Caberia a eles, agora, a mera categoria de mercadoria.” e ainda que “Em uma passagem de ‘O Spleen de Paris’, Baudelaire descreve o modo como o poeta, atravessando uma movimentada avenida, saltando sobre a lama, vê cair de sua cabeça sua auréola, por efeito de um choque. Como consequência da perda desta insígnia, o artista percebe-se às voltas com o anonimato, do qual procura aproveitar-se, integrando o numeroso contingente de homens comuns. Por sua vez, Benjamin irá debruçar-se sobre estes versos, vinculando o tema da perda da ‘aura’ às suas análises críticas sobre a Modernidade.” (FURTADO, 2012, p. 347, 351)

<sup>61</sup> De acordo com Furtado, “vemos delinear-se o papel preponderante que a ‘multidão’ assume nas reflexões de Benjamin sobre Baudelaire e o moderno. No poeta francês, ‘a massa é de tal forma intrínseca que em vão buscamos nele a sua descrição’. O motivo permanece enquanto pano de fundo, onipresente, um enquadramento que orchestra os movimentos urbanos [...] o sujeito que atravessa as artérias dos populosos centros urbanos, avançando pelo ‘*grande deserto de homens*’, procura por algo em específico. Busca por aquilo a que poderá denominar Modernidade. Na concepção de Baudelaire, tal ‘Modernidade é o transitório, o efêmero, o contingente’”. (FURTADO, 2012, p. 349-350)

<sup>62</sup> Benjamin aponta que “De forma semelhante, e certamente não muito mais tarde, escreve Gogol a propósito de uma feira na Ucrânia: ‘Havia tanta gente a caminho da feira que tudo tremeluzia diante dos nossos olhos’. Talvez a visão diária de uma multidão ativa representasse um dia um espetáculo ao qual os olhos têm primeiro de se adaptar.” (BENJAMIN, 2015). Trata-se de uma experiência que não é inteiramente alheia à detectada por Berman, em uma manifestação precoce, na novela *A Nova Heloísa*, de Rousseau, na qual o protagonista parte do campo para a cidade e se depara com o *tourbillon social*: “Essa atmosfera – de agitação e turbulência, aturdimiento psíquico e embriaguez, expansão das possibilidades de experiência e destruição das barreiras morais e dos compromissos pessoais, autoexpansão e autodesordem, fantasmas na rua e na alma – é a atmosfera que dá origem à sensibilidade moderna”. (BERMAN, 2007, Local do Kindle 330-332)

e desprezível”, aludindo tanto à novidade quanto aos perigos representados pela multidão<sup>63</sup>. Amigo de Guy, Baudelaire se dividia entre a fascinação e o horror à multidão, e resolvia essa tensão reivindicando as aglomerações como sua casa:

A multidão é seu domínio, como o ar é o do pássaro, como a água, o do peixe. Sua paixão e sua profissão consistem em esposar a multidão. Para o perfeito *flâneur*, para o observador apaixonado, constitui um grande prazer fixar domicílio no número, no inconstante, no movimento, no fugidio e no infinito. Estar fora de casa e, no entanto, sentir-se em casa em toda parte; ver o mundo, estar no centro do mundo e continuar escondido do mundo.<sup>64</sup>

Ainda que o *flâneur* espose a multidão e nela fixe domicílio, permanece sujeito aos constantes choques da incessante novidade<sup>65</sup>. De acordo com Cassegard, “this home is not a place to relax. Associated with inexhaustible novelty and variation, incessant shocks and the exhilaration of anonymity, it is the very opposite of the familiar and ordinary”<sup>66</sup>.

O choque provocado pela introdução do moderno também é tratado por Bloch, que descreve a ansiedade que acompanhou a instalação da iluminação artificial no ambiente urbano:

To children, the lighting of the streetlamps after sunset appears to be quite uncanny, artificial, and even insolent. The light that penetrates the night – in place of the sun’s – is one’s own, self-generated in violation of natural law.<sup>67</sup>

O choque da ruptura com a harmonia representada pelo ciclo natural entre noite e dia, escuridão e iluminação, gerava não apenas angústia infantil, como alterava

---

<sup>63</sup> CASSEGARD, 2007, p. 4

<sup>64</sup> BAUDELAIRE, 2010

<sup>65</sup> Nos termos de Berman, o modernismo seria “um empreendimento cujo objetivo é fazer que nos sintamos em casa num mundo constantemente em mudança”. (BERMAN, 2007, Locais do Kindle 92-93)

<sup>66</sup> “essa casa não é um local de relaxamento. Associada à novidade e à variação inesgotáveis, aos choques incessantes e à euforia do anonimato, ela é o exato oposto do familiar e do cotidiano”. (CASSEGARD, 2007, p. 5)

<sup>67</sup> “Às crianças, a iluminação dos postes de luz após o pôr-do-sol parece bastante assombrosa, artificial, e até mesmo insolente. A luz que penetra a noite – em substituição à luz solar – é privada, auto-gerada, e viola as leis naturais.” (BLOCH, 1998, p. 305)

hábitos e relações de trabalho, e também a própria percepção da realidade<sup>68</sup>, em um movimento criativo e destrutivo, fascinante e horrorizante:

A natural order appears to coincide with the concepts we use to represent it, in the sense that all changes are perceived to occur within the limits of the known and established. Shock is the disruption of this natural order. In a moment of shock, the perception of reality is at odds with the concepts we use to order it [...] Shock demonstrates the unreliability of the conceptual order, which ceases to be experienced as natural. This can be experienced as a painful destruction of certainty and trust, but it can also be experienced as a liberation from nature, as an emancipatory event that opens up possibilities of history, of regarding reality as changeable through human action. This is why modernity is often thought of as a simultaneous destruction of and liberation from tradition and associated with an enhanced sense of possibility and contingency.<sup>69</sup>

Em sentido semelhante, Berman aponta que as preocupações modernas orbitam, simultaneamente, em torno do “desejo de mudança – de autotransformação e de transformação do mundo em redor – e pelo terror da desorientação e da desintegração, o terror da vida que se desfaz em pedaços [...] de um mundo no qual ‘tudo o que é sólido desmancha no ar’”<sup>70</sup>, adicionando, ainda, que adentrar a modernidade seria “encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos”<sup>71</sup>. A experiência moderna, em outras palavras, equivaleria a ser despejado “num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia”<sup>72</sup>.

---

<sup>68</sup> THOMPSON, 1967

<sup>69</sup> “Uma ordem natural parece coincidir com os conceitos que usamos para representá-la, no sentido de que toda mudança é tomada como algo que ocorre dentro dos limites do conhecido e do pré-estabelecido. O choque é a ruptura dessa ordem natural. Em um momento de choque, a percepção da realidade se encontra em conflito com os conceitos que usamos para ordená-la [...] O choque demonstra a falta de confiabilidade da ordem conceitual, que deixa de ser experimentada como natural. Essa experiência pode tomar a forma de uma dolorosa destruição da certeza e da confiança, mas também pode ser experimentada como uma libertação da natureza, como um evento emancipatório que gera possibilidades históricas, de se perceber a realidade como alterável pela ação humana. É por isso que a modernidade é frequentemente tida simultaneamente como a destruição e a libertação da tradição, e associada a uma percepção intensificada de possibilidade e contingência.” (CASSEGARD, 2007, p. 7)

<sup>70</sup> BERMAN, 2007, Locais do Kindle 241-243

<sup>71</sup> BERMAN, 2007, Locais do Kindle 270-272

<sup>72</sup> BERMAN, 2007, Locais do Kindle 274

Berman se debruça sobre o fenômeno da modernidade em sentido amplo<sup>73</sup>, detectando em sua história tamanha amplitude que considera necessário dividi-la esquematicamente em três fases, as quais teriam se estendido ao longo de cinco séculos. Caso consideremos que a modernidade russa e soviética se desenvolveu em um período consideravelmente mais restrito – naquilo que Kurz chamaria de “compressão temporal” –, poderemos vislumbrar a intensidade particularmente aumentada dos “choques do futuro” que atingiram essas sociedades a partir do final do século XIX<sup>74</sup>.

A modernidade, para Berman, teria tido duas de suas dimensões – a *modernização* e o *modernismo* – incorretamente cindidas. Partindo dessa constatação, Berman sugere a reconciliação tais dimensões – a primeira, relacionada à economia e à política, e a segunda, à arte, à cultura e à sensibilidade<sup>75</sup> – por meio da literatura:

O elemento de conexão, para Berman, estaria em uma invenção literária que, sob a vista de todos, transformaria não apenas a relação entre economia política, linguagem e imaginário – mas o próprio modo como as artes se confundiriam com os projetos de transformação social dali para a frente: *o manifesto*.<sup>76</sup>

A forma literária do *manifesto* – particularmente a partir de 1848, com a publicação do texto de Marx e Engels – representaria “a síntese de agenciamento da imaginação pública, invenção literária, e mobilização de novos circuitos da produção e circulação da cultura”<sup>77</sup>. A partir de meados do século XIX, portanto, a conexão entre *modernização* e *modernismo*, entre infraestrutura e superestrutura modernas, seria costurada por meio de uma literatura cuja dimensão performativa borraria as fronteiras entre arte e projetos de transformação social. Na literatura de Baudelaire – já mencionada – e, ainda mais precocemente, na de Balzac, “as articulações entre poder,

---

<sup>73</sup> Em suas palavras, o autor toma o caminho “largo e aberto”, o qual “permite ver uma grande variedade de atividades artísticas, intelectuais, religiosas e políticas como partes de um mesmo processo dialético, e desenvolver uma interação criativa entre elas.” (BERMAN, 2007, Locais do Kindle 84-86). Trata-se de uma abordagem que pretende articular transformações no campo das relações produtivas e no campo da mentalidade, a qual possui pontos de contato com a nossa perspectiva em relação ao papel desempenhado pela literatura de ficção científica nas sociedades russa e soviética.

<sup>74</sup> Ao descrever a experiência moderna ocidental do século XIX, Berman afirma que as pessoas ainda se recordavam “do que é viver, material e espiritualmente, em um mundo que não chega a ser moderno por inteiro”, o que se desdobraria em uma “sensação de viver em dois mundos simultaneamente” (BERMAN, 2007, Locais do Kindle 300). Tal sensação, e o choque dela decorrente, seriam amplificados em sociedades que experimentaram uma modernização particularmente acelerada, como a sociedade soviética dos anos 1920 e 1930.

<sup>75</sup> BERMAN, 2007, Locais do Kindle 1786

<sup>76</sup> SOARES, 2019, p. 85

<sup>77</sup> SOARES, 2019, p. 85.

economia e cultura teriam se desvelado como dimensões interconectadas, e interdependentes, da nova vida engendrada pela modernidade”<sup>78</sup>:

Antes de Baudelaire ter lançado seu manifesto das artes visuais (e um século antes de Benjamin tentar decifrar os mitos da modernidade no inacabado projeto das *Passagens* de Paris), Balzac já havia colocado os mitos da modernidade sob o microscópio e usado a figura do flâneur para fazê-lo. E Paris – uma cidade capital sendo transformada pelo poder burguês em uma cidade do capital – estava no centro do seu mundo. O crescimento rápido e aparentemente caótico de Paris no início do século XIX tornava a vida na cidade difícil de decifrar, decodificar e representar. Vários romancistas do período lutavam para pôr em palavras o que era a cidade [...] Os *insights* e as representações prescientes de Balzac devem certamente ter deixado uma marca profunda na sensibilidade de seus leitores, muito além daquela deixada pelos literatos da época. É quase certo que ele ajudou a criar um clima de opinião pública que podia compreender melhor (e até mesmo aceitar, embora de maneira involuntária ou ainda pesarosa) a economia política que subjaz à vida urbana moderna, moldando assim as precondições imaginativas para as transformações sistemáticas que ocorreram em Paris durante o Segundo Império [...] A dialética da cidade e a maneira como o eu moderno pode ser constituído são, desse modo, reveladas.<sup>79</sup>

Assim, a literatura surge, também nesse sentido, como uma forma artística que pode ser mobilizada para articular, representar e – de certa maneira – *criar* a modernidade. Isto é, a costura literária entre *modernização* e *modernismo* não seria inteiramente alheia ao processo de criação da modernidade – por meio da literatura de ficção científica e da transformação da mentalidade – detectado por Banerjee.

O choque experimentado pelo público diante da modernização poderia, também nessa chave de leitura, ser apaziguado pela literatura, a qual poderia articular certas expectativas e precondições imaginativas, ou até mesmo entreabrir programas de transformação à compreensão do público leitor.

---

<sup>78</sup> SOARES, 2019, p. 86

<sup>79</sup> HARVEY, 2015

Em relação aos Novecentos, seria possível argumentar que os grandes “choques do futuro” teriam ocorrido com a introdução dos três grandes projetos de reconfiguração da realidade. Soares argumenta que o século XX foi moldado, em termos gerais, por três programas radicais de reconstrução do mundo – o fascismo (encontro do modernismo com o conservadorismo), o socialismo real (encontro do modernismo com o socialismo) e o neoliberalismo (encontro do modernismo com o liberalismo):

o imaginário político modernista se assenta, essencialmente, sobre uma ideia de ultrapassagem histórica. Nessa *quebra* do fluxo da história, e de imposição de uma nova ordem ao mundo, os destinos podem ser variados. Da aceleração que forçaria ao fim do capitalismo, nos experimentos do socialismo real; ou, num jogo mais nuançado, uma ruptura a travar o fluxo histórico e *resgatar ao presente* as promessas da tradição que teriam sido deformadas pelas imperfeições da ideologia, ou da condição humana sob forças aquém do ideal. Um jogo que, ao mesmo tempo em que serve à tradição conservadora reformada pelas forças do nazifascismo, por exemplo, não seria estranho, também, à recuperação *tecnicamente aperfeiçoada* de outra tradição, talvez não necessariamente conservadora: a liberal.<sup>80</sup>

No contexto do socialismo real, a aceleradíssima introdução da modernidade gerou significativas contradições. Buck-Morss, de modo semelhante a Kurz, aponta a existência de um processo de “aceleração histórica” no movimento soviético de veloz industrialização. A autora chama a atenção a uma peculiaridade no fenômeno: a construção do extenso parque industrial soviético, fortemente baseado no modelo das plantas industriais fordistas, era majoritariamente realizado com o uso de um maquinário obsoleto – essencialmente manual – e por operários recém inseridos na lógica industrial, que careciam do treinamento necessário.<sup>81</sup>

Hoshikawa argumenta que a recepção da modernidade industrial na sociedade soviética foi baseada em uma política de conciliação, uma “domesticação” da modernidade, construída por meio de um discurso capaz de promover uma realidade despida das contradições mais agudas que se estabeleciam entre as demandas populares

---

<sup>80</sup> SOARES, p. 194

<sup>81</sup> BUCK-MORSS, 2000, p. 111

e as estruturas da *ideologia da máquina*<sup>82</sup>. Isto é, o “choque do futuro” poderia ser mitigado discursivamente por meio de representações do futuro presentificado propagadas na arte, na publicidade e no design – as quais teriam a capacidade de “amenizar os impactos da industrialização no imaginário social”<sup>83</sup>:

a instituição arte soviética [...] se [configura] a partir da necessidade de domesticação da modernidade, especialmente na reconciliação entre a força de trabalho e a realidade sócio-econômica que os meios de produção geram.<sup>84</sup>

No discurso da domesticação, o ser humano seria “apresentado como beneficiário das conquistas modernas e da indústria e não mais mero objeto a ser manipulado”, em um esforço de estetização da política, no qual “as contradições da realidade só são resolvidas na esfera discursiva, como mecanismo de pacificação e controle social”<sup>85</sup>. Assim, essa modernidade alternativa ainda estaria baseada na utopia industrial, na racionalidade técnica e nas tecnologias de engenharia social típicas da modernidade – estaria, em suma, ainda apoiada no cientificismo e na tecnocracia –, mas teria um caráter mais conciliatório e humanizante.

Tal processo de estetização pode ser mais bem compreendido se tivermos em conta a tese de Dobrenko sobre a esfera cultural soviética. Dobrenko parte da reflexão empreendida por Groys a respeito da arte vanguardista russa e das estruturas de poder que se assentaram na URSS a partir do final da década de 1920. De acordo com Groys, a sociedade soviética – toda a sua vida econômica e social – teria sido reorganizada esteticamente por meio do Realismo Socialista, um instrumento de produção de realidade:

Russia [...] was aesthetically far better prepared for revolution than the West; that is, it was far more willing to organize all life in new, as yet

---

<sup>82</sup> HOSHIKAWA, 2022, p. 43 Em relação à “ideologia da máquina”, a autora aponta – de modo semelhante a Buck-Morss – a forma problemática com que se deu o processo soviético de mecanização: “Embora contemplasse uma faceta utópica de libertação e produtividade, a máquina permitia também leituras negativas, especialmente em sua relação com o homem. No contexto russo, a máquina havia sido exaltada, embora de forma ambígua, como modelo de conformação do homem, que deveria ser 'mecanizado' para a conquista dos ideais de racionalidade e produtividade.” (HOSHIKAWA, p. 44)

<sup>83</sup> HOSHIKAWA, 2022, p. 46

<sup>84</sup> HOSHIKAWA, 2022, p. 49

<sup>85</sup> HOSHIKAWA, 2022, p. 28

unseen forms, and to that end it allowed itself to be subjected to an artistic experiment of unprecedented scale.<sup>86</sup>

Dobrenko, de certo modo, radicaliza esse argumento, apresentando toda a existência soviética como o “produto de um mecanismo de representação único – o Realismo Socialista”. Em Dobrenko, o Realismo Socialista não se limita a uma forma de representação presente na literatura e nas artes visuais, mas emerge como uma instituição social central à sociedade soviética, particularmente a partir do período stalinista. As contradições decorrentes da implementação do socialismo real teriam sido, de acordo com o autor, veladas por imagens de socialismo, em um movimento que substituía a dura realidade da modernização, a qual exigia colossais sacrifícios da classe trabalhadora, pela realidade alternativa e altamente estetizada afirmada pelo Realismo Socialista – colocando o socialismo em uma trajetória de afastamento da economia política em direção à esfera da representação:

in revolutionary culture, socialism was above all a *political and economic* project, while in Stalinist culture, socialism became a *representational* project par excellence.<sup>87</sup>

Por meio da produção imagética, o Realismo Socialista teria transformado o *byt* dos planos quinquenais em *bytie* – uma nova realidade efetivamente socialista<sup>88</sup>:

this enormous production of images [...] began to shape not only the political unconscious but the entire sphere of the imaginary as well [...] What Socialist Realism produced was not “lies” but *images of*

---

<sup>86</sup> “A Rússia estava esteticamente muito mais preparada para a revolução do que o Ocidente; isto é, estava bem mais disposta a organizar toda a vida em formas novas e inéditas, e neste sentido permitiu ser sujeitada a um experimento artístico em uma escala sem precedentes” (GROYS, 1992, p. 5)

<sup>87</sup> “na cultura revolucionária, o socialismo era, acima de tudo um projeto político e econômico, mas na cultura estalinista, o socialismo se tornou um projeto representacional por excelência.” (DOBRENKO, 2007, p. xi)

<sup>88</sup> De acordo com Vujosevic, *byt* e *bytie* formariam “uma dialética especificamente russa, originada [...] no século dezenove”: “*Byt* denotes ordinary, banal, everyday life, and *bytie* the enlightened, spiritual existence. In the mid-nineteenth century, Russian intellectuals developed an understanding according to which people can, by cultivating the spirit, liberate themselves from the shallowness, transience, and ugliness of *byt*. *Bytie* is the realm of the true, free self, and the task of the intellectual class is to lead the people toward it, toward political, intellectual, and artistic freedom, toward a secular non-place which replaces the life after death described by the Orthodox Church.” [“*Byt* denota a vida comum, banal, cotidiana, e *bytie*, a existência iluminada, espiritual. Em meados do século dezenove, intelectuais russos desenvolveram a noção de que as pessoas podem, por meio do cultivo do espírito, libertar-se da superficialidade, transitoriedade e fealdade do *byt*. *Bytie* é o âmbito do eu verdadeiro e livre, e a tarefa da classe intelectual é liderar as pessoas em direção a ele, rumo à liberdade política, intelectual e artística, rumo ao não-local secular que substitui a vida após a morte descrita pela Igreja Ortodoxa.”] (VUJOSEVIC, 2017, p. 32)



*socialism* that perception transformed into *reality* – namely, *socialism*.<sup>89</sup>

Nesse sentido, Dobrenko não descreve a construção ideológica da realidade, mas “a própria realidade da ideologia”<sup>90</sup>, em sentido semelhante ao argumentado por Žižek quando afirma que a ideologia não constitui uma mentira ou ilusão, mas a própria realidade em si: “ideology is not simply a ‘false consciousness’, an illusory representation of reality, it is rather this reality itself which is already to be conceived as ‘ideological’”<sup>91</sup>.

Nas tensões existentes entre a realidade construída pelo Realismo Socialista – de um socialismo em madura construção – e a realidade de escassez material dos anos de rápida industrialização, teria surgido a necessidade de “domesticar” a modernidade.

---

<sup>89</sup> “esta enorme produção de imagens [...] passou a moldar não apenas o inconsciente político, mas também toda a esfera do imaginário [...] O Realismo Socialista não produzia ‘mentiras’, mas imagens de socialismo, as quais a percepção transformava em realidade - isto é, socialismo.” (DOBRENKO, 2007, p. 6)

<sup>90</sup> DOBRENKO, 2007, p. 25

<sup>91</sup> “a ideologia não é simplesmente uma ‘consciência falsa’, uma representação ilusória da realidade, mas sim a própria realidade, que já deve ser concebida como ‘ideológica’”. (ŽIŽEK, 2008, p. 15)



*Vitaly Komar e Alexander Melamid. The Origins of Socialist Realism, 1982-1983.*

Todas essas leituras são costuradas com o fio comum da mitigação, operada por meios literários, dos choques provocados pela introdução da modernidade. Nesse sentido, portanto, o advento da era moderna implicou em um conjunto de cisões em relação à cosmovisão pré-moderna, que foi absorvido de maneiras diversas em diferentes sociedades. Dado que não havia uma estratégia única para operar a reconciliação entre sociedade e a nova visão de mundo, foram empregadas diferentes estratégias – incluindo literárias – para domesticá-la, para torná-la mais palatável por meio da pacificação – ainda que apenas no nível da aparência – de suas características mais radicais ou contraditórias. Criava-se, desse modo, a impressão de continuidade linear, como se a sociedade passasse por um inevitável e natural processo de “evolução”.

Os avanços da modernização eram apresentados, portanto, como os desenvolvimentos esperados e espontâneos – além de os únicos possíveis – da “marcha da história”. As mencionadas estratégias de reconciliação entre a vida cotidiana e os grandes projetos de modernização incluíam a introdução de elementos da modernidade no cotidiano e no espaço pessoal do indivíduo, de modo a normalizá-los e suavizar os seus aspectos mais ameaçadores. Para este fim, poderiam ser utilizados textos, imagens – pôsteres, placas, painéis, revistas – ou objetos –, brinquedos, produtos industriais –, por exemplo, que constituíam artefatos da modernidade a serem inseridos na vida do indivíduo, habituando-o ao *novo*.

A disseminação do discurso científico é parte desse processo de domesticação da modernidade. No contexto russo, por exemplo, a revolução tecnológica do século XIX foi acompanhada de uma verdadeira explosão no volume de publicações populares de divulgação científica. A partir da década de 1880, principalmente, os jornais e revistas russos passaram a noticiar os avanços tecnológicos e científicos com frequência e com uma ênfase sem precedentes. Até mesmo periódicos dedicados a temas como filosofia e literatura passaram a dedicar espaço às novas descobertas e invenções. Revistas ilustradas inteiramente voltadas ao tema, como *Природа и люди*<sup>92</sup>, *Вокруг света*<sup>93</sup>, *Аргус*<sup>94</sup>, *Научное обозрение*<sup>95</sup>, *Журнал новейших открытий и изобретений*<sup>96</sup>, surgiram todas em um curtíssimo período na virada dos séculos XIX e XX.

---

<sup>92</sup> *Priroda i liudi* (“Natureza e povo”).

<sup>93</sup> *Vokrug sveta*. (“Ao redor do mundo”).

<sup>94</sup> “*Argus*”.

<sup>95</sup> *Nauchnoe obozrenie*. (“Comentário científico”).

Além da disseminação de conteúdos técnico-científicos, tais publicações serviam de meio para um tipo particular de narrativa ficcional: a literatura de ficção científica. Informes sobre desenvolvimentos no campo da engenharia dividiam páginas com relatos ficcionais fantásticos sobre a invenção de máquinas maravilhosas ou viagens a outros planetas. Desse modo, em sua gênese, a literatura de ficção científica era capaz de funcionar como um poderoso instrumento de domesticação da modernidade. Essa função seria explorada intensamente nos anos imediatamente posteriores à Revolução de Outubro: o processo de modernização industrial do país, que envolveria a importação de técnicas ocidentais como o *taylorismo* e o *fordismo* – denunciadas como forma de exploração do homem pelo homem<sup>97</sup> – foi, de muitas formas, normalizado por uma ficção científica que exaltava a possibilidade de criação de um novo ser humano a partir da fusão com a máquina<sup>98</sup> e, posteriormente, reimaginaria a relação humano-máquina, com foco no primeiro.

Isto é, em meio à ascensão de uma nação pensada como projeto da razão científica moderna – o *amanhã luminoso* do futuro comunista era forjado em meio a avanços radicais na técnica e no pensamento –, a ficção científica surgia como um gênero particularmente adequado: ela se mostrava capaz não apenas de representar uma nova realidade – o que em certo sentido, como vimos, significa *construí-la* – como também de apaziguar as contradições existentes entre o antigo e o novo, e entre os monumentais desafios presentes na realidade material e os olímpicos objetivos de justiça social. Assim, a alienação do trabalho monótono típico do sistema *taylorista* –

---

<sup>96</sup> *Jurnal noveichikh otkriti i izobreteni*. (“Revista das novíssimas descobertas e invenções”).

<sup>97</sup> Em *As Tarefas Imediatas do Poder Soviético* (1918), Lenin argumentou a favor da adoção das técnicas *tayloristas* e *fordistas* de organização do trabalho: “A última palavra do capitalismo neste aspecto, o sistema de Taylor — tal como todos os progressos do capitalismo —, reúne em si toda a refinada crueldade da exploração burguesa e uma série de riquíssimas conquistas científicas no campo da análise dos movimentos mecânicos no trabalho, a supressão dos movimentos supérfluos e inúteis, a elaboração dos métodos de trabalho mais correctos, a introdução dos melhores sistemas de registo e controlo, etc. A República Soviética deve adoptar a todo o custo as conquistas mais valiosas da ciência e da técnica neste domínio. A possibilidade de realizar o socialismo é determinada precisamente pelos nossos êxitos na combinação do Poder Soviético e da organização soviética da administração com os últimos progressos do capitalismo. Tem de se criar na Rússia o estudo e o ensino do sistema de Taylor, a sua experimentação e adaptação sistemáticas”. Compreendendo que tais técnicas haviam surgido como instrumentos de dominação sobre o trabalhador, Lenin afirmou que a “[q]uanto mais depressa nós, operários e camponeses, aprendermos uma melhor disciplina do trabalho e uma técnica de trabalho mais elevada, aproveitando para isto a ciência dos especialistas burgueses, tanto mais depressa nos livraremos de todo o «tributo» a estes especialistas”. (LENIN, 1978)

<sup>98</sup> Essa transformação do ser humano não derivaria apenas da intensificação da forma de trabalho industrial, mas de outros projetos desenvolvidos no nexo entre desenvolvimentos científicos e políticos, como o Tsentralni Institut Truda (TsIT) de Aleksei Gastev, os laboratórios psiconeurais de Ivan Pavlov, a escola de biomecânica de Nikolai Bernstein e o Instituto para a Transfusão do Sangue de Aleksandr Bogdanov. Gastev e Bogdanov, vale notar, eram autores de ficção científica.

que pressupõe a rigorosa docilização e disciplinarização do corpo do trabalhador – era ofuscada primeiro por imagens de seres humanos novos, dotados de todas as melhores capacidades da máquina, construindo um mundo livre da exploração, e depois por imagens de pessoas cujas vidas teriam sido positivamente transformadas pela tecnologia.

De fato, a mitigação de choques – ou a domesticação da modernidade – é apontada por Jameson como uma das potenciais funções do gênero de ficção científica:

in a moment in which technological change has reached a dizzying tempo, in which so-called “future shock” is a daily experience, such narratives have the social function of accustoming their readers to rapid innovation, of preparing our consciousness and our habits for the otherwise demoralizing impact of change itself. They train our organisms to expect the unexpected and thereby insulate us, in much the same way that, for Walter Benjamin, the big-city modernism of Baudelaire provided an elaborate shock-absorbing mechanism for the otherwise bewildered visitor to the new world of the great nineteenth-century industrial city.<sup>99</sup>

O autor pugna pela impossibilidade atual de uma ficção científica que exerça tal função, argumentando que esta depende de uma percepção da tecnologia que há muito deixou de existir no mundo do *realismo capitalista*<sup>100</sup>. Isto é, nós “no longer entertain [...] visions of wonder-working, properly ‘science-fictional’ futures of technological automation”<sup>101</sup>, pois os sonhos sobre um “futuro radiante” foram substituídos pela experiência real da decadência e ruína urbanas e pela percepção de ausência de alternativas.

Em parte, é verdade, Jameson aponta essa impossibilidade para argumentar por uma leitura mais complexa sobre a ficção científica do que a habitual – ou seja, trata-se

---

<sup>99</sup> “em um momento no qual as mudanças tecnológicas alcançam um ritmo vertiginoso, no qual o chamado ‘choque do futuro’ é uma experiência diária, as narrativas [de ficção científica] possuem a função social de acostumar os seus leitores à inovação acelerada, de preparar as nossas consciências e os nossos hábitos para o impacto – de outra forma, desmoralizante – da própria mudança. Elas treinam os nossos organismos a esperar o inesperado e, assim, nos resguardam, de modo semelhante ao que descreve Walter Benjamin quando fala sobre o modo com que o modernismo urbano de Baudelaire fornecia um elaborado mecanismo de amortecimento ao desorientado visitante que chegava ao novo mundo da cidade grande industrial do século dezenove.” (JAMESON, 2005)

<sup>100</sup> Em *Realismo Capitalista: é Mais Fácil Imaginar o fim do Mundo do que o fim do Capitalismo?*, Mark Fisher se debruça sobre “o sentimento disseminado de que o capitalismo é o único sistema político e econômico viável, sendo impossível imaginar uma alternativa à ele”. (FISHER, 2020, p. 10)

<sup>101</sup> JAMESON, 2005, p. 286

de uma defesa da interpretação do gênero como, primariamente, o *locus* da desfamiliarização e do estranhamento cognitivo. Todavia, a função da ficção científica como mecanismo amortecedor de choques da modernidade não poderia encontrar contextos mais adequados do que os da Rússia do final do século XIX e da incipiente URSS, nas quais o desejo de modernidade e as visões de um futuro luminoso eram pulsões centrais à vida social.

Ainda de acordo com Jameson, a familiaridade e a exposição continuada seriam capazes de mitigar a sensação de choque experimentada por aqueles que, em um primeiro momento, se viam estarecidos diante da vertiginosa novidade.

Tal processo de familiarização encontra análogo no choque produzido por certas expressões artísticas vanguardistas. Analisando a sensação de choque produzida pela justaposição de objetos inanimados cotidianamente estranhos entre si – como um guarda-chuva e uma máquina de costura sobre uma mesa de dissecação, no famoso exemplo de André Breton<sup>102</sup> –, André Masson notou que a sensação de choque esmaecia ante a repetida exposição: “Traced, repeated over and over, mechanised, the unusual vulgarises itself”<sup>103</sup>.

Importa ressaltar, no entanto, que as imagens e visões afirmadas pela ficção científica russa não operavam apenas a familiarização ou a domesticação do moderno, mas efetivamente – como demonstra Banerjee – criavam as condições para o surgimento da modernidade russa.

Como aponta Vujosevic, a literatura e as artes visuais foram mobilizadas em suas dimensões performativas de modo a concretizar, no presente, a potencialidade de um futuro ficcional. É nesse sentido que Bogdánov, em seu *Красная звезда*<sup>104</sup>, narra a vida comunista em Marte:

[Bogdanov] wants to [...] have the reader recognize in the present historical moment the origins of a society that may be fictional, existing only in an imagined outer space, but whose story is a lens for recognizing the potential of the present. It is a fiction that is intended to drive history [...] *Red Star* was a vehicle for inciting communist passions [...] The transcendental power that drives social change – what Tsiolkovsky would call “the will of the universe” – is

---

<sup>102</sup> BRETON, 2001, p. 330

<sup>103</sup> CASSEGARD, 2007, p. 4

<sup>104</sup> *Krásnaia zvezdá*. “Estrela vermelha”.

materialized in science fiction, the kind of science fiction that, as Marx would put it, is meant “not only to interpret the world but to change it.” [...] Not only did they describe alternative ways of life but they were also used as a tool by which real-life proponents of those alternative ways of life wanted to propel history towards those alternatives.<sup>105</sup>

Era também nesse sentido que Tátlin, na esfera das artes visuais, buscava impulsionar a mentalidade do público – e a história em si – rumo à utopia. Com a construção da máquina voadora que chamou de *Lietatlin*<sup>106</sup>, o artista planejava, por meio da domesticação da tecnologia do voo, transcender o *byt* e “launch the entire working class, in the spirit of communism, into the skies above Russia”<sup>107</sup>:

The author of the socialist wings believed that the advent of utopia could be facilitated by design – the design of *byt*, of the everyday world. In this transition the domestication of celestial technology is key, the creation of devices that the pupil, the housewife, the worker can use to master the realm of the skies [...] The Letatlin was [...] not simply a formal experiment. It had the same function as Bogdanov's [Red Star] offering the opportunity to see, as a version of familiar everyday life, a new kind of lifestyle in which political and social evolution would be manifested.<sup>108</sup>

---

<sup>105</sup> “Bogdánov quer que o leitor reconheça no momento histórico presente as origens de uma sociedade que pode ser ficcional, existindo apenas no espaço sideral imaginário, mas cuja história serve como uma lente que mostra o potencial do presente. Trata-se de uma ficção cujo objetivo é impulsionar a história [...] Estrela Vermelha era um veículo de incitação às paixões comunistas [...] O poder transcendental que conduz as mudanças sociais – aquilo que Tsiolkóvski chamava de ‘a vontade do universo’ – era materializado na ficção científica, o tipo de ficção científica que, nos termos de Marx, tinha como objetivo ‘não apenas interpretar o mundo, mas transformá-lo’ [...] Modos alternativos de vida não apenas eram descritos, mas também eram utilizados pelos seus partidários como ferramenta para impulsionar a história em sua direção.” (VUJOSEVIC, 2017, p. 28-29)

<sup>106</sup> Nome composto pela união do verbo летать (lietat, "voar") com o sobrenome do artista.

<sup>107</sup> “lançar toda a classe trabalhadora, no espírito do comunismo, aos céus sobre a Rússia” (VUJOSEVIC, 2017, p. 37)

<sup>108</sup> “O autor das asas socialistas acreditava que o advento da utopia poderia ser facilitado pelo design – o desenho do *byt*, da vida cotidiana. Nesta transição, a domesticação da tecnologia celestial era central: a criação de dispositivos que o estudante, a dona de casa e o operário poderiam usar para dominar o âmbito celestial [...] O Lietátin não era apenas um experimento formal. Ele possuía a mesma função do [*Estrela Vermelha*] de Bogdánov, oferecendo ao público a oportunidade de ver, sob uma versão familiar e cotidiana, um novo tipo de modo de vida no qual a evolução política e social estaria manifesta.” (VUJOSEVIC, 2017, p. 37-39).



*Tentativa de voo do Lietátlín em Moscou. (Hulton Archive)*

### 1.3 Modernidade e ficção científica

A estreita relação existente entre a modernidade e o gênero de ficção científica<sup>109</sup> – ou, talvez, o espaço privilegiado ocupado pelo gênero como forma de representação nas sociedades modernas – não passou despercebido pelos comentadores desse tipo de literatura. Como aponta Suvin, a ficção científica se tornou um gênero literário de particular importância a partir de fins do século XIX e ao longo do século XX, angariando crescente popularidade entre estratos centrais das modernas sociedades industriais<sup>110</sup>. Major relaciona a ascensão do gênero aos monumentais saltos tecnológicos inerentes à era moderna, argumentando se tratar de uma forma de

---

<sup>109</sup> Trataremos, inicialmente, do gênero em termos genéricos. Posteriormente, estabeleceremos a distinção entre as suas permutações mais relevantes para o nosso estudo.

<sup>110</sup> SUVIN, 1977, p. 3



representação especialmente adequada a períodos nos quais, ante a sofisticação dos avanços tecnológicos, “a realidade parecia ultrapassar a imaginação popular”<sup>111</sup>.

Como vimos, a inexorável introdução do moderno nas incipientes sociedades industriais era capaz de causar um sentimento de repulsão na população pouco habituada às radicais novidades. Tal fenômeno podia ser apaziguado por meio da domesticação dos elementos modernos, o que frequentemente ocorria por meio da introdução de imagens e objetos do *novo* na vida cotidiana. Parcelas do próprio público demonstravam grande interesse pelo *novo*<sup>112</sup>, e neste movimento bidirecional o ideário moderno tornava-se prevalente em ritmo acelerado.

É possível argumentar que, na esfera literária, certas variações do gênero de ficção científica carregam em si o potencial de desempenhar a função de domesticar o novo, expondo o público de modo particularmente intenso a imagens, palavras e ideias antes desconhecidas. Com isso, evidentemente não pretendemos propor a redução dos diversos tipos de ficção científica a uma função edificante ou de mera divulgação científica. Pelo contrário, buscaremos ressaltar o modo com que tanto esse mecanismo de domesticação quanto o seu obverso – o de *estranhamento* – se relacionam com o funcionamento do gênero como um todo e investigar como ele lança luz sobre as obras aqui analisadas.

Assim, se na sua sondagem do desconhecido a ficção científica pode, em algumas de suas permutações, torná-lo mais palatável, também pode, em outras, causar um *estranhamento* capaz de desvelar contradições presentes na sociedade em que se insere.

De modo a compreender esse conjunto de potenciais funções, é necessário explorar, em linhas gerais, as possibilidades literárias apresentadas pelo gênero de ficção científica.

Partindo da abordagem do crítico iugoslavo Darko Suvin<sup>113</sup>, seria necessário inicialmente identificar as especificidades do gênero, distinguindo aquilo que a literatura especializada convencionou chamar de *ficção científica* (propriamente dita) da ficção de aventura cuja ambientação é futurista ou “científica”, e também dos textos

---

<sup>111</sup> MAJOR, 2004, p. 56

<sup>112</sup> De acordo com Suvin, “SF has particularly affected such key strata or groups of modern society as college graduates, young writers, and the avant-garde of general readers appreciative of new sets of values.” [“A ficção científica atingiu com especial força estratos-chave da sociedade moderna, como universitários, jovens escritores e a vanguarda de leitores que apreciam novos valores”] (SUVIN, 1977, p. 3)

<sup>113</sup> SUVIN, 1977

literários voltados à mera divulgação científica. Ainda que em determinados momentos – especialmente na incipiência do gênero de ficção científica – esses tipos textuais tenham se aproximado, ou até mesmo se imiscuído, cada qual possui funções distintas e bem demarcadas. No que diz respeito à dicotomia domesticação-estranhamento, a ficção de aventura e a ficção de divulgação científica possuem maior potencial de apaziguar o choque entre o público e o desconhecido, enquanto a ficção científica propriamente dita inevitavelmente tende a gerar algum estranhamento – o que não significa dizer que um texto de ficção científica não possa também ser utilizado para a domesticação, ou que um conto de divulgação científica não possa, em algum grau, possibilitar o estranhamento.

Ademais, seria preciso estabelecer a especificidade do gênero por meio da investigação das características que o diferenciam de outras categorias literárias modernas.

De acordo com Suvin, a ficção científica é “a literatura do estranhamento cognitivo”<sup>114</sup>, o que distinguiria o gênero tanto da literatura empírica – a qual reproduziria com alto grau de precisão o entorno empiricamente cognoscível do autor – quanto de outras literaturas não-empíricas, como o mito e a fantasia<sup>115</sup>. A especificidade da ficção científica enquanto gênero literário, portanto, seria a presença do *estranhamento cognitivo*, o qual surgiria por meio da interação entre estranhamento e cognição:

---

<sup>114</sup> Suvin utiliza as ideias de *estranhamento* – originada em Brecht e no formalismo russo de Shklóvski – e de *novum* – originada no marxista utópico Ernst Bloch – para denotar a “capacidade de explorar aquilo que é significativamente diferente” (RENAULT, 1980, p. 114). Nos termos de Suvin, o conceito de *estranhamento* “was first developed on non-naturalistic texts by the Russian Formalists (‘ostranenie’, Viktor Shklovsky) and most successfully underpinned by an anthropological and historical approach in the work of Bertolt Brecht, who wanted to write ‘plays for a scientific age.’ While working on a play about the prototypical scientist, Galileo, he defined this attitude (‘Verfremdungseffekt’) in his Short Organon for the Theatre: ‘A representation which estranges is one which allows us to recognize its subject, but at the same time makes it seem unfamiliar.’ And further: for somebody to see all normal happenings in a dubious light, ‘he would need to develop that detached eye with which the great Galileo observed a swinging chandelier. He was amazed by that pendulum motion as if he had not expected it and could not understand its occurring, and this enabled him to come at the rules by which it was governed.’” [“foi primeiramente desenvolvido em textos não-naturalistas pelos Formalistas Russos (‘ostranenie’, Viktor Shklóvski) e aplicado de forma bem sucedida com base em uma abordagem antropológica e histórica na obra de Bertold Brecht, que tencionava escrever ‘peças para a era científica’. Na composição de uma peça sobre o cientista prototípico, Galileu, ele definiu esse tipo de atitude (‘Verfremdungseffekt’) em seu Pequeno Organon para o Teatro: ‘Uma representação que causa o efeito do estranhamento é aquela que nos permite reconhecer o seu objeto, e ao mesmo tempo faz com que ele nos pareça alheio’. E ademais: para que seja possível ver todos os acontecimentos ordinários sob uma luz de estranheza, ‘seria necessário desenvolver o mesmo olhar afastado com que Galileu observou o lustre que oscilava. O movimento pendular o espantou, pois não era previsível ou compreensível, e foi isso que permitiu a Galileu compreender as regras que regiam o pêndulo”] (SUVIN, 1977, p. 6)

<sup>115</sup> SUVIN, 1977, p. 3

SF is, then, a literary genre whose necessary and sufficient conditions are the presence and interaction of estrangement and cognition, and whose main formal device is an imaginative framework alternative to the author's empirical environment.<sup>116</sup>

Em apertada síntese, Suvin vê a ficção científica como um gênero no qual uma premissa ficcional (ou “literária”) é desenvolvida com rigor científico<sup>117</sup> – o amálgama entre a cognição científica e o estranhamento ficcional resulta na equivalência entre o gênero e a ideia de *estranhamento cognitivo*<sup>118</sup>. Ademais, tal justaposição de elementos contraditórios – o ficcional e o literal – geraria a possibilidade literária de análise crítica do próprio (o “eu”) e do “Outro”, em um movimento transformativo:

The effect of such factual reporting of fictions is one of confronting a set normative system – a Ptolemaic-type closed world picture – with a point of view or look implying a new set of norms.<sup>119</sup>

Suvin exemplifica tal dinâmica utilizando a imagem do alienígena:

The aliens – utopians, monsters, or simply differing strangers – are a mirror to man just as the differing country is a mirror for his world. But the mirror is not only a reflecting one, it is also a transforming one, virgin womb and alchemical dynamo: the mirror is a crucible.<sup>120</sup>

---

<sup>116</sup> "A ficção científica é, então, um gênero literário cujas condições necessárias e suficientes são a presença e a interação entre estranhamento e cognição, e cujo principal dispositivo formal é uma estrutura imaginativa alternativa ao ambiente empírico do autor." (SUVIN, 1977, p. 7-8))

<sup>117</sup> Nos termos de Jameson, “Darko Suvin’s influential conception of SF as ‘cognitive estrangement’ which emphasizes the commitment of the SF text to scientific reason, would seem to continue a long tradition of critical emphasis on verisimilitude from Aristotle on (who famously explained that history only describes what did happen, while ‘poetry’ – in the larger sense – describes happenings probable or believable). The role of cognition in SF thus initially deploys the certainties and speculations of a rational and secular scientific age” [“A influente conceituação de ficção científica como ‘estranhamento cognitivo’, a qual ressalta o comprometimento do texto de ficção científica com a razão científica, parece dar continuidade a uma longa tradição de ênfase crítica na verossimilhança, iniciada por Aristóteles (que, de modo célebre, explicou que a história apenas descreve o que ocorreu, enquanto a ‘poesia’ – no sentido mais amplo – descreve acontecimentos prováveis ou críveis). O papel da cognição na ficção científica, portanto, inaugura o emprego de certezas e especulações de uma era científica racional e secular.”] (JAMESON, 2005, p. 63)

<sup>118</sup> RENAULT, 1980, p. 114

<sup>119</sup> “O efeito resultante da narração factual de ficções é o de confronto com um dado sistema normativo – como o modelo ptolomaico, por exemplo –, que parte de uma perspectiva ou olhar que sugere um novo conjunto de normas.” (SUVIN, 1977, p 6) Isto é, a visão de mundo hegemônica é confrontada com um sistema de coordenadas totalmente novo, surgido a partir do novo olhar oblíquo sobre o estado das coisas – a nova forma de ver o mundo – que o estranhamento permite.

<sup>120</sup> “Os alienígenas – utópicos, monstros, ou simplesmente estranhos diferentes – são um espelho do homem, assim como o país diferente é um espelho para o seu mundo. Mas o espelho não é apenas

Assim, ao enxergar o familiar através do prisma de uma extrapolação ficcional validada pelo “rigor científico”, o leitor de ficção científica seria apresentado a uma nova perspectiva sobre o seu meio social:

significant SF is in fact a specifically roundabout way of commenting on the author’s collective context – often resulting in a surprisingly concrete and sharp-sighted comment at that.<sup>121</sup>

Jameson ressalta o caráter subversivo da ficção científica descrita por Suvin, apontando que o gênero, como visto por tal perspectiva – isto é, como a literatura do estranhamento cognitivo –, possui como função central a imaginação de formas de organização econômica e sociais alternativas:

Suvin's principle of “cognitive estrangement” – an aesthetic which, building on the Russian Formalist notion of “making strange” as well as the Brechtian *Veifremdungseffekt*, characterizes SF in terms of an essentially epistemological function (thereby excluding the more oneiric flights of generic fantasy) – thus posits one specific subset of this generic category specifically devoted to the imagination of alternative social and economic forms.<sup>122</sup>

De fato, Suvin orienta a sua taxonomia dos gêneros literários sobre o modo com que cada forma ficcional desvela as relações humanas e sociais, classificando os gêneros literários de acordo com a forma com que estes “lançam luz sobre as relações humanas”.

A característica diferenciadora da ficção científica seria o fundamental papel desempenhado pelo *novum* – presente em todos os gêneros, de acordo com o próprio

---

reflexivo, ele também é transformativo, um ventre virgem e um dínamo alquímico: o espelho é um cadinho." (SUVIN, 1977, p. 5) Isto é, Suvin propõe a noção de que o alienígena (ou o *Outro*, em termos gerais) funciona como um espelho do leitor. Mas ele não apenas reflete (e revela) o leitor, como o transforma – por meio do estranhamento, da retirada do leitor de sua perspectiva habitual, o que resulta em uma nova forma de ver o mundo.

<sup>121</sup> "A ficção científica mais relevante constitui, de fato, um modo especificamente oblíquo de comentário sobre o contexto coletivo que cerca o autor – o que muitas vezes resulta em comentários surpreendentemente concretos e precisos" (SUVIN, 1977, p. 84)

<sup>122</sup> "O princípio do ‘estranhamento cognitivo’, desenvolvido por Suvin, é uma estética que – com base na noção dos formalistas russos de ‘tornar estranho’, assim como no *Veifremdungseffekt* de Brecht – caracteriza a ficção científica em termos de uma função essencialmente epistemológica (excluindo, assim, os arroubos mais oníricos da fantasia genérica) e, deste modo, implica um subconjunto específico desta categoria genérica, especificamente dedicado à imaginação de formas sociais e econômicas alternativas". JAMESON, 2005, p. xiv

Suvin, dado que “toda metáfora poética é um *novum*”<sup>123</sup>, mas central na ficção científica –, o qual seria utilizado na criação de tensões entre o universo literário e o universo do leitor, possibilitando o seu distanciamento em relação ao próprio ambiente<sup>124</sup>. Suvin utiliza o termo latino “*novum*” – que, como vimos, tem origem em Bloch – para se referir a elementos frequentemente estranhos ao mundo real, mas plausíveis. Na ficção científica, tal plausibilidade advém da ciência: tratam-se de inovações que se encontram dentro do espectro daquilo que se considera cientificamente plausível, ainda que não existente. Em outros gêneros fantásticos, como a fantasia e o conto de fadas, o *novum* se manifesta de formas diferentes e desempenha funções diversas. Isso porque, na ficção científica, tais elementos são encarados de forma “factual”, ou seja, são desenvolvidos de forma “científica” – resultando no estranhamento cognitivo –, e não mágica. Assim, o imaginário e o empírico são aproximados, permitindo o questionamento deste.

É nesse sentido que Suvin propõe o “espectro” *empirismo-novum*, um eixo sobre o qual estariam dispersos os diversos gêneros literários se analisados sob a ótica da relação entre obra e seu contexto de composição.

Tal espectro se estenderia entre dois polos: o primeiro representaria o empirismo absoluto – e a conseqüente reprodução precisa, na obra, do ambiente empírico e rotineiro do autor, aquele cognoscível por meio dos sentidos –, enquanto o segundo significaria o interesse total na “novidade estranha”, naquilo que Suvin chama de *novum*. Exemplificativamente, a literatura ocidental hegemônica a partir do século XVIII ter-se-ia mantido relativamente próxima do primeiro dos polos mencionados.

Como dito, esse espectro fundamenta a taxonomia dos gêneros literários pensada por Suvin: em um polo estaria a ficção naturalista, diretamente associada aos elementos passíveis de serem empiricamente verificados, e ao contexto que circunda o autor. Esse tipo de ficção iluminaria as relações humanas ao “apontar um espelho para a natureza”<sup>125</sup>. No outro polo, encontraríamos a ficção do estranhamento – exemplificada pelo mito, pela fábula, pela fantasia, pelos contos de fada, pela ficção científica –, a qual “revela as relações humanas fazendo uso não da similitude, mas da diferença literária”<sup>126</sup>.

---

<sup>123</sup> SUVIN, 2010, p. 68

<sup>124</sup> RENAULT, 1980, p. 114

<sup>125</sup> SUVIN, 1977, p. 18

<sup>126</sup> RENAULT, 1980, p. 114

The claim is that naturalist fiction portrays the Same (author's empirical environment) by the Same (“exact recreation,”), while estranged fiction portrays the Same by the Other, constituting what Todorov calls the domain of the Fantastic<sup>127</sup>

Dentre os gêneros que retratam o familiar pelo prisma da alteridade, a ficção científica se diferenciaria por conta do caráter tipicamente moderno da construção dos mundos que a habitam. Em suma, na tipologia de gêneros literários proposta por Suvin, “one basic parameter would take into account the relationship of the world(s) each genre presents and the ‘zero world’ of empirically verifiable properties around the author”. É esse “mundo zero”, empírico, que Suvin chama de “naturalista”, apontando que ele, assim como a literatura “naturalista” ou “realista” que a ele corresponde, seria guiado pelas sensibilidades modernas, na razão e naquilo que seria cientificamente verificável. Nesse tipo de ficção não haveria, por exemplo, equivalência entre ética e física<sup>128</sup>. Isto é, na literatura naturalista, o destino da personagem é determinado pelas suas atitudes e pela sua interação com outras figuras igualmente ordinárias fisicamente, no sentido de que os fenômenos físicos são alheios a elas. Essa dinâmica é alterada em literaturas que se afastam no “mundo zero”:

in the non-naturalistic, metaphysical literary genres [...] circumstances around the hero are neither passive nor neutral. In the folktale and the fantasy, ethics coincides with (positive or negative) physics<sup>129</sup>.

No gênero de ficção científica, fundado sobre premissas modernas e científicas<sup>130</sup> – as quais corresponderiam ao entorno de seus autores –, o funcionamento

---

<sup>127</sup> A ideia [de Suvin] é a de que a ficção naturalista retrata o 'familiar' (o ambiente empírico do autor) por meio do 'familiar' ("a recriação exata"), enquanto a ficção do estranhamento retrata o 'familiar' por meio do 'Outro', constituindo aquilo que Todorov chama do domínio do Fantástico (RENAULT, 1980, p. 115).

<sup>128</sup> Isto é, em obras do gênero, a tristeza do protagonista não é acompanhada pela chuva, em um exemplo singelo.

<sup>129</sup> “nos gêneros literários não-naturalistas, ou metafísicos, as circunstâncias que circundam a personagem não são passivas ou neutras. No folclore e na fantasia, a ética coincide (positiva ou negativamente) com a física” (SUVIN, 1977, p. 11)

<sup>130</sup> Como aponta Jameson: “Darko Suvin's influential conception of SF as ‘cognitive estrangement’ which emphasizes the commitment of the SF text to scientific reason, would seem to continue a long tradition of critical emphasis on verisimilitude from Aristotle on (who famously explained that history only describes what did happen, while ‘poetry’ – in the larger sense – describes happenings probable or believable). The role of cognition in SF thus initially deploys the certainties and speculations of a rational and secular scientific age.” [“A influente formulação de Darko Suvin, que vê a ficção científica como ‘estranhamento cognitivo’, que enfatiza o comprometimento do texto de ficção científica com a razão científica, parece dar continuidade a uma longa tradição de ênfase crítica na verossimilhança, que parte de Aristóteles (que conhecidamente explicou que a história apenas descreve aquilo que ocorreu, enquanto a

do mundo se assemelharia àquele visto na literatura naturalista: a realidade não se inclina favorável ou desfavoravelmente em relação ao protagonista:

the protagonists may succeed or fail in their objectives, but nothing in the basic contract with the reader, in the physical laws of their worlds, guarantees either. SF thus shares with the dominant literature of our civilization a mature approach analogous to that of modern science and philosophy<sup>131</sup>.

Assim, o autor localiza uma distinção fundamental entre a ficção científica dos demais gêneros “não-naturalistas” na relação moderna – isto é, baseada na moderna razão científica – comportada pelo gênero entre personagens e o mundo que populam.

Ainda que a abordagem de Suvin não tenha sido recepcionada de modo unânime pela literatura especializada<sup>132</sup>, o autor se tornou provavelmente o mais conhecido crítico de ficção científica, e suas ideias – particularmente a noção de estranhamento cognitivo – são consideradas por muitos como o marco zero incontornável dos estudos sobre o gênero<sup>133</sup>.

Em seu *Archaeologies of the Future*, a mais influente obra teórica sobre o gênero de ficção científica desde o *Metamorphoses of Science Fiction* de Suvin, Fredric Jameson, de certo modo, reafirma e renova muitas das noções introduzidas pelo autor iugoslavo. Jameson, assim como Suvin, parte de uma perspectiva influenciada por Ernst

---

'poesia' – no sentido mais amplo – descreve acontecimentos prováveis ou críveis). Assim, o papel da cognição da ficção científica inicialmente faz uso de certezas e especulações típicas de uma era científica racional e secular”] (JAMESON, 2005, p. 63)

<sup>131</sup> “os protagonistas podem triunfar ou fracassar em relação aos seus objetivos, mas nada no contrato básico estabelecido com o leitor quanto às leis físicas que regem os seus mundos pode garantir um ou outro resultado. Assim, a ficção científica compartilha com a literatura hegemônica do nosso tempo uma abordagem madura, análoga àquela da ciência e da filosofia modernas” (SUVIN, 1977, p. 11)

<sup>132</sup> Para uma crítica abrangente da abordagem de Suvin, ver RENAULT, 1980. Apesar de suas críticas, Renault aponta, em um desenvolvimento interessante da abordagem de Suvin, que a ficção científica utiliza “a non-naturalist setting to mediate ‘naturalist’ themes, usually in a realist style” [“uma ambientação não-naturalista para mediar temas ‘naturalistas’, geralmente com uso de um *estilo* realista”] (RENAULT, 1980, p. 115)”, adicionando que o gênero “dynamically unifies contradictory literary elements, displaying an extraordinary aesthetic and political flexibility in the process” [“une de modo dinâmico elementos literários contraditórios, exibindo assim uma flexibilidade estética e política extraordinária”] (RENAULT, 1980, p. 115).

<sup>133</sup> “More than any other study [...] *Metamorphoses* is the significant forerunner of all the major examinations of the genre”. [“Mais que qualquer outro estudo [...] *Metamorphoses* surge como o precursor de todas as grandes análises do gênero”.] (HOLLINGER, 1999, p. 233)

Bloch, ressalta reiteradamente a relevância política da ficção científica nos nossos tempos e identifica no *estranhamento* a função central do gênero<sup>134</sup>.

Jameson considera que a ficção científica não apenas segue relevante, como é particularmente importante atualmente, em um mundo que nos é apresentado como desprovido de alternativas:

o capitalismo tardio parece não ter inimigos naturais [...] Ainda assim, não é apenas a invencível universalidade do capitalismo que está em questão, com seu incansável desmonte de todos os ganhos sociais obtidos desde a origem dos movimentos socialista e comunista, revogando todas as medidas de bem-estar social, a rede de proteção, o direito à sindicalização, as leis de regulação industriais e ecológicas, propondo privatizar a previdência e, de fato, desmantelando tudo o que permanece no caminho do livre mercado em qualquer lugar do mundo. O que é devastador não é a presença de um inimigo, mas, antes, a crença universal não apenas de que essa tendência é irreversível, mas de que as alternativas históricas ao capitalismo teriam se provado inviáveis e impossíveis e de que nenhum outro sistema socioeconômico seria concebível, para não dizer disponível na prática. Os Utópicos não apenas se prestam a conceber esses sistemas alternativos; a forma Utópica é, ela própria, uma reflexão representacional sobre a diferença radical, sobre a alteridade radical e sobre a natureza sistêmica da totalidade social<sup>135</sup>

Ou seja, é precisamente no seio do *realismo capitalista* de um mundo formatado pela doutrina TINA<sup>136</sup> que a forma utópica – considerada por Suvin o “the socio-political sub-genre of Science Fiction”<sup>137</sup>, em uma controversa definição corroborada por Jameson<sup>138</sup> – se torna incontornável, dada a sua capacidade de provocar a reflexão sobre a alteridade radical, sobre alternativas que imaginamos impossíveis:

The Utopian form itself is the answer to the universal ideological conviction that no alternative is possible, that there is no alternative to

---

<sup>134</sup> MILNER, 2009

<sup>135</sup> JAMESON, 2005

<sup>136</sup> TINA, ou “There is no alternative”, é um slogan que foi frequentemente utilizado pela líder britânica neoliberal Margaret Thatcher para disseminar a ideia de que o sistema capitalista global era o único possível.

<sup>137</sup> SUVIN, 1977, p. 61

<sup>138</sup> MILNER, 2009, p. 102



the system. But it asserts this by forcing us to think the break itself, and not by offering a more traditional picture of what things would be like after the break.<sup>139</sup>

Assim, a ficção científica orbitaria não em torno de diagnósticos sobre o futuro – como dita o senso comum –, mas de choques de tamanha intensidade que tornariam inevitável a meditação sobre o impossível<sup>140</sup>.

Tais choques seriam provocados por meio do estranhamento. Jameson argumenta que uma das “funções supremas” da ficção científica é o estranhamento, o qual permite a renovação da perspectiva – um olhar revigorado sobre o mundo, o qual desvela a historicidade das coisas<sup>141</sup>. Tal conceito se aproxima do estranhamento cognitivo de Suvin, e Jameson ressalta o papel fundamental desempenhado pelas “pretensões científicas” do gênero – uma das características diferenciadoras entre a ficção científica e a Fantasia:

Whether legitimately or not, the scientific pretensions of SF lend the Utopian genre an epistemological gravity that any kinship with generic fantasy is bound to undermine and seriously to unravel: associations with Plato or Marx are more dignified credentials for the Utopian text than fantastic trips to the moon in Lucian or Cyrano.<sup>142</sup>

De fato, a importância das “pretensões científicas” do gênero é tamanha para a compreensão do seu papel fundamental – provocar o estranhamento – que Jameson dedica todo o quinto capítulo de *Archaeologies* ao “grande cisma” entre a ficção científica e a Fantasia. De acordo com o autor, os gêneros mencionados se distanciam primeiramente no que toca à estrutura – pois o arcabouço da Fantasia orbitaria em torno

---

<sup>139</sup> “A própria forma utópica é a resposta para a convicção ideológica universal de que nenhuma alternativa é possível, de que não existem alternativas ao sistema. Mas ela fornece essa resposta ao nos forçar a pensar a própria ruptura, e não oferecendo um retrato mais tradicional de como as coisas seriam após a ruptura”. (JAMESON, 2005, p. 232)

<sup>140</sup> Como aponta Milner, “the key question is that identified by Jameson: not 'did it get the future right?', but rather 'did it sufficiently shock its own present as to force a meditation on the impossible?'” [“a questão central identificada por Jameson não é '[a ficção científica] entendeu o futuro?', mas '[a ficção científica] chocou suficientemente o presente para forçar uma meditação sobre o impossível?'”] (MILNER, 2009, p. 101)

<sup>141</sup> JAMESON, 2005, p. 255

<sup>142</sup> “Legítimas ou não, as pretensões científicas da ficção científica fornecem ao gênero utópico uma gravidade epistemológica que acabaria comprometida e desrealizada por qualquer afinidade com a fantasia genérica: associações a Platão ou Marx são credenciais mais dignificantes para o texto utópico do que às viagens lunares fantásticas de Lucian ou Cyrano”. (JAMESON, 2005, p. 57). Importa notar que diversos comentadores atribuem aos textos de Lucian e Cyrano a origem da ficção científica.

do binarismo ético entre *bem* e *mal* – e, em segundo lugar, no que diz respeito à temática abordada – a Fantasia possuiria uma afinidade com o medieval ausente na ficção científica<sup>143</sup>.

O binarismo ético que atravessa o gênero da Fantasia revelaria, nos termos de Jameson, uma posição “retrógrada”, manifesta no “essentially infantile spirit of an opposition between heroes and villains which reconfirms the narcissistic perspective of the self on other people and other realities”<sup>144</sup>. Isto é, a Fantasia, em muitas das suas permutações, estaria permeada por discursos de alterização, da identificação do *diferente* como *locus* do *mal*, e da busca por uma homogeneização em torno daquilo que é familiar – em suma, o maniqueísmo em torno do qual é estruturada a Fantasia geraria uma tendência à centralização do *eu* e à marginalização do *Outro*:

As for ethics [...] it would not seem particularly necessary, after Nietzsche, to argue its regressiveness [...] Sartre analyzed the function of the ethical binary itself as a way of securing the centrality of the self and its ideologies and literally marginalizing the other, who becomes the locus of evil; Foucault elaborated this view into an investigation of the policing operations inherent in the opposition of good and evil, and the institutionalization of the norm over the abnormal and the exception.<sup>145</sup>

Quanto à associação entre Fantasia e o medieval, Jameson argumenta se tratar de uma relação fundada na nostalgia cristã. Já a ficção científica, mesmo quando desenvolvida sobre ambientações medievais – a exemplo de *Трудно быть богом*, citado por Jameson como exemplo de uma ficção científica capaz de “renovar a perspectiva” por meio do historicismo, das imagens medievais –, não é caracterizada por essa mesma nostalgia: pelo contrário, tais obras tendem a projetar um olhar crítico sobre o modo de produção. Assim, a nostalgia medieval da Fantasia deve ser “radically distinguished from the historicisms at work in the SF tradition, which turn on a formal

---

<sup>143</sup> JAMESON, 2005, p. 57

<sup>144</sup> “espírito essencialmente infantil de uma oposição entre heróis e vilões, a qual reconfirma a perspectiva narcisista do 'eu' sobre outros povos e outras realidades” (JAMESON, 2005, p. 58)

<sup>145</sup> “Quanto à ética [...] não parece particularmente necessário, após Nietzsche, discutir o seu caráter regressivo [...] Sartre analisou a função do binarismo ético como meio de garantir a centralidade do eu e de suas ideologias, e de marginalizar o outro, que se torna o *locus* do mal; Foucault elaborou essa perspectiva, investigando as operações de policiamento inerentes à oposição entre bem e mal, e a institucionalização do normal em oposição ao anormal e à exceção.” (JAMESON, 2005, p. 58)

framework determined by concepts of the mode of production rather than those of religion”<sup>146</sup>.

No limite, Jameson enxerga na ausência ou presença de preocupações históricas no olhar sobre a vida social uma das diferenças centrais entre os gêneros:

It is [...] worth mentioning the ahistorical nature of these ethical preoccupations, inasmuch as it would seem to be the absence of any sense of history that most sharply differentiates fantasy from Science Fiction<sup>147</sup>

Ainda que ambos os gêneros possam ser utilizados para produzir imagens que remetem ao passado, de modo a produzir discursos sobre problemas do seu tempo de criação e a oferecer “compensações imaginárias” para esses problemas, a ficção científica faria isso para revelar algo sobre uma dada situação histórica, para “reinforce components of an essentially historical situation”<sup>148</sup>. Jameson dá a isso o nome de “mode-of-production aesthetic”, ou estética do modo de produção. Na Fantasia, por outro lado, tanto o maniqueísmo quanto a nostalgia pelo medievo revelariam uma perspectiva despida de interesse na história e nas relações de classe – o que surgiria por meio do “deslocamento do campo político para o campo ético”<sup>149</sup> comumente operado no gênero seriam “fantasias de poder”: a compensação imaginária na Fantasia se manifestaria sob a forma de imagens do triunfo de um herói salvador, ao invés da meditação sobre o impossível encontrada na ficção científica.

Assim, o potencial de suscitar reflexões sobre o momento histórico – particularmente a modernidade e suas contradições –, sobre o modo de produção, sobre o indivíduo alterizado e sobre a possibilidade de formas de organização social radicalmente diferentes é identificado por Jameson como a característica central da ficção científica. A meditação sobre sistemas sociais alternativos é particularmente importante em determinados momentos históricos. No capitalismo tardio, ela nos força a imaginar a ruptura. Mas e quanto aos momentos em que a ruptura fervilha? Na Rússia

---

<sup>146</sup> “radicalmente diferenciada dos historicismos existentes na tradição da ficção científica, que fazem uso de um arcabouço formal determinado por conceitos do modo de produção, e não pela religião”. (JAMESON, 2005, p. 58)

<sup>147</sup> “Vale a pena mencionar a natureza a-histórica dessas preocupações éticas, dado que a ausência de qualquer preocupação histórica parece ser o elemento que mais fortemente diferencia a fantasia da ficção científica.” (JAMESON, 2005, p. 61)

<sup>148</sup> “reiterar componentes de uma situação essencialmente histórica” (JAMESON, 2005, p. 59)

<sup>149</sup> JAMESON, 2005, p. 61

do início do século XX, a ficção científica se tornou uma forma de imaginar, construir e consolidar a ruptura com o sistema hegemônico.

### 1.3.1 Como surgiu a ficção científica soviética?

Na Rússia, o gênero de ficção científica, assim como a modernização, sofreu forte influência ocidental<sup>150</sup>. Como aponta Major, o romance político utópico<sup>151</sup>, um dos diversos tipos textuais que trouxeram certas contribuições para o que viria a se tornar a ficção científica russa – tinha forte inspiração nos valores do Iluminismo europeu. Путешествие в землю Офирскую<sup>152</sup>, publicado em 1984 por Mikhail Shcherbatov, 4338-й год: Петербургские письма<sup>153</sup>, o exercício de imaginação sobre o futuro distante publicado por Vladimir Odoievski em 1835, e até mesmo Что делать?<sup>154</sup> (1863), de Tchernichevski, exemplificam tal fenômeno.<sup>155</sup>

Também no gênero que efetivamente serviu de embrião para o que veio a ser a ficção científica soviética – ou *nautchnaia fantastika*<sup>156</sup> –, a literatura de aventura de temática científica, era evidente a influência ocidental. Os livros de Julio Verne e H.G. Wells alcançaram enorme popularidade na Rússia do fim do século XIX, dando ensejo à publicação de diversos textos que tratavam de viagens fantásticas, inventos maravilhosos e cientistas insanos<sup>157</sup>. Essa literatura, que se desenvolveu a par e passo com a industrialização da Rússia imperial – e que era publicada em jornais, revistas ilustradas, e livros serializados – carecia de sistematização e sequer era consistentemente identificada como ficção científica<sup>158</sup>. Tratava-se, contudo, de um

---

<sup>150</sup> “Another important change that occurred at the end of the century was a renewal of interest in Western cultural innovations: new trends in literature and art came to Russia from the West.” [“Outra importante mudança ocorrida no final do século (XIX) foi o renovado interesse nas inovações culturais ocidentais: novas tendências literárias e artísticas chegaram à Rússia do Ocidente”.] (KAHN et al., 2018, p. 520)

<sup>151</sup> “Utopian statecraft novel”.

<sup>152</sup> *Viagem à terra de Ofir*.

<sup>153</sup> *O ano de 4338: Cartas de Petersburgo*.

<sup>154</sup> *Que fazer?*.

<sup>155</sup> MAJOR, 2004, p. 57

<sup>156</sup> Utilizaremos aqui os termos “ficção científica” e *nautchnaia fantastika* de forma genérica para denotar as diversas manifestações literárias que preenchem os requisitos “necessários e suficientes” elencados por Suvin – estranhamento e cognição – para que um texto possa ser considerado ficção científica. Os diferentes experimentos literários produzidos no período serão diferenciados e contextualizados conforme o necessário.

<sup>157</sup> MAJOR, 2004, p. 57

<sup>158</sup> O termo научная фантастика, como aponta Cederlöf, começou a ser utilizado na década de 1890. Todavia, o termo e suas variantes designaram diversos tipos textuais, como veremos, os quais nem sempre possuíam equivalência com algo que atualmente seria identificado como ficção científica.

gênero identificável que alcançou enorme popularidade, tornando-se a literatura de maior circulação na Rússia pré-revolucionária<sup>159</sup>. O público leitor não consumia apenas as numerosas traduções de livros estrangeiros, mas também os textos que começavam a ser escritos por autores russos: foi nesse período, por exemplo, que Konstantin Tsiolkóvski publicou as suas primeiras novelas sobre a possibilidade de vida fora do planeta Terra, *На Луне* (1887) e *Грѣзы о Земле и небе* (1895)<sup>160</sup>.

A investigação acerca do espaço ocupado pela *nautchnaia fantastika* no campo cultural soviético exige que sejam compreendidos, em primeiro lugar, o papel desempenhado pelo gênero na construção das modernidades russa e soviética e, em segundo lugar, os motivos que levaram um dos tipos de literatura de maior popularidade entre o início do século XX e o final do período da NEP a ser escanteado nas décadas seguintes, atingindo o virtual esquecimento nas margens da cultura soviética no início da década de 1950, e então ressurgindo na era espacial. Assim, veremos como a mais despreziosa das ficções – a literatura de aventura – tornou-se, ao longo dos anos 1920, um “veículo para a representação de concepções utópicas sérias”<sup>161</sup>, foi em seguida comprimida pelas estreitas margens possibilitadas pelos ditames do realismo socialista – os quais não comportavam textos como os escritos por Zamiátin e Bulgákov, que demonstravam o potencial do gênero de ficção científica como uma forma de expressão capaz de criar significados imprevisíveis –, e ressurgiu no final dos anos 1950, instigada pelo projeto estatal de promoção do culto à ciência<sup>162</sup>.

Na Rússia – e mais tarde na URSS –, a imensa popularidade angariada pela ficção de aventura de teor científico não era sinônimo de ampla aceitação. A ficção científica, mesmo em suas formas mais incipientes, ocupava uma posição peculiar. Em

---

Cederlöf argumenta, ainda, que o termo russo não equivale à science fiction estadunidense – que emergiu (de modo geral) de narrativas popularescas comerciais –, mas se aproxima do scientific romance europeu, um gênero mais ligado à ficção especulativa da tradição de H.G. Wells (CEDERLÖF, 2014, p. 6)

<sup>159</sup> (SCHWARTZ, 2013)

<sup>160</sup> “Na lua” e “Sonho sobre a Terra e o céu”. Nos termos do próprio Tsiolkóvski, “Science fiction stories on interplanetary travel carry new ideas to the masses. All who are occupied with this are doing good work; they excite interest, promote the working of the brain and bring into being people who sympathise with, and will in the future engage in, work on grand projects.” [“histórias de ficção científica sobre viagens interplanetárias introduzem as massas a novas ideias. Todos aqueles que se dedicam a essas histórias estão fazendo um bom trabalho; elas aumentam o interesse, promovem a atividade intelectual e formam pessoas que simpatizam com, e no futuro contribuirão com, a criação de grandes projetos”.] (TSIOLKOVSKY, 1960, p. 452). Ainda sobre as incursões de Tsiolkóvski na ficção científica, ver: HOLQUIST, 1987.

<sup>161</sup> CEDERLÖF, 2014, p. 7

<sup>162</sup> Foi em 1958, ano seguinte ao lançamento do satélite Sputnik, que os Strugátski lançaram o seu primeiro conto.

grande medida, essa era uma consequência das “inspirações estrangeiras” do gênero, considerado por muitos uma importação e um sintoma de uma postura indesejável de abertura em relação a influências ocidentais. Ademais, a “flexibilidade política” que caracteriza o gênero, com seu forte potencial de criação de significados pouco previsíveis, tornou complexa a relação entre essa literatura e o Estado em determinados momentos históricos.

No início do século XX, a *intelligentsia* russa via na literatura de aventura um reflexo caquético da literatura de massas ocidental, que resultaria na “decadência cultural russa”<sup>163</sup>. O poeta Kornei Tchukóvski capitaneou a polêmica contra a influência da *pulp fiction*<sup>164</sup> estrangeira, publicando um ensaio no qual atribuía aos livros protagonizados pelo detetive Nat Pinkerton a responsabilidade pelo “barbarismo” e pela “pornografia” que tomavam de assalto a arte russa<sup>165</sup>. Do esforço empreendido por Tchukóvski em defesa da alta literatura russa – o qual vitimou também a tradição do *scientific romance* ligada a H.G. Wells, cujas viagens à lua e às profundezas do oceano seriam, de acordo com o poeta russo, povoadas por heróis parvos e pouco inspirados – surgiu o termo “Pinkertonovshchina”<sup>166</sup>, utilizado para desprestigiar a ficção de aventura até mesmo após 1917.

A bem sucedida trajetória comercial do gênero foi brevemente interrompida pela eclosão da guerra civil russa, que resultou no efetivo colapso do mercado editorial do país. Nos anos que se seguiram à vitória dos bolcheviques, no entanto, a ficção de aventura retomou a rota ascendente, rapidamente superando as cifras de circulação de exemplares do período pré-revolucionário. A revista mensal Мир приключений<sup>167</sup> foi relançada, e serviu de plataforma para inúmeros contos de aventura de teor científico. A revista ilustrada Всемирный следопыт<sup>168</sup>, dedicada a “viagens, aventuras e fantasia científica”, lançada em 1925 com uma tiragem de quinze mil cópias, alcançaria a cifra de cem mil exemplares em 1929. A revista Вокруг света<sup>169</sup>, relançada em 1927, alcançou tamanha popularidade que seus editores se viram obrigados a trocar o formato

---

<sup>163</sup> SCHWARTZ, 2013

<sup>164</sup> A ficção popularizada produzida em massa e publicada em revistas baratas na primeira metade do século XX.

<sup>165</sup> TCHUKOVSKI, 2003

<sup>166</sup> Sobre o fenômeno que veio a ser depreciativamente conhecido como *Pinkertonovshchina* (isto é, o enorme influxo de livros serializados inspirados principalmente pelas aventuras dos detetives Nick Carter, Sherlock Holmes e Nat Pinkerton), ver DRALYUK, 2012

<sup>167</sup> *Mir priključeni*, “Mundo de aventuras”.

<sup>168</sup> *Vsemirni sledopit*, “Desbravador universal”.

<sup>169</sup> *Vokrug sveta*, “Ao redor do mundo”.

mensal pelo quinzenal em 1929, e então a publicar três edições por mês no ano seguinte, com tiragens que flutuavam entre as 250 mil e 300 mil cópias<sup>170</sup>.

Tamanho era o sucesso do segmento que até mesmo editoras ligadas ao Partido passaram a publicar o tipo de revista que intercalava textos de divulgação científica com histórias ficcionais de aventura:

for instance, in 1926 the Komsomol publication *Molodaia gvardiia* successfully established the monthly popular “scientific and adventure magazine for adolescents,” *Znanie—sila*. Even the Leningrad party committee took care of its members with a biweekly magazine also called *Vokrug sveta* (1927–1930), which increased its circulation within one year from 10,000 to 100,000 copies and in 1929 even changed to a weekly format with dozens of supplements.<sup>171</sup>

Assim, a literatura de aventura se consolidou com um dos gêneros mais lidos na URSS no período da NEP<sup>172</sup>. Todavia, apesar dos protestos de Trótski, que desde a década de 1910 denunciava como reacionário o posicionamento de Tchukóvski e da *intelligentsia*, as aventuras de teor científico adentraram os anos 1920 sob renovadas críticas.

Bukhárin propunha a criação de uma literatura de aventura capaz de rivalizar, em termos de popularidade, com a *Pinkertonovshchina* e de, simultaneamente, apresentar o tipo de engajamento político capaz de aplacar os anseios dos setores da *intelligentsia* que ainda viam no gênero uma ameaça à cultura do país. O “Pinkerton comunista” defendido por Bukhárin seria erigido sobre a estrutura geral da ficção de aventura estrangeira e daquela que se desenvolvia de modo incipiente no país, mas substituiria o romantismo colonial típico do gênero – o avanço sobre espaços alterizados, a exploração de regiões “inexploradas” e “selvagens”, a busca por civilizações e tesouros perdidos, o domínio sobre povos “incivilizados” – pelo “romantismo revolucionário” – a conquista da natureza por meio da tecnologia, a

---

<sup>170</sup> SCHWARTZ, 2013, p. 229

<sup>171</sup> “em 1926, por exemplo, a publicação *Molodaia gvardiia*, ligada ao Komsomol, lançou com sucesso a *Znanie - sila*, uma revista mensal popular “sobre ciência e aventura, voltada a adolescentes”. Até mesmo o comitê partidário de Leningrado enviava aos seus membros uma revista bissemanal também intitulada *Vokrug sveta* (1927–1930), cuja circulação aumentou de 10.000 para 100.000 no período de um ano, e que em 1929 adotou um formato semanal com dezenas de suplementos” SCHWARTZ, 2013, p. 229

<sup>172</sup> Schwartz aponta, por exemplo, que *A Máquina do Tempo* de Wells teve doze edições soviéticas entre 1918 e 1935.

construção do futuro brilhante da sociedade comunista, a luta contra vilões imperialistas.

A proposta de Bukhárin acabou por produzir efeitos apenas parciais: se por um lado os autores e editores da ficção de aventura empreenderam esforços no sentido de se adequarem às circunstâncias políticas que se apresentavam, inserindo em suas narrativas uma nova roupagem revolucionária – era comum nos livros de aventura a inclusão de introduções que ressaltavam os “fundamentos científicos” dos textos, característica que os diferenciaria das aventuras de cunho colonial ou dos romances góticos do século anterior e os colocaria em trajetória comum com os objetivos do novo governo bolchevique, cujo intuito era construir uma nova sociedade sobre uma base científica<sup>173</sup> –, o gênero continuou alheio ao engajamento político. Esse caráter da literatura popular de aventura dos anos 1920 é exemplificado pela sua representação ambígua da tecnologia: ao invés da conquista da natureza (ou da “tomada dos seus presentes”, na formulação de Michúrin), os avanços tecnológicos muitas vezes resultam em desastre e devastação, em guerra e morte – ainda que sejam tratados com reverência e causem grande fascínio<sup>174</sup>.

Dentre os escritores reconhecidos pela crítica do período, apenas Aleksei Tolstói e Marietta Chaginián se dedicaram seriamente à tarefa de construção do “Pinkerton soviético” politicamente engajado – Chaginián chegou a trabalhar em conjunto com Bukhárin perseguindo esse objetivo. Contudo, em meados dos anos 1920, a ausência de interesse de autores e da *intelligentsia* acabou por decretar o fim do gênero idealizado por Bukhárin.

A *Pinkertonovshchina* prosseguiria em ascensão até o fim da vigência da NEP. A Grande Virada (Великий перелом) de 1928, que resultou no fim da NEP e se desdobrou na implementação do primeiro plano quinquenal, coincidiu com a intensificação das atividades da RAPP<sup>175</sup> e das críticas à literatura que, de acordo com os ideólogos da organização – como Leopold Averback e Grigori Lelevitch – não era representativa da cultura proletária. Apesar da sua enorme popularidade entre a classe trabalhadora, a *Pinkertonovshchina* tornou-se um dos alvos preferenciais da RAPP, sob a justificativa de que suas ambientações “exóticas”, seus enredos oníricos e

---

<sup>173</sup> SCHWARTZ, 2013, p. 233

<sup>174</sup> SCHWARTZ, 2013, p. 230

<sup>175</sup> A Российская ассоциация пролетарских писателей, ou Associação russa dos escritores proletários, foi fundada em 1925, na esteira da desagregação do Proletkult. (KAHN et al., 2018, p. 529)



seus protagonistas alienígenas afastariam o público do esforço de construção socialista.<sup>176</sup>

Em resposta às avaliações adversas da RAPP, os editores e autores da literatura de aventura de teor científico se viram pressionados a desenvolver novas formas de apresentar o gênero como um modo de expressão legítimo e adequado às delicadas circunstâncias políticas. Em meio ao intenso ímpeto de industrialização que caracterizou o primeiro plano quinquenal, durante o qual a popularização da ciência era um imperativo governamental, o termo *nauchnaia fantastika* – “fantasia científica”, ou “ficção científica”<sup>177</sup> – surgiu como um meio de legitimar, ao menos parcialmente, a literatura de aventura:

Although terms such as adventure or Communist Pinkertons were inseparably associated with colonialism, imperialism, and capitalist metropolises, *nauchnaia fantastika* appeared to be a vehicle with a bare minimum of semantic coding, able to redefine the nightmarish-secretive semantics of the term fantastic with the help of the Romantic-revolutionary claims of the term scientific.<sup>178</sup>

O termo era politicamente útil pois, como aponta Cederlöf, a palavra наука (*naúka*, ou “ciência”, do qual deriva *naúchnaia*) carregava um conjunto de significados que não é perfeitamente recuperado pelas palavras “ciência” e “científica”, e facilitava as associações à pretensão soviética de reconstruir cientificamente a sociedade<sup>179</sup>. Assim, o nome *nauchnaia fantastika* – até então utilizado de forma pouco sistemática por figuras como Zamiátin e Vladimir Popov – foi crescentemente empregado a partir de 1928 para denotar a ficção que fazia uso de elementos científicos.

---

<sup>176</sup> SCHWARTZ, 2013, p. 234

<sup>177</sup> De acordo com Banerjee, o termo *nauchnaia fantastika* pode ter sido cunhado com base nos “scientific romances” franceses e ingleses do fim do século XIX (BANERJEE, 2012, p. 2). Sobre a origem do termo, ver: MCGUIRE, 1985

<sup>178</sup> “Enquanto termos como ‘aventura’ ou ‘Pinkerton comunista’ eram inevitavelmente associados ao colonialismo, ao imperialismo, e às metrópoles capitalistas, a ‘*nauchnaia fantastika*’ parecia ser um meio que carregava uma carga semântica mínima, sendo capaz de redefinir os significados obscuros e misteriosos do termo ‘fantástico’ com o auxílio das conotações românticas e revolucionárias do termo ‘científico’.” (SCHWARTZ, 2013, p. 235)

<sup>179</sup> CEDERLÖF, 2014, p. 6

ПУТЕШЕСТВИЯ  
ПРИКЛЮЧЕНИЯ

**ВСЕМИРНЫЙ**

НАУЧНАЯ  
ФАНТАСТИКА

№ 2 **СЛЕДОПЫТ** 1925 г.

ЕЖЕМЕСЯЧНЫЙ ИЛЛЮСТРИРОВАННЫЙ ЖУРНАЛ.



Приключения американского матроса  
на тихоокеанских островах.

#### I. Бегство с корабля.

Было два часа пополудни: со своей неудобной стоянки среди пролива у острова Самоа, в Тихом океане, военный корабль возвестил время—четыре склянки. Над головой свирепо сияло солнце сквозь какой-то огненный туман; внизу бухта отражала яркие переливчатые лучи; на внешнем рифе длинные волны пенились и перекачивались, сверкая белизной своих гребней. Сидя на своем насесте, подвешенный под носом корабля «Северное Сияние», матрос, с кистью в руках, медленно изживал томительный день. Это был красивый мужчина, лет тридцати, в расстегнутой до пояса красной фуфайке, с обнаженными до локтя руками, усеянными брызгами краски.

*A capa da edição número 2 da revista Vsemirni sledopit de 1925 exemplifica a utilização não-sistematizada do termo nautchnaia fantastika: o editor da publicação, Vladimir Popov, usava a expressão para se referir a textos de popularização científica.*

*Apenas em edições posteriores a revista utilizaria o termo para se referir a textos de ficção.*

Além da ampliação do uso do termo *nautchnaia fantastika*, os editores do gênero empreenderam um esforço no sentido de delinear uma marcada distinção entre a ficção científica “legítima” – baseada na ciência e capaz de expandir a imaginação científica do público – e a ficção científica “baixa” – as antiquadas fantasias científicas identificadas com a *Pinkertonovshchina* que apresentavam os avanços técnicos como possível fonte de grandes catástrofes. A revista *Vsemirni sledopit*, por exemplo, promoveu em 1928 um concurso literário com o declarado objetivo de atingir as massas de leitores. Os editores expressamente incentivavam o envio de contos de ficção científica que tratassem da “химико-технической рационализации промышленности и сельского хозяйства”<sup>180</sup> e que fossem escritos sobre “действительно-научной основы”<sup>181</sup>.

No ano seguinte, a revista publicou um editorial lamentando o fato de que a maior parte dos contos recebidos fora escrita no estilo da *Pinkertonovshchina*, e incentivando a criação de uma ficção científica baseada em princípios científicos concretos, capaz de insuflar no público a curiosidade científica e a familiaridade com os desenvolvimentos tecnológicos soviéticos que ocorriam em ritmo vertiginoso:

Литературный конкурс 1928 года, устроенный нашим журналом, собрал свыше двухсот рукописей, присланных со всех концов СССР. [...] но из них очень мало с новыми проблемами, сколько-нибудь обоснованными научно [...] сильно чувствуется недостаток научной подготовки у авторов, той базы, без которой невозможно создать научно-фантастического рассказа. Большая часть рассказов очень туманно и неопределенно говорит о «какой-то» машине, «каком-то» новом веществе, «какой-то» необычайной формуле, а в чем сущность нового открытия - не разъясняется, так как сами авторы, видимо, особенно не задумывались над этим важным для рассказа вопросом, а более заботились о приключениях своих героев, забывая самую

---

<sup>180</sup> “racionalização técnico-química da produção industrial e agrícola”.

<sup>181</sup> “bases genuinamente científicas”.

главную цель таких произведений - попутно с действием, увлекательной фабулой, ознакомить читателя с какой-либо отраслью знания и новейшими научными открытиями. [...] Рассказы «Открытие товарища Светаша» (средство от усталости) и «Земля - фабрика» (лекточная посадка ржи, удесуатирующая урожай) привлекают внимание своими современными темами, но оба рассказа кончаются беспричинной непоследовательной гибелью героев вместе с их открытиями (например, одного - от удара молнии), так что производят впечатление мрачной безнадежности, хотя реальная жизнь рисует нам, наоборот, беспрерывные завоевания науки и дает живые примеры успехов изобретателей в результате упорного труда и неуклонной энергии [...] Нам не нужны рассказы, в которых герой мчался бы обязательно на невиданных аэропланах, открывал «тайну жизни» и «сушеный кислород». Нам нужна революционная фантастика, основанная на действительных последних достижениях советской науки.<sup>182</sup>

Desse modo, os editores da *Vsemirni sledopit* promoviam a *nautchnaia fantastika* como um gênero legítimo, o qual ia ao encontro dos objetivos de divulgação científica e de difusão da cultura proletária. Esses são alguns dos atributos que o poeta e autor de ficção científica Abram Palei tentou associar à *nautchnaia fantastika* em um ensaio publicado na revista *Revoliutsia i kultura*, por exemplo. De acordo com Palei, a nova literatura fantástica soviética deveria ser desenvolvida a partir dos paradigmas

---

<sup>182</sup> “O concurso literário organizado em 1928 pela nossa revista recebeu mais de duzentos manuscritos, enviados de todas as partes da URSS [...] mas dentre eles, poucos apresentaram questões novas, poucos possuíam base científica [...] é perceptível a ausência de formação científica dos autores, da base sem a qual é impossível criar um conto de ficção científica. Grande parte das histórias mencionam vagamente "uma tal" máquina, "uma tal" nova substância, "uma tal" fórmula extraordinária. Mas a essência dessas tais novas descobertas não é explicada, dado que os próprios autores evidentemente não dedicaram muita atenção a essas questões centrais, priorizando, ao invés disso, as peripécias de suas personagens. Eles se esquecem do objetivo principal dessas histórias: familiarizar o leitor com algum novo ramo do conhecimento e com as mais novas descobertas científicas, ao mesmo tempo em que apresenta a ação e o enredo envolvente [...] O conto "A descoberta do camarada Svetach" (um remédio para a fadiga) e "A Terra é uma fábrica" (sobre como um arranjo de plantio melhora a colheita) chamam a atenção por seus temas contemporâneos; mas ambas as histórias terminam com a destruição gratuita e mal explicada dos protagonistas juntamente com as suas invenções (por exemplo, um deles é atingido por um raio). Isso cria uma impressão de desesperança melancólica, que contrasta com a vida real, a qual nos apresenta uma sequência sem fim de avanços científicos, além de exemplos vivos de inventores que alcançam o sucesso por meio do trabalho duro e do ímpeto inabalável [...] Nós não precisamos de contos nos quais o protagonista acelera o seu avião experimental, descobre o "segredo da vida", ou o "oxigênio em pó". Nós precisamos de uma ficção científica revolucionária, escrita com base nos mais recentes desenvolvimentos reais da ciência soviética.” (*Vsemirni sledopit* 2 (1929): 148-149).

encontrados nas obras de Bogdanov e Aleksei Tolstói, e ter como objetivos centrais a popularização das inovações científicas e a instigação da imaginação tecnológica do público, além de corresponder aos padrões da alta literatura, deixando para trás o estilo popularesco da *Pinkertonovshchina*.<sup>183</sup>

Somadas à alta popularidade do gênero, as estratégias de legitimação *nautchnaia fantastika* foram capazes de aplacar as críticas da RAPP por um curto período. Todavia, até a sua dissolução em 1932, a RAPP recrudesceria suas críticas à *nautchnaia fantastika*, e a maior parte das editoras especializadas seria nacionalizada ou encerraria as suas atividades<sup>184</sup>.

Em abril de 1932, o Comitê Central do PCUS publicou a resolução “О перестройке литературно-художественных организаций”<sup>185</sup>, cujo efeito foi a centralização da literatura soviética, com o desmantelamento dos grupos literários até então existentes – incluindo o *Proletkult*, que ainda existia formalmente, e a RAPP –, os quais teriam cumprido a sua função como entidades independentes e começado a se transformar em um meio de formação de círculos exclusivos, distanciados do objetivo de união criativa entre todos os escritores em torno da construção socialista<sup>186</sup>.

Considerando-se o papel desempenhado pela RAPP desde o final da década de 1920, não surpreende o fato de que a resolução que decretou a extinção da organização, somada à perspectiva de um reinício para a literatura soviética sob a forma do primeiro Congresso dos Escritores Soviéticos, de 1934, tenha gerado enorme entusiasmo entre muitos autores e editores<sup>187</sup>, incluindo aqueles envolvidos na criação da *nautchnaia fantastika*. O otimismo dos autores de ficção científica às vésperas do início do Congresso dos Escritores é ilustrado pela carta aberta publicada em agosto de 1934 por Aleksandr Beliaiev – um dos mais populares escritores do gênero nos anos 1920 –, a qual clama pela revitalização da *nautchnaia fantastika*. Beliaiev argumenta que existia, entre o público, uma considerável demanda represada por textos de ficção científica, e

---

<sup>183</sup> PALEI, 1929, p. 63-68

<sup>184</sup> SCHWARTZ, 2013, p. 235-236

<sup>185</sup> “Sobre a reestruturação das organizações literárias e artísticas”.

<sup>186</sup> KAHN et al., 2018, p. 542-543

<sup>187</sup> “‘With one stroke of the pen,’ as the literary scholar Lazar Fleishman has written, Stalin’s perestroika ‘drove from the literary arena those who only yesterday had seemed the omnipotent arbiters of writers’ destinies... The dimension of the euphoria that seized Soviet writers in the summer and fall of 1932 had no precedent.’” [“‘Com uma canetada’, como descreveu o crítico Lazar Fleischmann, a perestroika de Stalin ‘afastou do campo literário aqueles que no dia anterior pareciam ser os onipotentes juizes do destino dos escritores... A dimensão da euforia que tomou os escritores soviéticos no verão e outono de 1932 era inédita.’”] (NAVROZOV, 1995)

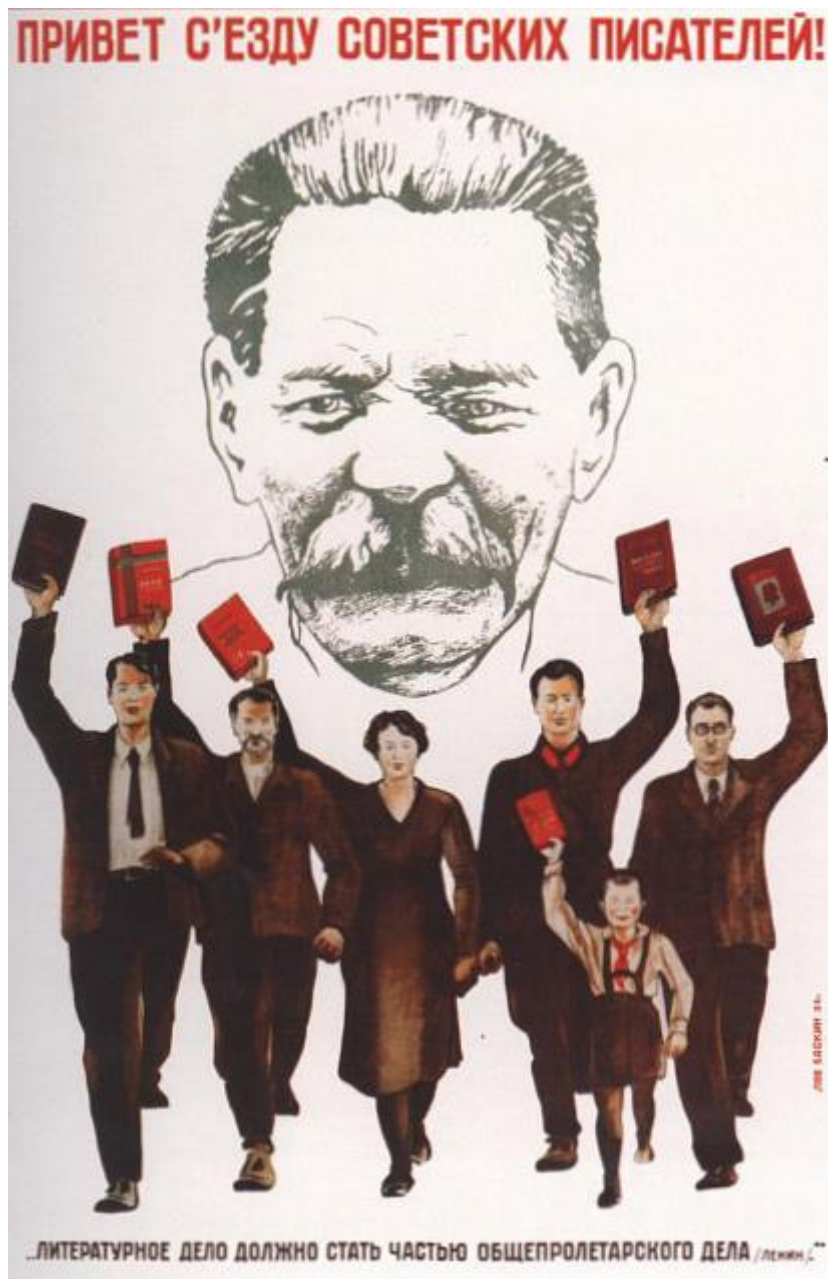
que o duro tratamento dispensado pela crítica e pelo mercado editorial ao gênero dificultava enormemente o seu desenvolvimento:

Если советская литература отстает от темпов нашего строительства, то научно-фантастический жанр является наиболее отсталым участком литературы. [...] Произведения, напечатанные до первой пятилетки, естественно не могли отвечать современным требованиям [...] В то время научная фантастика имела более скромные задачи. В продолжении всей первой пятилетки научно-фантастический жанр был, по существу, снят с литературного производства. И лишь после окончания первой пятилетки настало время заглянуть и в будущее, — научная фантастика была призвана на действительную службу социалистическому строительству. Это было всего полтора года назад, срок едва достаточный, чтобы написать один хороший роман и уже совершенно не достаточный, чтобы создать по существу новый вид литературы [...] На научную фантастику были возложены увлекательнейшие, но и труднейшие задачи. [...] От научной фантастики у нас требуется строгая научная обоснованность. Границы науки и научной фантазии неуловимы. Если «допущение» недостаточно обосновано научно, произведение квалифицируется, (иногда и незаслуженно) как «беспочвенная фантастика», «псевдо-научная фантастика» [...] Все трудности при создании подлинно советской научной фантастики разрешаются автором на ходу производства, «приблизженными исчислениями», опытом, экспериментом. Как результат, — огромные «отходы производства» [...] Литературные критики, профессионалы оказались также неподготовленными к новой роли — критиковать произведения, имеющие научную, техническую основу. О научно-фантастических произведениях они пишут мало не из пренебрежения к этому жанру (как кажется некоторым), а просто потому, что не знают, как «подойти». [...] Издательства. Научно-фантастический роман должен отвечать и художественным и научным требованиям. «Производственные расходы» в этом жанре выше, чем в других. И казалось бы, научная фантастика должна оплачиваться если не выше, то и не ниже средней оплаты

за художественную прозу. Оплачивается же она по серии «научно-популярной» литературы, — по ставкам более низким, чем ставки для так называемой «большой литературы». Последствием этого является не только недостаточно высокое качество продукции, но и отсутствие кадров: прозаику «большой» литературы (хотя бы и с небольшим именем) просто невыгодно всецело переключаться на фантастику [...] Даже литературный молодежник, при данных условиях не прельщается высоким званием «советского Жюль-Верна». Молодой советский читатель любит научную фантастику, увлекается научно-фантастическими романами, охотится за ними, читает и перечитывает их. Он прощает автору неизбежные ошибки и болезни роста [...] Он. — пока только он, — морально поддерживает автора на трудном, ответственном пути создания подлинной советской научной фантастики. Эта горячая поддержка молодого читателя, — комсомольца в первую очередь, — гарантия того, что все трудности будут преодолены, и он, читатель, получит полноценный советский научно-фантастический роман, отвечающий всем требованиям нашего времени.<sup>188</sup>

---

<sup>188</sup> “Se o ritmo de desenvolvimento da literatura soviética possui uma defasagem em relação ao ritmo da construção da sociedade soviética, o gênero da ficção científica é o mais atrasado [...] As obras publicadas antes do primeiro plano quinquenal naturalmente não podiam corresponder às expectativas contemporâneas [...] Na época, a ficção científica possuía objetivos mais modestos. Ao longo do primeiro plano quinquenal, o gênero de ficção científica foi essencialmente removido do campo literário. Apenas após o final do primeiro plano quinquenal chegou o momento de olhar para o futuro, e a ficção científica foi colocada a serviço da construção socialista. Isso ocorreu há apenas um ano e meio, tempo escasso para a escrita de um romance, e certamente insuficiente para a criação de um tipo essencialmente novo de literatura [...] A ficção científica recebeu as mais fascinantes das tarefas, mas também as mais difíceis [...] Exige-se da ficção científica uma fundamentação científica rigorosa. Os limites entre a ciência e a fantasia científica são sutis. Se as nossas ‘suposições’ não são suficientemente fundamentadas na ciência, nossas obras são classificadas (muitas vezes injustamente) como ‘fantasias infundadas’, como ‘ficção pseudo-científica’ [...] Todas as dificuldades na criação de uma ficção científica verdadeiramente soviética são solucionadas pelos autores durante o processo de escrita, por meio de ‘cálculos aproximados’, da tentativa e erro e de experimentos. O resultado disso é um processo criativo extremamente exigente [...] Os críticos literários também não estavam preparados para tecer críticas a obras de base técnica e científica. Eles escrevem pouco sobre obras de ficção científica, não por desprezo ao gênero (como parece a alguns), mas por não saber como abordá-lo [...] Em relação às editoras: exige-se de um romance de ficção científica méritos artísticos e científicos. Assim, as demandas do processo criativo são maiores nesse gênero do que em outros. Portanto é de se pensar que a ficção científica deveria ser mais bem remunerada do que a prosa de ficção, ou ser ao menos tão bem remunerada quanto ela. Mas a ficção científica é remunerada a taxas correspondentes às da literatura popular de ciências, inferiores às da chamada ‘alta literatura’. A consequência disso é a insuficiência na qualidade da produção, e também um esvaziamento dos quadros: para um autor de ‘alta literatura’ (mesmo que não goze de grande fama) simplesmente não vale a pena se dedicar inteiramente à ficção científica [...] Sob



*Привет съезду советских писателей! (Баскин Л.)<sup>189</sup>*

As expectativas de autores e editores de ficção científica em relação ao Congresso dos Escritores de 1934 foram amplamente frustradas: os muitos escritores que interpretaram a resolução de abril de 1932 como um sinal de que as restrições

---

essas condições, nem mesmo a nova geração é seduzida pela perspectiva de receber o título de ‘Julio Verne soviético’. O jovem leitor soviético adora a ficção científica, é cativado pelos romances do gênero, vive atrás deles, os lê e relê. Ele perdoa os erros que o autor inevitavelmente comete, pois entende que ele também está aprendendo [...] Ele (e até agora apenas ele) fornece apoio moral ao escritor na difícil tarefa de criar uma ficção científica autenticamente soviética. Esse apoio entusiasmado do jovem leitor (dos membros da Komsomol, principalmente) garante que todas as dificuldades serão superadas, e que este leitor terá acesso a um romance de ficção científica plenamente soviético, que corresponda a todas as exigências do nosso tempo”. (BELIAIEV, 1934)

<sup>189</sup> “Saudações ao Congresso dos Escritores Soviéticos” (L. Baskin, 1934).



impostas pela RAPP chegariam ao fim eventualmente compreenderam que a União dos Escritores desempenharia papel semelhante<sup>190</sup>; já os autores de ficção científica viram as suas expectativas de uma revitalização da *nautchnaia fantastika* serem suplantadas pela proposta de implementação da *nautchno-khudojestvennaia literatura*, ou “literatura ficcional científica”.

Maksim Górkki e Samuil Marchak apresentaram o conceito de *nautchno-khudojestvennaia literatura* como um contraponto à ficção científica, classificada por Marchak como um “contrabando” originado nos países burgueses:

Недаром хитреют у нас всякие «Всемирные следопыты» и другие журналы, пытающиеся возродить воскресную литературу «сильных ощущений». Напросто пытаются они спасти свой контрабандный груз, поднимая над ним советский флаг. Такой контрабанды у нас не утаишь. Конечно нельзя сказать, что мы уже навеки освободились от той фальсификации жизни и борьбы, которая так хитро была пущена в оборот предприимчивыми издателями в буржуазных странах.<sup>191</sup>

A *nautchno-khudojestvennaia literatura*, substituiria a literatura de aventura e a *nautchnaia fantastika*, e consistiria em relatos semi-ficcionais dos grandes projetos de engenharia e indústria que transformavam o país, com foco na difusão de conhecimento e na exaltação de operários e engenheiros. Ademais, a *nautchno-khudojestvennaia literatura* seria voltada primariamente ao público infantil<sup>192</sup>. Assim, a única forma de “ficção científica” sancionada pela União dos Escritores seria afastada do público adulto e dos significados imprevisíveis e ambíguos que sempre caracterizaram o gênero.

---

<sup>190</sup> “Many writers happily interpreted this document as a license to avoid the dictatorship of RAPP. The result, however, proved to be far from liberation: the Soviet Writers' Union became a ministry of literature, controlling magazines and presses, and ideologically supervising all literary work before, during, and after publication.” [“Muitos escritores alegremente interpretaram o documento como uma licença em relação à repressão da RAPP. O resultado, contudo, mostrou-se muito diferente: a União dos Escritores Soviéticos se tornou um ministério da literatura, controlando revistas e publicações, e supervisionando ideologicamente todas as obras literárias antes, durante e após a publicação.”] (KAHN et al., 2018, p. 543)

<sup>191</sup> “Não é coincidência que as tentativas feitas pela ‘Vsemirni sledopit’ e outras revistas do tipo no sentido de reviver a literatura dominical de “fortes emoções” estejam esmorecendo. Elas tentam, em vão, salvar a sua carga contrabandeada, içando sobre ela a bandeira soviética. Esse tipo de contrabando não pode ser escondido de nós. Não podemos imaginar, é claro, já termos nos livrado para sempre desse tipo de falsificação da vida e da luta, que foi tão arditosamente posto em circulação por editoras privadas do mundo burguês”.

<sup>192</sup> SCHWARTZ, 2013, p. 237

Nos anos seguintes, a ideia de Górkí e Marchak se provou um retumbante fracasso, dado o amplo desinteresse de autores e do público leitor. Por outro lado, a popularidade da *nautchnaia fantastika* persistia, ensejando o surgimento de um mercado informal de circulação de edições antigas dos anos 1920. Esparsas novas publicações também encontraram grande acolhida – um texto inédito de Beliaiev publicado entre 1934 e 1935, por exemplo, foi eleito a melhor publicação do ano “praticamente em uníssono” pelos leitores soviéticos<sup>193</sup>.

Na segunda metade da década de 1930, a *nautchnaia fantastika* voltou a ser regularmente impressa em periódicos e livros. Esse retorno, contudo, não significou o fim das polêmicas em torno do gênero. Ao lado de ex-ativistas da RAPP, Viktor Chklovski expressava seu desdém pela ficção científica soviética, argumentando se tratar de uma literatura excessivamente influenciada pelos romances de aventura burgueses, e defendia a revitalização da *nautchno-khudojestvennaia literatura*<sup>194</sup>.

Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, tais discussões perderam seu objeto: excetuando-se raras manifestações pontuais, a ficção científica desapareceu da URSS no período. Esse desolador cenário seria agravado ao final do conflito, com a concretização do retorno da *nautchno-khudojestvennaia literatura*. A introdução da *Jdanovshchina*<sup>195</sup> no cenário cultural soviético significou uma nova tentativa de conformar toda a ficção científica produzida no país aos objetivos educacionais e de popularização científica característicos da *nautchno-khudojestvennaia literatura*. Essa instrumentalização do gênero era especialmente importante em meio à implementação do Grande Plano para a Transformação da Natureza<sup>196</sup>.

O segundo fôlego da *nautchno-khudojestvennaia literatura* foi de tal modo desastroso que a ficção científica soviética permaneceria em animação suspensa até o lançamento do Sputnik e a inauguração da era espacial<sup>197</sup>.

Vemos, deste modo, que entre as décadas de 1920 e 1940 a ficção científica soviética – representada pela ficção de aventura de teor científico e pela *nautchnaia*

---

<sup>193</sup> SCHWARTZ, 2013, p. 238

<sup>194</sup> SCHWARTZ, 2013, p. 243

<sup>195</sup> A política cultural desenvolvida pelo secretário do Comitê Central Andrei Jdánov orbitava em torno da oposição à influência ocidental. Anna Akhmatova e Mikhail Zoshchenko tornaram-se alvos preferenciais. (KAHN et al., 2018, p. 546)

<sup>196</sup> SCHWARTZ, 2013, p. 244

<sup>197</sup> O primeiro grande romance de Ivan Efremov, *Туманность Андромеды* [*Nebulosa de Andrômeda*], foi publicado em 1957, ano do lançamento do satélite soviético. Os irmãos Strugátski publicariam seu primeiro conto no ano seguinte.

*fantastika* – se desenvolveu em meio a fortes tensionamentos com as organizações literárias governamentais. Os potenciais pouco previsíveis do gênero – além de suas supostas filiações ocidentais – ensejaram diversas tentativas de infantilizá-lo<sup>198</sup> e submetê-lo a certos limites formais e temáticos. Autores e editores do gênero buscaram constantemente negociar esses limites, e lograram criar um tipo de texto extremamente popular, capaz de aliar a divulgação científica, enredos envolventes e a reflexão sobre o seu tempo de escrita.

A segunda “onda” de ficção científica soviética – surgida em um período pontuado não apenas pelas conquistas espaciais do Sputnik e do envio de cosmonautas ao espaço, mas também pelos processos de desestalinização e relativo relaxamento da censura, no campo cultural, e ainda pela expectativa em relação à concretização dos ideais do comunismo, declarada iminente no Congresso do Partido em 1961 – seria inicialmente marcada pelo otimismo e pelo retrato de utopias socialistas tecnicamente avançadas, como as descritas nos romances iniciais dos Strugátski e de Ivan Efrémov<sup>199</sup>. Assim, a ressurgência da FC nos anos 1950 foi reflexo de condições políticas específicas, e seu desenvolvimento nas décadas seguintes se deu em um período peculiar da história soviética, o que permitiu a expansão das possibilidades do gênero como meio de representação. No contexto da *virada performativa*, quando a forma reinava suprema sobre o conteúdo, a ficção científica foi capaz de funcionar formalmente como o gênero que se viu obrigado a ser a partir do final dos anos 1920 – isto é, literatura infantil – e, simultaneamente, expressar um conteúdo inesperado e imprevisível<sup>200</sup>.

---

<sup>198</sup> De acordo com Leonid Heller, o gênero passou a ser deslocado em direção às margens da esfera cultural soviética, sendo direcionado quase exclusivamente a um público infantil. (HELLER, 1985)

<sup>199</sup> De acordo com Jameson, o livro *Туманность Андромеды* marca o retorno da ficção científica soviética após a morte do Stálin e abre caminho para as contribuições dos Strugátski. O livro do Efrémov é bastante marcado pelo otimismo que na época tomou conta de algumas camadas da sociedade soviética – particularmente da *intelligentsia* científica –, e apresenta o mundo de 3.000 anos no futuro como uma utopia marxista extremamente avançada (JAMESON, 2005)

<sup>200</sup> “De acordo com Alexei Yurchak, a *virada performativa* teve origem em uma contradição fundamental existente na constituição do sistema soviético. Ele chama este desacordo de “paradoxo de Lefort”, em referência a Claude Lefort, o filósofo francês que descreveu o conflito existente entre a enunciação ideológica e o governo ideológico, isto é, entre os ideais teóricos e as preocupações práticas das autoridades políticas de Estados modernos – fenômeno que se manifesta no contexto soviético sob a forma do conflito entre o ideal da libertação completa da humanidade e do indivíduo através da construção do comunismo (e do *novo homem soviético*) e a forma centralizada de exercício de poder por uma burocracia. Yurchak afirma que o “paradoxo de Lefort” era oculto pela figura de Stalin, que ocupava o papel de “editor externo” e comentador do discurso de autoridade soviético. Após a sua morte, não havia ninguém capaz de criar um metadiscorso sobre a ideologia, ou seja, apontar quais elementos do discurso e do conhecimento eram verdadeiramente socialistas. Após a morte de Stalin, “a posição externa *vis-à-vis* o discurso e o conhecimento desapareceu. O principal resultado disso (...) foi uma profunda

As polêmicas em torno do gênero, todavia, prosseguiram, e uma década após a emergência dessa segunda onda, o status da ficção científica voltou a diminuir quando as autoridades novamente deram atenção aos potenciais pouco previsíveis do gênero<sup>201</sup>. Apesar da queda no número de publicações, a ficção científica soviética se manteve presente na cultura soviética das décadas seguintes, ocupando uma posição limite, unindo o sério e o popular, a alta cultura e a cultura de massas<sup>202</sup>, o encorajado e o reprovável<sup>203</sup>.

### 1.3.2 O que surgiu da ficção científica soviética?

Até este ponto, de modo a compreender o espaço ocupado pela ficção científica nas sociedades russa e soviética, focamos na forma com que certas manifestações do gênero foram, tanto antes quanto depois de 1917, abraçadas por amplos contingentes populacionais e rechaçadas por uma significativa parte da *intelligentsia* e pelas

---

reorganização de todo o regime discursivo do socialismo”. Com isso, sugere o autor, deu-se um fenômeno chamado por ele de *virada performativa*, no qual os significantes (ou a função poética) do discurso de autoridade eram meticulosamente reproduzidos, enquanto os seus significados (ou a função referencial) eram relativamente desimportantes. Assim, durante as últimas quatro décadas da existência da URSS, os discursos proferidos pelas lideranças soviéticas e os rituais sociais (desfiles, reuniões da Komsomol, etc) tornaram-se muito mais significativos em um nível poético do que em um nível referencial. Uma das consequências deste processo foi o alargamento das possibilidades de criação e difusão de sentidos referenciais na vida diária, o que, em última análise, resultou no surgimento, no interior da cultura soviética, de novos espaços culturais. (...) era comum que os participantes de reuniões da Komsomol votassem a favor de resoluções sem dar atenção ao que elas diziam. De acordo com Yurchak, a participação nesses atos permitia que a pessoa se mantivesse como “uma pessoa soviética ‘normal’ no interior do sistema de relações, coletividades e posições sociais, com todas as limitações e possibilidades inerentes a esta posição, o que incluía até mesmo a possibilidade de que, após a reunião, a pessoa se dedicasse a interesses, atividades e sentidos que se opusessem àqueles afirmados nas resoluções a favor das quais ela havia votado. Seria obviamente um erro ver estes atos de votação simplesmente como afirmações referenciais de apoio a resoluções que podem ser verdadeiras (apoio real) ou falsas (apoio dissimulado). Estes atos não tratam da afirmação de fatos e da descrição de opiniões, mas da realização de ações e da abertura de novas possibilidades”. Neste caso, a reprodução performativa (o ato de votar) permitia a substituição do sentido referencial original (o apoio às resoluções) por um novo significado (o lazer, sob a forma da leitura) (SOMA, 2016)

<sup>201</sup> “The 1960s and especially the 1970s also witnessed the transformation of science fiction into an Aesopian sub-genre [...] It reemerged as a significant cultural force after the Thaw. Extremely popular among the scientific-*intelligentsia*, it was more political than scientific by design: most typically, it employed socio-political parallels between distant planets and political processes in the Soviet Union.” (KAHN et al., 2018, p. 552)

<sup>202</sup> De acordo com Cederlöf, a ficção científica soviética “não era o tipo de literatura marginal representado pela sua contraparte ocidental”, pois era popular e, ao mesmo tempo, associada à *intelligentsia* técnica, grupo que gozava de grande prestígio social. (CEDERLÖF, 2014, p. 10)

<sup>203</sup> Como aponta Yvonne Howell, os Strugátski eram exemplo disso, ocupando uma “posição precária e de certo modo anômala de escritores que não eram inteiramente aprovados ou oficialmente proibidos”. (HOWELL, 1994)

principais organizações literárias governamentais<sup>204</sup>, enquanto outras foram objeto de tentativas de instrumentalização.

Tal relação de atração e repulsão pode ser, de certo modo, explicada pela multiplicidade de potenciais contida no gênero de ficção científica (tomado em sua acepção mais ampla), o qual se mostra apto a provocar, simultaneamente, a imaginação científica do público – revelando vislumbres de um mundo fantasticamente científico e divulgando grandes projetos relacionados ao campo científico<sup>205</sup> –, a reflexão sobre os aspectos mais contraditórios de uma dada sociedade – o que hoje se manifesta na incitação à “meditação sobre o impossível”, no questionamento sobre relações de classe e sobre o modo de produção –, e a ponderação sobre aquilo que é radicalmente diferente.

Com o mesmo intuito de compreender a posição e função da ficção científica no mundo russo e soviético, interessa-nos examinar o modo com que o gênero integrou o acelerado processo de introdução da modernidade no país, tornando-se uma parte importante dos debates sobre as possibilidades e realidades inéditas que se abriam na virada do século XX<sup>206</sup>.

---

<sup>204</sup> O fato de a literatura de aventura de teor científico e a *nautchnaia fantastika* terem se mostrado mais populares do que as literaturas politicamente engajadas ou esteticamente vanguardistas é revelador das demandas do público leitor da primeira década que se seguiu à Revolução de 1917. Como aponta Schwartz, nos anos 1920 “thanks to the NEP’s limited market economy, there was a booming market for all kinds of adventure novels (and films), whereas proletarian and avant-garde experiments were mostly ignored by the broad public. The contradiction between the revolutionary new literature that was created in the name of the masses and the reading material that was genuinely popular was occasionally noted, but for the most part the intelligentsia dismissed “Communist Pinkertons” as a primitive and irrelevant transitional phenomenon that would soon vanish from the literary landscape.” [“em consequência da implementação limitada de uma economia de mercado durante a NEP, todo tipo de romance (e filme) de aventura gozou de uma forte expansão comercial; por outro lado, os experimentos proletários e vanguardistas eram amplamente ignorados pelo público em geral. A contradição entre a nova literatura revolucionária que havia sido criada em nome das massas e a ficção que efetivamente era popular entre esse público era ocasionalmente notada, mas em geral a intelligentsia desprezava os ‘Pinkertons comunistas’ como um fenômeno transitório primitivo e irrelevante que logo desapareceria do cenário literário”] (SCHWARTZ, 2013, p. 232)

<sup>205</sup> No caso soviético, a *nautchno-khudojestvennaia literatura* e sua relação com o *Grande Plano para a Transformação da Natureza* surgem como exemplos manifestos dos potenciais de divulgação e estímulo à imaginação científica do gênero, mas também é notório o papel desempenhado pela *science fiction* estadunidense como ferramenta governamental de divulgação das carreiras “STEM” – relacionadas às chamadas “ciências duras”, à tecnologia, à engenharia e à matemática (ver: DE LEPE, 2015; NICHOLAS, 2018).

<sup>206</sup> BANERJEE, 2012, p. 2

# Три рожденья Тюдди

Иллюстрированный популярно-научный журнал для семейного чтения.

№ 15

Выходит еженедельно по четвергам.

11 ФЕВРАЛЯ 1893 г.

Цена за годъ 5 руб. съ пер. 1/4 г.—2 р. 50 к. 1/2 г.—1 р. 25 к.

№ 15

Подписка принимается въ конторѣ редакціи, С.-Петербургъ, Вознесенскій пр., № 47.—Телефонъ редакціи № 507.

**СОДЕРЖАНІЕ:** Новый воздушный корабль (съ рис.). Очеркъ Г. Полозова.—Тайны Индіи. Очерки и рассказы Л. Жакомо.—Похороны индейцев у разныхъ народовъ. Культурно-историческій очеркъ (съ 3 рис.). В. В. Битнера.—Вокругъ свѣта прежде и теперь.—Въ текоатепекъ. (Картинка съ природы) (съ рис.).—Поездка въ страусовый паркъ Матаріе. Изъ воспоминаній объ Египтѣ Вл. В-ра.—Христовъ Колумбъ. Историческій романъ Е. Шрекника.—Затерянные въ океанѣ. Романъ Л. Жакомо.—Изъ области естествознанія.—Со свѣтъ свѣта.—Изъ области техники.—Полезные совѣты и рецепты.—Новыя книги.—Объявленія.

## НОВЫЙ ВОЗДУШНЫЙ КОРАБЛЬ.

Очеркъ Г. Полозова.

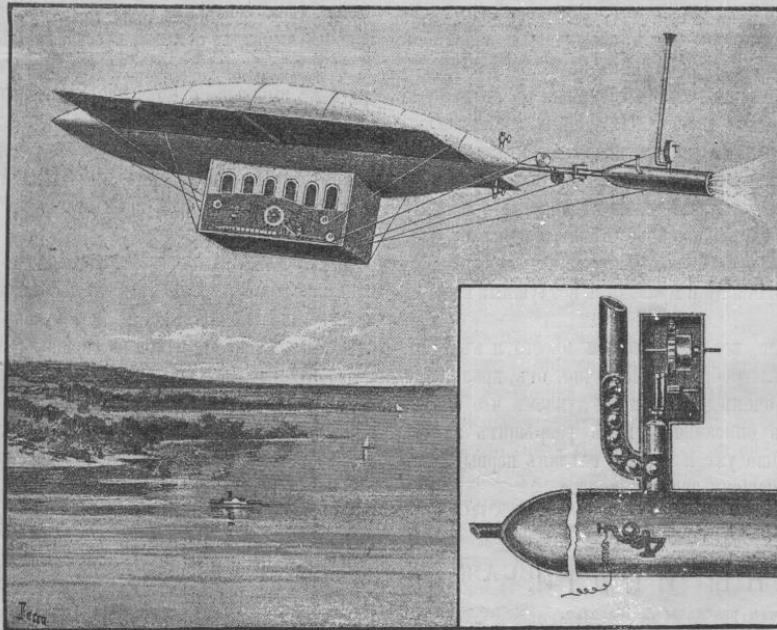
НЕСМОТРЯ на постоянныя неудачи, человѣческій гений неустанно работаетъ надъ разрѣшеніемъ великой задачи поко-

...воздушнаго ... При этомъ ... изслѣдова ... пытающихся ... совершенство ... авионику, ... различаются ... лагерь: одни, ... пользуясь ... обыкновен ... аэростатами ... типа, ста ... изучить ... чинными тече ... атмосферы, ... при помощи ... массивно пере ... въ же ... направле ... другіе, в ... изъ той мыс ... что воздуш ... шаръ старого ... всегда ... игрушки ... вѣтра и ни ... не доставитъ ... возможности ... властелиномъ ... атмосферы, ... пытаются замѣнить его аппара ... для летанія новыхъ системъ, настоящими воздушными ... аппаратами. Проектовъ послѣднихъ выработано уже множество, ... они страдаютъ однимъ существеннымъ недостаткомъ: ... двигателямъ не удастся при достаточно маломъ вѣсѣ своихъ

приборовъ снабдить ихъ достаточно сильными двигателями. Именно по причинѣ своей тяжести всѣ паровые двигатели оказались совершенно непригодными для цѣлей воздухоплаванія; больше надеждъ сулило электричество, но и тутъ задача оказалась до поры—до времени очень трудной; въ виду этого

позднѣйшіе изобрѣтатели стали искать иной двигательной силы и, повидимому, нашли вполне подходящую для своей цѣли въ силѣ давленія газовъ.

Французскій ученый Трувэ былъ первый, высказавшій идею о возможности воспользоваться для цѣлей авионики взрывчатыми веществами, при своемъ маломъ вѣсѣ и объемѣ развивающими огромное количество газовъ. Основываясь на этой идеѣ, американскій инженеръ Батти предложилъ



новый воздушный корабль.

недавно особый типъ воздушнаго корабля, приводимаго въ движеніе посредствомъ взрывовъ.

Корабль Батти состоитъ изъ трехъ частей: шара, двигателя и помѣщенія для воздухоплавателей. Первый имѣетъ форму сигары и сдѣланъ изъ непромокаемой матеріи, натянутой на остовъ изъ алюминіевыхъ трубокъ; извѣстно, что трубчатая

As polêmicas em torno da primeira onda de ficção científica russófona – as quais, como vimos, se estenderam entre o final do século XIX e os primeiros anos que se sucederam ao desfecho da Grande Guerra Patriótica – revelam que a *nautchnaia fantastika*, tomada em sua acepção mais ampla, adquiriu considerável significância nos campos culturais russo e soviético. Como aponta Banerjee, no período em que a *Pinkertonovshchina* era duramente criticada pelo *establishment* literário e a *nautchno-khudojestvennaia literatura* falhava em arregimentar público leitor, as diferentes manifestações do gênero de ficção científica eram amplamente “written, read, disseminated, and discussed not just in literary circles and popular media, but also by scientists and engineers, philosophers and policy makers”<sup>207</sup>. O engajamento desses atores sociais diversos com o gênero derivava da percepção de que ele poderia surgir como uma forma particularmente adequada ao mundo das modernas revoluções técnicas e científicas.

O engenheiro, crítico literário e autor vanguardista Zamiátin – figura que personifica o dilatado alcance da *nautchnaia fantastika* no período – capturou com precisão o impulso da ficção científica russa e soviética em sua busca por estabelecer uma relação com uma realidade em aceleradíssima transformação. De acordo com ele, o novo mundo, no qual a teoria da relatividade propunha uma radical alteração nas coordenadas sobre as quais o mundo era projetado, exigia uma arte radicalmente nova, capaz de projetar imagens sobre “superfícies rápidas e curvas”, e de “deslocar”, “distorcer” e “fugir à objetividade”.

A ficção surgida das narrativas de aventura ganhou corpo nas páginas das revistas científicas que se disseminavam rapidamente no mundo russófono da virada do século XX. Essa novíssima ficção com pretensões científicas se desenvolvia sobre paradigmas diversos daqueles que determinaram o realismo burguês do século anterior e também daqueles que condicionariam o realismo socialista a partir da década de 1930.

O que Zamiátin propunha é que o único modo de verdadeiramente confrontar uma realidade em profunda transformação tecnológica e científica – na qual a geometria não euclidiana, a mecânica einsteiniana, as máquinas velozes e o avião despontavam como a consubstanciação de uma nova cosmovisão – consistia em uma forma

---

<sup>207</sup> “escritas, lidas, disseminadas e discutidas, não apenas nos círculos literários e na mídia popular, mas também por cientistas e engenheiros, filósofos e formuladores de políticas públicas”. (BANERJEE, 2012, p. 6)

esteticamente revolucionária, capaz de desfamiliarizar e de criar projeções sobre coordenadas inéditas.

today, when exact science has exploded the very reality of matter, Realism has no roots; it is the refuge of old men and of old young men. In exact science, analysis is increasingly being replaced by synthesis [...] And these new beacons clearly stand before the new literature: from “real life” to the realities of being, from physics to philosophy, from analysis to synthesis. [...] Life itself today has lost its plane reality: it is projected, not along the old fixed points, but also the dynamic coordinates of Einstein, of revolution. In this new projection, the best-known formulas and objects become displaced, fantastic, familiar-unfamiliar. This is why it is so logical for literature today to be drawn to the fantastic plot [...] Russian literature, too, is gradually beginning to flow into this channel<sup>208</sup>

A nova literatura advogada por Zamiátin, surgiria, assim, como uma abordagem inovadora sobre o cisma que caracteriza a relação ocidental com o moderno<sup>209</sup>, e como uma tentativa de conciliar os aspectos mais contraditórios da relação entre o culto à ciência e uma estética moderna.

Indo além, Banerjee argumenta que, a partir das últimas décadas do século XIX, a ficção científica surgiu não apenas como o gênero literário mais adequado para

---

<sup>208</sup> “hoje, após as ciências exatas terem explodido a própria realidade da matéria, o Realismo não possui fundamentos; ele é o refúgio de homens velhos e de velhos homens jovens. Nas ciências exatas, a análise é cada vez mais substituída pela síntese (...) E essas novas balizas claramente se colocam diante da nova literatura: da ‘vida real’ às realidades do ser, da física à filosofia, da análise à síntese (...) Atualmente, a própria vida se distanciou da realidade plana: ela não é projetada sobre os velhos pontos fixos, mas sobre as coordenadas dinâmicas de Einstein, da revolução. Nessa nova projeção, as fórmulas e objetos mais conhecidos se tornam deslocados, fantásticos, familiares e desfamiliarizados. É por esse motivo que é tão óbvio que a literatura de hoje seja atraída ao enredo fantástico (...) A literatura russa também está gradualmente começando a caminhar nesta direção” (ZAMYATIN, 1970, p. 104-105)

<sup>209</sup> Como aponta Steinberg, teóricos como Matei Calinescu e Marshall Berman falam em uma modernidade dupla, ou de aspectos contraditórios, no Ocidente: “One modernity can be characterized by ‘the cult of reason,’ ‘the doctrine of progress, confidence in the beneficial possibilities of science and technology [...]’ The other is an aesthetic modernity, repelled by the contemporary bourgeois applications of reason, science, and time and embracing instead a modernity of defiant rebellion, passion, and often an ambivalent and pessimistic vision of progress and the future [...] modernism in literature, art, and intellectual life embraced less the rationalizing and reordering drive of modernization than its dynamic disruption, chaos, and flux” [“Uma modernidade pode ser caracterizada pelo ‘culto à razão’, pela ‘doutrina do progresso, a confiança nas possibilidades benéficas da ciência e da tecnologia (...)’. A outra é uma modernidade estética, repelida pelas aplicações burguesas contemporâneas da razão, da ciência, e do tempo, e atraída por uma modernidade de rebeldia desafiadora, pela paixão, e muitas vezes por uma visão do progresso e do futuro ambivalente e pessimista (...) o modernismo na literatura, na arte e na vida intelectual adotou menos o impulso racionalista e reorganizador da modernização do que o seu caráter disruptivo, caótico e inconstante”] (STEINBERG, 2002, p. 6)



retratar a realidade, mas também como um modo de construir a nova era moderna<sup>210</sup>. Isto é, em suas diversas manifestações, o gênero “seems to have metamorphosed from a novelty of popular culture to an integral part of intellectual debates about the best way to engage with the new realities of the unfolding twentieth century” e “connoted much more than a by-product of the consciousness that science and technology had become the primary driving forces of modern life [...] it evolved into an important participant in the formation of that consciousness”<sup>211</sup>. Tanto a carta publicada por Beliaiev em 1934 quanto as intervenções de Górkí e Marchak no Congresso do mesmo ano ilustram as disputas em torno da formação de tal consciência e da melhor forma de abordar a realidade em transformação. Zamiátin vai além ao discorrer sobre uma literatura projetada sobre novas coordenadas, demonstrando o liame que se formava entre a representação de uma modernidade incipiente e o processo de criação dessa mesma modernidade.

Algumas décadas antes de Zamiátin constatar que a ficção científica seria a forma literária adequada a representar e amoldar a nova e dinâmica realidade das revoluções científicas da virada do século, os editores da *Природа и люди*<sup>212</sup>, uma das mais populares revistas de popularização científica do final do século XIX, já pareciam vislumbrar na nascente *nauchnaia fantastika* o potencial de definir a realidade moderna:

Science and technology are defining modern reality by transforming not just everyday life, but the very ways in which we think and imagine. A new kind of writing called *nauchnaia fantastika*, scientific fantasy, is playing a not inconsequential role in this process. Is it not in the imagination where bold theories and amazing machines are first born? Along with news of the latest scientific and technological developments, therefore, our magazine will continue to present a rich

---

<sup>210</sup> De acordo com a autora, a segunda revolução industrial no Ocidente resultou em uma nova tentativa – após aquelas iniciadas por Pedro no início do século XVIII – de colocar a Rússia no mapa da modernidade. As discussões sobre os possíveis modos de recepção da modernidade em território russo dominariam a esfera intelectual no período, e a ficção científica foi colocada no centro desses debates.

<sup>211</sup> “parece ter se transformado de uma curiosidade da cultura popular em uma parte integral dos debates intelectuais sobre a melhor forma de se lidar com as novas realidades do incipiente século XX” e “conotava muito mais do que um subproduto da consciência de que a ciência e a tecnologia haviam se tornado as principais forças motrizes da vida moderna [...] tendo se tornado um importante participante na formação dessa consciência” (BARNERJEE, 2012, p. 2)

<sup>212</sup> *Priroda i Liudi*.

panorama of meditations on their potentials that will seem anything but fantastic to those of our times.<sup>213</sup>

Nesse sentido, o papel desempenhado pela ficção científica seria não apenas o de representar a inserção da modernização na realidade russa, mas também o de amoldar a mente russa às realidades da modernidade. Nos termos de Zamiátin, o gênero desempenharia a função de alterar profundamente a percepção do público, realizando o mesmo tipo de “implosão da realidade”, ou de radical alteração de paradigmas, resultantes das revoluções científicas representadas pela mecânica einsteiniana.

De acordo com tais proposições, as transformações mentais possibilitadas pela ficção científica poderiam, de certo modo, criar a realidade moderna. Isto é, os textos do gênero possuiriam uma dimensão performativa<sup>214</sup> capaz de efetivar uma “atitude” moderna<sup>215</sup>. Banerjee argumenta que a capacidade de “tornar real” inerente à ficção científica russa e soviética estava intimamente conectada ao caráter periférico da modernização em questão – em um contexto em que artefatos e experiências modernas são relativamente escassos, as representações do moderno ganham a “valência do real”. É nesse sentido que a *nautchnaia fantastika* teria adquirido sua capacidade de tornar a

---

<sup>213</sup> “A ciência e a tecnologia estão definindo a realidade moderna por meio da transformação não apenas da vida cotidiana, mas da própria forma com que pensamos e imaginamos. Um novo tipo de escrita chamada 'nautchnaia fantastika', ou fantasia científica, tem desempenhado um papel relevante nesse processo. Afinal, não é na imaginação que as teorias ousadas e máquinas maravilhosas são originadas? Portanto, ao lado das notícias sobre os mais novos avanços científicos e tecnológicos, a nossa revista continuará a apresentar um rico panorama das reflexões sobre os seus potenciais, que não parecerão fantásticas àqueles do nosso tempo”. (Priroda i liudi 10, 1, 1894).

<sup>214</sup> Na esfera da teoria da linguagem, a abordagem desenvolvida por John Langshaw Austin diferencia as funções *constativa* e *performativa* da linguagem: “Pode-se muito bem fazer uma idéia do enunciado performativo, termo, sei disso, que não existe na língua francesa, nem em outros lugares. Esta idéia foi introduzida para contrastar com a do enunciado declarativo, ou melhor, como chamarei, constativo. (...) O enunciado constativo tem, sob o nome de afirmação tão querido dos filósofos, a propriedade de ser verdadeiro ou falso. Ao contrário, o enunciado performativo não pode jamais ser nem um nem outro: tem sua própria função, serve para realizar uma ação” (AUSTIN, 1958, p. 111). Nesse sentido, “o céu é azul” seria um enunciado constativo, enquanto “aceito”, no contexto da cerimônia matrimonial, seria um enunciado performativo.

<sup>215</sup> Nos termos de Banerjee, “Foucault himself, along with Bauman and Jürgen Habermas, asserted that modernity is not an epoch but an attitude. This amendment has been crucial for extending the study of modernity beyond Europe and North America. Modernity is increasingly being perceived as a multifaceted dialogue between regions, cultures, and ideologies rather than a unilateral flow from the West to the rest of the world. Global modernity, as Arif Dirlik defines, is ‘not a thing but a relationship, and being part of the relationship is the ultimate marker of the modern.’” [“o próprio Foucault, assim como Bauman e Jürgen Habermas, afirmou que a modernidade não é uma época, mas uma atitude. Essa retificação tem sido crucial para estender o estudo da modernidade para além da Europa e da América do Norte. A Modernidade é cada vez mais compreendida como um diálogo multifacetado entre regiões, culturas e ideologias, e cada vez menos como um fluxo unilateral do Ocidente para o restante do mundo. A modernidade global, como Arif Dirlik define, ‘não é uma coisa, mas uma relação, e ser parte da relação é o marcador definitivo do moderno.’”] (BANERJEE, 2012, p. 11). Nesse sentido, a transformação mental possibilitada pela ficção científica teria sido fundamental para inserir grandes contingentes populacionais do mundo russófono na *relação moderna*.

modernidade real para o público em geral, ao substituir o mundo cotidiano, caracterizado pela percepção de um suposto atraso em relação ao Ocidente<sup>216</sup>, por outros mundos, fundados sobre a tecnologia e o avanço científico.<sup>217</sup>

A seriedade com que certas manifestações da ficção científica russa e soviética foram consideradas nos debates sobre a recepção da modernidade no século XX contrasta com o que ocorria com os seus congêneres ocidentais, os quais não eram considerados dignos de atenção por parte da crítica, ou sequer eram considerados gêneros literários. Enquanto os potenciais da *nautchnaia fantástika* eram objeto de acalorados debates no cenário cultural russófono desde o final do século XIX, no mundo anglófono, o termo “science fiction” só seria introduzido em 1926, e as considerações críticas sérias sobre o gênero seriam ainda mais tardias. O caráter precoce das discussões em torno da literatura de ficção científica como veículo digno de atenção pode ser explicado pelo nexo entre a modernização de características periféricas ocorrida na Rússia e na URSS, a “obsessiva sensação de atraso” que imbuía a sociedade russa da virada do século XX, e talvez, ainda, a aceleração radical implícita na compressão temporal teorizada por Kurz.

De todo modo, a *nautchnaia fantástika* se tornou “a way of not just telling but also of making modernity in Russia”<sup>218</sup>. Como já mencionado, outra importante figura do mundo intelectual russo que parece ter compreendido rapidamente as possibilidades do gênero foi Tsiolkovski. A ficção científica escrita por Tsiolkovski, como descreve Vorobiov, remete à indagação levantada por Zamiátin sobre a origem das teorias ousadas e das máquinas maravilhosas:

In the process of Tsiolkovsky's investigations his science fiction was often, as it were, the initial “trying-out” of new ideas. The scientist himself made a remarkable statement about this sequence of the creative process in his book *The Exploration of Space by Reaction-Propelled Devices*, first published in Kaluga in 1926: “First,

---

<sup>216</sup> De acordo com Steinberg, a Rússia da virada do século XX era marcada pela “notorious and often obsessively self-aware ‘backwardness’: by its lateness to embrace and experience industrialization, urbanization, and the contradictory drives of modern discipline and disorder” [“notória e muitas vezes obsessiva sensação de ‘atraso’: por sua demora em abraçar e estabelecer a industrialização e a urbanização, e pela contradição entre os impulsos da disciplina moderna e da desordem”] (STEINBERG, 2002, p. 8)

<sup>217</sup> BANERJEE, 2012, p. 12.

<sup>218</sup> BANERJEE, 2012, p. 3

inevitably, the idea, the fantasy, the fairy-tale. Then scientific calculation. Ultimately, fulfillment crowns the idea.”<sup>219</sup>

Ainda de acordo com Vorobiov, Tsiolkóvski operava a radical alteração da percepção do público, “tornando real” o moderno por meio da literatura. Ao inaugurar as discussões acerca da propulsão a jato e da viagem interplanetária, o cientista e autor “sought by his works of science fiction to condition the public mind to accepting such ambitious projects as the practical preparation for man's breakthrough into cosmic space”<sup>220</sup>. Banerjee, por sua vez, argumenta que a opção feita por Tsiolkóvski de publicar seus textos – ficcionais ou acadêmicos – em revistas populares exemplifica precisamente o processo russo de confecção da modernidade por meio da literatura:

Tsiolkovsky defended his choice of writing in the speculative mode as “the most effective way of conveying the ambitious yet esoteric horizons of my world- view”—a view that extended to the farthest frontiers of the universe, resulted in his posthumous lionization as the father of the Soviet space program [...] Instead of academic journals, he chose Aviation Herald (*Vestnik vozdukhoplavaniia*), a magazine whose audience included both professional airmen and lay enthusiasts, as the first venue for publishing his futuristic hypotheses about venturing into outer space. Tsiolkovsky was convinced that its “astonishingly diverse body of readers, open to the true potentials of science and technology in the modern age, would not immediately dismiss my thoughts as mere flights of fancy.”<sup>221</sup>

---

<sup>219</sup> No processo investigativo de Tsiolkóvski, a sua ficção científica frequentemente servia como o ‘experimento’ inicial de uma nova ideia. O próprio cientista fez uma afirmação notável sobre esse processo criativo em seu livro *A exploração do espaço por meio de dispositivos impulsionados por reações*, publicado em Kaluga em 1926: ‘Primeiro, inevitavelmente, surge a ideia, a fantasia, o conto de fadas. Então surge o cálculo científico. Por fim, a concretização coroa a ideia’. (VOROBIOV, 1960, p. 451)

<sup>220</sup> “buscou, por meio de suas obras de ficção científica, condicionar as mentes do público a aceitar tais ambiciosos projetos como a preparação prática para o avanço da humanidade pelo espaço sideral”. (VOROBIOV, 1960, p. 452)

<sup>221</sup> “Tsiolkóvski defendia a sua escolha pela escrita no modo especulativo como ‘a forma mais efetiva de comunicar os horizontes ambiciosos e esotéricos da minha visão de mundo’ – um visão que se estendia até as fronteiras mais distantes do universo, resultando na sua celebração póstuma como o pai do programa espacial soviético [...] No lugar de publicações acadêmicas, ele elegeu o *Correio da Aviação* (*Vestnik vozdukhoplavaniia*), uma revista cujo público incluía tanto aviadores profissionais quanto entusiastas amadores, como o primeiro veículo de publicação das suas hipóteses futuristas sobre viagens ao espaço sideral. Tsiolkóvski estava convencido de que o “corpo extraordinariamente diverso de leitores da revista, aberto aos verdadeiros potenciais da ciência e da tecnologia na era moderna, não descartaria imediatamente as minhas ideias como meros voos de imaginação”. (BANERJEE, 2012, p. 6)

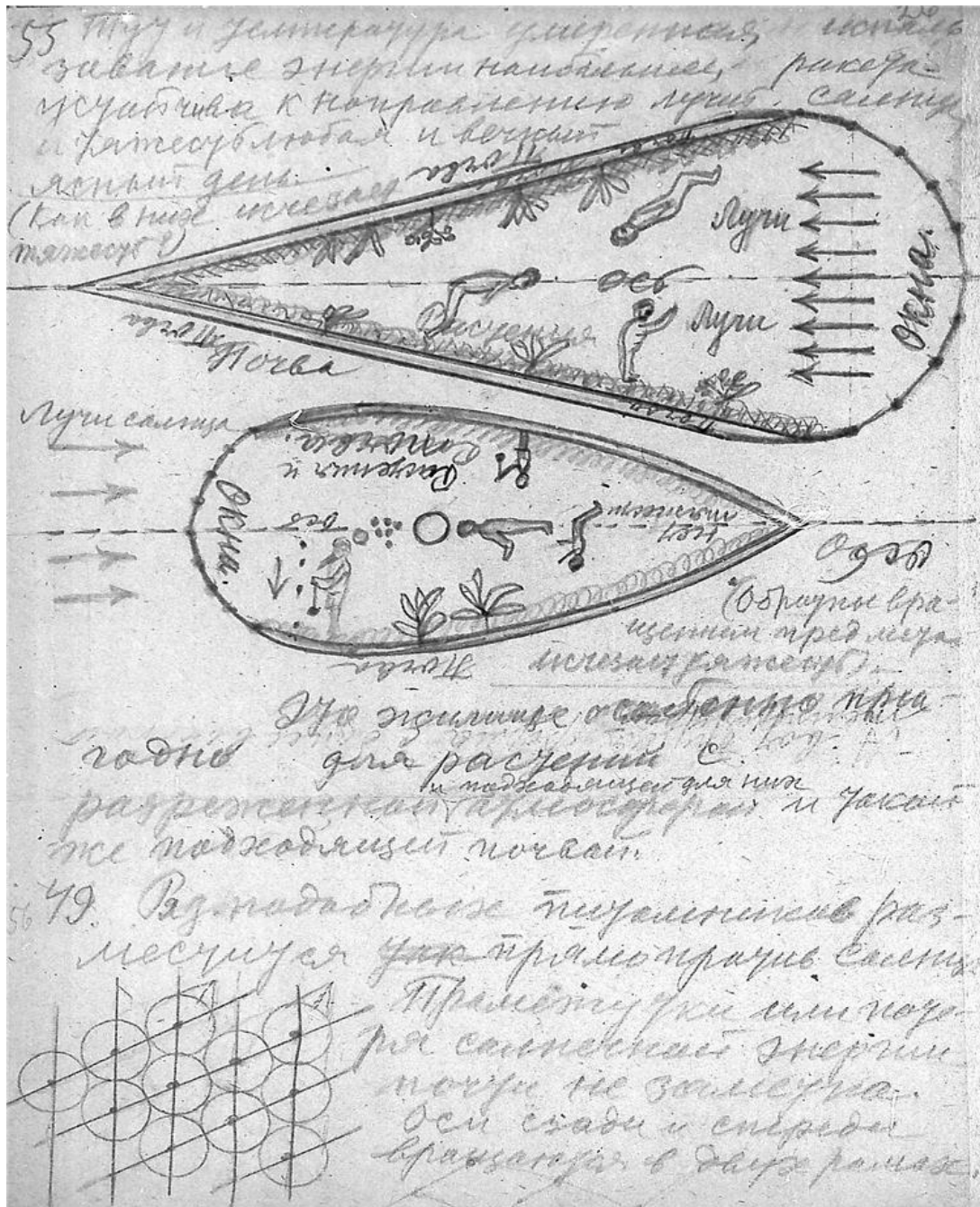


Ilustração do manuscrito de Tsiolkóvski intitulado *Альбом космических путешествий* (*Álbum de viagens espaciais*), de 1933, exibindo uma estufa cósmica.

Nota-se que a já mencionada explosão no número de publicações populares na Rússia do fim dos oitocentos estava inscrita no processo de inserção da população russa na *relação moderna*, e que a ficção científica publicada por autores como Tsiolkóvski

era fundamental para “tornar real” uma modernidade materialmente escassa naquele contexto<sup>222</sup>.

O movimento de introdução da “atitude moderna” no mundo russo não se confunde, vale notar, com a mera adoção passiva e simbólica de elementos da modernidade ocidental. Isto é, o que ocorria não se limitava a uma “compensação imaginada” do relativo “atraso” russo perante os países centrais do sistema capitalista. Pelo contrário, tratava-se de um processo de apropriação de alguns desses elementos da modernidade ocidental para a construção – simbólica e concreta – de uma forma particular de modernidade<sup>223</sup>. Em certo sentido, portanto, a construção da moderna consciência russa guardava algumas semelhanças com o processo de modernização técnica proposto em 1918 por Lenin, o qual pressupunha a apropriação do *taylorismo* e de outras das “conquistas mais valiosas da ciência e da técnica” capitalistas na construção do poder soviético – o que não significava a adoção passiva da “refinada crueldade da exploração burguesa”<sup>224</sup>.

Na realidade, a relação entre a *nautchnaia fantastika* e certas políticas públicas russas e soviéticas extrapolam em muito o campo da coincidência. Afinal, a ficção científica, um gênero literário “seldom associated with politics or policy”<sup>225</sup>, tornou-se um *locus* discursivo fundamental na consolidação de uma visão unificada de modernidade na Rússia, a qual fomentava a construção de muitas das políticas públicas mais associadas à modernização do país e da URSS.

Nesse sentido, vale notar que, desde o final do século XIX, a ficção científica era lida e discutida por formuladores de políticas públicas, contribuindo para a formação de novos paradigmas nesse campo:

science fiction functioned not so much as a medium of literary representation as a formally innovative, ideologically compelling node for synthesizing various interpretations and critiques of the latest developments in science and technology [...] it also contributed new

---

<sup>222</sup> Como aponta Banerjee, a *nautchnaia fantastika* era, em certo sentido, apresentada como um substituto da realidade cotidiana, dado que “as proudly noted by the editors of Nature and People, most of these publications freely conflated journalism and speculative writing.” [“como orgulhosamente ressaltavam os editores da *Priroda i liudi*, a maior parte dessas publicações combinavam livremente o jornalismo e a literatura especulativa”] (BANERJEE, 2012, p. 8).

<sup>223</sup> Como vimos, a literatura moderna proposta por Zamiátin se distanciava do paradigma moderno ocidental, marcado pela dialética entre o culto à razão e a repulsa às aplicações práticas dos avanços científicos.

<sup>224</sup> LENIN, 1978

<sup>225</sup> BANERJEE, 2012, p. 90

terms and paradigms to the real world of research, development, public opinion, and public policy.<sup>226</sup>

Em termos concretos, é possível notar, a título exemplificativo, a imbricação entre os colossais projetos da construção da Ferrovia Transiberiana e da eletrificação da URSS.

A construção da malha ferroviária russa teve início entre 1836 e 1837, com o estabelecimento de uma pequena linha férrea que se estendia por 27 quilômetros entre São Petersburgo e Tsárskoie Sieló. Nas décadas seguintes, o sistema ferroviário do país seria rapidamente expandido, e na década de 1860 culminou com a abertura de uma nova “janela para o Ocidente”, com a inauguração da linha entre São Petersburgo e Varsóvia. Composta pouco antes do início desse período, em 1835, uma obra de ficção científica não apenas efetivava, para o público, o universo das locomotivas – ainda ausentes na modernidade recuperadora russa, e que no Ocidente alteravam radicalmente as noções de tempo até então estabelecidas, projetando a realidade sobre novas coordenadas –, como se apropriou de elementos da modernidade europeia para imaginar uma modernidade particularmente russa.

Em 4338-й год: Петербургские письма<sup>227</sup>, o príncipe Vladimir Odóievski escreveu que as linhas ferroviárias e o motor a vapor – o trem talvez fosse o maior símbolo da modernidade tecnológica de então, um veículo de industrialização do espaço e do tempo, e um símbolo da racionalidade e do progresso<sup>228</sup> – haviam alterado as “формы общественной жизни”<sup>229</sup> de seu tempo. Todavia, ao invés de imaginar um futuro no qual o seu país estivesse integrado ao tecido moderno ocidental, Odóievski descreve um quinto milênio no qual a Europa teria virtualmente deixado de existir – com alguns de seus países tendo efetivamente desaparecido do mapa enquanto outros agonizavam em decadência – e no qual as conexões ferroviárias russas estariam voltadas ao leste, rumo a uma China subordinada. No mundo imaginado por Odóievski, a Rússia estaria no centro da modernidade: ao desembarcar em território russo, o

---

<sup>226</sup> “a ficção científica funcionava menos como um meio de representação literária e mais como um eixo formalmente inovador e ideologicamente envolvente no qual eram sintetizadas várias interpretações e críticas quanto aos mais recentes desenvolvimentos científicos e tecnológicos [...] ela também contribuía com o mundo real no sentido de adicionar novos termos e paradigmas relacionados à pesquisa, ao desenvolvimento, à opinião pública e às políticas públicas.” (BANERJEE, 2012, p. 10)

<sup>227</sup> O ano de 4338: Cartas de Petersburgo.

<sup>228</sup> SCHIVELBUSCH, 1978. A simbologia do trem na literatura russófona do século XIX, fenômeno amplamente investigado, chegaria ao século XX na ficção científica de Aleksei Gástev e nas elektrichkas de Venedikt Eroféiev.

<sup>229</sup> “formas da vida social”.

protagonista Ippolit Tsunguiev – um estudante chinês – descreve seu deslumbramento: “Наконец я в центре русского полушария и всемирного просвещения”<sup>230</sup>. Desse modo, o texto de Odoiévski se apropria da tecnologia ocidental para esboçar um paradigma de modernidade destacado do Ocidente e voltado ao espaço da Rússia oriental – de certo modo renunciando a noção eslavófila de regeneração russa por meio das suas raízes vindas do leste<sup>231</sup> – e da Ásia em si.

Evidentemente, as polêmicas acerca dos impactos da introdução das ferrovias na Rússia não eram exclusivas à ficção científica. Tampouco era exclusiva a noção de substituir a “janela para a Europa” por uma ligação com o continente asiático<sup>232</sup>, que possui explicações ideológicas e político-econômicas diversas<sup>233</sup>. É interessante notar, todavia, que a ficção científica de fato não se limitava a representar uma realidade alternativa mais densamente povoada por artefatos do avanço científico do que a realidade cotidiana, mas contribuía para o desenvolvimento de novos paradigmas que informavam políticas públicas concretas. A expansão ao leste (viabilizada pela locomotiva a vapor, um instrumento que simbolizara o “atraso” em relação às nações europeias) que possibilitaria a reconciliação com as raízes asiáticas do país e a formação de uma modernidade própria estava presente em Odóiévski décadas antes do início da construção da Ferrovia Transiberiana. A importância de textos como os de Odóiévski para a introdução de novas ideias e paradigmas – tanto em relação à população em geral quanto a formuladores de políticas públicas – não pode ser desprezada<sup>234</sup>. Afinal, mesmo décadas após Odóiévski ter vislumbrado a modernidade russa por meio da virada ao leste, a Sibéria era considerada *terra incognita* para a maior parte dos russos:

---

<sup>230</sup> “Finalmente estou no centro do hemisfério russo e da civilização mundial”.

<sup>231</sup> BANERJEE, 2012, p. 28

<sup>232</sup> Dostoiévski, por exemplo, exclamou “от окна в Европу отвернуться трудно, тут фатум. А между тем Азия — да ведь это и впрямь может быть наш исход в нашем будущем” [“é difícil nos afastarmos da ‘janela para a Europa’, é uma predestinação. Enquanto isso, a Ásia pode de fato ser o caminho para o nosso futuro”] (Геок-Тепе. Что такое для нас Азия?, 1881).

<sup>233</sup> “A constellation of economic and political developments, including famines in the Russian countryside, the discovery of gold in Siberia, and the empire’s growing influence in the North Pacific, helped the finance minister, Sergei Witte, to push forward the proposal of building a track connecting St. Petersburg to Vladivostok” [“Uma variedade de acontecimentos políticos e econômicos, incluindo a fome em áreas rurais da Rússia, a descoberta de ouro na Sibéria, e o crescimento da influência do império no norte do Pacífico, ajudou o ministro das finanças, Serguei Witte, a avançar com a proposta de construir um linha conectando São Petersburgo a Vladivostok”] (BANERJEE, 2012, p. 30)

<sup>234</sup> De acordo com Banerjee, as transformações temporais e geográficas efetivadas pela Ferrovia Transiberiana apenas poderiam ser adequadamente representadas e imaginadas pela ficção científica: “No variety of realist prose, however utopian or apocalyptic, could accommodate the radical expansion of space and time brought about by the new technological artery between Europe and Asia.” (BANERJEE, 2012, p. 35)



even though by the mid-nineteenth century Russia had technically annexed an area larger than Europe, the legendary resources of Siberia could not be accessed in an economically viable way [...] Even policy makers charged with administering the region could not form a proper mental picture of it.<sup>235</sup>

De modo semelhante, a eletrificação da URSS envolveu a apropriação de um dos maiores símbolos dos desenvolvimentos tecnológicos de seu tempo para a edificação de uma modernidade cindida de seu análogo ocidental<sup>236</sup>. Evidentemente, a cisão em questão era incomparavelmente mais dilatada, considerando que a eletrificação era tomada como sinônimo da construção científica da própria utopia.

O slogan “Коммунизм — это есть советская власть плюс электрификация всей страны”<sup>237</sup>, proferido por Lenin quando do anúncio da aprovação do plano GOELRO<sup>238</sup> sintetiza o caráter colossal do projeto: em primeiro lugar, um país que havia iniciado um processo tardio de modernização recuperadora e havia sido devastado pela guerra civil se via diante da perspectiva de construção de um sistema político-econômico radicalmente novo; em segundo, o amplo acesso à eletricidade – que em 1920 já era uma realidade em certos países ocidentais – era uma noção distante da realidade russa, na qual a relativamente baixa geração nacional de energia elétrica do início da década de 1910 havia sido praticamente extinta durante o conflito intestino.

Deste modo, a eletrificação – articulada por Lenin de um modo que remete a uma fórmula matemática – foi transformada no símbolo da inevitabilidade científica da modernização do país e da construção do comunismo soviético. A eletricidade, no entanto, eludia a realidade tanto em termos concretos quanto simbólicos<sup>239</sup>. Tratava-se de uma forma de energia de tal modo escassa que se afigurava necessária – nos períodos

---

<sup>235</sup> “ainda que, em meados do século XIX, uma área maior do que a Europa já tivesse sido tecnicamente anexada pela Rússia, os lendários recursos naturais da Sibéria não podiam ser acessados de modo economicamente viável [...] Nem mesmo os políticos responsáveis pela administração da região eram capazes de imaginá-la adequadamente.” (BANERJEE, 2012, p. 24)

<sup>236</sup> Como aponta Clark, “the Bolshevik vision of the communist future was seen not only in class terms but also in terms of increased industrialization, technological advance, education, and greater efficiency. As Lenin put it in his well-known slogan of 1920: ‘Communism equals Soviet power plus the electrification of the entire countryside’” (CLARK, 1986)

<sup>237</sup> “O comunismo é o poder dos soviets somado à eletrificação de todo o país”.

<sup>238</sup> Государственная комиссия по электрификации России, ou Comissão do Estado para a Eletrificação da Rússia.

<sup>239</sup> Em Anna Kariênina, durante uma discussão sobre o espiritismo, Vrónski questiona: “Admitimos a existência da eletricidade, que não conhecemos: por que, então, não poderia existir uma força nova, ainda ignorada por nós[?]”. (TOLSTÓI, 2005). A passagem ilustra o modo com que, na Rússia do fim do século XIX, a eletricidade ainda era tida como um fenômeno algo alheio.

anterior e posterior à Revolução de Outubro – a sua articulação simbólica, por meios literários:

Imagination, therefore, was the only platform for articulating the possible effects of electrical technology on everyday life. Detailed, elaborate narratives about the projected forms and functions of electricity appeared in the guise of science fiction, whether identified as such or clothed in the mantle of millennial eschatology and modernist manifestoes. Electricity in Russia was nationalized through the frame of science fiction long before it could be materially domesticated.<sup>240</sup>

O romance de Odóievski surge, novamente, como exemplo da apropriação da modernidade que precede (e, em certo sentido, efetiva) a modernização em si. Tsunguiev, o protagonista de *4338-й год*, descreve cidades iluminadas por “dispositivos elétricos” – uma exploração bastante precoce das possíveis utilizações da energia elétrica<sup>241</sup> –, o transporte público é feito por meio de balões movidos a eletricidade, e as casas são conectadas a um sistema de “telégrafos magnéticos”, que permitem a comunicação instantânea por texto.

Odóievski associa de modo explícito a eletricidade não apenas à modernidade, como também à “civilização”<sup>242</sup> e ao domínio geopolítico. Tais potenciais vislumbrados pelo autor permaneceriam em animação suspensa na sociedade russa até o final do século, quando a lâmpada incandescente de Edison colocou a energia elétrica – no mundo todo – no centro das atenções. Esse acontecimento coincidiu com a expansão da mídia impressa na Rússia, e as numerosas revistas ilustradas dedicadas a avanços tecnológicos e científicos noticiavam com destaque os mais recentes desdobramentos relacionados à eletricidade<sup>243</sup>.

---

<sup>240</sup> “A imaginação, assim, era a única plataforma na qual poderiam ser articulados os possíveis efeitos da tecnologia elétrica na vida cotidiana. Narrativas detalhadas e elaboradas sobre as formas e funções projetadas da eletricidade surgiram na ficção científica, propriamente identificada ou oculta sob a forma da escatologia milenarista e de manifestos modernistas. A eletricidade na Rússia foi nacionalizada por meio da ficção científica muito antes de que fosse possível a sua domesticação material.” (BANERJEE, 2012, p. 102)

<sup>241</sup> No ano de escrita do romance, a lâmpada elétrica sequer existia em versão comercial, sendo objeto apenas de experimentos esparsos. A primeira patente de uma lâmpada incandescente seria registrada em meados da década de 1840. Mas a lâmpada seria popularizada apenas a partir da década de 1880.

<sup>242</sup> Просвещение, ou iluminismo.

<sup>243</sup> “Popular science journals such as *Around the World*, which included Edison’s lamp on its cover, and *Nature and People*, which featured a sky filled with electric wires on the cover of an issue in 1895, literally adopted the incandescent bulb as their emblem”. (BANERJEE, 2012, p. 100)

O entusiasmo da mídia e do público em relação à eletricidade não era compartilhado pelo governo tsarista<sup>244</sup>, e a energia elétrica permaneceu relegada a uma existência simbólica, limitada às numerosas representações impressas e a frequentes especulações por parte do público leitor – plenamente ciente dos potenciais transformativos da eletricidade, mas distantes de qualquer experiência direta com ela – e essencialmente ausente do mundo material.

Enquanto em muitas partes do mundo a eletricidade passou rapidamente de uma assombrosa tecnologia de potenciais quase incompreensíveis a um artefato da vida cotidiana, na Rússia ela manteve o *status* inicial até o período revolucionário:

A comparison with the rapidly changing discourse about electricity in the United States underscores its peculiar status in the Russian context. In 1890, Mark Twain referred to the new source of energy as “a splendid necromancy of modern science.” But whereas a mere ten years later the same author could describe how it “lights up the home” and “extends the day long into the night,” Twain’s epithet of “necromantic science” held true for Russian perceptions of electricity well into the revolutionary period.<sup>245</sup>

Assim, até os anos 1920, a única forma de conceber a nova tecnologia se dava por meio de narrativas literárias especulativas – as quais contribuía para a formulação de uma simbologia em torno da eletricidade que seria sagazmente utilizada na formulação de Lenin sobre a eletrificação.

Vemos, assim, que a *nautchnaia fantastika* desempenhou um papel fundamental na construção de uma “atitude moderna”, de um modo particularmente russo de pensar a modernidade. Ademais, a imaginação moderna ensejada por ela contribuiu diretamente para a formulação de políticas públicas, o que demonstra que a transformação mental atribuída ao gênero literário teve repercussões bastante concretas na construção da modernidade russa.

---

<sup>244</sup> “In contrast with railways [...] the imperial government did not deem the generation of electric power strategically important until it was proven otherwise in the First World War”. (BANERJEE, 2012, p. 100-101)

<sup>245</sup> “A comparação com a rápida evolução do discurso sobre a eletricidade nos EUA ilustra o status peculiar da tecnologia no contexto russo. Em 1890, Mark Twain se referiu à nova fonte de energia como ‘uma esplêndida feitiçaria da ciência moderna’. Mas enquanto, apenas dez anos mais tarde, o mesmo autor descrevia como a eletricidade ‘ilumina a casa’ e ‘estende o dia até o período noturno’, a descrição da eletricidade como uma ‘feitiçaria da ciência’ permaneceria presente na percepção russa da eletricidade ao menos até o período revolucionário.” (BANERJEE, 2012, p. 101)

## 2.1. Uma resposta radical à modernidade: Nikolai Fiódorov e os cosmistas russos

*Nascido de uma terra minúscula, o espectador do espaço incomensurável, o espectador dos mundos que compõem este espaço, deve se constituir como habitante e governante deles.*<sup>246</sup>

O desencantamento do mundo, que marca a era moderna e se consolida no século XIX, decreta “o fim do sagrado que marcava a pré-modernidade, a sacralidade da crença na salvação e o espírito de pertinência e coesão da comunidade”.<sup>247</sup> Um dos reflexos do desencantamento se deu na esfera da ficção, na qual a ascensão da faceta tecnológica da modernidade<sup>248</sup> resultou no deslocamento daquilo que no mundo pré-moderno pertencia ao campo do sagrado ou mágico para o campo do fantástico tecnológico e do extraterrestre. Os mesmos motivos presentes nas narrativas religiosas e os mesmos pressupostos de compreensão mágica do mundo foram sobrepostos a novos cenários: o espaço sideral e a metrópole tecnológica. Cavernas misteriosas ou substâncias mágicas, capazes de alterar o fluxo temporal ou permitir o deslocamento instantâneo para um ponto remoto no espaço, são substituídas por planetas distantes ou máquinas criadas por cientistas brilhantes. A criatura prometéica de Shelley é paradigmática nesse sentido, ilustrando o deslocamento do ato de criação da esfera do mitológico e da graça divina à esfera da tecnologia secular – o que é evidenciado pelo subtítulo original do livro, “The Modern Prometheus”, que associa o cientista moderno à figura divina criadora da humanidade.<sup>249</sup>

O mesmo deslocamento se verifica na esfera filosófico-religiosa. A ruptura da hegemonia da cosmovisão cristã abriu espaço para o surgimento de novas concepções acerca da vida eterna. A infinitude da alma – despreendida do corpo físico – não mais representava a promessa certa de salvação, e muitos olhos se voltaram ao papel da

---

<sup>246</sup> “порожденный крошечною землею, зритель безмерного пространства, зритель миров этого пространства, должен сделаться их обитателем и правителем”. (FIÓDOROV, 1995, p. 243)

<sup>247</sup> SHINN, 2008

<sup>248</sup> Ainda de acordo com Shinn, a modernização é constituída de duas tradições que, em grande medida, se complementam e retroalimentam: a corrente emancipatória - manifesta, por exemplo, na Revolução Francesa - e a corrente tecnológica. Esta última ganha força a partir do século XIX, palco da segunda revolução industrial, tornando-se preponderante em relação aos impulsos emancipatórios modernos.

<sup>249</sup> Sobre a relação entre Frankenstein e a Modernidade, ver ŽIŽEK, 2008.

tecnologia secular na busca da imortalidade. Na Rússia do século XIX, podemos identificar uma radical manifestação desse processo de substituição no pensamento dos cosmistas russos.<sup>250</sup> O cosmismo russo, corrente filosófica fundada por Nikolai Fiódorovitch Fiódorov (1828–1903), foi conceitualizado no livro *Философия общего дела*,<sup>251</sup> publicado postumamente, entre 1906 e 1913, e considerado por certos comentadores como uma das mais importantes obras de ficção científica russas da virada do século XX<sup>252</sup>. Em poucas palavras, a “causa comum” a que se referia Fiódorov consistia “in the creation of the technological, social, and political conditions under which it would be possible to resurrect by technological and artificial means all people who have ever lived”<sup>253</sup>. A imortalidade proposta por Fiódorov envolvia, ainda, outras duas questões centrais: a transformação da natureza e a exploração interestelar – três temas, vale notar, que constituiriam os assuntos centrais da literatura de ficção científica desenvolvida na Rússia e na URSS. Nos termos de Siddiqi:

Two aspects of Fedorov’s “philosophy of the common task” related to Cosmism in general and to voyages into space in particular. First, to achieve his ultimate goal of “liberation from death,” Fedorov called for restructuring human society and its natural environment, which for him included not only the Earth but also the entire universe. The idea of “regulating nature” by taking absolute control over it resonated deeply with the scientific and technical intelligentsia in the early post-Revolutionary era who, infected by Bolshevik claims of remaking the social universe, were also interested in remaking the natural one. Second, Fedorov believed that humans from Earth would have to travel into the cosmos - to the Moon, the planets, and stars - to recover disintegrated particles of deceased human beings that are spread throughout the universe. Once the bodies of the deceased were

---

<sup>250</sup> O cosmismo russo, vale notar, é uma variação local de um fenômeno internacional. As suas ideias, assim, devem ser compreendidas como uma manifestação particular de um conjunto de ideias que tomou forma na época em diferentes partes do mundo no contexto da modernidade.

<sup>251</sup> *A Filosofia da Causa Comum*

<sup>252</sup> Dentre as obras do primeiro período da ficção científica russa, Banerjee dá especial destaque aos escritos de Fiódorov. A autora trabalha, evidentemente, com um conceito ampliado de ficção científica, o qual situa “literary and popular works, including little examined experiments by prominent representatives of modernist movements and proponents of major intellectual trends” [BANERJEE, 2012, p. 8] - ao lado de jornais, revistas, tratados filosóficos, cultura visual e manifestos - em um contínuo, cuja unidade é costurada pela imaginação ficcional científica [BANERJEE, 2012, p. 41].

<sup>253</sup> “na criação de condições tecnológicas, sociais e políticas sob as quais seria possível ressuscitar – por meios tecnológicos e artificiais – todas as pessoas que já viveram”. (GROYS, 2018, p. 4)

reconstituted (in forms that might not resemble humans), the resurrected would then settle throughout the universe.<sup>254</sup>

A concepção filosófica de Fiódorov é orientada à ação. Nesse sentido, ela se inscreve na tradição de pensamento que se preocupa centralmente com a divisão entre teoria e práxis, entre especulação e realidade social, entre pensar e fazer. Essa não era, vale notar, uma questão inédita no final do século XIX – Marx trata dessa relação em sua célebre tese onze sobre Feuerbach,<sup>255</sup> e mais tarde a dicotomia seria explorada em diversas correntes de pensamento, como a “filosofia do ato”, de Mikhail Bakhtin, e a “filosofia da práxis”, desenvolvida por Antonio Gramsci<sup>256</sup> –, e sua relevância é percebida até a atualidade. Na visão de mundo cosmista, a humanidade deveria assumir um papel ativo e criativo: não o papel de mera espectadora dos acontecimentos no planeta e no universo, mas de participante ativa na criação do mundo – o ser humano seria “a creature on whom the fates of history and the final destinies of the universe alike depend”.<sup>257</sup> Neste sentido, a filosofia fiodoroviana aparece como debitária da tradição prometeica, a qual relaciona o domínio técnico da natureza e o desenvolvimento tecnológico ao bem e à emancipação da espécie humana.<sup>258</sup>

Para Fiódorov, que objetivava fomentar a fraternidade entre todos os humanos – um objetivo em si, e do qual dependeria a mobilização necessária de forças que permitiria a

---

<sup>254</sup> “Dois aspectos da ‘filosofia da causa comum’ de Fiódorov se relacionavam com o cosmismo em geral e com as viagens espaciais em particular. Em primeiro lugar, para alcançar o seu objetivo final de ‘libertação da morte’, Fiódorov advogava pela reestruturação da sociedade humana e do seu ambiente natural, o qual, para ele, não incluía apenas a Terra, mas todo o universo. A ideia de ‘regulação da natureza’ por meio do controle absoluto sobre ela teve forte repercussão sobre a intelligentsia científica e técnica nos primeiros anos após a Revolução, que, inspirada pela ideia bolchevique de reconstruir o universo social, também se interessou em recriar o universo natural. Em segundo lugar, Fiódorov acreditava que os humanos do planeta Terra teriam que viajar ao cosmos - à lua, a outros planetas e às estrelas - para recuperar partículas que haviam se desintegrado de seres humanos falecidos e se dispersado pelo universo. Uma vez que os corpos dos mortos fossem reconstituídos (sob formas que poderiam não se assemelhar à forma humana), os ressuscitados se dispersariam por todo o universo.” (SIDDIQI, 2010, p. 80)

<sup>255</sup> “Os filósofos têm apenas interpretado o mundo de maneiras diferentes; a questão, porém é transformá-lo.”

<sup>256</sup> SIMAKOVA, 2018

<sup>257</sup> “uma criatura de quem dependem tanto os destinos da história quanto os destinos finais do universo”. (GACHEVA, 2018)

<sup>258</sup> De acordo com Martins, o pensamento prometéico – relacionado a tradições diversas entre si, dentre as quais destacam-se certas tendências do ideário que impulsionou a Revolução Francesa, do positivismo, do socialismo utópico e do marxismo russo – enfoca a técnica a partir de uma perspectiva instrumental, estabelecendo uma relação de causalidade entre os desenvolvimentos tecnológicos (incluindo o domínio técnico sobre a natureza) e a emancipação da humanidade (MARTINS, p. 290). Partindo das considerações de Martins, Ferraz relaciona uma certa *hubris* prometéica à “fê cega nas vantagens da racionalidade”, traduzindo um impulso tecnológico para o domínio do mundo, característico da moderna cultura ocidental (FERRAZ, p. 123). Ainda de acordo com Martins, o “teólogo laico, ou filósofo religioso, ortodoxo” Fiódorov seria “uma das versões mais radicais do Prometeísmo tecnológico cristão” (MARTINS, p. 298).

concretização do projeto de ressurreição –, o espaço de inação que divide teoria e prática – e, mais do que isso, os homens de teoria (acadêmicos) dos homens de prática – representava “o abismo negativo do qual surgem todos os conflitos sociais”.<sup>259</sup> É precisamente dessa divisão – surgida na modernidade – entre o pensar e o fazer que surgiria o estado de “ausência de fraternidade” que levaria à indiferença social e moral. Isto é, a “ruptura entre mente e vontade” impediria o indivíduo de “direcionar seu pensamento ao princípio do bem”,<sup>260</sup> pois a teoria por si só ignora o mundo existente além da torre de marfim científica, e a prática despida de reflexão tem como consequência a pura destruição.<sup>261</sup> Assim, assevera Fiódorov, o conhecimento deve ser convertido em vontade, e vice-versa: “any knowledge of truth that enables us to distinguish between right and wrong, good and evil, makes little sense if it does not become an intention to do good and eliminate that which is evil or ill”.<sup>262</sup> A noção de que o imperativo moral da humanidade é agir fazendo o bem, destruindo o mal identificado pela razão, estava, em Fiódorov, estreitamente ligada ao tema central de sua filosofia: a imortalidade.

De fato, Fiódorov considerava que existia simetria entre as categorias “vida” e “bem”, assim como entre “morte” e “mal”.<sup>263</sup> O bem puro – identificado pelo pensamento e, portanto, foco necessário da práxis – é representado pela vida eterna: “жизнь бессмертная, есть истинное добро, а смерть — истинное зло”<sup>264</sup>. É desse modo que se justifica a ascensão da busca pela imortalidade como o elemento central da missão humana no pensamento fiodoroviano: a busca ativa pela realização do bem e pela eliminação do mal absoluto corresponde ao projeto de ressurreição de todos os mortos e da manutenção da vida eterna.

A transformação da natureza desempenharia um papel central no projeto. As forças naturais, para Fiódorov, representavam impulsos caóticos que afastavam a humanidade do ideal de segurança e fraternidade. Na natureza, a luta pela sobrevivência faz com que

---

<sup>259</sup> SIMAKOVA, 2018

<sup>260</sup> SIMAKOVA, 2018

<sup>261</sup> Para Fiódorov, essa destruição tomaria três formas: o alistamento militar; o trabalho exaustivo no sistema de produção em massa; e o sistema de mercado, com a comodificação de tudo. Desse modo, por exemplo, o sistema de trabalho e a vida do operário na era industrial - o trabalho monótono nas linhas de produção seguido de escassas horas de lazer - seriam determinados pela cisão entre pensamento e ação. (SIMAKOVA, 2018)

<sup>262</sup> “qualquer conhecimento da verdade que nos permita distinguir entre o certo e o errado, entre o bem e o mal, não faz sentido se não se converte em vontade de fazer o bem e de eliminar aquilo que é mau ou nocivo”. (SIMAKOVA, 2018)

<sup>263</sup> “Жизнь есть добро; смерть есть зло” [A vida é o bem; a morte é o mal]. (FIÓDOROV, 1995, p. 136)

<sup>264</sup> “A vida imortal é o verdadeiro bem, e a morte é o verdadeiro mal”. (FIÓDOROV, 1995, p. 390)

as interações animais sejam necessariamente mediadas pela violência e pelo assassinato. Essa necessária regulação da natureza, contudo, não coadunava com a ideia iluminista de triunfo da racionalidade humana sobre o mundo selvagem – em Fiódorov, a regulação do natural não se alinha ao nosso entendimento contemporâneo de exploração dos recursos do planeta, mas corresponde a uma abordagem racional, cuidadosa e responsável.<sup>265</sup> Acima de tudo, entretanto, ela correspondia ao desenvolvimento de avanços tecnológicos necessários à ressurreição de todos os mortos:

“When people die, their flesh, or ashes, dissolve into the matter of nature — this is the basic concept of entropy (and the reason why our bodies are just “huge hotels for atoms,” as Konstantin Tsiolkovsky, a young visitor to Fedorov’s library and a future rocket scientist, would later explain). So, our physical environment is literally made up of particles of the dead. In this regard, it is easy to see that the regulation of nature is a project of care, which starts with the recognition of the material metamorphosis that our world is built upon”<sup>266</sup>.

Em outras palavras, Fiódorov via a ressurreição como fruto de avanços tecnológicos futuros que permitiriam a restauração da vida a partir de partículas outrora pertencentes aos indivíduos já mortos. Tais partículas conteriam memória e, se decodificadas, poderiam ser restauradas as suas configurações passadas<sup>267</sup> – uma concepção que carrega semelhanças com a atual possibilidade de clonagem de um ser vivo a partir de uma molécula de DNA<sup>268</sup>:

“The reverberation and quivering (vibration) of which the molecules and dust of the dead are not incapable, and which so far have not been

---

<sup>265</sup> "Such a view is equally hostile to three major approaches to conceiving of our relation with nature: its ultimate subordination to the satisfaction of human needs, its ecologically responsible protection, and the neovitalist attempt to enjoy natural spontaneous forces as a part of a project of solidarity with nonhuman objects. For Fedorov, nature is our temporary enemy that has to be made our eternal friend." ["Tal visão é igualmente hostil às três principais concepções da nossa relação com a natureza: a sua subordinação total à satisfação das necessidades humanas, a sua proteção ecologicamente responsável, e a tentativa neovitalista de se desfrutar das forças espontâneas da natureza como parte de um projeto de solidariedade com objetos não humanos. Para Fiódorov, a natureza é a nossa inimiga temporária que deve ser transformada em nossa amiga eterna"]. (SIMAKOVA, 2018)

<sup>266</sup> “Quando as pessoas morrem, sua carne - ou suas cinzas - se dissolve em meio à matéria da natureza - este é o conceito básico de entropia (e a razão pela qual os nossos corpos são apenas “enormes hotéis para átomos”, como mais tarde explicaria Konstantin Tsiolkovski, um jovem visitante da biblioteca de Fiódorov e futuro cientista de foguetes). Assim, o nosso ambiente físico é literalmente constituído de partículas dos mortos. Nesse sentido, é fácil ver que a regulação da natureza é um projeto de cuidado, que começa com o reconhecimento da metamorfose material sobre a qual é construído o nosso mundo”. (SIMAKOVA, 2018)

<sup>267</sup> HELLER, 1985, p.38

<sup>268</sup> Como notado por Žižek. (ŽIŽEK, 2011, p. 263)



detected by any microphone, since that is still a crude organ of hearing – this reverberation and quivering will find a responding echo in the shuddering of particles in living beings connected by kinship with the dead to whom the particles belong”.<sup>269</sup>

Por sua vez, a imortalidade era ligada à ideia de aperfeiçoamento do corpo físico, por meio de, entre outras tecnologias, órgãos artificiais e transfusões sanguíneas:

“Many of our present organs are only partly developed, far below the abilities and capacities that our imaginations can project for them. By a combination of flesh and machinery we can extend our organs to reach as far as we can imagine, and operations now considered magical can become routine.”<sup>270</sup>

Nos termos de Martins:

“Não será exagerado dizer que a sua doutrina da Tarefa Comum da humanidade envolve a ‘mais grandiosa e mais radical utopia que a história do pensamento humano conheceu’ (Berdiaeff 1947, 155). Tal como os marxistas russos, Fedorov advogou a ‘unidade da teoria e da prática’, o envolvimento de toda a atividade científica e técnica e a unidade da humanidade numa titânica mobilização tecnocientífica. Os fins dessa mobilização e a ‘conscientização’ planetária (‘o planeta torna-se consciente de si próprio’) não são simplesmente a abolição do sofrimento, da doença, da ignorância, da guerra, da opressão e da exploração, mas a restauração da vida – a ressurreição de todos os mortos. [...] A ciência e a tecnologia tornam-se assim veículos da história salvífica da espécie e do cosmos”<sup>271</sup>

---

<sup>269</sup> “A reverberação e a tremulação (vibração) de que são capazes as moléculas e as cinzas dos mortos, e que até agora não foram detectadas por nenhum microfone, dado que estes ainda são instrumentos de audição primitivos – esta reverberação e esta tremulação encontrarão um eco correspondente no estremecimento das partículas em seres vivos que possuem parentesco com os mortos a quem pertecerem as partículas”. (YOUNG, 2012, p. 78)

<sup>270</sup> “Muitos dos nossos órgãos atuais são apenas parcialmente desenvolvidos, se encontrando muito abaixo das habilidades e capacidades que as nossas mentes podem imaginar para eles. Por meio de uma combinação de carne e máquina, nós podemos estender os nossos órgãos de modo a alcançar tudo o que imaginarmos, e operações que hoje são consideradas mágicas poderão se tornar rotina”. (YOUNG, 2012, p.131-132)

<sup>271</sup> MARTINS, p. 298

Em 1926, Aleksandr Bogdanov – um ex-aliado político próximo de Lenin, diretor do *proletkult*<sup>272</sup> e importante autor de ficção científica – fundou o *Instituto para a Transfusão do Sangue*. Seus experimentos consistiam na realização de transfusões entre pessoas de diferentes idades, e visavam retardar ou interromper completamente o processo de envelhecimento, de modo a “establish a solidarity and balance among the generations that Bogdanov considered essential to establishing a just socialist society”<sup>273</sup>. Após presenciar uma das transfusões a que se submetera Bogdanov, Leonid Krasin, que mais tarde participaria do projeto de preservação do corpo de Lenin, relatou em uma carta à sua esposa que o colega parecia ter rejuvenescido dez anos.

O projeto de ressurreição fiodoroviano não era apenas científico, mas também estético<sup>274</sup>:

“Эстетика есть наука о воссоздании всех бывших на крохотной земле (этой капельке, которая себя отразила во всей вселенной и

---

<sup>272</sup> O *proletkult* foi uma das mais importantes organizações de difusão cultural e promoção da atividade criativa entre o proletariado. Criado antes da Revolução de Outubro, passou a ser financiado e apoiado por Lunatchárski, o ministro da educação bolchevique, no período pós-revolucionário. Os grandes ideólogos do *proletkult* eram Aleksandr Bogdanov e Aleksei Gastev. A missão central da organização era fomentar a produção de uma nova arte, feita pelo e para o proletariado, livre de intervenções da intelligentsia. Nos anos 1920, chegou a contar com cerca de 80.000 membros. De acordo com Kahn, “Among the organizations intended to promote cultural growth and creativity within the proletarian masses, the most important was Proletkult (Proletkul't), created prior to the October Revolution but then financially and organizationally supported by the Bolshevik Minister of Education Anatoly Lunacharsky (1875-1933), a critic and writer and himself one of Proletkult's founders. [...] The ideology of Proletkult was shaped by Aleksandr Bogdanov (1873-1927), a former active Bolshevik and writer, and by Aleksei Gastev (1882-1939), a talented poet and theoretician. According to Bogdanov, each class has its own culture, and the task of Proletkult was to help the proletariat produce a new, pure proletarian culture free of the intelligentsia's interventions. Bogdanov and Gastev treated art and literature instrumentally as a form of class organization and education, considering aesthetic pleasure to be a bourgeois atavism. The Proletkult grew exponentially, operating twenty magazines by 1920 and enlisting some 80,000 members, but Lenin categorically opposed its independence; it formally existed until 1932, but Lenin's scathing attack in 1920 (the directive 'On Proletkults' ['O Proletkul'takh']) channeled their members into organizations that were more firmly under party control.” [“Dentre as organizações criadas para a promoção da cultura e da criatividade das massas proletárias, a mais importante era o Proletkult, criado antes da Revolução de Outubro, mas posteriormente apoiado financeiramente e organizacionalmente pelo ministro da educação bolchevique Anatoli Lunatcharski (1875-1933), um crítico e escritor, além de um dos fundadores do Proletkult [...] A ideologia do Proletkult foi moldada por Aleksandr Bogdanov (1873-1927), um ex-bolchevique e escritor, e por Aleksei Gastev (1882-1939), um talentoso poeta e teórico. De acordo com Bogdanov, cada classe possui a sua própria cultura, e a tarefa do Proletkult era auxiliar o proletariado a produzir uma cultura proletária nova e pura, livre de intervenções da intelligentsia. Bogdanov e Gastev tratava a arte e a literatura de modo instrumental, como formas de organização de classe e de educação, considerando o prazer estético um atavismo burguês. O Proletkult cresceu exponencialmente, operando vinte revistas em 1920 e contando com cerca de 80.000 membros, mas Lenin se opunha categoricamente à sua independência; ele existiu formalmente até 1932, mas a crítica feroz de Lenin em 1920 (na diretiva ‘Sobre o Proletkult’) conduziu os seus membros a organizações que estavam mais diretamente sob o controle partidário”] (KAHN et al., 2018, p. 528-529)

<sup>273</sup> “estabelecer a solidariedade e o equilíbrio entre as gerações que Bogdanov considerava essenciais para o estabelecimento de uma sociedade socialista justa”. (GROYS, 2018, p.13.)

<sup>274</sup> Fiódorov argumenta que "em sua correta definição, a arte não está separada da ciência". (FIÓDOROV, 1995, p. 321)

в себе отразила всю вселенную), разумных существ для одухотворения (и управления) ими всех громадных небесных миров, разумных существ не имеющих. В этом воссоздании и заключается начало блаженства вечного”.<sup>275</sup>

Assim, as leis que regem a criação estética na composição de formas perfeitas deveriam se tornar também as leis que moldam a própria realidade.<sup>276</sup> Fiódorov argumentava, contudo, que a arte produzida em seu tempo era absolutamente incapaz de realizar tal tarefa, pois estava artificialmente cindida da ciência. Apenas por meio da radical reunião entre as duas áreas de conhecimento – com a imaginação artística e com o exame profundo das leis naturais, que permite a organização e sistematização do trabalho – a estética atingiria o seu potencial de transformação da realidade. Nesse sentido, a criação artística do final do século XIX deveria servir de espaço de experimentação, representando os primeiros rascunhos para a futura estética que transformaria a toda a vida. A “arte das representações” de seu tempo – que interrompe o fluxo do tempo e é capaz de ressuscitar os mortos apenas no espaço da tela, da escultura ou da linguagem – deveria dar lugar à “arte da realidade” – um conceito que trava dialogo estreito com a ficção científica da virada do século XX descrita por Banerjee.

De modo a recriar a realidade por meio da fusão entre arte e ciência, o ser humano deveria, ele mesmo, ser objeto da recriação. Esse impulso de auto-criação estética, para Fiódorov, remonta aos princípios da humanidade, quando nossos ancestrais – em seu ato primordial de auto-criação – se ergueram acima dos animais, de suas próprias limitações<sup>277</sup> e em direção ao céu:

“В вертикальном положении, как и во всем самовостании, человек, или сын человеческий, является художником и художественным произведением-храмом... Это и есть эстетическое толкование бытия и создания, и притом не только

---

<sup>275</sup> “A estética é a ciência que trata da recriação de todos os seres racionais que já existiram sobre a pequenina terra (essa gota que se refletiu em todo o universo e que refletiu o universo todo em si), para que eles espiritualizem (e guiem) todos os vastos mundos celestiais, que são desprovidos de seres racionais. Nessa recriação consiste o início da felicidade eterna”. (FIÓDOROV, 1995, p. 321)

<sup>276</sup> GACHEVA, Art as the Overcoming of Death : From Nikolai Fedorov to the Cosmists of the 1920s.

<sup>277</sup> Esse ato original de insurreição contra as forças da natureza teria permitido ao humano ganhar perspectiva em relação às leis naturais, ao observar o mundo a partir de outro ângulo. Assim, teria surgido a possibilidade de agir sobre o mundo e de melhorar as condições de vida sobre a Terra, de unir teoria e práxis. (SIMAKOVA, 2018)

эстетическое, но и священное. Наша жизнь есть акт эстетического творчества”.<sup>278</sup>

Esse teria sido o primeiro ato artístico da humanidade<sup>279</sup>, através do qual Deus teria (re-)criado o homem através do próprio homem.<sup>280</sup> Tal ato de auto-criação, reproduzido por meio da fusão entre arte e ciência, importaria o surgimento da “arte da realidade”, com a transformação da natureza mortal humana em uma nova natureza imortal e livre.<sup>281</sup>

A exploração espacial viria como consequência da vida eterna e da superação das limitações humanas. A ressurreição dos mortos, afinal, implicaria o aumento expressivo da população humana sobre o planeta. Desse modo, seria necessário remodelar a Terra “чтобы вместить часть воскрешенных, остальные заселят космические просторы; наша планета станет кораблем, управляемым волей людей; Человек внесет порядок в законы вселенной”<sup>282</sup>. Isto é, não se trataria da mera colonização de outros planetas, mas da eventual regulação de todo o universo.

Como afirma Simakova, apesar de seu caráter religioso, é importante notar que as ideias fiodorovianas acerca da imortalidade e da exploração espacial não devem ser lidas como “a set of prescriptions for ‘ethical life,’ but rather as a symptomatic critical response to the social and political circumstances of late modernity.”<sup>283</sup>

Percebe-se que, apesar de ser um crítico severo de muitos dos valores que imbuíam a modernidade,<sup>284</sup> Fiódorov tinha os avanços científicos e tecnológicos de seu tempo como elementos centrais em seu pensamento. A tecnologia moderna representava uma força a ser controlada e direcionada: ela não viria para destruir tudo o que havia existido até então, mas sim para realizar as expectativas messiânicas transmitidas por incontáveis

---

<sup>278</sup> “[Erguendo-se à] posição vertical, assim como ocorre em todo ato de auto-superação, o homem – ou o filho do homem – torna-se um artista e uma obra de arte, torna-se um templo... Esta é a interpretação estética da existência e da criação - e não apenas ela é estética, como também sagrada. *A nossa vida é um ato de criação estética*”. [destaque no original] (FIÓDOROV 1995, p.162.)

<sup>279</sup> Anos mais tarde, Tátlin tentaria, como vimos, levar a humanidade aos céus por meios científicos.

<sup>280</sup> “первым актом искусства; это — теoантропоургическое искусство, которое состоит в создании Богом человека чрез самого человека”. (FIÓDOROV, 1995, p.228.)

<sup>281</sup> Fiódorov nota que “только самосозданное существо может быть свободным” (“apenas os seres auto-criados podem ser livres”). (FIÓDOROV, 1995, p.229.)

<sup>282</sup> “para que parte dos ressurrectos pudessem ser acomodados; o restante da humanidade habitaria a vastidão cósmica; nosso planeta se tornaria uma espaçonave guiada pela vontade humana; os humanos trariam ordem às leis do universo”. (HELLER, 1985, p.38.)

<sup>283</sup> “um conjunto de ditames para uma ‘vida ética’, mas sim uma resposta crítica sintomática às circunstâncias políticas e sociais da modernidade tardia” (SIMAKOVA, 2018)

<sup>284</sup> DOBRENKO, 2007, 297

gerações.<sup>285</sup> Ou seja, um dos eixos centrais da modernização era colocado a serviço de anseios pré-modernos – a vida eterna, a chegada ao Paraíso, a solidariedade social completa, a superação do tempo.

Desse modo, o projeto de ressurreição fiodoroviano constituía uma manifestação extrema da secularização do cristianismo. Não se tratava, evidentemente, da mera negação da filosofia cristã, mas de sua reinterpretação no seio da sociedade secular, racional e tecnológica.<sup>286</sup>

Fiódorov não acreditava na eternidade da alma separada do corpo; a existência física e material era a única forma de existência. Ao contrário dos ateus iluministas, contudo, ele acreditava que tudo aquilo que é material – incluindo o corpo humano – é passível de manipulação e tratamento pela tecnologia. Assim, se a morte é um processo estritamente físico, e não espiritual, ela pode ser tecnologicamente revertida – o que dependeria apenas de avanços científicos específicos. O argumento de que essa reversão da morte por meio da tecnologia seria impossível carregaria dentro de si a crença cristã na existência da alma.

Nesse sentido, uma das diferenças essenciais entre os projetos cosmista e marxista reside no fato de que, para Fiódorov, a ressurreição de todos os mortos é um imperativo moral inegociável:

The communist “paradise on Earth” that is supposed to be achieved through the combination of revolutionary struggle and creative work is understood as a realization of harmony between humanity and nature, to which also belongs the inevitability of so-called natural death. Fedorov interpreted this acceptance of natural death as an internal contradiction in the socialist theories of the nineteenth century. Future generations were supposed to enjoy socialist justice only at the price of the cynical acceptance of an outrageous historical injustice: the exclusion of all previous generations from the realm of

---

<sup>285</sup> Para Groys, a secularização do cristianismo como proposta pelo Iluminismo e pelo Marxismo é falha ou incompleta. O pensamento iluminista francês secularizava o cristianismo por meio do ateísmo, que meramente nega a possibilidade e a esperança da vida eterna, denunciando as falsas promessas cristãs quanto à eternidade da existência humana – e apregoando, por outro lado, a aceitação da sua natureza finita e sua dependência do mundo material (como as necessidades econômicas e os impulsos sexuais). Ainda de acordo com Groys, o Marxismo, apesar de em muitos sentidos ser herdeiro do Iluminismo, não repete essa negação. Em lugar disso, refunda – por via materialista – a promessa cristã de harmonia escatológica, deslocando o locus da felicidade eterna, do paraíso cristão à sociedade comunista; substituindo a entrega do próprio destino às forças divinas pela tomada de controle deste pela classe trabalhadora. (GROY, 2018)

<sup>286</sup> GROYS, 2018, p. 5

socialist utopia. Socialism thus functioned as an exploitation of the dead in favor of the living — and as an exploitation of those alive today in favor of those who will live later.<sup>287</sup>

A capitulação à morte seria, assim, uma contradição interna dos socialismos, incluindo o marxista. O Estado, acreditavam os cosmistas, deveria desempenhar o papel de fiador do projeto de ressurreição.

De acordo com Foucault, uma das mudanças profundas que marcam o Oitocentos é o surgimento do biopoder. A conceitualização de biopoder se encontra dispersa em várias das obras de Foucault, que o define, em suma, como uma tecnologia de poder voltada ao gerenciamento político de corpos humanos reunidos em grandes populações:

“I think that one of the greatest transformations political right underwent in the nineteenth century was precisely that, I wouldn't say exactly that sovereignty's old right — to take life or let live — was replaced, but it came to be complemented by a new right which does not erase the old right but which does penetrate it, permeate it. (...) It is the power to "make" live and "let" die. The right of sovereignty was the right to take life or let live. And then this new right is established: the right to make live and to let die”.<sup>288</sup>

A partir de então, portanto, o fomento à vida dos cidadãos que constituem a população de um Estado-Nação passa a ser uma das preocupações centrais de seu governo, o que se manifesta por meio de políticas públicas – como as relacionadas à natalidade, à saúde, ao fornecimento de insumos básicos à vida, ao monitoramento das taxas de mortalidade, etc. Por meio dessas políticas, o Estado moderno “faz viver”, ou seja, assegura a sobrevivência da população. Todavia, tal garantia não se estende ao indivíduo: a morte do indivíduo decorrente de causas consideradas naturais é tida como

---

<sup>287</sup> “O ‘paraíso terreno’ comunista, que seria atingido pela combinação entre luta revolucionária e trabalho criativo, é compreendido como uma realização da harmonia entre humanidade e natureza, da qual também faz parte a inevitabilidade da morte natural. Fiódorov interpretava essa aceitação da morte natural como uma contradição interna das teorias socialistas do século dezenove. As futuras gerações apenas desfrutariam da justiça socialista ao custo da aceitação cínica de uma injustiça histórica ultrajante: a exclusão de todas as gerações anteriores da utopia socialista. Assim, o socialismo funcionaria como um sistema de exploração dos mortos pelos vivos, e da exploração daqueles que estão vivos hoje pelos que estarão vivos no futuro”. (GROYNS, 2018, p. 5).

<sup>288</sup> “Eu acho que uma das maiores transformações políticas que o direito sofreu no século dezenove foi precisamente essa. Eu não diria exatamente que o antigo direito do soberano - de tirar a vida e deixar viver - foi substituído, mas sim que ele foi complementado por um novo direito, que não apaga o direito antigo, mas o penetra, o permeia. (...) É o poder de “fazer” viver e “deixar” morrer. O direito do soberano era o direito de tirar a vida ou deixar viver. E então esse novo direito foi estabelecido: o direito de fazer viver e deixar morrer”. (FOUCAULT, 2003, p. 241)

parte do curso esperado e inevitável da vida privada, não estando sob a alçada do Estado. Desse modo, a morte individual representa o limite ao biopoder encarnado no Estado moderno. Fiódorov propõe a superação dessa limitação, com a criação de um biopoder total.

A totalidade do biopoder em Fiódorov se daria por meio do apagamento das fronteiras existentes entre vida e arte, e entre Estado e museu. Isto é, o ser humano deveria se tornar uma obra de arte a ser submetida pelo Estado a um processo radical de museificação que, por sua vez, resultaria na preservação eterna da vida. Pode-se compreender, como vimos, que a transmutação do humano em obra de arte corresponde à sua modificação por meio da tecnologia fundida à imaginação artística. Logo, o ser humano submetido a tecnologias específicas seria transformado de modo a ingressar em uma esfera de suspensão temporal, na qual a morte inexistiria.

Heidegger identifica como função primordial da tecnologia moderna o processo de desbloqueio, transformação, acumulação e distribuição da energia proveniente da natureza, que é reduzida a um recurso.<sup>289</sup> O desenvolvimento histórico das tecnologias permitiu que a humanidade se tornasse menos dependente em relação ao fortuito e às vicissitudes do mundo natural. Desse modo, a tecnologia de produção da farinha de trigo, por exemplo, permite o armazenamento da – e o acesso posterior à – energia do Sol (convertida, por meio da fotossíntese, no grão nutritivo). No limite, essa possibilidade de acessos posteriores implica a interrupção do fluxo temporal e a produção de “reservatórios de tempo”<sup>290</sup> – no exemplo anterior, o momento da colheita do trigo maduro é congelado por meio da tecnologia, podendo ser acessado em diversos momentos posteriores. A tecnologia, assim, permite a suspensão do fluxo temporal, com a ressalva de implicar a reificação da natureza. Submetido à tecnologia, o humano também poderia se tornar um recurso, uma coisa.

Na concepção cosmista, o museu constitui a tecnologia capaz de resolver tal dilema. No espaço do museu, as obras de arte são conservadas, restauradas e tornam-se imunes à passagem do tempo. Elas não se tornam coisas, pois não existem para serem usadas com recurso, mas sim para serem contempladas e exibidas. Do mesmo modo, o humano submetido à tecnologia da museificação – isto é, tornado imortal – é preservado e não fica sujeito ao processo de reificação que atinge a natureza na modernidade (não sendo, assim, transformado em uma engrenagem na linha de montagem, como o operário da

---

<sup>289</sup> DAVIS, 2010, p. 174

<sup>290</sup> GROYS, 2018, p.8

era industrial). Na qualidade de obra de arte, ele deixa de ser um reservatório de energia e habilidades comercializáveis. Assim, a tecnologia da museificação impede que o indivíduo seja considerado um recurso a ser explorado tecnologicamente, afastando-o da reificação da era moderna.

Ainda que suas ideias tenham alcançado maior notoriedade após a publicação póstuma de *A Filosofia da Causa Comum*, Fiódorov gozou de prestígio e certa popularidade durante sua vida, sendo considerado um pensador altamente original e até mesmo genial por autores como Fiódor Dostoiévski, Liev Tolstói e Vladimir Solovióv.<sup>291</sup>

As ideias cosmistas alcançaram o famoso trio por intermédio de Nikolai Pávlovitch Peterson, o primeiro seguidor de Fiódorov. Em 1876, Peterson enviou a Dostoiévski um manuscrito contendo algumas das ideias fiodorovianas. Na edição de março do mesmo ano, Dostoiévski publicou alguns trechos do manuscrito em seu periódico *Diário de um Escritor*, comentando que eles continham ideias interessantes, mas “isoladas” e algo contraditórias.<sup>292</sup> Um ano mais tarde, Peterson enviaria um segundo manuscrito, contendo um relato muito mais detalhado das ideias de Fiódorov e suscitando uma reação bastante diferente por parte de Dostoiévski:

The first matter is a question: who is this thinker whose thoughts you have sent me? If possible, let me know his real name. He has aroused my interest more than enough. By all means do tell me something more detailed about him as a person-all this if you can.

Let me tell you that essentially I am in complete agreement with these ideas. I have read them as if they were my own. Today I read them (anonymously) to Vladimir Sergeevich Solovyov, our young philosopher who is now delivering lectures on religion, lectures that nearly a thousand attend. I waited for him on purpose to read him your account of your thinker's ideas, since I found in his view much that is similar. We spent a beautiful two hours at this. He finds your thinker's ideas much to his liking and had wished to say almost the same things in his next lecture. (...) does your thinker intend this to be taken directly and literally, as religion implies, and that the resurrection will

---

<sup>291</sup> HELLER, 1985, p.37

<sup>292</sup> YOUNG, 2012, p.63



be real, that the abyss that divides us from the spirits of our ancestors will be filled, will be vanquished by vanquished death, and that the dead will be resurrected not only in our minds, not allegorically, but in fact, in person, actually in bodies. (...) An answer to this question is essential-otherwise it will all be impossible to understand. I warn you that we here, that is, Solovyov and I at least, believe in a real, literal, personal resurrection, and one that will come to pass on earth. Do let me know, then, if you can and will, esteemed N. P., what your thinker thinks about this, and, if possible, let me know in more detail.<sup>293</sup>

O impacto das ideias de Fiódorov é evidente na resposta de Dostoiévski,<sup>294</sup> o que encorajou Fiódorov e Peterson a se debruçarem sobre a preparação de um ensaio que aprofundasse as ideias apresentadas nos manuscritos anteriores. Dostoiévski, contudo, veio a falecer antes que a dupla tivesse tido a chance de terminar o trabalho.

Tolstói, por sua vez, travou um contato muito mais próximo com Fiódorov. Ao conhecer o escritor durante uma viagem de trem em 1878, Peterson mostrou-lhe a carta de Dostoiévski e apresentou-lhe o núcleo das ideias fiodorovianas: “After he had heard me through, Lev Nikolaevich told me that he didn't like the idea”<sup>295</sup>. Apesar disso, um intrigado Tolstói decidiu reunir-se com Fiódorov, dando início a uma série de encontros que ocorreriam ao longo da década de 1880 e início da década seguinte:

There are men here too. And God has allowed me to get to know two of them. Orlov is one, the other, and the main one, is Nikolai

---

<sup>293</sup> “Primeiramente, uma pergunta: quem é esse pensador cujas ideias você me enviou? Se possível, conte-me o seu verdadeiro nome. Ele despertou o meu interesse mais do que o suficiente. Por favor, conte-me mais detalhes sobre ele como pessoa, se possível. Deixe-me dizer que eu essencialmente concordo completamente com essas ideias. Eu as li como se fossem minhas próprias ideias. Hoje eu as li (anonimamente) a Vladimir Sergueievitch Soloviov, o nosso jovem filósofo que atualmente está apresentando palestras sobre religião, sendo ouvido por quase mil pessoas. Eu intencionalmente esperei por ele para lermos o relato das ideias do seu pensador, pois vejo que há muitas semelhanças entre as ideias dos dois. Nós passamos belas duas horas nessa leitura. Ele gostou muito das ideias do seu pensador, e teve vontade de dizer quase as mesmas coisas em sua próxima palestra. (...) O seu pensador acredita que [a ressurreição] deve ser entendida direta e literalmente, como sugerido pela religião, e que a ressurreição será real, que o abismo que nos divide dos espíritos dos nossos ancestrais será preenchido, será derrotado pela derrotada morte, e que os mortos serão ressuscitados não apenas em nossas mentes, não alegoricamente, mas de fato, em carne e osso, em corpos reais? (...) Uma resposta à esta questão é essencial - do contrário será impossível compreender qualquer coisa. Eu aviso que nós, isto é, Soloviov e eu, acreditamos na ressurreição real, literal, pessoal, e que ela ocorrerá na terra. Conte-me, se puder, estimado N. P., o que o seu pensador acha disso, e, se possível, conte-me mais detalhes.” (YOUNG, 2012, p.63-65)

<sup>294</sup> Alguns críticos, como Gacheva (GACHEVA, 2004), argumentam que essas ideias influenciaram a composição de Os Irmãos Karamázov.

<sup>295</sup> “Depois de me ouvir falar, Liev Nikolaievitch disse que a ideia não lhe agradava”. (YOUNG, 2012, p.66.)

Fedorovich Fedorov. He is the librarian at the Rumyantsev Library. Remember, I told you about him. He has put together a plan of the common task of all mankind, having as its goal the resurrection of all people in the flesh. Firstly, this is not as insane as it seems. (Don't be afraid, I do not share and have never shared his views, but I have understood them so well that I feel capable of defending those views against any other credo that has an external goal.)<sup>296</sup>

Ao longo da década de 1880 e até o início dos anos 1890, Tolstói e Fiódorov se encontraram com frequência. De acordo com testemunhos da época, Tolstói mostrava uma deferência pouco habitual em relação ao filósofo, ainda que o sentimento não fosse recíproco:

“People who often observed them talking together tell us that when Fedorov spoke, Tolstoy would listen respectfully and nod his agreement, but when Tolstoy spoke Fedorov would usually scowl sternly and shake his head in strong objection. Fedorov was apparently one of the few people who dared tell Tolstoy to his face that he was an utter fool”.<sup>297</sup>

A relação permaneceu amistosa por mais alguns anos, contudo, em 1891, durante um período de fome na Rússia imperial, Fiódorov voltou a sua atenção a experimentos de *rainmakers* nos EUA, que poderiam representar um primeiro passo no projeto de controle sobre a natureza. O filósofo discutiu a realização de experimentos relativos à indução artificial da chuva na Rússia com Tolstói:

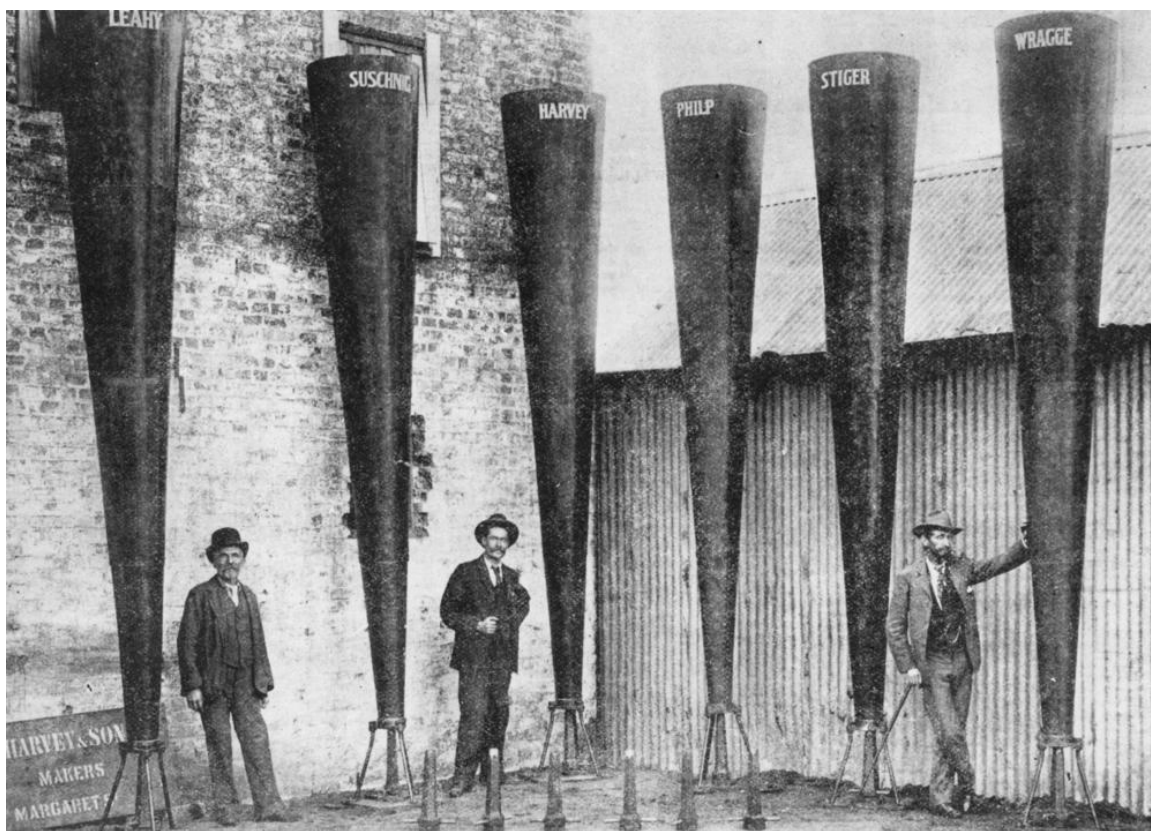
Concerning influencing the movement of the clouds in order that rain will not fall into the sea, but where it is needed, I know and have read nothing, but I think that it is not impossible, and that everything that can be done in this line will be good. It is one of the applications of the worldview of Nikolai Fedorovich, with whom I have always

---

<sup>296</sup> “Há homens aqui também. E Deus me permitiu conhecer dois deles. Orlov é um. O outro, o principal, é Nikolai Fiodorovitch Fiódorov. Ele é o bibliotecário na Biblioteca Rumiantsev. Lembre-se, eu contei sobre ele. Ele concebeu um plano de uma tarefa comum de toda a humanidade, tendo como objetivo a ressurreição de todas as pessoas. Primeiramente, essa ideia não é tão louca quanto parece. (Não se preocupe, eu não compartilho e nunca compartilhei de suas ideias, mas eu as compreendi tão bem que sinto-me capaz de defendê-las contra qualquer outra crença que possua um objetivo externo)”. Liev Tolstói, em carta a V. I. Alexeev (15-30 de novembro de 1881) (<https://cosmism-timeline.e-flux.com>)

<sup>297</sup> “Pessoas que frequentemente os viam conversar dizem que quando Fiódorov falava, Tolstói escutava respeitadamente e assentia em concordância, mas quando Tolstói falava, Fiódorov geralmente franzia as sobrancelhas e balançava a cabeça discordando fortemente. Aparentemente, Fiódorov era um dos poucos que ousava dizer a Tolstói que ele era um tolo”. (YOUNG, 2012, p. 67)

sympathized and still do, regarding a task that is worth the effort and the common task of all mankind.<sup>298</sup>



*Grupo de canhões Steiger-Vortex, instrumentos criados para provocar a chuva. O tiro do canhão tinha como objetivo causar uma descarga de gás, provocando vibrações nas nuvens. (Autor desconhecido, Queensland, Austrália, ao redor de 1902).*

Já no século XX, outra figura de destaque nos círculos literários a ser altamente influenciada pelas ideias fiodorovianas foi o crítico Viktor Chklóvski, como demonstrado por Kalinin.<sup>299</sup> O rol de admiradores das ideias de Fiódorov incluía ainda Maksim Górkí, que no centésimo aniversário do nascimento do filósofo declarou ao jornal *Izvestia* que “a liberdade sem o poder sobre a natureza é o mesmo que a liberdade de um camponês sem terras”<sup>300</sup>. Certos comentadores, ademais, chegam a detectar um

---

<sup>298</sup> “No que diz respeito à influência sobre o movimento das nuvens com o intuito de fazer a chuva cair onde é necessário, e não no mar, eu nada sei. Mas acho que não é impossível, e tudo que possa ser feito nesse sentido é uma boa iniciativa. Esta é uma das aplicações da visão de mundo de Nikolai Fiodorovitch, com quem eu sempre simpatizei – e simpatizo até hoje –, no que diz respeito a uma tarefa comum que vale o esforço de toda a humanidade”. Liev Tolstói, em carta a I. M. Ivankin (<https://cosmism-timeline.e-flux.com/>)

<sup>299</sup> KALININ, Ilya, A arte como procedimento de ressurreição da palavra: Viktor Chklóvski e a filosofia da causa comum, 2018.

<sup>300</sup> SIDDIQI, 2010, p. 108

fio de de forte influência entre a filosofia de Fiódorov e artistas vanguardistas como Kandinski, Maliévitch e Filónov<sup>301</sup>.

A busca pela concretização do projeto cosmista – que se baseava, vale lembrar, em tecnologias ainda inexistentes – levou diversos cientistas a desenvolver pesquisas inéditas nas áreas de ciência e tecnologia no início do século XX. A geração que entrou em cena após a Revolução de Outubro contava com vários seguidores de Fiódorov. Muitos deles, como Bogdánov e Tsiolkóvski desempenharam papéis de destaque nos anos formativos do sistema soviético, liderando iniciativas como o proletkult e o embrião do programa espacial. Desse modo, o pensamento fiodoroviano permaneceria como um espectro projetado sobre diversas áreas da cultura e das ciências soviéticas. Como aponta Kalinin: “Em certo sentido, pode-se dizer que o projeto fiodoroviano se realiza, mas em perspectiva contrária. Seu objetivo era atingir a imortalidade e a ressurreição dos mortos, para o que era indispensável atingir uma unidade social capaz de anular todas as diferenças. Essa unidade foi atingida justamente na comunidade total do povo soviético, que realizou outro sonho de Fiódorov: o sonho de sair dos limites da Terra”.<sup>302</sup> Todavia, o projeto cosmista propriamente dito foi derrotado por projetos concorrentes nas primeiras décadas do século XX.

---

<sup>301</sup> SIDDIQI, 2010, p. 103

<sup>302</sup> KALININ, Ilya, A arte como procedimento de ressurreição da palavra: Viktor Chklóvski e a filosofia da causa comum, 2018, p. 19.

## 2.2. A construção da URSS como projeto da razão científica moderna

### 2.2.1. A industrialização e a criação do 'novo homem soviético'

Como citado anteriormente, o processo de modernização enseja uma violenta ruptura com a cosmovisão pré-moderna. Em muitas sociedades, de modo a reconciliar a sociedade com as mudanças em curso, foram utilizadas diversas estratégias de “domesticação” da modernidade.<sup>303</sup> Tais estratégias visavam, entre outros objetivos, atenuar o caráter interruptivo do processo, criando uma aparência de continuidade evolutiva e inevitável em relação ao passado<sup>304</sup>. Isto é, por meio dessas estratégias, os aspectos mais flagrantemente contraditórios entre os valores – tradicionais ou declarados – de uma sociedade e a realidade material da vida dos cidadãos na modernidade poderiam ser eclipsados.

Inicialmente, cabe examinar certos fenômenos da modernidade capitalista que nos parecem ter adentrado a sociedade soviética nos primeiros anos pós-revolucionários, e então observar como estes se tornaram objeto de tentativas de domesticação por conta de sua incongruência com os valores objetivados e declarados no sistema soviético. Mobilizaremos, nesse intuito certa instrumentária teórica fornecida por Michel Foucault, buscando as mediações necessárias para a sua adequada aplicação ao contexto em exame.

A investigação das relações de poder na modernidade capitalista empreendida por Foucault<sup>305</sup> demonstra que a submissão do indivíduo não envolve, necessariamente, a coerção pela força: em certas situações, é possível se extrair com maior eficácia a utilidade econômica do indivíduo por meio da *normalização* – a adequação do indivíduo a um conjunto de normas – do que pela violência ou pelo constrangimento

---

<sup>303</sup> MEIKLE, 1995

<sup>304</sup> Meikle identifica três estratégias para este fim: a primeira consiste na criação da aparência de continuidade; a segunda consiste na criação de espaços segmentados nos quais seria possível experimentar a modernidade – notadamente, a cidade moderna – e depois retornar a um cenário mais tradicional; a terceira consiste na introdução de ícones da modernidade – como a máquina – no ambiente pessoal da população, de modo a domesticar os seus aspectos mais ameaçadores. (MARGOLIN, 2002)

<sup>305</sup> FOUCAULT, 2014

jurídico. A normalização por meio da qual se exerce o poder na modernidade é intimamente conectada às práticas de *disciplinarização* dos corpos humanos.

Comparando soldados do exército francês, um do século XVII e outro do século XVIII, Foucault nota que enquanto o primeiro possui características naturais que o tornam particularmente apto ao exercício da função – os ombros largos, o ventre pequeno, as pernas delgadas –, o segundo possui um *corpo produzido*: “o soldado se tornou algo que se fabrica; de uma massa informe, de um corpo inapto, fez-se a máquina de que se precisa; corrigiram-se aos poucos as posturas: lentamente uma coação calculada percorre cada parte do corpo, assenhoreia-se dele, dobra o conjunto, torna-o perpetuamente disponível, e se prolonga, em silêncio, no automatismo dos hábitos”.<sup>306</sup> A partir desse protótipo, o processo disciplinar que dobra o corpo do soldado, moldando-o em forma de homem-máquina, foi aplicado a outros corpos dos quais se almejava extrair utilidade econômica – o estudante, o operário, o paciente (cuja disciplina reduz os custos de tratamento), o criminoso, o louco, etc. Isto é, o corpo foi descoberto como potencial “objeto e alvo do poder”.<sup>307</sup> Emergem campos de conhecimento dedicados à investigação da eficácia dos movimentos, e são desenvolvidas técnicas para a manipulação de cada gesto corporal. O objetivo último de tais técnicas disciplinares consiste na sujeição completa do corpo, na sua transformação em objeto *economicamente ativo* – ou seja, útil – e *politicamente passivo* – isto é, dócil.

Foucault identifica quatro mecanismos principais de produção dos *corpos dóceis*: a arte da distribuição, o controle das atividades, a organização das gêneses, e a composição das forças.

A *arte das distribuições* consiste na distribuição dos corpos no espaço. Por meio do *quadriculamento*, os corpos são dispostos em locais específicos de acordo com as demandas depositadas sobre eles:

Cada indivíduo no seu lugar; e em cada lugar um indivíduo. (...) O espaço disciplinar tende a se dividir em tantas parcelas quanto corpos ou elementos há a repartir. É preciso anular os efeitos das repartições indecisas, o desaparecimento descontrolado dos indivíduos, sua circulação difusa, sua coagulação inutilizável e perigosa; tática de antideserção, de antivadiagem, de antiaglomeração. Importa estabelecer as presenças e as ausências, saber onde e como encontrar

---

<sup>306</sup> FOUCAULT, 2014, p. 133.

<sup>307</sup> FOUCAULT, 2014, p. 134.

os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interromper as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou os méritos<sup>308</sup>

No contexto da fábrica, cada operário ocupa uma célula espacial de acordo com a sua função na linha produtiva. O quadriculamento permite que cada operário seja identificado e analisado, de modo a otimizar a eficiência total da indústria. No contexto da escola, cada aluno ocupa um conjunto de espaços específicos, tanto físicos – sua sala de aula na escola, sua carteira na sala de aula – quanto abstratos – sua série entre as diversas séries, sua turma entre as várias turmas da série –, estes ligados ao seu mérito estudantil.

Os espaços se transformam em máquinas de controle e eficiência: a disposição espacial dos corpos permite que cada um, assim como o conjunto como um todo, seja vigiado incessantemente. A normalização mantém os corpos hierarquizados e em busca do mais alto nível de produtividade – um aluno, ao receber uma nota abaixo da média, deve corrigir seu comportamento de modo a se adequar à norma; o mesmo ocorre com um operário castigado pelo atraso. Diversas classificações são utilizadas para medir e aumentar a produtividade do indivíduo: comportamento, eficiência, pontualidade, etc.

O *controle das atividades*, por sua vez, diz respeito ao tempo. O corpo do operário deve adentrar e deixar a fábrica em momentos específicos, registrados e monitorados por seus empregadores. Mais do que isso, é controlada a posição do corpo no tempo e no espaço: no ato produtivo, cada membro e articulação do operário deve ocupar um espaço específico no momento correto, de modo a elevar a produtividade.

Define-se uma espécie de esquema anátomo-cronológico do comportamento. O ato é decomposto em seus elementos; é definida a posição do corpo, dos membros, das articulações; para cada movimento é determinada uma direção, uma amplitude, uma duração; é prescrita sua ordem de sucessão. O tempo penetra o corpo, e com ele todos os controles minuciosos do poder.<sup>309</sup>

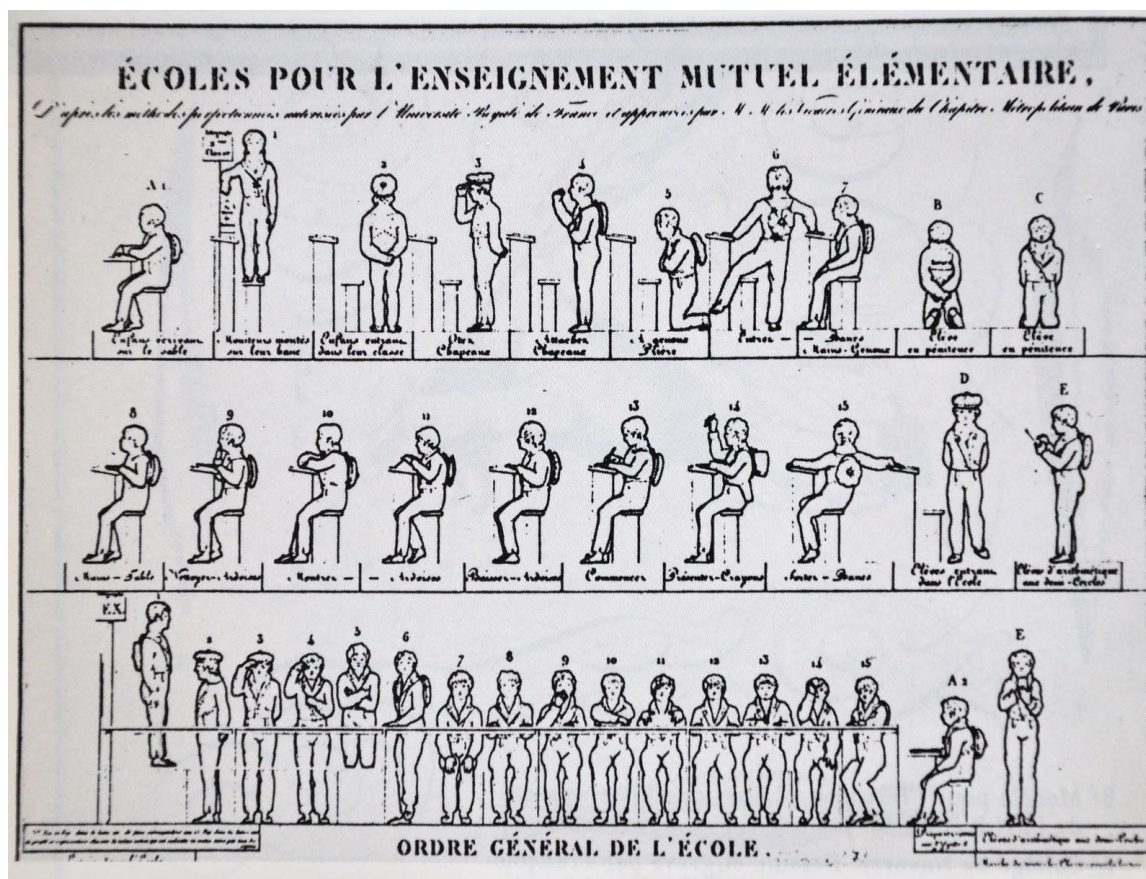
Na escola, ocorre o mesmo. Os atos são definidos de acordo com os horários – de chegar à escola, de entrar na sala, de saudar o professor, etc – e muitas vezes são marcados pelos mesmos sinais sonoros que identificam os momentos da produção na

---

<sup>308</sup> FOUCAULT, 2014, p. 140.

<sup>309</sup> FOUCAULT, 2014, p. 149.

fábrica. Os gestos também visam a utilidade máxima, a eliminação do desperdício: “Um corpo bem-disciplinado forma o contexto de realização do mínimo gesto. Uma boa caligrafia, por exemplo, supõe uma ginástica – uma rotina cujo rigoroso código abrange o corpo por inteiro, da ponta do pé à extremidade do indicador”.<sup>310</sup>



“[Deve-se] manter o corpo direito, um pouco voltado e solto do lado esquerdo, e algo inclinado para a frente, de maneira que, estando o cotovelo pousado na mesa, o queixo possa ser apoiado na mão, a menos que o alcance da vista não o permita; a perna esquerda deve ficar um pouco mais avançada que a direita, sob a mesa. Deve-se deixar uma distância de dois dedos entre o corpo e a mesa; pois não só se escreve com mais rapidez, mas nada é mais nocivo à saúde que contrair o hábito de apoiar o estômago contra a mesa; a parte do braço esquerdo, do cotovelo até à mão, deve ser colocada sobre a mesa. O braço direito deve estar afastado do corpo cerca de três dedos, e sair aproximadamente cinco dedos da mesa, sobre a qual deve apoiar ligeiramente. O mestre ensinará aos escolares a postura que estes devem manter ao escrever, e a corrigirá seja por sinal seja de outra maneira, quando dela se afastarem.” (Lithographie de H. Lecomte, 1818)

<sup>310</sup> FOUCAULT, 2014, p. 149



A *organização das gêneses* visa explicar o funcionamento do sistema de aprendizagem. A escola é organizada em torno de um conjunto de gradações, nas quais os alunos são distribuídos de acordo com os níveis de dificuldade que apresentam. Por meio da implementação de técnicas de recompensa e penalização, estabelece-se um sistema de hierarquia e cumprimento de metas para medir os alunos. O operário é submetido a sistemas análogos, sendo hierarquizado de acordo com sua produtividade.<sup>311</sup>

Finalmente, a *composição das forças* trata das formas com que a disciplina é utilizada para aumentar a produtividade não apenas do indivíduo, mas também da coletividade. O corpo do indivíduo, reduzido à função que desempenha, é novamente reduzido a uma peça na engrenagem produtiva, tornando-se uma “peça de uma máquina multissegmentar”.<sup>312</sup> Cada corpo potencializa a produtividade dos corpos restantes, e cada um vigia e controla todos os outros – todos, evidentemente, submetidos a um comando centralizado.

A redução do indivíduo a um corpo dócil – rigorosamente adestrado e perfeitamente produtivo –, produzido por meio da disciplina, constitui uma característica da modernidade capitalista que foi introduzida na sociedade soviética durante o seu processo de industrialização. Isto é, como aponta Marcuse, encontramos paralelos entre alguns aspectos do sistema soviético e das sociedades capitalistas pós-industriais, no que diz respeito à relação entre o humano e a tecnologia. A crítica de Marcuse à “nova racionalidade” prevalente no sistema soviético nos parece constituir uma mediação interessante entre o exposto por Foucault e o contexto da industrialização da URSS: o autor aponta que a organização da indústria e da sociedade por meio da racionalidade tecnológica resulta na submissão à precisão, à eficiência e à padronização típicas da indústria moderna. Deste modo, o avanço de um projeto de industrialização que orbita em torno da máquina caminha a par e passo com o avanço de uma nova forma de dominação. É uma análise semelhante à desenvolvida pelo mesmo autor (por exemplo, em, *Some Social Implications of Modern Technology*, de 1941) em relação à “racionalidade tecnológica” prevalente no capitalismo liberal estadunidense e no

---

<sup>311</sup> No sistema soviético, um exemplo extremo da hierarquização dos trabalhadores se dá, por exemplo, com a ascensão do stakhanovismo. Aleksei Stakhanov, inspirador do movimento, era um mineiro que participava das “competições socialistas”, nas quais diferentes grupos de operários buscavam disputar entre si o posto de mais produtivo. Em 1935, noticiou-se que Stakhanov havia quebrado o recorde de produtividade ao minerar mais de 100 toneladas de carvão em pouco menos de seis horas. Em recompensa, ele recebeu inúmeros prêmios e títulos.

<sup>312</sup> FOUCAULT, 2014, p.162

fascismo alemão. Isso não significa que Marcuse aponte uma convergência de fato entre esses sistemas capitalistas e o sistema soviético. O autor destaca, pelo contrário, que a racionalidade tecnológica carregava ainda um potencial libertador na sociedade soviética (apesar das graves falhas em sua implementação naquele momento), ausente nos sistemas capitalistas. Assim, em Marcuse o problema não é a máquina em si, mas a relação estabelecida entre a máquina e a classe trabalhadora – caso esta estivesse em função da máquina, tornar-se-ia sua serva, uma engrenagem humana que repete mecanicamente movimentos maquinais; por outro lado, caso a máquina fosse colocada em função da classe trabalhadora (e, mais do que isso, caso esta passasse a ter o controle das decisões sobre a indústria, a atividade laboral, a tecnologia e a sociedade, em lugar da burocracia), os trabalhadores e trabalhadoras poderiam desenvolver suas potencialidades humanas (criatividade, autonomia e inventividade) com o auxílio da máquina. Com isso, tornar-se-ia possível o surgimento real de seres humanos emancipados, capazes de substituir as meras imagens de “novos cidadãos soviéticos” idealizadas na incipiente ficção científica de autores como Gastev.

A literatura, como demonstra E. P. Thompson, reflete as mudanças profundas pelas quais passou a apreensão do tempo na cultura europeia entre os séculos XIV e XVIII.<sup>313</sup> Se em Chaucer o galo ainda figura proeminentemente como indicador do tempo “natural” – apesar de relógios públicos já estarem presentes em grandes centros urbanos do período –, em Sterne o relógio mecânico ocupa um papel de destaque como marcador do tempo “newtoniano” – puro, preciso e cientificamente calculado.<sup>314</sup> Essa alteração na relação do humano com o tempo, relacionada à sua transformação em uma medida padronizada e artificial, seria levada ao limite a partir dos séculos XVIII e XIX na Europa, como parte do projeto de *racionalização* da modernidade capitalista.<sup>315</sup>

No mundo pré-moderno, pré-urbano e pré-capitalista, a passagem do tempo era percebida por meio da observação de ciclos naturais – como o nascer e o pôr do sol, o ciclo das estações do ano, os momentos do plantio e da colheita, etc. – e medida em unidades arbitrárias definidas pela tradição – em comunidades rurais, o tempo “natural” era comumente medido de acordo com a duração de um determinado ato: no Chile do

---

<sup>313</sup> THOMPSON, 1967.

<sup>314</sup> “O tempo absoluto, verdadeiro e matemático, em si e por sua natureza, sem relação com nada de externo, flui de modo uniforme, e com outro nome chama-se duração. O tempo relativo, aparente e vulgar é uma medida qualquer, sensível e externa, (quer exacta quer aproximada) da duração pelo movimento, a qual é vulgarmente usada em vez do tempo verdadeiro”. NEWTON, 1726

<sup>315</sup> WOLFE, 2011, p. 23

século dezessete, por exemplo, uma unidade de tempo utilizada com frequência era o “credo” (em 1647, a duração de um terremoto foi medida pela oração de dois credos), e o tempo de cozimento de um ovo poderia ser medido pela reza em voz alta de um Ave Maria.<sup>316</sup>

A partir do século XIV, como mencionado, o relógio mecânico passou a figurar em espaços públicos e a servir, desse modo, de referência para uma medida menos arbitrária do tempo. Todavia, apenas quatro séculos mais tarde ele se tornaria um item popular, normalizando a ideia do tempo como uma sequência de ciclos idênticos e invariáveis. A revolução industrial permitiu a fabricação massificada de relógios padronizados e de relativo baixo custo enquanto, simultaneamente, se beneficiava do nascente caráter universal da medição do tempo: “Indeed, a general diffusion of clocks and watches is occurring (as one would expect) at the exact moment when the industrial revolution demanded a greater synchronization of labour”<sup>317</sup>. A infiltração do tempo “newtoniano” no mundo do trabalho trazia um conjunto de benefícios à burguesia industrial. Como vimos, a disciplinarização do corpo do operário implica a sua manipulação para que ocupe um determinado espaço em um momento preciso no tempo. Cada ação do trabalhador é calculada de modo a permitir a extração máxima da mais-valia. De fato, o tempo e o seu controle são elementos fundamentais em uma sociedade capitalista, estruturada em torno da troca de mercadorias. Como assevera Marx, “é unicamente a quantidade de trabalho socialmente necessário ou o tempo de trabalho socialmente necessário para a produção de um valor de uso que determina a grandeza de seu valor (...) O valor de uma mercadoria está para o valor de qualquer outra mercadoria assim como o tempo de trabalho necessário para a produção de uma está para o tempo de trabalho necessário para a produção de outra”.<sup>318</sup> Assim, o trabalho realizado de acordo com a medição “natural” do tempo, relacionada às tarefas rurais, torna-se indesejável: “to men accustomed to labour timed by the clock, this attitude to labour appears to be wasteful and lacking in urgency”.<sup>319</sup>

Na segunda metade do século XIX, essa relação moderna com o tempo passou a exercer um crescente controle sobre o modo de pensar e agir dos cidadãos das nações

---

<sup>316</sup> THOMPSON, 1967, p.58;60.

<sup>317</sup> “De fato, uma difusão geral de relógios e relógios de pulso ocorre (como seria de se esperar) no momento exato em que a revolução industrial exigia uma maior sincronização do trabalho”. THOMPSON, 1967, p.69.

<sup>318</sup> MARX, 2017, p. 117

<sup>319</sup> “a homens acostumados ao trabalho cronometrado pelo relógio, essa postura parece displicente e carente de urgência”. (THOMPSON, 1967, p.60)

centrais do capitalismo.<sup>320</sup> A efervescência de práticas de disciplina temporal foi sistematizada de forma particularmente eficaz pelo estadunidense Frederick Winslow Taylor. Em 1911, Taylor publicou o seu *Os Princípios da Administração Científica*. No livro, ele propõe métodos científicos de otimização da produtividade, relacionados especialmente com o monitoramento e controle sobre o gestual dos operários e o volume de trabalho realizado por estes em um dado intervalo de tempo – técnicas que ficaram conhecidas como *taylorismo*, e mais tarde seriam objeto de análise de Foucault:

The enormous saving of time and therefore increase in the output which it is possible to effect through eliminating unnecessary motions and substituting fast for slow and inefficient motions for the men working in any of our trades can be fully realized only after one has personally seen the improvement which results from a thorough motion and time study, made by a competent man.<sup>321</sup>

Entre os vários exemplos apresentados como evidências favoráveis à sua teoria, Taylor cita o caso da alvenaria, estudado anteriormente por Frank Gilbreth. Após uma intensa análise do gestual dos trabalhadores, Gilbreth foi capaz de eliminar todos os movimentos desnecessários e de substituir movimentos lentos e pouco eficientes por movimentos rápidos e menos cansativos: “Through all of this minute study of the motions to be made by the bricklayer in laying bricks under standard conditions, Mr. Gilbreth has reduced his movements from eighteen motions per brick to five, and even in one case to as low as two motions per brick.”<sup>322</sup>

\*\*\*

---

<sup>320</sup> WOLFE, 2011, p.27.

<sup>321</sup> “A enorme economia de tempo – e, portanto, aumento de produção – possibilitada pela eliminação de movimentos desnecessários e pela promoção, entre aqueles que trabalham em qualquer área, de movimentos lentos e ineficientes por movimentos rápidos somente pode ser compreendida por alguém que tenha visto pessoalmente a melhoria que resulta de um estudo detalhado do movimento e do tempo, feito por um homem competente”. (TAYLOR, 1997, p. 12)

<sup>322</sup> “Por meio de um estudo detalhado dos movimentos que devem ser executados pelo pedreiro em seu trabalho sob condições padrão, o sr. Gilbreth conseguiu reduzir o número de movimentos, de dezoito movimentos por tijolo para cinco, e em alguns casos até mesmo para dois movimentos por tijolo”. (TAYLOR, 1997, p.41)



*“Tomemos a tempestade revolucionária; Adicionemos: o pulso vital dos EUA; E teremos: o trabalho com a precisão de um cronômetro”. 1925*

*The world promised by the leaders of the October Revolution was not merely supposed to be a more just one or one that would provide greater economic security, but it was also and in perhaps even greater measure meant to be beautiful. The unordered, chaotic life of past ages was to be replaced by a life that was harmonious and organized according to a unitary artistic plan.*<sup>323</sup>

Após 1918, os métodos tayloristas se tornaram objeto de enorme entusiasmo entre a *intelligentsia* revolucionária e algumas das lideranças bolcheviques, incluindo Trótski e Lenin.<sup>324</sup> Apesar de suas críticas anteriores ao sistema – nas quais associara a administração científica à “escravidão do homem pela máquina”,<sup>325</sup> que visaria “extrair do trabalhador três vezes mais esforço” no mesmo intervalo de tempo<sup>326</sup> –, em abril de 1918, Lenin publicou uma reconsideração quanto à questão:

The Russian is a bad worker compared with people in advanced countries. It could not be otherwise under the tsarist regime and in view of the persistence of the hangover from serfdom. The task that the Soviet government must set the people in all its scope is — learn to work. The Taylor system, the last word of capitalism in this respect, like all capitalist progress, is a combination of the refined brutality of bourgeois exploitation and a number of the greatest scientific achievements in the field of analysing mechanical motions during work, the elimination of superfluous and awkward motions, the elaboration of correct methods of work, the introduction of the best system of accounting and control, etc. The Soviet Republic must at all costs adopt all that is valuable in the achievements of science and technology in this field. The possibility of building socialism depends exactly upon our success in combining the Soviet power and the Soviet organisation of administration with the up-to-date achievements of capitalism. We must organise in Russia the study and

---

<sup>323</sup> “O mundo prometido pelos líderes da Revolução de Outubro não deveria ser apenas um mundo mais justo, ou capaz de garantir uma maior segurança econômica, mas deveria também - e talvez em maior medida - ser belo. A vida desordenada e caótica de eras passadas deveria ser substituída por uma vida harmoniosa e organizada de acordo com um plano artístico unitário”. (GROYS, 1992, p. 3)

<sup>324</sup> WOLFE, 2011

<sup>325</sup> LENIN, 1914

<sup>326</sup> LENIN, 1913

teaching of the Taylor system and systematically try it out and adapt it to our own ends.<sup>327</sup>

Nas primeiras décadas após a Revolução, a premente necessidade de elevação da produtividade industrial<sup>328</sup> levou à adoção das técnicas tayloristas e fordistas.<sup>329</sup> A Organização Científica do Trabalho<sup>330</sup> foi introduzida no contexto russo pós-revolucionário pelo já citado Bogdánov e desenvolvida principalmente por uma das figuras centrais da vida soviética dos anos 1920<sup>331</sup>: Aleksei Gastev, um dos teóricos e poetas do *proletkult*, autor de ficção científica e fundador do Instituto Central do Trabalho.<sup>332</sup> Dirigido entre 1920 e 1937 por Gastev, o TsIT visava, fundamentalmente, aplicar o taylorismo e o fordismo ao incipiente parque industrial soviético e melhorar exponencialmente a sua eficiência. Gastev acreditava que “Taylor was modern industrialism’s greatest theoretician, and Henry Ford its greatest practitioner”.<sup>333</sup> Com o auxílio de estudiosos como o neurocientista Nikolai Bernstein, Gastev levou a cabo uma série de experimentos relacionados aos movimentos do trabalhador manual. Bernstein demonstrou que cada movimento humano poderia ser decomposto em uma série de movimentos menores, e que cada um desses pequenos movimentos, não importando o quão tênue fosse, seria capaz de alterar o resultado do movimento completo. Utilizando câmeras de alta velocidade para filmar pequenas lâmpadas afixadas aos membros de seus objetos de estudo, Bernstein foi capaz de estudar com precisão o movimento humano.

---

<sup>327</sup> “O russo é um mau trabalhador se comparado a aqueles de países avançados. Não poderia ser diferente sob as condições do regime tsarista e levando-se em consideração a persistente herança da servidão. A tarefa que o governo soviético deve apresentar a todo o povo é: aprender a trabalhar. O sistema de Taylor, o que o capitalismo apresenta de mais avançado a este respeito, é, como todo progresso capitalista, uma combinação da refinada brutalidade da exploração burguesa e vários dos maiores avanços científicos no campo da análise de gestos mecânicos durante o trabalho, com a eliminação dos movimentos supérfluos e desajeitados, com a elaboração dos métodos corretos de trabalho, com a introdução dos melhores sistemas verificação e controle, etc. A República Soviética deve, a qualquer custo, adotar tudo aquilo que é valioso neste campo das descobertas da ciência e tecnologia. A possibilidade da construção do socialismo depende precisamente do sucesso da combinação da potência e da organização administrativa soviéticas com os avanços últimos do capitalismo. Nós devemos organizar na Rússia o estudo e o ensino do sistema taylorista, e sistematicamente testá-lo e adaptá-lo aos nossos fins”. (LENIN, 1918)

<sup>328</sup> Em diferentes sociedades da virada do século, a modernidade industrial era comumente entendida, utopicamente, como um meio para a promoção da felicidade e bem-estar material para a população.

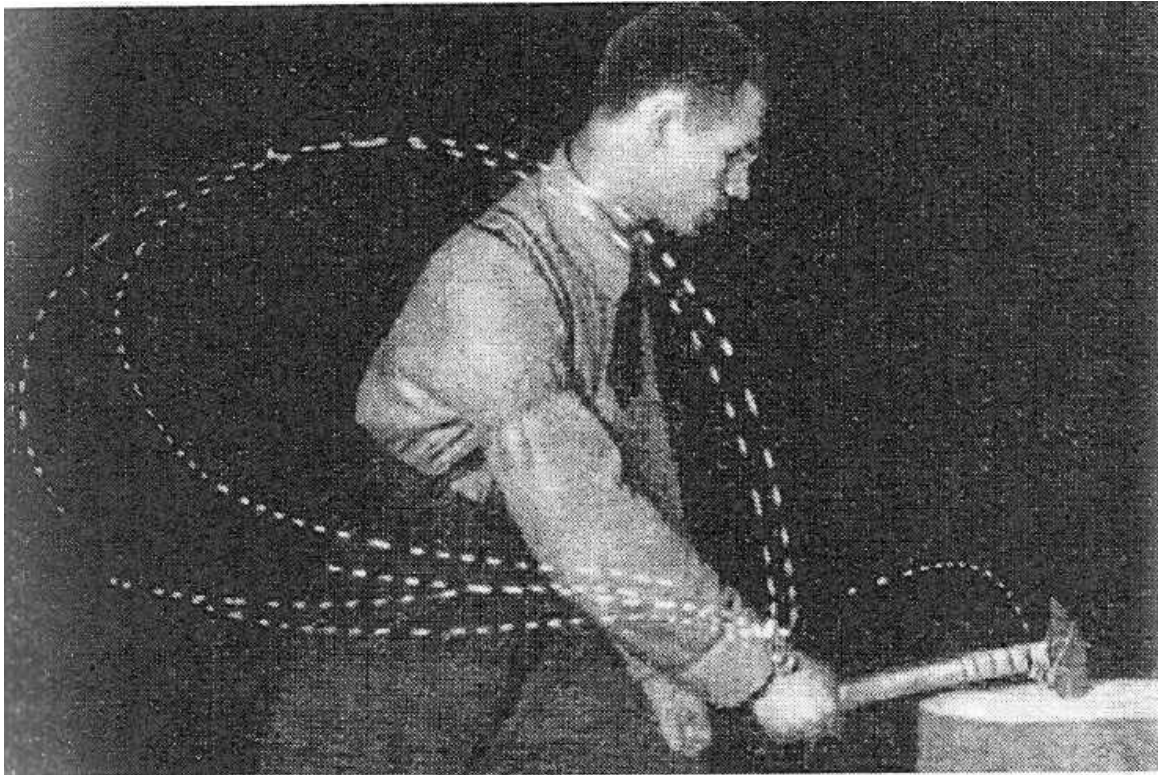
<sup>329</sup> Décadas mais tarde, Charles Sorensen escreveria sobre o seu papel na implementação do modelo fordista na URSS a partir de 1928 – envolvendo o intercâmbio de dados, projetos, peças e treinamento. (SORENSEN, 1956, p. 193)

<sup>330</sup> Научная организация труда - НОТ [*Nautchnaia Organizatsiia Truda - NOT*].

<sup>331</sup> HELLER, 1985, p. 51

<sup>332</sup> Центральный институт труда - ЦИТ [*Tsentralni Institut Truda - TsIT*].

<sup>333</sup> “Taylor era o maior teórico do industrialismo moderno, e Henry Ford o seu maior praticante”. WOLFE, 2011



*Um ciclograma mostrando Aleksei Gastev simulando o corte de metal com uso de martelo e cinzel.*

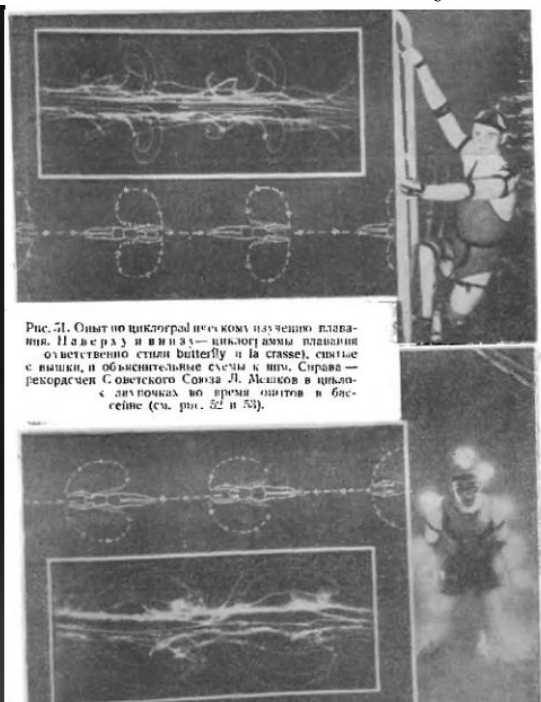
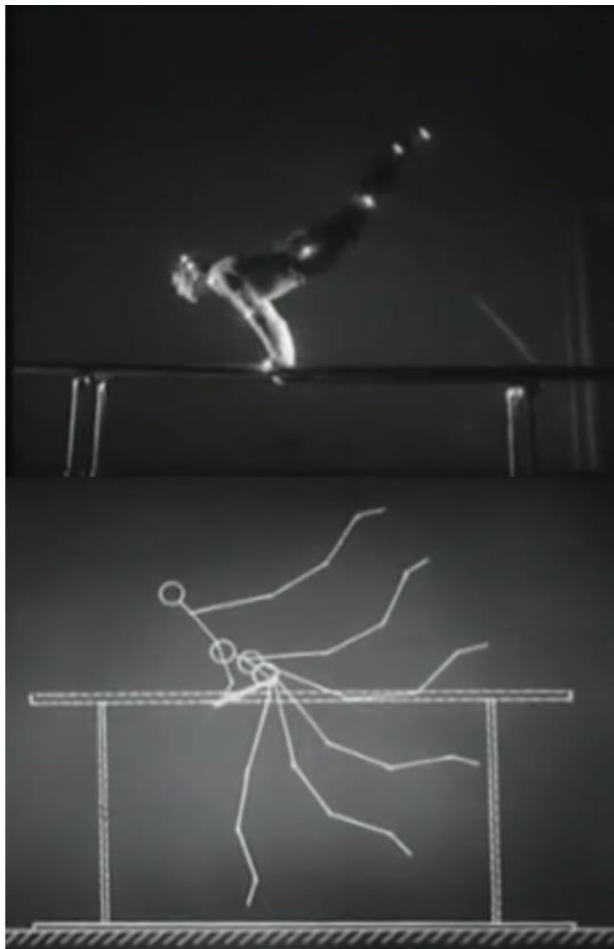


Рис. 51. Опыт по циклограммическому изучению плавания. Наверху и внизу — циклограммы плавания соответственно стилей butterfly и la crasse), сивые с вышки, и объяснительные схемы к ним. Справа — рекордсмен Советского Союза Д. Мешков в циклограмме лезгоях во время опытов в бассейне (см. рис. 52 и 53).



Tamanho comprometimento com o desenvolvimento da NOT levou Gastev até mesmo a empreender uma tentativa de reconciliar Marx e Ford como pensadores complementares, argumentando, por exemplo, que Marx teria previsto componentes do sistema fordista:

Два имени: Маркс и Форд сейчас стоят, как две противоречащие друг другу исторические фигуры.

Один - гениальный провозвестник борьбы и победы пролетариата. Другой - талантливый защитник и утвердитель современного капиталистического строя. Их отношение к рабочему классу, конечно, диаметрально противоположно. Но не менее любопытно отметить другое, что их объединяет, что совершенно неожиданно сближает эти две гигантские фигуры

(...)

Маркс не употреблял слово «конвейер», но давал другой термин, который в русском переводе звучит гораздо проще, чем конвейер, но обозначает одно и то же".<sup>334</sup>

Chama a atenção o fato de que a reconciliação proposta por Gastev parece depender da cisão entre forma e conteúdo. Isto é, imaginava-se que a forma capitalista poderia ser de algum modo totalmente dissociada do conteúdo capitalista – a exploração do trabalhador – e servir de meio para o desenvolvimento do conteúdo socialista.

O entusiasmo de Gastev em relação à automação e à mecanização – que envolvia, além da disciplina sobre os movimentos, o planejamento do trabalho, e o controle sobre o tempo do operário (sob a forma de cartões de ponto) – foram centrais no fomento do culto soviético à máquina.<sup>335</sup> Como todo poeta proletário, aponta Heller, Gastev

---

<sup>334</sup> “Dois nomes: Marx e Ford agora são vistos como figuras históricas contraditórias entre si. Um é visto como o genial precursor da luta e da vitória do proletariado. O outro é visto como um talentoso defensor e promotor do sistema capitalista moderno. As suas relações com a classe trabalhadora, é claro, são diametralmente opostas. Mas é bastante curioso observar aquilo que os une, aquilo que de forma absolutamente inesperada aproxima essas duas figuras gigantes (...). Marx não utilizou a palavra ‘conveyor’ [esteira transportadora], mas sim outro termo, que na tradução russa soa muito mais simples do que ‘conveyor’, mas que denota precisamente a mesma coisa.” (GASTEVEV, 1972, p. 315-317)

<sup>335</sup> WOLFE, 2011

depositava suas esperanças nas figuras do operário e da máquina.<sup>336</sup> Ele acreditava que o proletário seria aperfeiçoado pela máquina ao adotar o seu poder, seu ritmo e sua precisão. Isso fica evidente não apenas em seus escritos teóricos produzidos no TsIT, mas também em sua produção poética como membro do *proletkult* e como autor de ficção científica. Seu livro *Поэзия рабочего удара*<sup>337</sup> (1918) – impresso seis vezes no período de oito anos e recebido com entusiasmo por poetas como Khliébnikov e Aseiev<sup>338</sup> – já demonstra o mesmo desejo de reconstrução do ser humano e de sua fusão com a máquina que seria desenvolvido ao longo da década de 1920:

“В машине-орудии –

Все рассчитано и подогнано.

Будем так же рассчитывать

И живую машину – человека.

(...)

Человечество научилось обрабатывать вещи. – наступила пора тщательной обработки человека.”<sup>339</sup>

A relação homem-máquina também desempenha um papel fundamental em *Экспресс – Сибирская фантазия* (1916), seu “ensaio de ficção científica sobre a transformação da Sibéria”,<sup>340</sup> no qual ex-camponeses do extremo leste são vistos vivendo em fazendas gigantescas cultivadas por máquinas futuristas<sup>341</sup>.

Assim, o novo trabalhador soviético projetado na imaginação poética de Gastev seria construído por meio da ciência do TsIT, em um casamento notavelmente reminescente – ao menos no que diz respeito à forma – da concepção fiodoroviana de reconstrução do homem. Nas palavras de Gastev:

---

<sup>336</sup> HELLER, 1985, p.51.

<sup>337</sup> “Poesia da pancada do trabalhador”

<sup>338</sup> HELLER, 1985, p.51. Além disso, Maiakóvski menciona Gastev no poema “Нагрузка по макушку”, e outros de seus poemas, como “Как делать стихи?”, são influenciados pelas ideias de Gastev. A “biomecânica”, termo primeiramente usado por Gastev, seria desenvolvida por Vsevolod Meierhold no teatro, com influências evidentes do taylorismo.

<sup>339</sup> “Na máquina-ferramenta, / tudo é calculado e ajustado. / Vamos calcular assim também / a viva máquina-humana. (...) A humanidade aprendeu a manufaturar coisas. Chegou a hora de produzirmos a minuciosa reconstrução do homem.” (GASTEY, 1871)

<sup>340</sup> HELLER, 1985, p.51.

<sup>341</sup> Sobre a ascensão do significado simbólico da Sibéria na virada do século XX e a sua conexão com a filosofia de Nikolai Fiódorov, ver o capítulo 1 de BANERJEE, 2012.

Мы начинаем с самых примитивных, с самых элементарных движений и производим машинизирование самого человека. Это машинизирование мы понимаем таким образом: чем менее совершенны движения, тем больше в них элемента торможения и тем менее двигательного автоматизма. Совершенное овладение данным движением подразумевает максимум автоматизма.

(...)

Этот принцип машинизирования или биологического автоматизма должен идти очень далеко, вплоть до так называемой мыслительной деятельности человека.<sup>342</sup>

Essa concepção – que pode ser entendida como uma tentativa de “realização em perspectiva contrária” (nos termos de Kalinin) do projeto cosmista no século XX, ou talvez como a sua execução formal desprovida do conteúdo original – se manifesta evidentemente na seguinte passagem de Trótski:

O que é o homem? Não é de modo algum um ser acabado e harmonioso. Não, é ainda uma criatura esquisitíssima. O homem, como animal, não evoluiu de acordo com um plano, mas de maneira espontânea, e acumulou muitas contradições. A questão de como educar e regular, como melhorar e completar a construção física e espiritual do homem é um problema colossal que só pode ser entendido com base no socialismo. [...] Produzir uma nova “versão melhorada” do homem, eis a tarefa do comunismo. E para isso temos primeiro de descobrir tudo sobre o homem, sua anatomia, sua fisiologia e aquela parte de sua fisiologia que é chamada de psicologia. O homem deve olhar-se e ver-se como matéria prima, ou no máximo como produto semimanufaturado, e dizer: “Finalmente, meu caro *homo sapiens*, vou trabalhar com você”.<sup>343</sup>

---

<sup>342</sup> “Nós começamos a partir dos movimentos mais primitivos, mais elementares, e produzimos a mecanização da pessoa. Nós entendemos essa mecanização da seguinte forma: quanto menos perfeito forem os movimentos, maior é o elemento de desaceleração que eles carregam, e menor é o automatismo cinético. O domínio perfeito sobre um movimento implica a automatização máxima. (...) Este princípio de mecanização, ou automatismo biológico, deve agir profundamente, atingindo até a chamada atividade mental da pessoa.” (GASTEV, 1972)

<sup>343</sup> ŽIŽEK, 2011, p.211-212.

Assim, a tarefa apresentada por Gastev – e, em certa medida, por Trótski – consistia na engenharia de um novo cidadão-máquina, que na concepção foucauldiana se tornava objeto tanto do saber – com a instrumentalização das ciências humanas, como psicologia e psiquiatria –, quanto do poder.

# КАК НАДО РАБОТАТЬ



**ЕСЛИ ТЫ ХОЧЕШЬ НАУЧИТЬСЯ РАБОТАТЬ — ЗНАЙ:**

первые твои пробы первые попытки, первые упражнения, — **САМЫЕ ДОЛГИЕ, ИМЕННО В ПЕРВЫЕ ДНИ ТЫ** себе даешь общую установку, создаешь привычку, вырабатываешь походку, **ЗАКАЛИВАЕШЬ ВОЛЮ,** А ПОЭТОМУ шлофу твою самые простые движения, задумывайся, как ты берешь руками инструмент, определяй твою стойку, твою посадку тела, следя за глазами и давая ему легкую работу, упрямо доводишь до совершенства свой прием.

**УСТАНАВЛИВАЙ ПРочно ноги.**  
**УСТАНАВЛИВАЙ ДОВОльно руки.**  
**ЧЕТКО и ЭКОНОМично СТРОЙ ТРУДОВЫЕ ДВИЖЕНИЯ.**  
**СПОМИНИСЯ ХОРОШАЯ УСТАНОВКА в ГОЛОВЕ для РАБОТЫ.**



1	Сначала <b>ПРОДУМАЙ</b> всю работу досконально.	<b>ПЛАН</b>
2	<b>ПРИГОТОВЬ</b> весь нужный инструмент и приспособления.	<b>ЗАГОТОВКА</b>
3	<b>УБЕРИ</b> с рабочего места все лишнее, удали грязь.	<b>ЧИСТОТА</b>
4	Инструмент <b>РАСПОЛАГАЙ</b> в строгом порядке.	<b>ПОРЯДОК</b>
5	При работе ищи <b>УДОБНОГО ПОЛОЖЕНИЯ</b> тела: наблюдай за твоей установкой, по возможности садись, если стоять, то ноги расставляй, чтобы была экономная опора.	<b>УСТАНОВКА</b>
6	Не берись за работу круто, входи в работу <b>ИСПОДОВОЛЬ.</b>	<b>ВХОД в РАБОТУ</b>
7	Если надо сильно приналечь, то сначала <b>ПРИЛАДЬСЯ</b> , испробуй на пальцу, а потом уже берись во-всю.	
8	Не работай до полной усталости. Делай <b>РАВНОМЕРНЫЕ ОТДЫХИ.</b> Во время работы.	<b>РЕЖИМ</b>
9	<b>НЕ КУШАЙ,</b> не пей, не курь. Делай это в твои рабочие перерывы. Не надо.	
10	<b>ВТРЫВАТЬСЯ</b> в работу для другого дела.	
11	Работай <b>Ровно:</b> работа приступам, спорочка лютит и работу и твой характер, работа нейдет. Если работа нейдет,	<b>ВЫДЕРЖКА</b>
12	<b>НЕ ВОЛНОВАТЬСЯ:</b> надо спать перерыв, успокоиться и снова за работу. Полезно.	
13	<b>В СЛУЧАЕ НЕУДАЧИ</b> работу прервать, <b>НАВЕСТИ ПОРЯДОК,</b> прибрать рабочее место, обновить его и снова за работу. При удачном выполнении работы	
14	<b>НЕ СТАРАЙСЯ</b> ее показывать, <b>ХВАЛИТЬСЯ,</b> лучше потерпи в случае полной неудачи, <b>ЛЕГЧЕ СМОТРИ НА ДЕЛО,</b> попробуй сдержать себя и снова начать работу.	
15	Кончи работу и <b>ПРИБЕРИ</b> все до последнего гвоздя, а рабочее место <b>ВЫЧИСТИ.</b>	<b>ЕЩЕ РАЗ ЧИСТОТА и ПОРЯДОК</b>

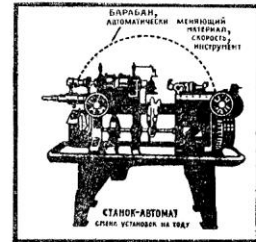


**РАБОТЫ**

Машина работает исправно тогда, когда правильно **УСТАНОВЛЕНА** станка и инструмент.

Машина-автомат работает исправно **БЫСТРО и ТОЧНО** — как заведена, так и идет — а заводка зависит от установки.

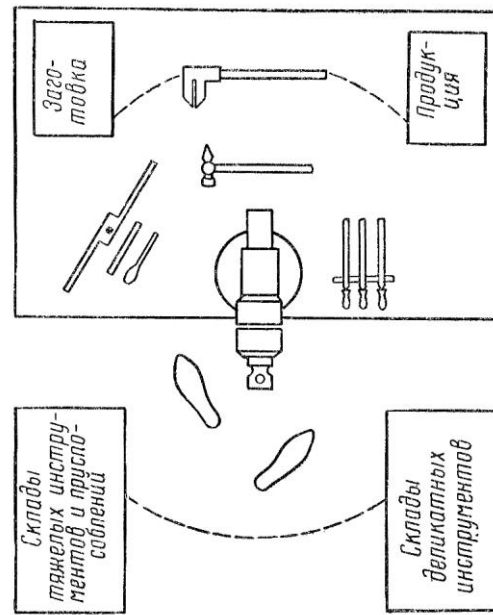
С человеком то же самое: установка тела и установка нервов определяют движение, определяют трудовую спорность. Сначала движение (работа) идет трудно, а как только вырабатывается **У-СТА-НО-ВКА,** движение идет уверенно, точно и быстро. Установка создается постепенной **ТРЕНИРОВОЙ**. Эту тренировку можно точно рассчитать, **СДЕЛАТЬ ЛЕГКОЙ** тренировкой же можно воспитать **БЫСТРЫЙ ПЕРЕХОД** от одной установки к другой.



Центральный Институт Труда

A imagem que abre o livro de Gastev contém suas 16 normas para o trabalho, formuladas com base nas pesquisas do TsIT. As figuras menores mostram a posição e a trajetória ideais dos movimentos do operário. De acordo com Buck-Morss, Gastev se

orgulhava do fato de que Lenin tinha uma cópia desse diagrama pendurada em seu escritório.



Em outra imagem do livro de Gastev, vemos o quadriculamento do operário e a organização do ambiente de trabalho.



Nos anos 1930, um técnico ensina o trabalho industrial a uma camponesa, em uma reprodução precisa das figuras do diagrama de Gastev.

Como vimos, a fusão entre o ser humano e a máquina era realizada no plano artístico e teórico. Lenin, Trótski e Stálin escreveram sobre os benefícios que a NOT traria à criação do novo trabalhador soviético. Gastev, além disso, ilustrava poeticamente esse processo. Tal discurso, contudo, apresentava graves contradições com relação à realidade material dos trabalhadores fabris, que nas décadas de 1920 e 1930 contavam com equipamentos precários e máquinas escassas.

O massivo esforço de industrialização empreendido pela URSS sob Stalin durante o primeiro Plano Quinquenal (1928-1933) de fato rendeu frutos notáveis em relação à indústria de base. Como aponta Buck-Morss – em consonância com Kurz –, a rápida industrialização do período foi concebida como uma “aceleração histórica”, cujo vertiginoso ritmo fez com que, em um período de dez anos – de 1928 a 1938 –, todos os cidadãos fossem reposicionados no interior da sociedade. Em contraste à vitória representada pelo avanço acelerado rumo ao futuro comunista, as condições de trabalho dos operários eram severamente afetadas pela ausência de um maquinário adequado.

Na época, a forma prevalente de trabalho nas áreas urbanas era o “trabalho de choque”,<sup>344</sup> isto é, aquele realizado de forma desorganizada por camponeses transformados em operários fabris, muitas vezes sem o treinamento adequado (as “brigadas de choque”). No início dos anos 1930, por exemplo, a construção da cidade industrial de Magnitogorsk envolveu a remoção de toneladas de terra com o uso de ferramentas manuais, sem auxílio de máquinas.<sup>345</sup> Esse tipo de trabalho representava precisamente o oposto do labor coreografado e perfeitamente cronometrado do taylorismo soviético desenvolvido no TsIT e celebrado pelas lideranças socialistas.

---

<sup>344</sup> ударный труд.

<sup>345</sup> BUCK-MORSS, 2000, p.111.



*“URSS - A brigada de choque do proletariado de todo o mundo!  
Proletários de todos os países, defendam a sua pátria socialista!” (Gustav  
Klutsis, 1931)*

Se no Ocidente capitalista o entusiasmo pela cultura da máquina desenvolveu-se a par e passo com o avanço da industrialização, na URSS o culto à máquina precedeu a própria existência das máquinas<sup>346</sup>: “Machine culture, Soviet style, had its origins as the expression of a lack, so that even its brutality could be seen to possess a utopian quality. Only in this dreamlike context could poetry and production techniques converge so irresistibly, attracting dramatists, cinematographers, and choreographers as artists of the human body.”<sup>347</sup> Isto é, a domesticação da modernidade capitalista, importada definitivamente à URSS com o processo de industrialização taylorista, exigia que seus elementos mais brutais fossem percebidos em versão atenuada ou despercebidos. Como consequência, o fenômeno da mecanização do ser humano por meio de sua *normalização* foi feito belo e em acordo com um plano artístico unitário, nas palavras de Groys. No TsIT, na poesia de Gastev e dos poetas vanguardistas, no teatro de Meyerhold, no cinema de Dziga Vertov e em muitas obras de ficção científica, a disciplinarização do movimento, mais do que palatável, tornou-se genuinamente admirável. Assim, a utopia disciplinar de Gastev, com a romantizada fusão entre o ser humano e a máquina – em si um projeto incompatível com a libertação do trabalhador proposta pelo socialismo, como evidenciado por Foucault e Marcuse – funcionou, ironicamente, como uma estratégia de domesticação da modernidade capitalista.

Certas manifestações da literatura de ficção científica foram instrumentais nesse processo, ao reforçar artisticamente a cisão entre forma e conteúdo do moderno processo industrial capitalista:

It should be noted that the discourse of enemies characteristic of the Cold War was not limited to the political realm. Striking on both sides is the degree to which these imaginaries were fostered in the popular imagination through mass culture. Science fiction was a favored form of demonization of the enemy. In the 1920s, the contrast of “communist heaven” and “capitalist hell” was a generic theme in Soviet science fiction, **projecting onto the “other” all of the negative aspects of industrial society.**<sup>348</sup>

---

<sup>346</sup> BUCK-MORSS, 2000, p.105.

<sup>347</sup> “A cultura da máquina, em versão soviética, originou-se como a expressão de uma ausência, de modo que até mesmo a sua brutalidade pôde ser vista como possuidora de uma qualidade utópica. Apenas nesse contexto onírico a poesia e as técnicas de produção poderiam convergir de forma tão irresistível, atraindo dramaturgos, cineastas, e coreógrafos como artistas do corpo humano.” BUCK-MORSS, 2000, p.107.

<sup>348</sup> “Devemos notar que o discurso do inimigo, característico da Guerra Fria, não se limitava à esfera política. É notável o grau em que esses inimigos imaginários foram cultivados no imaginário popular por



Assim, a estirpe utópica da ficção científica soviética representada por Gastev era capaz de fazer com que os aspectos positivos da industrialização – essencialmente formais – fossem aproximados do mundo socialista, enquanto os seus aspectos negativos – que carregavam o conteúdo capitalista, como a exploração do operário e o excesso de trabalho – fossem afastados. Como vimos, contudo, uma linhagem concorrente do gênero – representada, por exemplo, por Zamiátin – satirizava tal utopia, provocando o estranhamento e desvelando com imensa potência a inexistência de tal cisão.

A seguir, observaremos o modo com que a modernidade soviética processou os três pilares da filosofia fiódoroviana, realizando-os “em perspectiva contrária”.

---

meio da cultura de massas, em ambos os lados. A ficção científica era uma forma ideal de demonização do inimigo. Nos anos 1920, o contraste entre o “paraíso comunista” e o “inferno capitalista” era um tema genérico na ficção científica soviética, **projetando sobre o “outro” todos os aspectos negativos da sociedade industrial.**” (BUCK-MORSS, 2000, p.9. Grifo nosso.)



*Caricatura do projeto de mecanização do ser humano de Aleksei Gastev.*

## 2.2.2 Realizações em perspectiva contrária

O projeto de modernização industrial soviético deglutiou a filosofia cosmista, realizando em perspectiva contrária os três grandes temas tratados por Nikolai Fiódorov – os quais constituem também assuntos centrais para a ficção científica soviética: a transformação da natureza, a exploração do cosmos e a imortalidade. Interessa-nos traçar um panorama da concretização desses projetos por conta daquilo que eles revelam sobre a modernidade soviética, construída sobre os alicerces da imaginação da ficção científica da virada do século XX e que seria questionada no período posterior à Segunda Guerra por autores como os Strugátski, para quem o significado de moderno poderia ser diverso daquele que se estabelecera na sociedade soviética.

As origens primeiras do bem-sucedido programa espacial soviético – um dos reflexos mais evidentes do desenvolvimento da URSS como um projeto da razão científica moderna – podem ser creditados à filosofia desenvolvida por Nikolai Fiódorov. Afinal, foi um de seus admiradores, Konstantin Tsiolkóvski, o criador das bases científicas da tecnologia de foguetes que eventualmente permitiu a exploração do cosmos. Todavia, o meio século que separou a morte de Fiódorov e a chegada da humanidade ao espaço foi palco de transformações que resultaram no abandono das influências cosmistas diretas no desenvolvimento do programa espacial. Esse fenômeno foi ilustrado de modo cristalino por Gherman Titov, um dos primeiros cosmonautas, que em 1962 afirmou que, durante as suas dezessete órbitas em torno da Terra, não havia visto “nem Deus, nem anjos”.<sup>349</sup>

Como vimos, a conquista do cosmos era essencial à teológica “causa comum” proposta por Fiódorov, dado que a ressurreição de todas as pessoas que já viveram tornaria escassos o espaço físico terrestre e o volume de recursos disponíveis para sustentar a renovada população. Nos termos do filósofo: “[The] conquest of the Path to Space is an absolute imperative, imposed on us as a duty in preparation for the Resurrection. We must take possession of new regions of Space because there is not enough space on Earth to allow the co-existence of all the resurrected generations”<sup>350</sup>. Como aponta Siddiqi, tanto a noção de reestruturar a humanidade e o cosmos – de modo

---

<sup>349</sup> “Titov, Denying God, Puts His Faith in the People,” *New York Times*, May 7, 1962.

<sup>350</sup> “[A] conquista de um caminho para o espaço sideral é um imperativo absoluto, imposto sobre nós como um dever de preparação para a Ressurreição. Nós devemos tomar posse de novas regiões do espaço sideral porque não existe espaço suficiente no planeta Terra que possibilite a coexistência de todas as gerações ressuscitadas.” (SIDDIQI, 2010, p. 80)

simultâneo e inerente – quanto a centralidade dos desenvolvimentos científicos e tecnológicos nessa transformação representam, de muitas formas, uma antecipação da filosofia de Tsiolkóvski, o fundador da cosmonáutica russa<sup>351</sup>.

Nos anos 1870, um jovem Tsiolkóvski visitava diariamente a biblioteca em que Fiódorov trabalhava. Anos mais tarde, Tsiolkóvski diria que “não é um exagero dizer que, para mim, [Fiódorov] desempenhava o papel de um professor universitário”. Curiosamente, o cientista de foguetes afirmou em diversas ocasiões que as suas primeiras reflexões relacionadas à possibilidade de viagens cósmicas precederam a sua interação com Fiódorov. De todo modo, isso não impediu que os seus próprios escritos filosóficos – os quais, em volume, superam com folga os seus escritos técnicos e científicos – guardassem semelhanças importantes com a filosofia fiodoroviana: “He brought a messianic and transformative vision to the cause of spaceflight that mimicked some of Fedorov's ideas about immortality and cosmic Unity”<sup>352</sup>. Em relação à imortalidade, Tsiolkóvski acreditava que toda a matéria que compõe o universo é formada por uma única substância, possui a mesma estrutura e obedece ao mesmo conjunto de leis. Os átomos que formam toda a matéria, ademais, seriam, eles mesmos, organismos vivos e indestrutíveis, os quais eram submetidos a processos de separação e recombinação ao longo do tempo. Deste modo, portanto, átomos que em um dado momento expressam a forma de um ser humano morto poderiam ser recombinados na maneira precisa que em outro momento expressou vida àquele ser, o que resultaria na ressurreição. Siddiqi atribui a essa crença na imortalidade a surpreendente impassibilidade de Tsiolkóvski quando da morte de vários de seus filhos.<sup>353</sup>

O desenvolvimento do programa espacial soviético, portanto, partiu um núcleo de ideias que orbitava em torno da noção de ressurreição. Essas ideias eram particularmente caras a um grupo diverso – formado por cientistas que viviam às margens da academia (como o próprio Tsiolkóvski), filósofos e artistas – que expressava o desejo cultural da população russa da virada do século de se dirigir aos céus – desejo este que fora, de muitas formas, fomentado pela imaginação da ficção científica. Tal grupo – associado por Siddiqi à noção de “ciência vinda de baixo” – não estava desacompanhado no impulso rumo ao espaço sideral. A “ciência vinda de cima” – representada pela simbiose entre uma elite acadêmica, entidades industriais e o Estado

---

<sup>351</sup> SIDDIQI, 2010, p. 80

<sup>352</sup> “Ele emprestava uma perspectiva messiânica e transformativa à causa do voo espacial que mimetizava algumas das ideias de Fiódorov sobre a imortalidade e a unidade cósmica” (SIDDIQI, 2010, p. 81)

<sup>353</sup> SIDDIQI, 2010, p. 81-82

– também perseguia o projeto do voo espacial, expressando uma pulsão essencialmente bélica. Nos termos de Siddiqi:

The project of spaceflight [...] grew out of the musings of a half-deaf, lone autodidact in rural Russia, the work of amateur societies, and the handiwork of men and women who built rocket engines out of broken blowtorches in factory workshops. Ideas some innovative, some not - bubbled up from people with no more than a secondary school education and influenced decades of work. They were aided by a pool of starry-eyed Utopians so committed to the cosmic cause that their ardor inspired generations of young Soviet citizens to anticipate the coming of the space age not with surprise but with expectation. The project of spaceflight would, of course, not have been possible without state intervention. It required the massive personnel, financial, and material sources of the state to build powerful rockets, particularly the intercontinental ballistic missile (ICBM) that launched Sputnik into orbit.<sup>354</sup>

O projeto espacial formulado pela “ciência vinda de cima”, assim, foi caracterizado pelo belicismo e pela competição entre Estados-nação. Nesse sentido, ele era incompatível com a filosofia cosmista, que se propunha a beneficiar toda a humanidade. Como argumenta Siddiqi, as ideias desenvolvidas por figuras como Fiódorov e Tsiolkóvski foram reduzidas aos seus elementos mínimos quando levadas a cabo na metade do século XX. A imaginação da ficção científica e a busca pelo cosmos como ponto de parada no percurso rumo à imortalidade foram, deste modo, substituídas pelo pragmatismo geopolítico secular, distante dos objetivos de união de toda a humanidade em uma grande “irmandade”.

---

<sup>354</sup> “O projeto do voo espacial [...] surgiu a partir das reflexões de um autodidata surdo e autodidata na Rússia rural, do trabalho de sociedades amadoras, das mãos de homens e mulheres que construíram motores de foguetes em oficinas fabris a partir de maçaricos quebrados. Ideias (algumas inovadoras, outras nem tanto) vieram de pessoas que tinham apenas o segundo grau completo, e influenciaram décadas de pesquisas. Essas pessoas foram auxiliadas por um grupo de utopistas idealistas, os quais eram tão comprometidos com a causa cósmica que o ardor de seu esforço inspirou gerações de jovens cidadãos soviéticos a antecipar a chegada da era espacial não com surpresa, mas com antecipação. O projeto espacial também não teria sido possível, é claro, sem a intervenção estatal. A construção de foguetes potentes, especialmente o míssil balístico intercontinental (ICBM), o qual colocou o Sputnik em órbita, exigiu os enormes volumes de funcionários, finanças e materiais do Estado.” (SIDDIQI, 2010, p. 364)



“- Não há Deus!” (1975).

De modo semelhante, o projeto fiodoroviano de controle sobre a natureza<sup>355</sup> se desenvolveu distante de suas origens filosóficas nos projetos soviéticos de transformação da natureza. Estes tomaram a forma de iniciativas ambientais bem-sucedidas, por um lado, e de políticas catastróficas, como as desenvolvidas de acordo com os métodos de Trofim Lysenko, de outro.

Weiner<sup>356</sup> investiga os *zapovedniki* – áreas de preservação ambiental dedicadas à pesquisa científica, cuja origem precede a Revolução de Outubro, mas que ganharam muita importância e apoio governamental no período da NEP – como elementos reveladores da perspectiva soviética em relação à preservação ambiental, desafiando o senso comum (reforçado pelo fracasso de políticas ambientais na segunda metade do século XX) de que o sistema soviético seria inerentemente negligente quanto à natureza.

Brain<sup>357</sup> aprofunda a pesquisa de Weiner, investigando as motivações que sustentaram o *Великий план преобразования природы* (Grande Plano Para a Transformação da Natureza), proposto por Stalin nos anos 1940 e que visava criar gigantescas áreas florestais no sul da Rússia. O autor aponta como razões centrais para a adoção dessa política a filosofia legada por ambientalistas do início do século XX e o papel desempenhado pelas florestas nos sistemas hídricos fundamentais para a indústria.

Tais projetos, que carregavam resquícios das ideias propostas por Fiódorov acerca da preparação do ambiente e do ser humano para o momento da ressurreição de todas as pessoas que já viveram, serão mais explorados no capítulo que trata do romance *Понедельник начинается в субботу*, dada a relação deste com a figura de Lysenko.

---

<sup>355</sup> Descrito, por exemplo, em YOUNG, 2012

<sup>356</sup> WEINER, 2000

<sup>357</sup> BRAIN, 2011

### 2.2.2.3. Imortalidade

*Ленин и теперь живет всех живых*<sup>358</sup>

*I am certain that when that time will come, when the liberation of mankind, using all the might of science and technology, the strenght and capacity of which we cannot now imagine, will be able to resurrect great historical figures*<sup>359</sup>

Como vimos, o projeto fiodoroviano visava a ressurreição de todos os mortos por meios científicos. Na URSS, construída – sob muitos aspectos – como um projeto da modernidade racional e científica, as ideias de Fiódorov, com sua forte conotação religiosa, foram deixadas de lado. No entanto, muitas das figuras envolvidas em um dos mais interessantes projetos científicos da história soviética, a preservação do corpo de Lenin, eram ligados a Fiódorov ou ao cosmismo russo.<sup>360</sup> As implicações desse projeto, que se estenderiam por toda a história soviética, serão retomadas na análise das obras dos Strugátski.

Em 21 de janeiro de 1924, após enfrentar debilitantes problemas de saúde por quase dois anos, Vladímir Ílitch Uliánov faleceu em Górkí, distante dez quilômetros da capital Moscou. A morte de Ílitch, contudo, não interrompeu o percurso de Lenin: enquanto o seu corpo mortal jazia, o seu corpo imortal tomava forma.

No final do ano de 1921, Ílitch, exausto e sofrendo de hiperacusia, insônia e enxaqueca, foi para Górkí sob a insistente orientação do *politburo*.<sup>361</sup> Em abril do ano seguinte, uma cirurgia retirou as balas que estavam alojadas em seu corpo desde a tentativa de assassinato sofrida em 1918,<sup>362</sup> pois acreditava-se que a oxidação dos

---

<sup>358</sup> "Mesmo agora, Lenin está mais vivo do que todos os vivos". Vladímir Maiakóvski, "Vladímir Ílitch Lenin", 1924.

<sup>359</sup> "Tenho certeza de que chegará o dia em que a libertação da humanidade – por meio de toda a potência da ciência e da tecnologia, cujas forças e capacidades nós mal podemos imaginar – será capaz de ressuscitar as grandes figuras da história" (Leonid Krasin).

<sup>360</sup> Como já mencionado, personagens centrais no projeto de preservação, como Krasin, sofreram marcada influência de ideias [cosmistas]. Martins também detecta continuidade entre a filosofia da imortalidade desenvolvida por Fiódorov – que não era o único pensador do período confiante neste potencial específico da moderna técnica – e o projeto de preservação do corpo de Lenin: "A obsessão pela longevidade e pela imortalidade na cultura russa teve o seu impacto entre alguns marxistas russos e pode ter tido influência no embalsamento de Lenine. É interessante notar que, no período entre 1890 e 1914, pelo menos três pensadores não religiosos com uma atitude positiva relativamente à técnica moderna expressaram a sua confiança na iminência da conquista da morte nos seres humanos: F. C. S. Schiller, Henri Bergson e Octave Hamelin. O último defendia que uma civilização dedicada tanto à técnica racional como ao 'culto da pessoa humana' deveria assegurar a redenção de todos os seres humanos, incluindo a ressurreição dos mortos" (MARTINS, p. 299).

<sup>361</sup> SERVICE, 2000

<sup>362</sup> Em 30 de agosto de 1918, Fanny Kaplan atirou três vezes contra Lenin em Moscou.



projéteis poderia ser a causa da enfermidade.<sup>363</sup> Sob os cuidados de sua irmã e de Nadiéjda Krúpskaia, ele seguiu sendo uma figura ativa na liderança do partido, contribuindo com textos teóricos e opinando em relação a algumas decisões políticas. Em maio, contudo, após um derrame lhe tirar as capacidades de leitura, fala e escrita, o *politburo* optou por isolá-lo da vida política. Essa decisão foi parcialmente motivada por uma genuína preocupação com a sua saúde, mas o rigor de sua aplicação fez com que muitos suspeitassem que as demais lideranças partidárias estivessem buscando a eliminação de um poderoso rival político.<sup>364</sup> Nos meses seguintes, uma gradual melhora em seu quadro de saúde permitiu o seu retorno a Moscou e a retomada das atividades governamentais, o que incluiu até mesmo uma série de discursos no Comitê Central. Todavia, um segundo derrame em dezembro forçou o seu retorno para Górkí e motivou o seu completo e definitivo isolamento da vida política: a partir de então, todos em seu entorno eram proibidos de mencionar assuntos relacionados ao tema, de modo a permitir o seu repouso. A parentes e aliados próximos, Ílitch demonstrava a sua insatisfação: “Eu ainda não morri, mas sob a supervisão de Stalin já tentam me enterrar”. Em março de 1923, Ílitch sofreu um terceiro derrame, perdendo a fala e funções motoras, e sofrendo afasia e paralisia no lado direito de seu corpo. Pouco menos de um ano depois, após meses de uma limitada melhora em seu quadro de saúde, entrou em coma e veio a morrer.

De acordo com Yurchak, contudo, a morte do líder foi precedida de um procedimento fundamental para a compreensão do sistema soviético: durante o período final de sua vida – e particularmente entre a primavera de 1922 e janeiro de 1924 –, Lenin foi objeto de um processo de duplicação levado a cabo pelo *politburo*, que cindiu o homem real da figura canonizada. Isto é, ao mesmo tempo em que isolava Vladímir Ílitch da vida política soviética, o *politburo* canonizava publicamente a sua imagem.

O isolamento de Ílitch – que visava evitar que o homem interferisse na criação da figura canonizada – é ilustrado por diversos episódios ocorridos em Górkí. Como citamos anteriormente, após sofrer o segundo derrame em dezembro de 1922, Ílitch perdeu quase totalmente o acesso à vida política. Esse embargo foi rompido em algumas poucas ocasiões, quando sua esposa e seus aliados mais próximos contrabandeavam comunicações com o mundo exterior. Foi esse o caminho percorrido pela sua famosa “Carta ao Congresso”, ditada a Krúpskaia entre 23 de dezembro de 1922 e 4 de janeiro

---

<sup>363</sup> SERVICE, 2000, p.443.

<sup>364</sup> YURCHAK, 2015, p.5.

de 1923.<sup>365</sup> No documento, também conhecido como o “testamento político de Lenin”, o líder soviético tecia avaliações quanto às posições políticas e ao caráter de diversas lideranças do partido, incluindo Stálin e Trótski. Após a morte de seu autor – e em conformidade com os seus desejos –, a carta foi lida durante o 13º Congresso do Partido Comunista Russo, em maio de 1924. Ela foi, no entanto, suprimida da transcrição publicada, o que impediu que o público tomasse ciência de sua existência. De fato, na década seguinte o documento passou a ser tratado como uma farsa, e a posse de uma cópia era passível de punições severas. Em 1956, a carta foi lida a portas fechadas durante o 20º Congresso,<sup>366</sup> antes de ser novamente suprimida sob Bréjniev. O documento só circularia amplamente entre a população soviética em abril de 1990, quando foi publicada pelo popular semanário *Ogoniók*. Em outra ocasião, em janeiro de 1923, Ílitch enviou ao jornal *Pravda* um artigo propondo alterações no funcionamento de uma instituição estatal. Lideranças partidárias tentaram impedir sua publicação, e aventou-se até mesmo a possibilidade de imprimir uma cópia avulsa do jornal contendo o artigo, apenas para Lenin. Finalmente, decidiu-se que o texto poderia ser publicado, mas pouco depois o *politburo* enviou uma carta aos Comitês Regionais do Partido explicando que a enfermidade impedia Ílitch de acompanhar a situação do país, e que seu texto não refletia a posição do Partido.<sup>367</sup> Esses episódios revelam que durante os seus últimos anos de vida, Ílitch não apenas tinha a sua voz silenciada, como era impedido de alterar suas antigas opiniões.

Simultaneamente, como mencionado, era realizada a canonização de Lenin: “It was at that time, [from 1922 and] until Lenin’s death in January 1924, that most mythological images and institutions that were formed around Lenin’s cult were created. A precondition for this was the loss by Lenin at that time of his unmatched personal aura.”<sup>368</sup> A partir do outono de 1922, Ílitch passou a ser despido de sua autonomia – a sua voz, a capacidade de alterar posições tomadas anteriormente, ou ainda de explicar textos de sua própria autoria – e efetivamente banido da vida política, enquanto Lenin era canonizado nesta mesma esfera, tomando forma com o estabelecimento, em Moscou, do Instituto Lenin – em março de 1923, nove meses antes

---

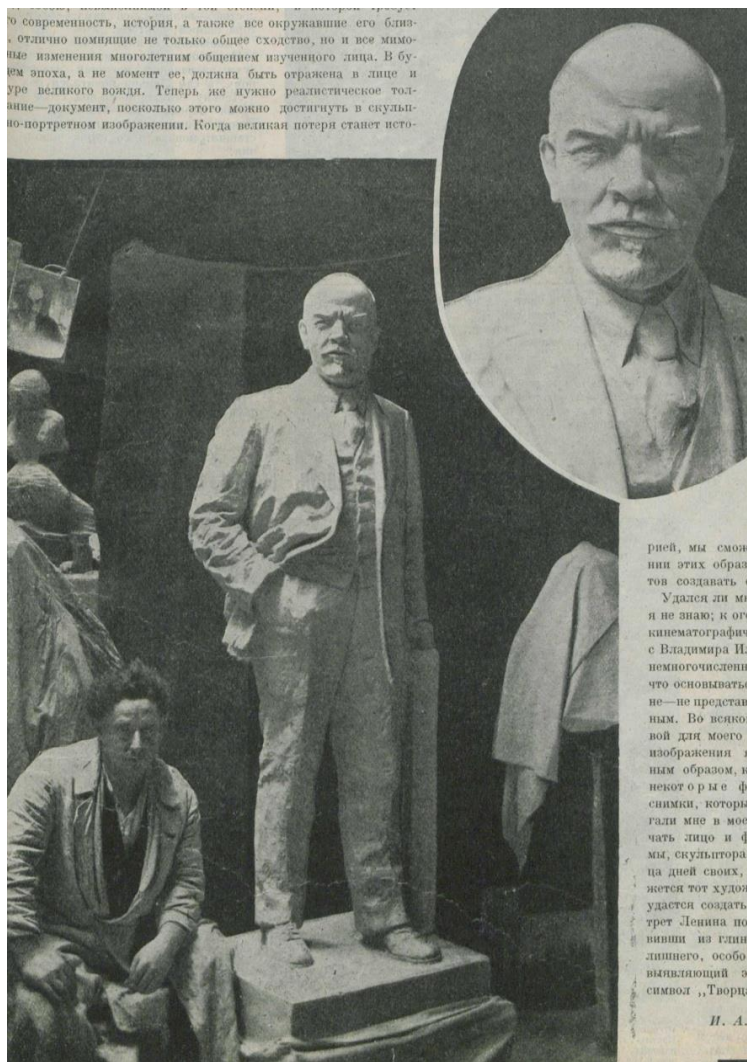
<sup>365</sup> YURCHAK, 2017, p.180.

<sup>366</sup> No qual Khrushchov fez o famoso “Discurso Secreto”.

<sup>367</sup> YURCHAK, 2017, p.180.

<sup>368</sup> “Foi naquele período, [entre 1922 e] até a morte de Lenin, em janeiro de 1924, que foi criada a maior parte das imagens e instituições mitológicas formadas em torno do culto de Lenin. Uma pré-condição para isso era que Lenin perdesse naquele momento a sua aura pessoal inconfundível”. Beno Ennker, citado em YURCHAK, 2015.

da morte de Ílitch – e a disseminação do termo “Leninismo”.<sup>369</sup> O jornal *Pravda* lembrava os leitores da centralidade das palavras de Lenin: “Cada pedaço de papel que contenha uma inscrição ou marca feita por Lenin pode fornecer uma importante contribuição para a compreensão de um grande homem;” “Qualquer pedaço de papel datilografado, caso possua a assinatura de V. I. Lenin, deve ser enviado ao Instituto”.<sup>370</sup> Ao mesmo tempo, o público não tinha acesso ao que Ílitch dizia e escrevia em Górkí, ou a informações acerca de seu estado de saúde.<sup>371</sup>



*Ainda em 1924, as lideranças do Partido se dedicaram a direcionar as formas com que Lenin era representado publicamente (em poemas, contos, imagens e esculturas), de modo a construir um objeto canônico em substituição ao Lenin real. (“O escultor I. A. Mendelevitch ao lado da escultura em seu estúdio”. Ogoniok, 27 de abril de 1924).*

<sup>369</sup> O próprio Ílitch se opunha ativamente ao termo. Há diferentes versões quanto à sua origem, mas, como aponta Yurchak, os ideólogos do Partido passaram a usar o termo publicamente em 1923.

<sup>370</sup> TUMARKIN, 1983, p.123-124.

<sup>371</sup> Os problemas de saúde de Ílitch eram seletivamente noticiados pela imprensa, de modo que o público tinha a impressão de que Lenin, mesmo doente, estava se comunicando com as outras lideranças do Partido e participando da vida política.

De acordo com Ennker, Lenin estava sendo construído como “a particular object of political iconography that was not connected in any way with the real living Lenin”.<sup>372</sup> A partir de então, o Leninismo – entendido como a doutrina resultante dessa oscilação cíclica entre o banimento de certas ideias e fatos biográficos de Ílitch e a canonização de outras ideias e fatos, apresentada paradoxalmente como a mais sólida verdade que era, ao mesmo tempo, constantemente reformulada<sup>373</sup> – tornou-se a referência balizadora do sistema político soviético. Isto é, cada um dos líderes soviéticos posteriores a Ílitch derivava a sua autoridade da premissa de que possuía acesso privilegiado ao pensamento de Lenin – por sua vez, a verdade fundacional do sistema político.<sup>374</sup> Stálin foi apresentado como o herdeiro escolhido de Lenin – uma garantia implícita de que era o maior conhecedor desse conjunto de ideias. Ao denunciar o culto à personalidade de Stalin em 1956 e iniciar o processo de desestalinização, Khrushchov afirmou que seu antecessor ignorara princípios leninistas, e que a sua morte permitia que o Partido liderasse “o povo soviético pelo caminho leninista, rumo a novos sucessos, novas vitórias”,<sup>375</sup> tomando para si o posto de intérprete superior do Leninismo. Oito anos mais tarde, o politburo se valeria de um expediente análogo ao depor Khrushchov, acusando-o de violar princípios leninistas. Gorbachóv, por sua vez, baseou a implementação da *glasnost* na necessidade de que seria preciso deixar de lado distorções passadas do Leninismo e retornar à palavra verdadeira de Lenin. Com isso, esses líderes ciclicamente canonizaram uma determinada versão de Lenin e baniram outra, através da “reinterpretação de seus textos previamente publicados e da crítica a interpretações anteriores”, da “omissão de fatos de sua biografia e da invenção de novos fatos”,<sup>376</sup> muitas vezes legitimando ideias e eventos contraditórios com base em interpretações oscilantes da mesma verdade fundamental.

O procedimento é ilustrado pelas técnicas de revisão empregadas por Mikhail Suslov, um dos principais ideólogos do Partido. Durante os governos de Khrushchov e Bréjniev, Suslov era responsável por garantir que documentos oficiais se adequassem ao

---

<sup>372</sup> "um objeto particular de iconografia política que não estava conectado, de forma alguma, com o Lenin vivo e real". Ennker citado em YURCHAK, 2015.

<sup>373</sup> Via de regra, essa reformulação se dava de forma velada, mas em determinadas ocasiões ela era realizada publicamente, com ampla discussão, como no caso do processo de desestalinização.

<sup>374</sup> "The Lenin cult was an organic part of the Soviet political system; each leader presented himself as a true Leninist" ("O culto a Lenin era uma parte orgânica do sistema político soviético; cada líder se apresentava como um verdadeiro Leninista"). (ENNKER, 1999)

<sup>375</sup> KHRUSHCHEV, 1956

<sup>376</sup> YURCHAK, 2015, p.8.

arcabouço teórico do Leninismo.<sup>377</sup> Essa consonância, contudo, era buscada apenas no nível da forma – em seu escritório no Kremlin, Suslov mantinha uma série de grandes arquivos de madeira, cada um guardava uma enorme quantidade de cartões arquivísticos, organizados tematicamente, contendo citações de Lenin. Cada discurso ou decisão política das lideranças partidárias poderia ser corroborado por uma citação adequada de Lenin, descontextualizada e escolhida a dedo por Suslov:

К утру речь была готова, аккуратно перепечатана в трех экземплярах, и мы отправились к Михаилу Андреевичу. Посадил он нас за длинный стол, сам сел на председательское место, поближе к нему Беляков, подальше я. И стал он читать свою речь вслух, сильно окая по-горковски и приговаривая: «Хорошо, здесь хорошо сказано. И здесь опять же хорошо. Хорошо отразили». А в одном месте остановился и говорит: «Тут бы надо цитаткой подкрепить из Владимира Ильича. Хорошо бы цитатку» Ну я, осоловевший от бессонной ночи, заверил: цитатку, мол, мы найдем, хорошую цитатку, цитатка для нас не проблема. Тут он бросил на меня первый взглядец, быстрый такой, остренький, и сказал: «Это я сам, сейчас сам подберу». И шустро так побежал куда-то в угол кабинета, вытащил ящичек, которые обычно в библиотеках стоят, поставил его на стол и стал длинным, худыми пальцами быстро-быстро перебирать карточки с цитатами. Одну вытащит, посмотрит - нет, не та, другую начнет читать про себя - опять не та. Потом вытащил и так удовлетворенно: «Вот, эта годится». Зачитал, и впрям хорошая цитатка была.<sup>378</sup>

---

<sup>377</sup> “E Bréjniev, para ser justo com ele, nem sequer fingia ser capaz de usar terminologias teóricas. Quando os seus assessores inseriam algum conceito sofisticado dos fundadores [Marx e Lenin], ele comentava: 'Não me transformem em algum tipo de teórico, não façam o povo rir!'. Para isso eles contavam com Suslov. Nem Khrushchov e nem Bréjniev emitiam qualquer documento sem que Mikhail Andreevich [Suslov] o examinasse primeiro.” Victor Golikov, citado em YURCHAK, 2017.

<sup>378</sup> “Pela manhã, o discurso estava pronto, cuidadosamente datilografado em três exemplares, e nós fomos até Mikhail Andreievitch. Ele nos convidou a sentar próximos a uma longa mesa, sentou-se no assento adequado, com Beliákov mais próximo de si e eu mais distante. Ele começou a ler o discurso em voz alta, pronunciando cada sílaba com cuidado, e repetindo: “Bom, isso ficou bom. E isso aqui também. Bem escrito”. E então ele se deteve e disse: “Aqui seria bom reforçar com uma citaçãozinha de Vladímír Ílitch. Seria bom ter uma citaçãozinha”. Meio sonolento, eu concordei: sim, claro, nós vamos encontrar uma boa citação, citações não são um problema para nós. Ele me lançou um olhar rápido e penetrante, e declarou: “Eu mesmo faço isso, já resolvo isso”. E se lançou um direção a um canto do escritório, apanhou uma caixa de arquivo – daquelas que eles geralmente têm nas bibliotecas –, colocou-a sobre a mesa e começou a folhear rapidamente, com seus dedos longos e finos, cartões com citações. Puxou um cartão, examinou – não, não é isso. Começou a ler outro – de novo não. Então retirou um cartão e, com

As citações eram retiradas de tal modo de seu contexto original que podiam ser utilizadas para apoiar decisões diametralmente opostas. As mesmas citações usadas reiteradamente por Suslov para justificar decisões de Stalin – motivo pelo qual era altamente valorizado pelo secretário geral – foram mais tarde utilizadas pelo mesmo Suslov para criticar Stalin durante governos posteriores. No final do período soviético, em 1990, o historiador Boris Ravdin afirmou que o Instituto de Marxismo-Leninismo havia “por 70 anos, desde a sua fundação, cumprido um papel absurdo – legitimar para publicação os textos [de Lenin] que se adequavam ao cânone [de uma determinada época], não importando o quão distantes eles estivessem do Lenin real, e alterar e modificar os textos que não se adequavam a aquele determinado cânone.”<sup>379</sup>

O caráter plástico e cosmético imposto às palavras de Lenin – isto é, a supremacia de sua forma sobre o seu conteúdo – foi central ao funcionamento da vida política soviética. No interior do mausoléu da Praça Vermelha, o seu corpo seria submetido a um processo análogo.

Como seria de se esperar, o período imediatamente seguinte à morte de Ílitch foi palco de inúmeras reuniões e discussões entre as lideranças do Partido. Um dos temas centrais dessas conversas, entretanto, surpreendeu até mesmo os seus participantes. O destino do corpo de Lenin não fora determinado antecipadamente – a ideia de preservar o cadáver indefinidamente foi formulada de forma gradual e conjunta, ganhando adeptos ao longo de cerca de dois meses.

O caráter inesperado dessa decisão é demonstrado pelo tratamento inicialmente dispensado ao corpo. Durante a autópsia realizada logo após a morte, por exemplo, não foram evitados procedimentos que mais tarde dificultariam o processo de preservação, como o corte de artérias e veias que poderiam transportar as substâncias conservantes. Além disso, o corpo de Lenin foi velado por gigantescas multidões durante várias semanas, estando sujeito a temperaturas extremamente baixas, o que contribuiu para a deformação de seu nariz e de seus pés.

Inicialmente, a maioria das lideranças partidárias era contrária à ideia de preservação do corpo, que havia sido aventada pela imprensa e entre a população.<sup>380</sup> A

---

enorme satisfação, disse: “Esse, esse vai servir”. Eu a li, e realmente era uma boa citação.”  
BURLATSKY, 1990, p.181-182.

<sup>379</sup> YURCHAK, 2017, p.175.

<sup>380</sup> O público enviou diversas propostas do tipo ao Comitê Central: em cartas, partidários sugeriam que o corpo de Lenin fosse congelado em um bloco transparente de gelo, ou que fosse coberto com um mineral transparente (YURCHAK, 2015). Também foram sugeridas receitas caseiras, envolvendo o uso de vinagre, açúcar e álcool (ENNKER, 1999, p.122).

proposta não apenas parecia inviável de um ponto de vista técnico, como também contraditória com os princípios marxistas. Trótski, Bukharin e Voroshilov apontaram que um procedimento do tipo transformaria o corpo em uma espécie de relíquia religiosa.<sup>381</sup> Desse modo, ganhou tração o plano de construção de uma tumba fechada, que serviria de memorial.

De todo modo, se fazia necessário preservar o corpo por mais algum tempo, pois cidadãos de todo o país ainda se reuniam em enormes filas para velá-lo. Com a elevação das temperaturas em Moscou no fim de março, a comissão médica responsável pelo corpo notou os primeiros sinais de decomposição. Após novas rodadas de acaloradas discussões, tomou-se a decisão: o corpo seria submetido a um método experimental de preservação criado por Vladimir Vorobiov, professor de medicina, e Boris Zbarski, bioquímico. Após quatro meses de intenso trabalho, a dupla anunciou que o procedimento havia sido bem-sucedido: o corpo manteria a sua forma inalterada contanto que fosse regularmente submetido ao tratamento. O método, inicialmente criado por Vorobiov e Zbarski e desenvolvido pela equipe do Laboratório de Lenin<sup>382</sup> ao longo das décadas seguintes, difere das formas tradicionais de preservação – tanto das naturais, nas quais o corpo é conservado pelo gelo ou por solos extremamente secos, quanto das artificiais, como a mumificação, a criogenia ou a plastinação –, tratando-se de um processo científico e artístico extremamente complexo e contínuo, que visa a preservação da forma dinâmica do corpo.<sup>383</sup> Isto é, busca-se manter não apenas a sua aparência superficial, mas também características como seu peso, a flexibilidade de suas articulações, a pressão interna de músculos, a elasticidade e a textura da pele, a força de adesão dos pelos, etc. Chama a atenção o fato de que o trabalho de preservação não foca apenas as partes do corpo expostas ao público: um esforço extraordinário é dedicado à manutenção de características inteiramente invisíveis, como a pigmentação das axilas. O corpo é reembalsamado a intervalos regulares, de modo que o equilíbrio de seus componentes internos seja mantido: líquidos são injetados para compensar sua evaporação, a densidade óssea é analisada e corrigida, materiais inorgânicos altamente modeláveis substituem o material orgânico original – como gorduras –, e superfícies são

---

<sup>381</sup> TUMARKIN, 1983, p.191.

<sup>382</sup> Em seu auge, o laboratório dedicado à preservação do corpo de Lenin chegou a contar com centenas de funcionários. Hoje, ele continua funcionando, ainda que conte com uma equipe menor.

<sup>383</sup> YURCHAK, 2015, p.3.

cuidadosamente esculpidas para que reflitam com maior precisão os traços originais de Ílitch.<sup>384</sup>

Yuri Lopukhin, um dos cientistas do Laboratório, chama o corpo de Lenin de “escultura viva”. O termo denota o caráter ambivalente do corpo: por um lado, a repetição do processo ao longo das décadas alterou de tal modo o corpo que o seu material biológico original representa apenas uma pequena fração de sua composição atual; por outro lado, não se trata de uma mera escultura, pois o bloco de mármore continuamente esculpido é o próprio corpo representado.<sup>385</sup> A disposição em permitir a contínua e progressiva substituição do material biológico original do corpo por outros materiais que fossem capazes de melhor representar a aparência superficial de Lenin<sup>386</sup> – isto é, a sua manutenção como objeto dinâmico, moldável e flexível – ecoa o procedimento de constante remodelamento e reinterpretação que constituiu a canonização da figura política de Lenin. Assim como ocorria no processo de canonização de Lenin – em que as suas ideias eram apresentadas ao público com a aparência de estáticas, ainda que fossem constantemente remodeladas de acordo com as necessidades do politburo –, o Lenin preservado era exibido no mausoléu como uma figura fixa e inalterada – como se Ílitch tivesse sido congelado no tempo no instante de sua morte –, ainda que estivesse sendo submetido a constantes processos de remodelamento, escultura e substituição de seus componentes.<sup>387</sup>

---

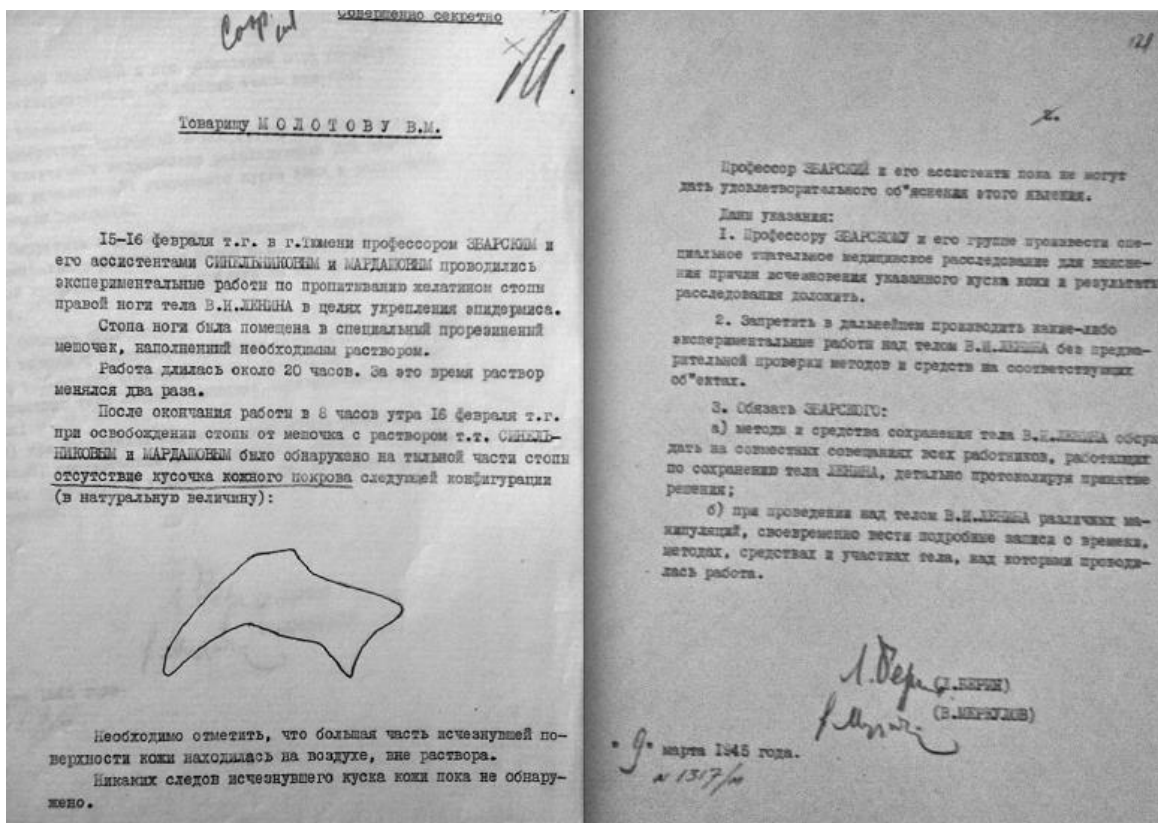
<sup>384</sup> O nariz de Lenin, como mencionado, foi danificado no período em que o corpo ficou exposto ao frio. Após inúmeros procedimentos de escultura, ele foi reconstruído com sucesso em 1939. Os cílios do corpo, acidentalmente destruídos durante a autópsia original, também foram substituídos após alguns anos.

<sup>385</sup> YURCHAK, 2015.

<sup>386</sup> No fim de julho, a Comissão para a Imortalização da Memória de Lenin publicou uma nota explicando a decisão de preservar o corpo de Lenin. Nela, explicava-se que a intenção não era transformar o corpo de Lenin em algum tipo de “reliquia”, mas preservar a sua aparência física, de modo que as futuras gerações pudessem vê-la.

<sup>387</sup> O contraste entre aquilo que era visível e aquilo que era invisível ao público é evidenciado pelo extenso trabalho realizado no Laboratório em relação às partes do corpo que nunca seriam exibidas





*Carta enviada por Béria a Molotov em 1945, relatando o desaparecimento de um pedaço de pele do pé direito de Lenin (ilustrado em tamanho real) durante um procedimento experimental. A partir de então, apenas procedimentos já testados em “objetos experimentais” – corpos anônimos preservados do mesmo modo que Lenin – seriam utilizados.*

As semelhanças entre o processo de preservação do corpo de Lenin e a filosofia de Nikolai Fiódorov não escaparam ao olhar de estudiosos do papel desempenhado pelo líder soviético após a sua morte. Tumarkin detecta uma conexão direta entre a filosofia da “causa comum” de Fiódorov e o projeto de preservação de Lenin.<sup>388</sup>

A widely read philosopher of the nineties, N. F. Fedorov [...] appeared to have profoundly influenced Leonid Krasin, the man who supervised the preservation of Lenin's body and construction of the original mausoleum.<sup>389</sup>

<sup>388</sup> Yurchak rejeita a relação com Fiódorov, argumentando que a substituição do material orgânico do corpo por substâncias inorgânicas seria incompatível com a ressurreição da “carne” proposta pelo filósofo. Como vimos, contudo, Fiódorov acreditava que uma pequena quantidade de átomos bastaria para a futura ressurreição.

<sup>389</sup> Um filósofo bastante lido na década de noventa, N. F. Fiódorov (...) parece ter influenciado profundamente Leonid Krasin, o homem que supervisionou a preservação do corpo de Lenin e a construção do mausoléu original”. (TUMARKIN, 1983)

No início do século, Krasin<sup>390</sup> havia sido influenciado pelas ideias de Anatoli Lunatcharski<sup>391</sup> e Aleksandr Bogdánov acerca das possibilidades espirituais das ideias bolcheviques. Teria sido por meio de Bogdánov que Krasin teria tido contato com a noção de imortalidade alcançada através da tecnologia, desenvolvida por Fiódorov.<sup>392</sup> Durante o funeral de Liev Iakovlevitch Karpov, em 1921 – três anos antes de assumir o papel de supervisor do projeto de preservação do corpo de Lenin –, Krasin, citado na epígrafe, expressou sua crença genuína nessa ideia:

I am certain that the time will come when science will become all-powerful, that it will be able to recreate a deceased organism. I am certain that the time will come when one will be able to use the elements of a person's life to recreate the physical person. And I am certain that when that time will come, when the liberation of mankind, using all the might of science and technology, the strength and capacity of which we cannot now imagine, will be able to resurrect great historical figures – and I am certain that when that time will come, among the great figures will be our comrade, Lev Iakovlevich<sup>393</sup>

---

<sup>390</sup> Konstantin Melnikov, o arquiteto responsável por projetar o sarcófago de Lenin, atribuía a Krasin a ideia de preservação permanente do corpo de Lenin.

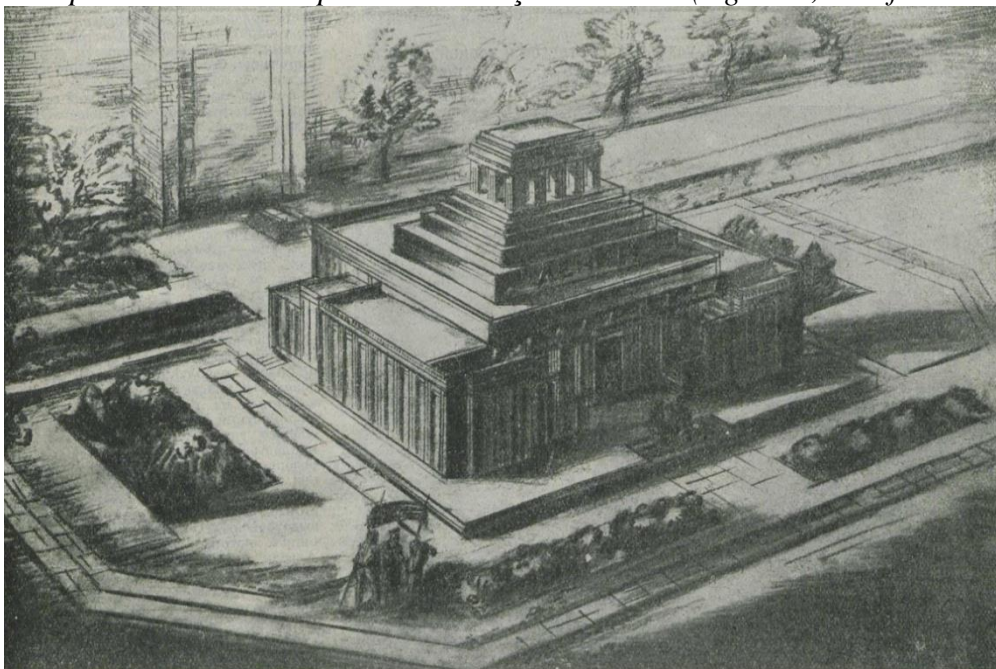
<sup>391</sup> Que supervisionou o plano do mausoléu permanente.

<sup>392</sup> TUMARKIN, 1983, p.180.

<sup>393</sup> “Estou certo de que chegará o dia em que a ciência se tornará toda poderosa, de modo que será capaz de recriar um organismo morto. Estou certo de que chegará o dia em que será possível utilizar os elementos da vida de uma pessoa para recriá-la fisicamente. E certeza de que chegará o dia em que a libertação da humanidade – por meio de toda a potência da ciência e da tecnologia, cujas forças e capacidades nós mal podemos imaginar – será capaz de ressuscitar as grandes figuras da história. E tenho certeza de que, quando este dia chegar, nosso camarada Lev Iakovlevitch estará entre essas grandes figuras”. M. Ol'minskii, "Kriticheskie stat'i i zametki," Proletarskaia revoliutsiia, nº1, 1931, pp. 149-150.



*Cripta de madeira temporária na Praça Vermelha. (Ogoniók, 3 de fevereiro de 1924).*



*Projeto do mausoléu definitivo. (Ogoniók, 10 de abril de 1924).*

### 3. Os Strugátski

Os irmãos Arkádi e Borís Strugátski foram dois dos mais populares escritores da URSS. Se no Ocidente as suas obras nunca alcançaram a mesma celebridade,<sup>394</sup> elas seguem atraindo grande atenção entre público e crítica nos Estados pós-soviéticos.<sup>395</sup> A persistente popularidade dos Strugátski nestes países pode ser explicada pelo fato de que a dupla foi capaz, em suas obras, de articular aspectos fundamentais da sociedade soviética da segunda metade do século XX.

Em uma carreira que se estendeu entre meados dos anos 1950 e o final dos anos 1980, a dupla publicou mais de duas dezenas de romances, além de contos, peças e novelas. No mundo russófono, os Strugátski foram, por ao menos três décadas, os mais populares e influentes escritores de ficção científica.<sup>396</sup>

O primogênito Arkádi nasceu em 1925 na cidade georgiana de Batumi. Dois meses mais tarde, a família emigrou para Leningrado, onde nasceria Boris em 1933. No ano de 1942, durante o cerco de Leningrado, Boris e sua mãe permaneceram na cidade, enquanto Arkádi e seu pai foram evacuados. No trem rumo a Vologda, o pai da dupla – assim como todos os demais ocupantes de seu vagão, com exceção de Arkádi – foi morto por uma bomba alemã. O mais velho dos irmãos então foi convocado pelo exército, e mais tarde estudou línguas estrangeiras – inglês e japonês – no Instituto Militar de Línguas Estrangeiras, em Moscou. Até 1955, Arkádi trabalhou como professor e intérprete, e então iniciou a carreira de editor literário e escritor. Após a guerra, Boris, o irmão mais jovem, estudou astronomia na Universidade Estatal de Leningrado e trabalhou como astrônomo e engenheiro de computação no observatório astronômico de Pulkovo antes de iniciar a colaboração literária com Arkádi em 1958.<sup>397</sup>

---

<sup>394</sup> Vale notar, contudo, que a obra dos Strugátski começou a ser traduzida e comentada em diversos países do Ocidente já nos anos 1970. Ver, por exemplo, SUVIN, 1972; SUVIN, 1974; LE GUIN, 1977

<sup>395</sup> Boiadjieva e Zékalov comentam a popularidade de que a dupla de escritores passou a gozar a partir da década de 1970: “Стругацкие на пике популярности - «Пикник на обочине» читало чуть ли не все взрослое население Союза” [*os Strugátski estavam no auge da popularidade: ‘Piquenique na estrada’ foi lido por praticamente toda a população adulta da União Soviética*] (BOIADJIEVA, 2012, p.234.); “в начале семидесятых годов популярность Стругацких достигла высшей точки. Нет, не так: высшего уровня, на котором и держится до сих пор” [*No início dos anos setenta, a popularidade dos Strugátski atingiu o seu ponto alto. Mais precisamente, atingiu um patamar altíssimo que se mantém até hoje*] (ZERKALOV, 1991). O escritor e crítico russo Dmitri Bykov, por sua vez, inclui três romances dos autores em sua lista dos cem livros mais importantes da literatura mundial (BYKOV, 2015). De acordo com Glinter, uma pesquisa de 1967 mostrou que quatro das dez obras de ficção científica mais populares da URSS haviam sido escritas pelos Strugátski, incluindo *Трудно быть богом* na primeira posição e *Понедельник начинается в субботу* na segunda (GLINTER, 2015)

<sup>396</sup> GLINTER, 2015.

<sup>397</sup> GLINTER, 2015.

Um literato e um astrônomo, como aponta Cederlöf, personificavam o cisma cultural entre os физики<sup>398</sup> e os лирики<sup>399</sup>, o qual opunha, na URSS dos anos 1960, adeptos das ciências naturais e partidários da filosofia e da espiritualidade, em uma disputa sobre o que significava ser *moderno* no período posterior à Segunda Guerra Mundial<sup>400</sup>. De acordo com a autora, ainda que a dupla seja comumente identificada com o primeiro grupo, na realidade operava uma aproximação entre os pólos. Isso se manifestava na rejeição a certos desenvolvimentos da modernidade soviética e na contínua defesa de outros.

Isto é, ainda que os autores tenham sido caracterizados como dissidentes por alguns comentadores – o que não surpreende, considerando que a ficção científica soviética dos anos 1960 e 1970 foi, durante muitas décadas, observada exclusivamente através do prisma da Guerra Fria<sup>401</sup> –, a sua relação com o sistema soviético era mais complexa do que o termo poderia indicar.

De acordo com Tcherniakhovskaia, as obras dos Strugátski servem, de certo modo, como “manifestos”, ou “tratados”, que exprimem o pensamento político da dupla de autores – e se inscrevem, assim, na tradição da *Utopia* de More, das obras de Voltaire, e de *Que Fazer?* de Tchernitchévski.

Em seus romances iniciais, a dupla estabeleceu um universo ficcional – o Мир Полудня<sup>402</sup> – o qual representaria o futuro que ela gostaria de ver concretizado. Nele, dois dos grandes projetos soviéticos – a primazia tecnológica e o comunismo – estariam plenamente realizados. O notável progresso científico e as estruturas sociais

---

<sup>398</sup> физики, “físicos”.

<sup>399</sup> лирики, “líricos”.

<sup>400</sup> A controvérsia orbitava especialmente em torno do significado de “progresso” na era atômica. De um lado estavam aqueles que viam os avanços científicos e tecnológicos como inerentemente positivos e conducentes à vitória do sistema comunista; de outro, aqueles que detectavam nos avanços modernos um potencial fãustico: “Здесь противостояли друг другу два понимания того, что значит быть современным после Второй мировой войны” [“Estavam em oposição duas interpretações sobre o que significava ser moderno após a Segunda Guerra Mundial”] (KUKULIN, 2020)

<sup>401</sup> Muitos dos estudos sobre a ficção científica soviética foram produzidos pelos chamados “cold warriors”, que tendiam fortemente a uma perspectiva binária sobre o sistema e a literatura da URSS. Como aponta Banerjee, a produção acadêmica dominante sobre o assunto se desenvolveu “at the precise moment of the Cold War when, following the Sputnik launch in 1957, the Soviet Union began to be perceived as a technological rival of the West, practically every study of Russian science fiction is framed by the twin axes of the Space Race and the relative liberalization of the Thaw period following Stalin years [...] It is assessed almost exclusively in terms of a historic rupture with totalitarianism” [no exato momento da Guerra Fria no qual, após o lançamento do Sputnik em 1957, a União Soviética passou a ser considerada um rival tecnológico do Ocidente, o que fez com que praticamente todos os estudos sobre a ficção científica russa fossem determinados pela ótica da corrida espacial e da relativa liberalização do período do Degelo, após os anos de Stálin [...] [A ficção científica soviética] é analisada quase exclusivamente como uma ruptura histórica com o totalitarismo]. (BANERJEE, 2012, p. 4)

<sup>402</sup> Мир полудня. “Mundo do meio-dia”

fundamentariam uma sociedade harmônica, na qual as instituições estatais teriam se tornado desnecessárias, e cada indivíduo contribuiria para o bem estar coletivo. Não se tratava de uma *utopia da era espacial*, mas de um retrato relativamente nuançado – e objeto de alguma influência cosmista<sup>403</sup> – de um possível futuro comunista, no qual as contradições – às quais essa sociedade não seria imune – tornar-se-iam objeto de reflexão e de tentativas de resolução. Nos termos de Tcherniakhovskaia, “Начиная анализировать то, с какими проблемами столкнется этот мир «Полдня», они создают особый политико-философский жанр «критической утопии». Для них утопия – это не некий окончательный идеал, а мир, в котором хотелось бы жить, который рождается из всего развития истории, но который будет нести в себе свои противоречия, заставит решать новые проблемы”<sup>404</sup>. Em certo sentido, tratava-se da afirmação de um futuro possível – da projeção de um desenvolvimento histórico possível a partir da perspectiva soviética do período –, na tradição da ficção científica soviética de anos anteriores.

Posteriormente, particularmente a partir da metade da década de 1960, no entanto, os romances dos Strugátski passaram a retratar também mundos que teriam se desgarrado do tronco central do desenvolvimento histórico – isto é, mundos amplamente alheios aos avanços sociais e tecnológicos, ou cuja relação com estes era ambígua. Ao menos em parte, essa inflexão pode ser explicada pela visão crescentemente crítica que os autores desenvolveram com os governantes do período.

Como relataria Boris Strugátski anos depois da dissolução da URSS – e da morte de Arkádi, também ocorrida em 1991 –, a famigerada visita de Khrushchóv à exposição “30 anos do Sindicato dos Artistas de Moscou” convenceu a dupla de que a URSS estava sendo governada por “inimigos da cultura”<sup>405</sup> e da *intelligentsia*<sup>406</sup>.

---

<sup>403</sup> Kahn argumenta que a visão dos Strugátski em seus anos formativos era fortemente influenciada pela concepção de utopia disseminada por Aleksandr Beliáiev, a qual, inspirada no cosmismo de Nikolai Fiódorov, tinha como norte a construção da felicidade universal por meios científicos (KAHN et al., 2018, p. 660, 661)

<sup>404</sup> “Ao analisarem os problemas com os quais o ‘mundo do meio dia’ se depararia, os autores criaram um gênero político-filosófico particular, de ‘utopia crítica’. Para eles, a utopia não consistia em um ideal bem acabado, mas em um mundo no qual as pessoas gostariam de viver, o qual nasce de todo desenvolvimento histórico, mas que carrega consigo as suas contradições e exige a resolução de novos problemas”. (TCHERNIAKHOVSKAIA, 2012, p. 80)

<sup>405</sup> (STRUGÁTSKI; STRUGÁTSKI, 2014)

<sup>406</sup> De acordo com Kahn, os Strugátski integravam a “prosa da juventude” (молодежная проза) dos anos 1960, a qual era altamente identificada com a *intelligentsia* do período. Segundo Kahn, muitos dos protagonistas dos romances dos Strugátski representam a alienação da *intelligentsia* científica soviética em relação ambiente histórico imediato, e a sua desconexão com certas políticas governamentais. (KAHN et al., 2018, p. 762)



*O escultor Ernst Neizvestni (1925-2016)*

Na exposição no Manege de Moscou, Khrushchóv “ranted against some of the work shown there in terms of filth and fecal messing, decadence and sexual deviance, concluding, ‘gentlemen, we are waging war on you.’”<sup>407</sup>. No mês seguinte à sua visita ao Manege, Khrushchóv buscou aplacar os anseios da *intelligentsia*, que lhe pedia para “stop the swing in the representational arts to past methods which are alien to the whole spirit of our times”<sup>408</sup> e convidou escritores e artistas para um encontro conciliatório – em um jantar posto em meio a obras do Realismo Socialista e a trabalhos vanguardistas, como os do escultor Ernst Neizvestni. Em seu discurso, todavia, fugindo ao texto escrito para “acalmar as coisas”, Khrushchóv novamente se pôs a bravatear e, apontando para

---

<sup>407</sup> “bravateou contra algumas das obras expostas, comparando-as a sujeira e fezes, e associando-as à decadência e a desvios sexuais, antes de concluir: ‘senhores, estamos declarando guerra contra vocês’.” (REID, 2005, p. 673)

<sup>408</sup> “interromper o retrocesso nas artes visuais em direção a métodos antigos que são alienígenas ao espírito do nosso tempo”. (TAUBMAN, 2003, p. 590)

esculturas de Neizvestni exclamou: “Is that a horse or a cow? Whatever it is, it makes an ugly mockery of a perfectly noble animal” e “If that's supposed to be a woman, then you're a faggot. And the sentence for them is ten years in prison”<sup>409</sup>. Em seguida, o secretário-geral deu início a uma campanha para reafirmar a primazia dos princípios do Realismo Socialista nas artes soviéticas, argumentando que a arte deveria ser compreendida pelo povo<sup>410</sup>.

A reação de Khrushchóv, que contrasta marcadamente com a resposta de Lenin em sua visita surpresa ao БХУТЕМАС<sup>411</sup> em fevereiro de 1921 (apesar de não ser um entusiasta da arte vanguardista, Lenin conversou com os estudantes sobre as artes visuais não-figurativas e a literatura de Maiakóvski, e comentou, bem humorado: “Well, tastes differ [and] I am an old man”<sup>412</sup>) denotava uma mudança de ares na esfera cultural soviética.

A crescente alienação da *intelligentsia* em relação às políticas governamentais referentes à esfera artística se refletiu, de acordo com Cederlöf, nas obras dos Strugátski a partir de meados dos anos 1960, começando com Трудно быть богом (1964):

from the mid-1960s and onwards, a shift became noticeable in their works. They ceased to reflect “the general optimistic ethos of the ‘thaw’ generation” and instead began to “paint an increasingly pessimistic picture of ethical and moral stagnation.” This tendency was first expressed in the novel *Hard to be a God*<sup>413</sup>

Na narrativa de Трудно быть богом, tanto a sociedade alienígena quanto – no limite – a atuação do protagonista são mostrados como desvios do desenvolvimento ocorrido no *Mundo do meio-dia* e podem ser interpretados como alertas relacionados

---

<sup>409</sup> “Isso é um cavalo ou uma vaca? Seja o que for, é uma troça ridícula com um animal perfeitamente nobre” e “Se para você isso é uma mulher, você é um pederasta. E pederastas são punidos com dez anos” (TAUBMAN, 2003, p. 591)

<sup>410</sup> Khrushchóv declarou sobre as obras exibidas no Manege: “My opinion is the same as that of the people. I don’t understand, and they won’t understand.” [“Minha opinião é a mesma do povo. Eu não entendo, e eles também não entenderão”.] (REID, 2005, p. 674). De acordo com Boris Strugátski, essa teria sido a origem de uma famosa anedota soviética, na qual Khrushchóv, observando uma imagem emoldurada e particularmente disforme, exclama: “E, afinal, o que seria esse traseiro com orelhas?”, ao que recebe uma resposta trêmula: “Isso é um espelho, Nikita Sergueievitch”. (STRUGÁTSKI, 2014, p. 238)

<sup>411</sup> ВХУТЕМАС, Высшие Художественно-Технические Мастерские (Ateliês Superiores de Arte e Técnica).

<sup>412</sup> “Bem, as pessoas têm gostos diferentes [e] eu sou um homem velho”. (BUCK-MORSS, 2000, p. 301)

<sup>413</sup> “a partir de meados dos anos 1960, uma mudança se tornou perceptível em suas obras. Elas deixaram de refletir “o ethos otimista geral da geração do degelo” e, ao invés disso, passaram a ‘pintar um quadro cada vez mais pessimista de estagnação ética e moral’. Essa tendência foi expressa pela primeira vez no romance *É Difícil ser um Deus*”. (CEDERLÖF, 2014, p. 3)



aos rumos políticos da URSS, que poderiam representar desvios do desenvolvimento socialista.

Parecem-nos equivocadas, todavia, as interpretações que tomam tais tensões em termos binários, o que resulta em qualificações da dupla e de suas obras como dissidentes ou opositoras ao sistema comunista. Isso porque até mesmo anos após a dissolução da URSS, Boris Strugátski não traçava equivalências entre a perspectiva crítica da dupla em relação ao governo soviético de seu tempo e algum sentimento anticomunista, escrevendo que “for us communism is a world of freedom and creativity”<sup>414</sup>. No mesmo sentido, Tcherniakhovskaia argumenta que os irmãos “являются искренними коммунистами [...] Хотя XX съезд КПСС, не изменив их идеалов, делает их более критичными”<sup>415</sup>.

Inseridas no contexto dos anos 1960, as obras aqui abordadas começam a questionar certas visões de modernidade afirmadas pela ficção científica de períodos anteriores. Nelas, a modernização soviética não mais era “domesticada”, mas tinha alguns de seus aspectos apresentados de modo marcadamente mais ambíguo. Em Пикник на обочине, vemos não a afirmação de um futuro grandioso, mas os “vestígios de um grande projeto não concretizado”<sup>416</sup>; em Понедельник начинается в субботу, encontramos um retrato repleto de ambiguidades da esfera científica soviética; em Трудно быть богом, a exploração espacial não nos leva – como em Богданов – ao encontro de uma sociedade que possa servir de inspiração, mas de um mundo sombrio e violento.

---

<sup>414</sup> “para nós, o comunismo é um mundo de liberdade e criatividade”. (STRUGÁTSKI, 2014, p. 244)

<sup>415</sup> “eram comunistas sinceros [...] Ainda que o XX Congresso do PCUS os tenha tornado mais críticos [ao sistema soviético], não alterou os seus ideais”. (TCHERNIAKHOVSKAIA, 2012, p. 80)

<sup>416</sup> ВУКОВ, 2016.

### 3.1. Análise de obras

Se os primeiros livros escritos pelos Strugátski eram caracterizados pelo otimismo quanto à abertura de horizontes aparentemente ilimitados a partir da união entre socialismo e tecnologia moderna – como, por exemplo, *Полдень, XXII век*, escrito em meio ao entusiasmo espacial e tecnológico do período, em cujo enredo o cosmos é explorado por indivíduos criativos, inteligentes e dotados da mais profunda preocupação com a libertação da humanidade –, uma perspectiva mais cautelosa é adotada pela dupla a partir da metade dos anos 1960. É precisamente neste momento, no qual os autores passam a refletir sobre as implicações de certos aspectos da modernidade no sistema soviético, que foram escritas as obras aqui analisadas.

#### 3.1.1. *É Difícil Ser um Deus* (1964)

A modernidade é comumente associada ao “longo século XIX”,<sup>417</sup> ou a fenômenos como a secularização e a industrialização, conectados à emergência do capitalismo e da burguesia revolucionária. No primeiro capítulo de seu livro *O Atlântico Negro* – intitulado, apropriadamente, “O Atlântico negro como contracultura da modernidade” –, Paul Gilroy apresenta uma crítica às avaliações eurocêntricas do desenvolvimento da modernidade capitalista. Para Gilroy, em discussões sobre a formação da modernidade, a centralidade do fenômeno da escravização de pessoas no continente africano e do seu forçado deslocamento pelo Atlântico é subestimada. Tais ocorrências são frequentemente consideradas como elementos acessórios à modernização, quando, na realidade, representam o marco inicial da era moderna, constituindo, em suas palavras, “o capitalismo sem suas roupas”.<sup>418</sup> A partir desta perspectiva, temos o sequestro e transporte de pessoas pelo Atlântico – e, em sentido mais amplo, a colonização empreendida por países europeus ao redor do globo – como a experiência fundadora da modernidade:

Os navios também nos reportam à *Middle Passage*, a micropolítica semilebrada do tráfico de escravos e sua relação tanto com a industrialização quanto com a modernização. Subir a bordo, por assim

---

<sup>417</sup> Termo utilizado por Hobsbawm, que abrange o período entre 1789 e 1914. Berman localiza a modernidade clássica no período compreendido entre 1789 e 1900 (BERMAN, 2007)

<sup>418</sup> GILROY, 2001, p.58.

dizer, oferece um meio para reconceituar a relação ortodoxa entre a modernidade e o que é tomado como sua pré-história. Fornece um sentido diferente de onde se poderia pensar o início da modernidade em si mesma nas relações constitutivas com estrangeiros, que fundam e, ao mesmo tempo, moderam um sentido autoconsciente de civilização ocidental.<sup>419</sup>

Na esfera literária, a ficção científica constituiu, desde a sua gênese, um gênero que privilegia a investigação acerca das contradições da era moderna – operando a sua domesticação ou o seu desvelamento, sob uma perspectiva utópica ou satírica, como vimos nos capítulos anteriores. A seguir analisaremos as relações travadas entre a ficção científica soviética escrita pelos Strugátski nos anos 1960 e 1970 e o fenômeno que, no limite, é apontado por Gilroy como elemento fundador da modernidade: o colonialismo.

Entre as diversas obras tidas como precursoras do gênero de ficção científica, destacam-se aquelas que descrevem encontros coloniais – utópicos e satíricos –, operando um “distúrbio do etnocentrismo”.<sup>420</sup> Exemplos são a *Utopia*, de Thomas Morus, ou *As Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift, com seus relatos de jornadas maravilhosas e encontros entre europeus e não-europeus. A crítica sobre ficção científica se debruça com especial atenção sobre a *História cômica dos estados e impérios da Lua* (1657), de Cyrano de Bergerac.<sup>421</sup> Apesar de creditado pelo famoso autor de ficção científica Arthur C. Clarke como o primeiro texto a descrever um vôo espacial impulsionado por foguetes,<sup>422</sup> o livro de Cyrano não foca nos aspectos técnicos e mecânicos da viagem empreendida por seu protagonista<sup>423</sup>. Trata-se, ao invés disso, de uma sátira dos valores e normas vigentes na sociedade francesa do período<sup>424</sup>. A viagem à lua – conceito em si possibilitado pela revolução copernicana, que, ao substituir o geocentrismo do sistema ptolomaico pelo heliocentrismo, iniciou uma alteração profunda na percepção do humano sobre si mesmo e sobre seu mundo, dando impulso à incipiente noção de que o *eu* e o mundo europeus representavam apenas uma das

---

<sup>419</sup> GILROY, 2001, p.60-61.

<sup>420</sup> RIEDER, 2008, p.2.

<sup>421</sup> Ver SUVIN, 1977; HELLER, 1985; RIEDER, 2008.

<sup>422</sup> CLARKE, 2001

<sup>423</sup> O que talvez o desqualificasse como legítima ficção científica, sob os critérios de Jameson.

<sup>424</sup> Neste sentido, é interessante notar que, apesar de ausentes na obra quaisquer “pretensões científicas” – conforme aponta Jameson – a ambientação espacial – seja ela associada à ficção científica ou à fantasia – gera no leitor o estranhamento, a “renovação da perspectiva” e a reflexão sobre a estrutura social.

manifestações entre uma gama infinita de identidades e mundos possíveis – funciona como mecanismo de deslocamento da cultura francesa da posição central, isto é, como uma ferramenta para o questionamento do etnocentrismo. A partir de uma perspectiva *outra* – no caso, a lunar – a sociedade europeia perde o seu *status* de possibilidade única e torna-se suscetível à crítica.

Nos mesmos séculos XV e XVI, em que Nicolau Copérnico desenvolvia as suas pesquisas, as nações europeias tomaram o mundo de assalto, submetendo grande parte do globo ao seu jugo militar, político e econômico. Deste modo, a expansão marítima e o sistema colonial aumentaram exponencialmente o contato do europeu com diversas outras populações, e teceram uma complexa estrutura de poder centrada na Europa – e baseada, em larga medida, no sequestro de pessoas do continente africano descrito por Gilroy. Como aponta Rieder, simultaneamente à construção do sistema colonial – e em fina consonância ideológica com ele – se deu o desenvolvimento de um discurso científico sobre a biologia e a cultura humanas, sob a forma das teorias evolucionistas e da antropologia. Assim como a revolução copernicana, esse nascente discurso científico sobre o humano exerceria crucial influência sobre a literatura de ficção científica produzida a partir do século XIX, o que é exemplificado pela presença significativa de elementos relacionados às teses do darwinismo social em obras do gênero de então. Mais do que qualquer outro gênero literário, vale notar, a ficção científica se interessava pela trajetória percorrida pelo ser humano, de suas origens no passado remoto aos seus possíveis destinos no futuro longínquo. Não é coincidência que o gênero tenha emergido, em sua forma moderna, no século XIX, momento de culminância da expansão imperialista. Tampouco foi o acaso a localizar o epicentro da popularidade inicial da ficção científica no núcleo do sistema imperialista – Inglaterra e França –, com reverberações se dispersando rumo a Estados Unidos, Alemanha e Rússia em conformidade com o desenvolvimento, nestes países, de projetos imperialistas ou de exercício de poder sobre outras nações<sup>425</sup>.

---

<sup>425</sup> Csicsery-Ronay argumenta que a trajetória geográfica da ficção científica – isto é, o seu desenvolvimento em certas localidades e sua dispersão em direção a outras – pode ser compreendida em sua correlação com dinâmicas imperialistas. Nos termos do autor, “A quick list of the nations that have produced most of the sf in the past century and a half shows a distinct pattern. The dominant sf nations are precisely those that attempted to expand beyond their national borders in imperialist projects” [“Uma lista das nações que produziram a maior parte da ficção científica no último século e meio revela um padrão explícito. As nações dominantes na ficção científica são precisamente aquelas que buscaram a expansão para além de suas fronteiras nacionais, em projetos imperialistas”] (CSICSERY-RONAY JR, 2003, p. 231). Milner também aponta uma relação entre imperialismo e o gênero de ficção científica, o qual teria nascido no centro do imperialismo anglo-francês do século XIX, e seguido um curso de desenvolvimento em territórios e literaturas “periféricas” ou “semi-periféricas” – Polônia, URSS,

Como demonstrado por Said, a influência exercida pelo colonialismo e pelo imperialismo na produção artística europeia foi ampla, perspassando a literatura como um todo. O projeto expansionista europeu – assim como os movimentos de resistência a ele – definiu o espaço social do romance realista. Isto é, as personagens do romance – com sua psicologia, seus conflitos, suas motivações, limitações, possibilidades de movimentação pelo espaço, etc. – são expressões da infraestrutura, do conjunto de relações sociais dominantes na sociedade capitalista europeia do século XIX, que lançava vetores de dominação e influência a partir de seu núcleo e em todas as direções. Nas palavras do autor: “Não digo que apenas o romance tenha sido importante, mas o considero como o objeto estético cujas ligações com as sociedades em expansão da Inglaterra e da França são particularmente interessantes como tema de estudo. O protótipo do romance realista moderno é Robinson Crusoe, e certamente não é por acaso que ele trata de um europeu que cria um feudo para si mesmo numa distante ilha não europeia”.<sup>426</sup>

O gênero de ficção científica não seria, assim, uma exceção à regra, mas uma de suas mais pronunciadas expressões. Ainda que na ficção científica sejam transgredidas muitas das expectativas relacionadas ao romance realista, o mesmo espaço social serve de substrato a ambos os gêneros.<sup>427</sup>

Rieder identifica dois fenômenos particularmente interessantes presentes na ficção científica produzida no contexto do colonialismo: a *inversão satírica* e a *diferença antropológica*. O primeiro consiste em um intercâmbio das posições hierárquicas ocupadas por colonizador e colonizado, exemplificado por *A History of New York* (1809), de Washington Irving, no qual o autor parte de um questionamento: “What right had the first discoverers of America to land and take possession of a country without first gaining the consent of its inhabitants, or yielding them an adequate compensation for their territory?”.<sup>428</sup> Após algumas considerações concretas sobre o assunto, a inversão satírica é empregada de modo a evidenciar ao leitor as mazelas do sistema

---

República de Weimar e EUA – em relação ao centro cultural hegemônico do período (MILNER, 2009, p. 108). O caso russo de relações com outras nações possui particularidades que serão aqui abordadas.

<sup>426</sup> SAID, Cultura e Imperialismo. Para outra abordagem sobre as relações entre o romance de Daniel Defoe e o imperialismo europeu, ver CHANG, 2008.

<sup>427</sup> Conforme mencionado no capítulo 1, a modernidade opera um deslocamento de motivos na ficção, do campo do sagrado ou mágico ao campo do tecnológico ou alienígena. O fenômeno se aplica ao romance: com o mapeamento do globo terrestre, as aventuras deixam os cenários exotizados da selva africana ou da ilha do Pacífico e chegam ao espaço sideral e às profundezas da Terra.

<sup>428</sup> “Que direito tinham os primeiros descobridores da América de desembarcar e tomar posse de um país sem antes receber o consentimento de seus habitantes, ou ao menos ceder uma compensação adequada pelo território?”. (IRVING, 2004)

colonial: “But as argument is never so well understood by us selfish mortals as when it comes home to ourselves, and as I am particularly anxious that this question should be put to rest for ever, I will suppose a parallel case, by way of arousing the candid attention of my readers”.<sup>429</sup> Na narrativa de Irving, os habitantes da lua, dotados de tecnologias muitas vezes mais avançadas do que as terrenas, chegam ao nosso planeta. Após constatar que os únicos habitantes locais são selvagens e feras indômitas, a raça lunar decide tomar formalmente a posse da Terra. Os humanos não são desprezados apenas por aquilo que os colonizadores lunares percebem como inferioridade tecnológica: eles são culpados – e talvez isso seja o mais importante – de terem a cor de pele e as características físicas erradas. Ao invés de serem verdes como ervilhas e possuírem caudas e um único olho, os humanos possuem “uma variedade inadequada de tezes, particularmente uma horrível cor branca”, nenhuma cauda e dois olhos. Os costumes humanos, além disso, são considerados absolutamente ignorantes e depravados: “cada homem vive, sem qualquer vergonha, com a sua própria esposa, e educa seus próprios filhos, ao invés de se deleitar na comunidade de esposas ordenada pela lei da natureza, como enunciada pelos filósofos da lua”. Os colonizadores lunares tomam tudo o que é valorizado pelos humanos, reagindo violentamente diante de qualquer ingrata reclamação ou sinal de descrença na filosofia colonialmente imposta – e permitindo, magnanimamente, que a humanidade sobreviva em reservas criadas nos desertos ou em regiões congeladas.

Em determinadas obras, o planejado efeito de reconhecimento contido em tal inversão era potencializado pela diferença antropológica, uma perspectiva dominante na antropologia do século XIX, que via as sociedades não-europeias como janelas para o passado pré-industrial europeu. Isto é, o sujeito antropológico estaria vivendo um momento histórico diferente (passado) em relação ao observador científico “civilizado”, em uma concepção evolucionista do desenvolvimento das sociedades. Essa noção da antropologia dos oitocentos influenciou a ficção científica de H. G. Wells, por exemplo. Em *Guerra dos Mundos*, os invasores marcianos “com seus cérebros hipertrofiados e máquinas prostéticas (...) são uma versão futura da raça humana”.<sup>430</sup> A pretensa superioridade do colonizador sobre o colonizado existe, na narrativa, no encontro anacrônico do sujeito com um *Outro*, a sua versão “primitiva”: “And before we judge of

---

<sup>429</sup> “Mas como um argumento nunca é tão bem entendido por nós, mortais egoístas, quanto quando ele bate à nossa porta, e como eu estou particularmente ansioso para ver essa questão resolvida para sempre, vou apresentar uma suposição, de modo a atrair a atenção sincera dos meus leitores”.

<sup>430</sup> RIEDER, 2008, p.5

them too harshly we must remember what ruthless and utter destruction our own species has wrought, not only upon animals, such as the vanished bison and the dodo, but upon its **inferior races**. The Tasmanians, **in spite of their human likeness**, were entirely swept out of existence in a war of extermination waged by European immigrants, in the space of fifty years”.<sup>431</sup> Assim, podemos constatar que a inversão satírica não pressupõe, necessariamente, o abandono de um olhar enviesado pelas condições históricas e materiais. Esse olhar seria alvo de reconsiderações críticas na ficção científica do século XX, inclusive na obra presentemente estudada, como veremos.

Antes de nos voltarmos a estas considerações críticas desenvolvidas no seio da ficção científica acerca das representações literárias do *Outro*, contudo, cabem algumas observações adicionais a respeito da forma com que o *Outro* é pensado dentro de uma lógica colonial.

Em *Orientalismo*,<sup>432</sup> Said conceitualizou a ideia do *Outro* a partir de uma perspectiva pós-colonial. De acordo com ele, a autodefinição do sujeito depende da existência de outro ser que represente a sua negação – ou seja, para que o *eu* exista, é preciso que exista o *não-eu*, o *Outro*. Enquanto o sujeito inscreve a si mesmo e ao seu grupo no centro da ideia de civilização, aqueles que não estão inscritos na interioridade desse local central demarcado são deslocados para as margens da civilização. Assim, por meio de um processo de exclusão, surge o *Outro* – o *não-eu* – que, no limite da lógica colonial, torna-se o *não-humano* em oposição ao *humano*.<sup>433</sup> Por sinal, é precisamente essa situação limite que dá forma à ideia de *alienígena*<sup>434</sup> e que é fundamental para o funcionamento das inversões entre humano (*eu*) e alienígena (*Outro*) na ficção científica.

Mais do que a simples inversão do sujeito colonialista, o *Outro* é uma formulação em ampla medida imaginária daquele: “É perfeitamente natural, para a mente humana, resistir ao assalto da estranheza que não tenha sido tratada; portanto, as culturas sempre estiveram inclinadas a impor transformações completas a outras culturas, recebendo-as

---

<sup>431</sup> “E antes que os julgemos muito severamente, devemos lembrar da impiedosa e absoluta destruição causada pela nossa própria espécie – não apenas em relação aos animais, como os extintos bisão e dodô, mas também quanto às **raças inferiores**. Os tasmanianos, **apesar de sua aparência humana**, foram inteiramente varridos da existência em uma guerra de extermínio empreendida por imigrantes europeus, em um período de cinquenta anos”. (WELLS, 1992) Grifo nosso.

<sup>432</sup> (SAID, 2008)

<sup>433</sup> Aimé Césaire, no *Discurso contra o colonialismo*, e Frantz Fanon, em *Pele negra, máscaras brancas*, chegam a conclusões muito parecidas: “A inferiorização é o correlato nativo da superiorização europeia. Temos coragem de dizer: é o racista que cria o inferiorizado” (FANON, 2008)

<sup>434</sup> KERSLAKE, 2011, p.8.

não como são, mas, para benefício do que recebe, como deveriam ser”.<sup>435</sup> Isto é, as sociedades centrais do capitalismo enxergam as sociedades do capitalismo periférico através de um prisma de pressupostos e preconceitos, construindo assim uma *representação* do *Outro* e impondo ao *Outro* uma identidade baseada nessas percepções fictícias.

Assim, em um sistema colonial, o *Outro* é furtado de sua realidade. Isto é, as sociedades ocidentais colonialistas negam qualquer possibilidade de que sociedades não ocidentais possuam uma ontologia própria – afinal, apenas o colonizador é capaz de formular conhecimentos válidos, que não se limitem à superstição, à mitologia e à “cultura” (em contraste à “civilização”). Nesse sentido, o *Outro* surge como o “subalterno” descrito por Spivak,<sup>436</sup> como uma figura desprovida de voz, que deixa de ser sujeito criador de conhecimento e se torna objeto de estudo, e cuja existência e experiência são descritas somente pelo colonizador. Além da voz, o *Outro* é despojado também de um rosto. Como apontam Deleuze e Guattari, o rosto universal passa a ser o rosto do homem branco, e todos aqueles que não são homens brancos (mulheres, indivíduos racializados, etc.) passam a ser definidos como variações daqueles – a existência desses indivíduos é limitada ao fato de que não são como o homem branco. Esses indivíduos são tolerados exclusivamente sob condições específicas: apenas como subalternos, de acordo com Spivak, e somente em determinados guetos, segundo Deleuze e Guattari:

Se o rosto é o Cristo, quer dizer o Homem branco médio qualquer, as primeiras desvianças, os primeiros desvios padrão são raciais: o homem amarelo, o homem negro, homens de segunda ou terceira categoria (...) O racismo procede por determinação das variações de desvianças, em função do rosto Homem branco que pretende integrar em ondas cada vez mais excêntricas e retardadas os traços que não são conformes, ora para tolerá-los em determinado lugar e em determinadas condições, em certo gueto, ora para apagá-los no muro que jamais suporta a alteridade (é um judeu, é um árabe, é um negro, é um louco..., etc). Do ponto de vista do racismo, não existe exterior, não existem as pessoas de fora. Só existem pessoas que deveriam ser como nós, e cujo crime é não o serem. A cisão não passa mais entre um dentro e um fora, mas no interior das cadeias significantes

---

<sup>435</sup> SAID, 2008, p.77.

<sup>436</sup> SPIVAK, 1994



simultâneas e das escolhas subjetivas sucessivas. O racismo jamais detecta as partículas do outro, ele propaga as ondas do mesmo até à extinção daquilo que não se deixa identificar (ou que só se deixa identificar a partir de tal ou qual desvio).<sup>437</sup>

A lógica colonial, que justifica a espoliação de colonizados em proveito de colonizadores, enfim, nega àqueles uma ontologia própria, em um processo – repetido em diversos pontos do globo – no qual a chamada civilização ocidental reificou<sup>438</sup> os corpos dos grupos por ela subalternamente alterizados, utilizando-os para replicar a sua própria existência. Neste processo, empreendeu-se tanto o genocídio quanto o epistemicídio – isto é, tanto a morte física quanto a simbólica. Sobre esta, Grosfoguel afirma que:

A inferiorização dos conhecimentos produzidos por homens e mulheres de todo o planeta (incluindo as mulheres ocidentais) tem dotado os homens ocidentais do privilégio epistêmico de definir o que é verdade, o que é a realidade e o que é melhor para os demais. Essa legitimidade e esse monopólio do conhecimento dos homens ocidentais tem gerado estruturas e instituições que produzem o racismo/sexismo epistêmico, desqualificando outros conhecimentos e outras vozes críticas frente aos projetos imperiais/coloniais/patriarcais que regem o sistema-mundo.<sup>439</sup>

Tal estrutura é ilustrada por Said<sup>440</sup>, que relata sobre o modo com que, após o saque da pedra de Rosetta pelas tropas napoleônicas, o homem europeu iluminista foi insuflado pelo espírito da “missão civilizatória”, pelo pressuposto de estarem mais qualificados a pensar o *Outro* do que este próprio. Tal negação do conhecimento do *Outro* é o que levou, por exemplo, engenheiros ingleses em missões colonizatórias na Índia a recomendarem a destruição de cisternas em regiões de monções, decisão da qual resultaram dezenas de milhões de mortes. É deste modo, portanto, que epistemicídio e genocídio operam de mãos dadas.

---

<sup>437</sup>DELEUZE; GUATTARI, 1996

<sup>438</sup> “Entre colonizador e colonizado [não há nenhum] contato humano, somente relações de dominação e de submissão que transforma o homem colonizador em vigilante, em suboficial, em feitor, em anteparo, e ao homem nativo em instrumento de produção. Cabe-me agora levantar uma equação: colonização = coisificação.” (CÉSAIRE, 2010)

<sup>439</sup> (GROSFOGUEL, 2016)

<sup>440</sup> SAID, 2008

Não se pode ignorar que a negação, ao *Outro*, de uma ontologia própria, visa a colonização das mentes (em adição à dos corpos), que obstaculiza a ruptura com o modo de pensar imposto pelo colonizador<sup>441</sup>.

É sobre este pano de fundo de violências coloniais físicas e simbólicas, portanto, que pretendemos examinar a literatura de ficção científica que tematiza o encontro com seres subalternamente alterizados.

\*\*\*

Assim como os seus precursores, a moderna literatura de ficção científica constituiu, desde a sua gênese, um espaço de experimentações temáticas – ainda que por vezes vacilantes – relacionadas ao colonialismo e à ideia do sujeito subalternamente alterizado. Em *Frankenstein*, considerado por alguns comentadores a obra fundadora do gênero em sua acepção moderna, a desfigurada Criatura – rejeitada até mesmo por seu criador por não corresponder às expectativas deste de “como deveria ser”, nos termos de Said – ocupa a posição do *Outro*.<sup>442</sup> Spivak argumenta que, enquanto existem sentimentos imperialistas incidentais no livro, ele não “deploy the axiomatics of Imperialism”.<sup>443</sup> De fato, o grande mérito do romance de Shelley, para Spivak, reside no fato de que a autora *diferencia o Outro*<sup>444</sup> nas cenas que retratam o aprendizado da criatura. Em sua conversa com Frankenstein na geleira, o Monstro revela como aprendeu a falar: durante mais de um ano, ele vivera em uma pequena cabana anexa à casa da família francesa De Lacey, de onde podia ver e ouvir as interações familiares. Com a chegada de Safie, a noiva turca – descrita por Shelley confusa e alternadamente como “turca” e “árabe”, como nota Spivak<sup>445</sup> – de Felix De Lacey, a Criatura não apenas tem a oportunidade de aprender a falar – Felix ensina a Safie o idioma francês, além da história e da política europeias –, como entra em contato com alguém que também ocupa uma posição alterizada: “I heard of the discovery of the American

---

<sup>441</sup> Spivak afirma, por exemplo, que “o verdadeiro desastre do colonialismo reside na destruição das mentes do colonizado e na imposição da aceitação da violência – com isso, impede-se a prática da liberdade, de modo a evitar que essas mentes sejam capazes de criar após a conquista da descolonização aparente” (SPIVAK, 2020)

<sup>442</sup> Lewis R. Gordon classifica o romance de Shelley como "proto-pós-colonial", apontando, por exemplo, que a sua narrativa é emoldurada pelos relatos de um capitão de navio, que planejava empreender uma viagem exploratória - abrindo novas rotas de conquista e dominação -, mas abandona seus planos após ouvir os relatos de Frankenstein e de sua Criatura. (GORDON, 2018)

<sup>443</sup> "implementa os axiomas do Imperialismo". (SPIVAK, 1985, p. 254)

<sup>444</sup> SPIVAK, 1985, p.257-258

<sup>445</sup> SPIVAK, 1985, p.257

hemisphere and wept with Safie over the hapless fate of its original inhabitants”.<sup>446</sup> Os *Outros* representados pela Criatura e por Safie, contudo, são diferenciados: ainda que ambos compartilhem a dor pelas vítimas do Imperialismo europeu, Safie foge horrorizada ao ver a Criatura. Isto é, Shelley não trata o *Outro* como uma categoria totalizante,<sup>447</sup> reconhecendo as diferenças entre as várias identidades periféricas.

Percebe-se, assim, que a trajetória da ficção científica no século XIX – de Shelley a Wells – foi um palco precoce e privilegiado para discussões acerca das consequências dos sistemas colonial e imperial. Evidentemente, o tratamento dispensado ao tema tornou-se muito mais sofisticado no século XX, no qual os sentimentos anticoloniais ganharam impulso até constituírem um discurso amplamente repercutido no período posterior às Grandes Guerras. Até mesmo na ficção científica estadunidense posterior à Guerra do Vietnã encontramos diversas obras que exploram as relações coloniais e a transformação do *Outro* em um “zero-ontológico”, um ser incapaz de possuir uma ontologia própria e cuja vida é dispensável. Um exemplo particularmente interessante pode ser encontrado no filme *Alien* (1979), escrito por Dan O'Bannon, no qual uma das fontes do horror é a transformação dos corpos dos protagonistas em corpos colonizados. Isto é, o antagonista que dá nome ao filme invade a espaçonave – o território – dos protagonistas humanos e se põe a utilizar os corpos destes para a sua autorreprodução. Assim, a obra opera uma inversão satírica, reconfigurando a posição do humano em sua exploração de corpos celestes desconhecidos: ao invés de colonizador, ele passa a ser colonizado e, portanto, dono de uma vida descartável, cuja única função passa a ser a de replicar a existência e o modo de vida do alienígena<sup>448</sup>. O horror do público – principalmente estadunidense, masculino, branco – deriva da ideia de poder ser submetido ao processo de desumanização que o seu mundo impõe àqueles que considera inferiores.

No mundo socialista, o discurso sobre a luta anticolonial era prevalente. Como aponta Vijay Prashad, o movimento marxista do século XX partia do pressuposto de que a origem do sistema capitalista estava intimamente conectada ao processo de espoliação colonial. Afinal, em uma das mais célebres passagens de *O Capital*, já mencionada na seção sobre a modernização recuperadora soviética, o próprio Marx afirma que “[a] descoberta das terras auríferas e argentíferas na América, o extermínio,

---

<sup>446</sup> “Eu ouvi sobre a descoberta do hemisfério americano, e chorei com Safie ao saber sobre o infeliz destino de seus habitantes originais”.

<sup>447</sup> NORMAN, [s.d.]

<sup>448</sup> BORGES; CALHEIROS, 2020

a escravização e o soterramento da população nativa nas minas, o começo da conquista e saqueio das Índias Orientais, a transformação da África numa reserva para a caça comercial de peles-negras caracterizam a aurora da era da produção capitalista. Esses processos idílicos constituem momentos fundamentais da acumulação primitiva”<sup>449</sup>.

Deste modo, argumenta Prashad, “[t]here was no room in marxism for the idea that certain people needed to be ruled because they were racial or social inferiors”<sup>450</sup>. De acordo com Vincent Bevins, “Since its founding, the USSR had publicly aligned itself with the global anticolonial struggle and had not engaged in overseas imperialism”<sup>451</sup> – na realidade, perante os territórios que haviam sido colonizados no período anterior à Segunda Guerra e que se tornaram alvo de uma renovada ofensiva de dominação após o conflito, “Moscow presented itself as [...] an alternative way that poor peoples could rise into modernity without replicating the American experience”<sup>452</sup>.

No processo de consolidação do movimento socialista no início do século XX, eram inúmeras as discussões acerca do modo de superação da lógica colonial. Em 1920, por exemplo, no II Congresso Mundial da Internacional Comunista, a “questão nacional e colonial” teve grande centralidade:

The task before the congress was to apply the principles of world revolution to the eastern peoples, to develop the doctrine of a common struggle in which all the workers of the world, west and east, had their part to play, and, in particular, to strengthen the revolt under the leadership of the RSFSR against British imperialism.<sup>453</sup>

A comissão formada no congresso para avaliar a questão colonial e nacional se deparou com dois conjuntos de teses, apresentados por Lenin e pelo jovem delegado indiano M. N. Roy. Apesar de não divergentes, o confronto entre as teses resultou em emendas a ambas, que foram aprovadas pela comissão e enviadas ao congresso – respectivamente como teses principais e complementares. A contribuição de Roy foi

---

<sup>449</sup> MARX, 2017, p. 821

<sup>450</sup> “não havia espaço no marxismo para a ideia de que certos povos precisam ser dominados por serem racial ou socialmente inferiores” (PRASHAD, 2017)

<sup>451</sup> “Desde a sua fundação, a URSS havia se alinhado publicamente com o movimento anticolonial global, e não havia exercido imperialismo” (BEVINS, 2020)

<sup>452</sup> “Moscou se apresentava como uma forma alternativa por meio da qual os povos despossuídos poderiam alcançar a modernidade sem ter que replicar a experiência estadunidense”. (BEVINS, 2020)

<sup>453</sup> “A tarefa que se apresentava ao congresso dizia respeito à aplicação dos princípios da revolução global em relação aos povos do leste, ao desenvolvimento da doutrina de uma luta comum na qual todos os trabalhadores do mundo, do oeste e do leste, desempenhariam funções, e, em particular, ao fortalecimento da revolta sob a liderança da RSFSR contra o imperialismo britânico.” (CARR, 1985,)

particularmente relevante no que diz respeito à distinção entre o movimento nacionalista capitaneado pelas elites burguesas dos países colonizados e o movimento nacionalista composto por camponeses despossuídos que lutavam contra toda forma de exploração – Roy argumentava que “It was the business of Comintern to resist all attempts to subordinate the second type of movement to the first”<sup>454</sup>. De acordo com Rohit Krishnan, “Roy argued that instead of collaboration, communists should attempt to step to the forefront and actively pursue leadership. Roy further emphasized the necessity of colonial, and ultimately racial struggle”<sup>455</sup>. Assim, o debate sobre as teses de Lenin e Roy colocaram no centro das discussões da Internacional o anti-imperialismo, o eurocentrismo e o reducionismo de classe.

Sobre a importância dos debates travados no II Congresso Mundial da Internacional Comunista, Branko Milanović argumenta se tratar de um dos eventos chave do século XX<sup>456</sup>, o qual resultou no apoio a diversos movimentos de libertação naquilo que viria a ser chamado de Terceiro Mundo:

Bill Warren está certo ao afirmar que a “virada para o Leste” do Comintern (com a ênfase de sua política se voltando para a luta anti-imperialista, mais do que para a revolução nos países desenvolvidos), ocorrida nos anos 1920, “mudou o papel do marxismo de um movimento por um socialismo democrático da classe trabalhadora [nos países ricos] para um movimento pela modernização das sociedades atrasadas” [...] E, de fato, a combinação das duas lutas foi uma decisão crucial — decisão que tomou forma nas reuniões de Baku, no Primeiro Congresso dos Povos do Leste, e se consolidou no Segundo Congresso da Internacional Comunista (Comintern), ambos em 1920; essas decisões romperam com a visão eurocêntrica do COD que vigorava até então no Comintern. [...] Essa decisão significava que os movimentos de esquerda e comunistas no Terceiro Mundo poderiam, legitimamente, combinar a revolução social com a

---

<sup>454</sup> “A tarefa da Comintern era resistir a todas as tentativas de subordinar o segundo tipo de movimento ao primeiro” (CARR, 1985, p. 254).

<sup>455</sup> “Roy argumentava que, no lugar da colaboração, os comunistas deveriam buscar tomar a frente e ativamente liderar. Roy enfatizava a necessidade das lutas colonial e racial”. (KRISHNAN, 2018)

<sup>456</sup> Milanović chega a afirmar que o II Congresso Mundial da Internacional Comunista é o evento chave do século XX, pois abriu o caminho para os movimentos em países colonizados que eventualmente resultariam na independência dos países asiáticos, alguns dos quais estão transformando o mundo por meio do seu crescimento econômico. (MILANOVIĆ, 2021)

libertação nacional em uma única direção, vendo-a, como já afirmei, como o fator-chave que lhes possibilitaria assumir o poder.<sup>457</sup>

Yuri Slezkine aponta que o apoio soviético às lutas anticoloniais era acompanhado – ao menos até meados da década de 1930<sup>458</sup> – de uma sólida política de garantia do particularismo étnico no interior da URSS:

Lenin's acceptance of the reality of nations and “national rights” was one of the most uncompromising positions he ever took, his theory of good (“oppressed-nation”) nationalism formed the conceptual foundation of the Soviet Union and his NEP-time policy of compensatory “nation-building” (*natsional'noe stroitel'stvo*) was a spectacularly successful attempt at a state-sponsored conflation of language, “culture,” territory and quota-fed bureaucracy [...] The “Great Transformation” of 1928-1932 turned into the most extravagant celebration of ethnic diversity that any state had ever financed; the “Great Retreat” of the mid-1930s reduced the field of “blossoming nationalities” but called for an ever more intensive cultivation of those that bore fruit; and the Great Patriotic War was followed by an *ex cathedra* explanation that class was secondary to ethnicity and that support of nationalism in general (and not just Russian nationalism or “national liberation” abroad) was a sacred principle of marxism-leninism [...] “The world's first state of workers and peasants” was the world's first state to institutionalize ethnoterritorial federalism, classify all citizens according to their biological nationalities and formally prescribe preferential treatment of certain ethnically defined populations<sup>459</sup>

---

<sup>457</sup> MILANOVIĆ, 2020

<sup>458</sup> SLEZKINE, 1994, p. 417.

<sup>459</sup> “A aceitação de Lenin da realidade das nações e dos ‘direitos nacionais’ representa um de seus posicionamentos mais convictos; a sua teoria do bom nacionalismo (das ‘nações oprimidas’) constituiu a fundação conceitual da União Soviética, e, no período da NEP, a política de ‘construção nacional’ compensatória foi um experimento espetacularmente bem-sucedido de conjugação entre língua, ‘cultura’, território e cotas para a burocracia [...] A ‘Grande Transformação’ de 1928-1932 se transformou na celebração mais extravagante de diversidade étnica que qualquer Estado já havia financiado; o ‘Grande Recuo’ de meados dos anos 1930 reduziu o campo de ‘nacionalidades florescentes’, mas representou um cultivo ainda mais intenso daquelas que haviam produzido frutos; e a Grande Guerra Patriótica foi seguida por uma explicação *ex cathedra* de que a categoria classe era secundária à categoria etnia, e que o apoio ao nacionalismo em geral (e não apenas o nacionalismo Russo ou a ‘libertação nacional’ no exterior) era um dos princípios sagrados do marxismo-leninismo [...] ‘O primeiro Estado proletário da história’ foi o primeiro Estado do mundo a institucionalizar o federalismo étnico-territorial, a classificar

A autonomia garantida pelo governo soviético em seu sistema federativo – o qual reconhecia a soberania dos povos e o direito de secessão<sup>460</sup> – em que as fronteiras eram definidas por parâmetros territoriais e étnicos<sup>461</sup>, era motivada pelo pragmatismo de suas lideranças. Lenin propunha, de forma apenas aparentemente paradoxal, que “the surest way to unity in content was diversity in form. By ‘fostering national cultures [*nasazhdat' natsional'nuii kul'turu*]' and creating national autonomies, national schools, national languages and national cadres, the bolsheviks would overcome national distrust and reach national audiences”<sup>462</sup>. Isto é, o líder soviético acreditava que, de modo a fomentar a reflexão sobre as propostas socialistas, era preciso atingir o público em seus próprio idiomas, por meio de suas próprias culturas:

Lenin socialists had to “preach [...] in all languages, ‘adapting’ themselves to all local and national requirements.” They needed native languages, native subjects and native teachers [...] in order to “polemicize with ‘their own’ bourgeoisie, to spread anticlerical and antibourgeois ideas<sup>463</sup>

---

todos os seus cidadãos de acordo com as suas nacionalidades biológicas e a estabelecer formalmente o tratamento preferencial a certas populações etnicamente definidas” (SLEZKINE, 1994, p. 414-415)

<sup>460</sup> The earliest decrees of the new bolshevik government described the victorious masses as “peoples” and “nations” endowed with “rights,” proclaimed all peoples to be equal and sovereign, guaranteed their sovereignty through an ethnoterritorial federation and a right to secession, endorsed “the free development of national minorities and ethnic groups,” and pledged to respect national beliefs, customs and institutions. [Os primeiros decretos do novo governo bolchevique descreviam as massas vitoriosas como “povos” e “nações” dotados de “direitos”, proclamavam que todos os povos eram iguais e soberanos, garantiam a sua soberania por meio de uma federação étnico-territorial e do direito de secessão, defendiam “o livre desenvolvimento de grupos étnicos e minorias nacionais”, e firmavam um compromisso de respeito às crenças, costumes e instituições de cada nação] (SLEZKINE, 1994, p. 419)

<sup>461</sup> The borders of the socialist state would be “determined . . . according to the will and ‘sympathies’ of the population,” and at least some of those sympathies would run along ethnic lines. If this were to breed “national minorities,” they, too, would have their equal status guaranteed. And if equal status (and economic rationality) required the creation of countless “autonomous national districts” “of even the smallest size,” then such districts would be created and probably combined “in a variety of ways with neighboring districts of various sizes.” [As fronteiras do Estado socialista seriam “determinadas . . . de acordo com a vontade e as ‘simpatias’ da população”, e ao menos algumas dessas simpatias coincidiriam com fatores étnicos. Se disso resultasse o surgimento de “minorias étnicas”, estas também teriam seu status de igualdade garantido. E se a igualdade (e a racionalidade econômica exigisse a criação de inúmeros “distritos nacionais autônomos” “mesmo que da menor extensão”, então tais distritos seriam criados e provavelmente combinados “de diversos modos com distritos vizinhos de tamanhos variados”] (SLEZKINE, 1994, p. 417)

<sup>462</sup> “o caminho mais seguro rumo à unidade de conteúdo era a diversidade formal. Ao ‘fomentar culturas nacionais’ e criar autonomies nacionais, escolas nacionais, idiomas nacionais e quadros partidários nacionais, os bolcheviques superariam as desconfianças nacionais e alcançariam um público nacional”. (SLEZKINE, 1994, p. 420)

<sup>463</sup> Os socialistas de Lenin deveriam “pregar [...] em todos os idiomas, se ‘adaptando’ às exigências locais e nacionais”. Eles precisavam dos idiomas nativos, dos sujeitos nativos e de professores nativos [...] de modo que estes “polemizassem contra a sua própria burguesia, e disseminassem ideias anticlericais e antiburguesas (SLEZKINE, 1994, p. 418)

A utilização dos idiomas locais, a qual permitiria que os povos locais fossem alcançados, era acompanhada de uma política de promoção de membros desses grupos étnicos e nacionais a posições centrais na burocracia local<sup>464</sup>.

Além disso, o desenvolvimento dessas culturas nacionais era incentivado no bojo de uma lógica que diferenciava o “nacionalismo do oprimido” do “nacionalismo do opressor”:

Another reason for Lenin's and Stalin's early defense of nationalism (defining "nationalism" as a belief that ethnic boundaries are ontologically essential, essentially territorial and ideally political) was the distinction that they drew between oppressor-nation nationalism and oppressed-nation nationalism. The first, sometimes glossed as "great-power chauvinism," was gratuitously malevolent; the second was legitimate, albeit transitory [...] The more rights and opportunities a national minority would enjoy, the more "trust" (doverie) it would have in the proletarians of the former oppressor nation.<sup>465</sup>

O nacionalismo das nações oprimidas, ainda que transitório, deveria ser promovido até que as marcas deixadas pelos horrores do colonialismo e do imperialismo fossem superadas. Até a chegada desse momento, as “nações pequenas” seriam encaradas como uma espécie de equivalente ao proletariado, em uma confluência entre os conceitos de nação e de classe:

Under imperialism (“as the highest and final stage of capitalism”) colonial peoples had become the global equivalents of the western working class. Under the dictatorship of the (Russian) proletariat, they

---

<sup>464</sup> the promotion of native languages was accompanied by the promotion of the speakers of those languages. According to the official policy of korenizatsiia (literally, “taking root” or indigenization), the affairs of all ethnic groups at all levels [...] were to be run by the representatives of those ethnic groups. This involved the preferential recruitment of “nationals” to party, government, judicial, trade union and educational institutions [a promoção de idiomas nativos era acompanhada pela promoção dos falantes desses idiomas. De acordo com a política oficial da korenizatsia (literalmente, “formar raízes” ou indigenização), os assuntos de todos os grupos étnicos, em todos os níveis, seriam conduzidos por representantes desses grupos étnicos. Esse processo envolvia o recrutamento preferencial de “nacionais” para as instituições partidárias, governamentais, judiciais, sindicais e educacionais] (SLEZKINE, 1994, p. 432-433)

<sup>465</sup> Outro motivo para a defesa do nacionalismo feita por Lenin e Stálin (definindo “nacionalismo” como a crença de que os contornos étnicos são ontologicamente essenciais, essencialmente territoriais e idealmente políticos) era a distinção que faziam entre o nacionalismo das nações opressoras e o nacionalismo das nações oprimidas. O primeiro, às vezes chamado de “chauvinismo de grande potência” era gratuitamente malévol; já o segundo era legítimo, ainda que transitório [...] Quanto mais direitos e oportunidades uma minoria nacional tivesse, mais “confiança” teria nos proletários da nação que anteriormente a havia oprimido. (SLEZKINE, 1994, p. 419)



were entitled to special treatment until the economic and psychological wounds of colonialism had been cured. Meanwhile, nations equaled classes.<sup>466</sup>

A questão nacional, central desde a fundação da URSS, constituiu também o “último esforço” de um Lenin já fisicamente debilitado, que seguia defendendo “more – much more – ‘caution, deference and concessions’ with regard to the “‘offended’ nationals,” more conscious (and hence non-chauvinist) proletarians in the Russian apparatus, and more emphasis on the wide and consistent use of non-Russian languages”<sup>467</sup>.

Ainda que sob o governo de Stálin as políticas relacionadas a questões nacionais tenham sofrido transformações – sendo relativizadas, abrandadas e, em certas ocasiões, evadidas –, elas não foram abolidas:

“High stalinism” did not reverse the policy of nation Building [...] It changed the shape of ethnicity but it never abandoned the "leninist principle" of unity through diversity. It drastically cut down on the number of national units but it never questioned the national essence of those units.<sup>468</sup>

Todavia, a centralidade do povo russo deixava entrever sinais crescentes de manifestações de *chauvinismo de grande potência*. Enquanto diversas outras nacionalidades eram exaltadas e recebiam incentivo para o seu desenvolvimento, a nacionalidade e a cultura russas progressivamente eram adotadas como o padrão:

Russians never became a nationality like any other. On the one hand, they did not have a clearly defined national territory, [...] they did not have their own Party and they never acquired a national Academy. On the other hand [...] the Russians were increasingly identified with the Soviet Union as a whole. Between 1937 and 1939 Cyrillic replaced

---

<sup>466</sup> Sob o imperialismo (“o mais alto e derradeiro estágio do capitalismo”), os povos colonizados havia se tornado os equivalentes globais da classe trabalhadora ocidental. Sob a ditadura do proletariado (russo), eles teriam tratamento especial até que as chagas econômicas e psicológicas do colonialismo tivessem sido curadas. Neste ínterim, nações seriam equivalentes a classes. (SLEZKINE, 1994, p. 421)

<sup>467</sup> “mais – muito mais – ‘cuidado, deferência e concessões’ em relação aos “nacionais ‘ofendidos’”, mais proletários conscientes (e, portanto, não-chauvinistas) no aparato russo, e mais ênfase na utilização ampla e consistente de idiomas não-russos” (SLEZKINE, 1994, p. 425)

<sup>468</sup> “O ‘alto stalinismo’ não reverteu a política de construção nacional [...] Ele alterou a forma da etnicidade, mas nunca abandonou o ‘princípio leninista’ da unidade por meio da diversidade. Ele reduziu drasticamente o número de unidades nacionais, mas nunca questionou a essência nacional dessas unidades”. (SLEZKINE, 1994, p. 442)

Latin in all the literary standards created in the 1920s, and in 1938, after a three-year campaign, Russian became an obligatory second language in all non Russian schools. The Soviet past was becoming progressively more Russian and so were the upper echelons of the Party and state.<sup>469</sup>

Deste modo, na cultura do período da Grande Transformação os povos que constituíam a URSS se tornavam cada vez mais desiguais, com uma representação desproporcional do povo russo. Isso não significava uma aberta dominação sobre os demais povos: na metáfora de Slezkine, se a União Soviética era um apartamento comunal, os russos se puseram, a partir de fins da década de 1930, a redecorar a sua parte do imóvel – “a qual incluía o enorme *hall*, o corredor e a cozinha, na qual todas as decisões mais importantes eram tomadas”<sup>470</sup> – sem consultar os vizinhos; mas não passaram a reclamar propriedade exclusiva do apartamento, ou a alegar que as demais famílias não tinham direito, cada uma, ao seu próprio quarto.

De todo modo, a continuada política de incentivo ao desenvolvimento das culturas nacionais não impediu intervenções – muitas vezes violentas – sobre nações e povos. Como aponta Slezkine, ao final da década de 1940, “large areas had been annexed, lost and reannexed; numerous small ethnic units had been abolished as ‘unpromising’; and several nations and former ‘national minorities’ had been forcibly deported from their territories”, em manifestações importantes de chauvinismo que seriam alvo de debates entre a *intelligentsia*.

Assim, ao menos em parte por conta da prevalência do discurso sobre a luta anticolonialista, o tema foi investigado com particular profundidade na URSS:

“During the 1950s and early 1960s, a safe liberal anti-colonialism, analogous to the US condemnation of the decaying British and French colonial empires, seems to have been quite fashionable in American SF. In one whole wing of it (Star Trek), interstellar law prohibiting the establishment of colonies on planets already inhabited by an intelligent species became an accepted convention. However, the full

---

<sup>469</sup> "Os russos nunca formaram uma nacionalidade como as demais. Por um lado, eles não possuíam um território nacional claramente definido, [...] eles não tinham um Partido próprio e nunca constituíram uma Academia nacional. Por outro lado, [...] os russos se tornaram cada vez mais identificados com a URSS como um todo. Entre 1937 e 1939, o alfabeto cirílico substituiu o latim em todos os padrões literários criados nos anos 1920, e em 1938, após uma campanha de três anos, o russo se tornou a segunda língua obrigatória em todas as escolas não-russas. O passado soviético foi tornado cada vez mais russo, assim como os altos escalões do Partido e do Estado. (SLEZKINE, 1994, p. 443)

<sup>470</sup> SLEZKINE, 1994, p. 444.

implications of this theme, with a few exceptions such as Ursula Le Guin's *The Left Hand of Darkness* (1969), were explored only in the SF written within socialist horizons, in particular in the works of Stanislav Lem and in the Strugatsky Brothers' *Hard to Be a God* (1964).<sup>471</sup>

A seguir, portanto, analisaremos a discussão trazida pelos Strugátski acerca da colonização em *É Difícil Ser um Deus*.

\*\*\*

Žižek conta a história de um pai que deseja convencer o filho a passar a tarde de domingo na casa da avó, ao invés de ir brincar com os seus amigos. Caso este pai seja um autoritário à moda antiga, a mensagem de convencimento será algo como: “eu não quero saber o que você pensa. Faça o que estou mandando, vá visitar a sua avó e se comporte direito!”. Por outro lado, caso o pai seja um “pós-moderno” não autoritário, ele dirá: “Você sabe o quanto a sua avó te ama! Mesmo assim, eu não quero te forçar a nada. Vá apenas se realmente quiser”. No primeiro caso, a criança é forçada a fazer algo que não quer fazer, mas ao menos preserva a sua liberdade interna e a possibilidade de, mais tarde, se rebelar contra a autoridade paterna. Já no segundo caso, a criança enfrenta uma situação bem mais grave: por trás da aparência de livre arbítrio, oculta-se uma exigência muito mais autoritária do que aquela formulada pelo pai tirânico tradicional – a imposição de não apenas fazer aquilo que não se deseja, mas fazê-lo voluntariamente, por livre e espontânea vontade. Essa falsa oportunidade de escolha priva a criança até mesmo de sua liberdade interna, impondo a ela não apenas como agir, mas o que desejar.<sup>472</sup> Com essa pequena parábola, Žižek ilustra as ideias de dominação dissimulada em substituição à dominação explícita, e de falsas escolhas – ou mesmo de

---

<sup>471</sup> “Durante os anos 1950 e início dos anos 1960, um anti-colonialismo liberal de pouco efeito, análogo à condenação feita pelos EUA aos decadentes impérios coloniais britânico e francês, tornou-se bastante popular na ficção científica estadunidense. Em toda uma ala dela (Jornada nas Estrelas), a proibição no direito interestelar do estabelecimento de colônias em planetas já habitados por espécies inteligentes tornou-se uma convenção aceita. Contudo, as aplicações profundas deste tema, com poucas exceções, como *A Mão Esquerda da Escuridão* (1969), de Ursula Le Guin, somente foram exploradas na ficção científica escrita no interior dos horizontes socialistas, em particular nas obras de Stanislav Lem e em *É Difícil Ser um Deus* (1964), dos irmãos Strugátski.” (JAMESON, 2005, p.265)

<sup>472</sup> ŽIŽEK, 2009

*alternativas infernais*<sup>473</sup> – que são apresentadas pelo sistema capitalista.<sup>474</sup> As implicações dessa ideia em um contexto de descolonização são amplas e, como pretendemos demonstrar, exploradas pelos Strugátski em *É Difícil Ser um Deus*.

No enredo do romance, Anton, um historiador-cosmonauta a serviço do Instituto de História Experimental, atua como observador infiltrado em Arkanar, um planeta alienígena habitado por seres indistintos dos humanos, cujas sociedades assemelham-se às organizações sociais pré-modernas terrenas, reminiscentes daquelas retratadas em romances históricos de aventura medieval. Assumindo a identidade de um nobre, Don Rumata, o protagonista – enviado de um planeta Terra futurista no qual o sistema comunista se consolidou vitorioso – navega pela sociedade de Arkanar, coletando informações sobre o seu “progresso”, mas proibido de interferir decisivamente no curso dos acontecimentos. O planeta se mostra um campo fértil para os estudos promovidos pelo Instituto, dado que as suas sociedades parecem estar desafiando as expectativas marxistas ao decair no nazi-fascismo sem antes ter consolidado uma fase capitalista<sup>475</sup>.

A ascensão do fascismo no mundo semi-feudal de Arkanar é liderada por Don Reba, que conta com o apoio da pequena burguesia local – a qual nutre forte ressentimento pela *intelligentsia* e quer tomar o poder da aristocracia –, do clero – representado pelos monges militantes da Ordem Sagrada – e de grupos criminosos. Como aponta Potts:

Here we have the classic triumvirate of Marxist arch-villains – petty Bourgeois, cleric, and gangster – uniting to squelch the seeds of the

---

<sup>473</sup> Tratando daquilo que chama de “alternativas infernais”, Isabelle Stengers (STENGERS, 2015) fala sobre como sob o sistema capitalista nos são oferecidas escolhas (as ruins e as piores ainda) apresentadas como as únicas possíveis, pois qualquer alternativa a elas é imediatamente taxada como demagogia. Žižek, de modo semelhante e citando Badiou, afirma que a função central da censura ideológica nos nossos tempos não é mais a destruição de uma resistência, mas o esmagamento de esperanças e a denúncia imediata de quaisquer projetos críticos como ideias perigosas que levarão ao totalitarismo (ŽIŽEK, 2019). Com algumas mediações, essas noções nos parecem aplicáveis a muitos processos de descolonização.

<sup>474</sup> Em *The Relevance of the Communist Manifesto*, Žižek também trata dessa ideia de dominação disfarçada de liberdade. Nas sociedades neoliberais, por exemplo, a liberdade de escolha é elevada ao patamar de valor supremo e, por isso, não é desejável que o controle social e a dominação sejam apresentados com aparência de contrariedade em relação à liberdade de escolha – pelo contrário, a dominação deve se dar sob o disfarce (e por meio) da liberdade de escolha individual. Então, se somos privados dos sistemas de saúde universais, nos dizem que nossa liberdade de escolha foi ampliada, pois podemos optar entre vários planos de saúde. Nesse sentido, as “liberdades de escolha” nos são impostas constantemente, e nos privam de qualquer mudança real.

<sup>475</sup> POTTS, 1991, p. 42

enlightenment that would facilitate the transition from feudalism through capitalism to the communist world state<sup>476</sup>

Anton-Rumata é encarregado de investigar o desaparecimento de um médico, dr. Budakh, que pode ter sido mais uma vítima em uma série de sequestros ordenados por Don Reba. Por meio da manipulação de um rei ingênuo, Reba se torna o líder de fato de Arkanar, e passa a promover uma campanha de fundamentalismo religioso e anti-intelectualismo, que imputa às pessoas instruídas a culpa pelos males da sociedade. Crescentemente convencido de que os terráqueos devem intervir antes que o declínio da sociedade de Arkanar resulte na ascensão de um governo fascista, Anton-Rumata apela aos seus superiores, que o alertam sobre os perigos da intervenção indevida, lembrando de casos anteriores de observadores que haviam se envolvido excessivamente nas questões locais – chegando até mesmo a liderar revoluções – com consequências catastróficas. A impossibilidade de intervenção fomenta o progressivo conflito interno do personagem, que, dotado de tecnologias inimagináveis aos locais, passa a entender-se como um deus diante de uma massa primitiva, como o predestinado salvador de uma sociedade fadada ao obscurantismo e à ignorância.

O tensionamento interno do protagonista, que inicia o romance como um observador relativamente objetivo, mas se torna cada vez menos dotado do distanciamento necessário à função investigativa, além de progressivamente mais violento, é ilustrado por episódios em que ele é tomado pelos aspectos mais desprezíveis de sua personalidade. Em um deles, Anton é roubado e se envolve em um conflito cotidiano e de pouca importância com soldados que zombam da cena. Anton percebe, horrorizado, que estava preparado para ceifar as vidas dos soldados, caso estes não tivessem se retirado rapidamente.

No mais relevante desses episódios de violência, o protagonista tenta compreender – na manhã seguinte a uma noite de bebedeira com um habitante local – as vagas memórias que surgem em sua mente ainda atordoada. Imagens de brigas e duelos em tavernas logo dão lugar a uma recordação muito mais grave:

Что-то случилось потом [...] Что-то очень, очень скверное, непростительное, стыдное...

---

<sup>476</sup> Aqui temos o clássico triunvirato de arquivilões do mundo marxista – pequenos burgueses, clérigos e gângsters – unidos para esmagar as sementes iluministas que facilitariam a transição do feudalismo ao capitalismo, e então ao sistema mundial comunista (POTTS, 1991, p. 43).

Он вспомнил, когда уже подходил к дому, и, вспомнив, остановился. [...] он полез вверх по лестнице, распахнул дверь и ввалился к ней, как хозяин, и при свете ночника увидел белое лицо, огромные глаза, полные ужаса и отвращения, и в этих глазах — самого себя, шатающегося, с отвисшей слюнявой губой, с ободранными кулаками, в одежде, заляпанной дрянью, наглого и подлого хама голубых кровей<sup>477</sup>

Ainda que a visão de seu próprio reflexo lamentável tenha feito Anton recuar e se lançar de volta à rua, e que Kira tenha “decidido que tudo não havia passado de um sonho”, a violenta invasão aos aposentos da mulher tem efeitos duradouros no protagonista, cujo senso de humanidade se transforma de modo permanente<sup>478</sup>. A partir daquele momento Anton lentamente começa a perceber que não está mais simulando ser um nobre arrogante e opressivo, que vê os nativos de Arkanar como menos do que humanos: ele efetivamente se tornou Don Rumata.

Он слышал, как штурмовик нерешительно топчется сзади, и вдруг поймал себя на мысли о том, что оскорбительные словечки и небрежные жесты получают у него рефлекторно, что он уже не играет высокородного хама, а в значительной степени стал им

[...]

А ведь мне уже ничто не поможет, подумал он с ужасом. Ведь я же их по-настоящему ненавижу и презираю... Не жалею, нет — ненавижу и презираю. Я могу сколько угодно оправдывать тупость и зверство этого парня, мимо которого я сейчас проскочил, социальные условия, жуткое воспитание, все, что угодно, но я теперь отчетливо вижу, что это мой враг, враг всего, что я люблю, враг моих друзей, враг того, что я считаю самым святым.

[...]

---

<sup>477</sup> “Então aconteceu algo. Algo terrível, imperdoável, vergonhoso... Ele lembrou quando já se aproximava de casa, e, ao lembrar, se deteve [...] ele havia subido as escadas, escancarado a porta e se lançado sobre ela – como se fosse seu dono. E sob a luz da lamparina, ele viu o seu rosto pálido, seus olhos enormes repletos de terror e repulsa – e naqueles olhos, ele viu a si mesmo, cambaleante, com o lábio caído e gotejante, com punhos em carne viva, com roupas manchadas pelo lixo: um insolente e obsceno brutamente de sangue azul”

<sup>478</sup> POTTS, 1991, p. 43

Я пришел сюда любить людей, помочь им разогнуться, увидеть небо. Нет, я плохой разведчик, подумал он с раскаянием. Я никуда не годный историк [...] Разве бог имеет право на какое-нибудь чувство, кроме жалости?<sup>479</sup>

Anton-Rumata ingressa então em uma espiral de violência que culmina em um massacre. Após um golpe de Estado orquestrado por Don Reba e pela Ordem Sagrada, o protagonista tenta resgatar os seus aliados – os poucos intelectuais que restaram na cidade – e Kira. Quando a casa de Rumata é atacada, Kira é morta por um soldado em meio ao caos instalado. Enfurecido, Rumata desembainha suas espadas e aguarda – na última cena do livro situada em Arkanar – o avanço das tropas da Ordem Sagrada, preparado para uma violenta prestação de contas.

Um olhar apressado poderia se satisfazer ao detectar na fábula do romance dos Strugátski a mesma inversão satírica realizada por Wells no século XIX, entre as posições hierárquicas de colonizador e colonizado, reforçada pela perspectiva oitocentista da diferença antropológica – ou seja, o encontro anacrônico entre uma sociedade pré-moderna e um invasor que representa uma versão futura dela mesma. Nos anos 1960, contudo, uma inversão desse tipo possuía uma função muito mais limitada do que no final do século anterior. Como aponta Jameson, a imoralidade do ato de destruição de sociedades tidas como menos desenvolvidas havia se convertido em axioma, e “certamente já não [era] objeto de debates inteligentes”.<sup>480</sup> No contexto soviético, em que o discurso anticolonial e de oposição ao imperialismo era prevalente, essa constatação era ainda mais relevante.<sup>481</sup> A questão passa a ser, continua Jameson,

---

<sup>479</sup> “Ele ouviu o soldado batendo o pé apreensivamente atrás de si, e se surpreendeu ao constatar que palavras ofensivas e gestos irrefletidos já lhe eram naturais, que ele não mais interpretava o papel de um nobre grosseirão, mas havia, em grande medida, se transformado em um [...] Agora nada pode me salvar, pensou horrorizado. Pois agora eu realmente os odeio e desprezo... Não tenho pena deles, simplesmente os odeio e desprezo. Não importa o quanto eu justifique a estupidez e brutalidade daquele rapaz com quem acabo de cruzar: as condições sociais, a terrível criação, o que seja. Agora eu vejo com clareza que ele é meu inimigo, é inimigo de tudo aquilo que eu amo, é inimigo dos meus amigos, e é inimigo de tudo o que para mim é mais sagrado [...] Eu vim aqui para amar as pessoas, para ajudá-las a se erguer e a ver o céu. Não, eu sou um mau agente, pensou ele cheio de remorso. Sou um péssimo historiador [...] Por acaso um deus possui o direito de sentir qualquer coisa além de pena?”

<sup>480</sup> JAMESON, 2005, p.265

<sup>481</sup> Como demonstra Yuri Slezkine, o anti-imperialismo soviético não se limitava ao campo retórico. Ao menos durante as primeiras décadas do período soviético, a autonomia dos diversos grupos étnicos que compunham a URSS foi não apenas respeitada, mas ativamente promovida por Moscou. Ainda que essa política – assim como qualquer decisão de qualquer governo – envolvesse algum cálculo, havia uma crença sincera na importância dos direitos desses grupos e da promoção do “bom nacionalismo” – aquele que nasce do sentimento legítimo de perseguição, em nações oprimidas por grandes potências chauvinistas, como havia sido a Rússia Imperial. (SLEZKINE, 1994) Por outro lado, a segunda metade do

“em qual grau até mesmo intervenções benignas e bem-intencionadas (...) podem ter, em última análise, resultados destrutivos”.

Deste modo, em *É Difícil Ser um Deus*, no lugar da clássica inversão satírica de Irving ou Wells, os Strugátski operam uma inversão peculiar, na qual o olhar anti-colonialista é deslocado para a posição do interventor, o que permite o desvelamento e o confronto em relação a formas mais sutis de colonização. Nesse sentido, é sintomática a caracterização de Anton-Rumata, retratado no início do romance como um carismático aventureiro envolvido afetivamente com uma local, que evita interferir indevidamente nos assuntos locais, mas que ao longo da narrativa mostra impulsos cada vez maiores de frustração e violência direcionados a todos os que ele considera “primitivos”, até explodir em vingança no violento clímax narrativo; neste movimento, o olhar do leitor é conduzido pelo protagonista em uma espiral descendente de desumanização do *Outro*, autoritarismo, e brutal intervenção. Além disso, o livro coloca em questão a própria limitação da perspectiva anticolonial dominante na literatura, ao trabalhar sobre modelos de culpa colonialista e diferença antropológica – que estavam presentes em Wells e Joseph Conrad, por exemplo – demonstrando os seus descaminhos.

É típica da era imperialista a noção de que o oposto da *modernidade* é o *atraso*, “uma categoria que abrange tanto ‘civilizações antigas’ e em declínio quanto ‘sociedades primitivas’, congeladas em um momento anterior da história”.<sup>482</sup> Como vimos, noções como essas eram prevalentes no final do século XIX, definindo até mesmo o tom de muitas obras que propõem reflexões sobre o colonialismo. O famoso romance de Conrad, *O Coração das Trevas*, por exemplo, é uma crítica feroz ao imperialismo – descrevendo com precisão muitos dos horrores a que estavam sujeitas populações colonizadas<sup>483</sup> – que não escapa a esses “axiomas do imperialismo”, nos termos de Spivak. De acordo com Chinua Achebe, Conrad “fundamentalmente deturpa as suas personagens africanas, de modo que elas reforçam percepções de populações, culturas e ambientes africanos como selvagens e pré-históricos”, como parte de uma “necessidade psicológica [ocidental] de pensar a África em termos de oposição negativa à Europa – isto é, como um lugar essencialmente primitivo, selvagem e bestial. Por sua vez, a dominância dessas categorias sobreutilizadas na cultura ocidental serve para

---

século XX – especialmente a partir dos acontecimentos na Hungria, em 1956 – foi palco de uma série de intervenções soviéticas no leste europeu.

<sup>482</sup> REDDY, 2014

<sup>483</sup> HOCHSCHILD, 1999



reafirmar o status da Europa como o oposto da África: isto é, civilizado, refinado e humano”.<sup>484</sup> O narrador de Conrad vê as personagens africanas como seres incompreensíveis, primordiais e separadas da modernidade – isto é, removidas da história – representada pela cidade de Londres, descrita como “o melhor lugar na Terra”, em contraste ao continente africano, pintado como um local de trevas.<sup>485</sup> Isto é, ainda que não ocupe a posição colonialista clássica, que vê com simpatia a “marcha civilizacional” sobre os “povos atrasados”, o narrador de Conrad termina por realizar uma forma de dominação pós-colonialista sub-reptícia, na qual a voz é outorgada ao *Outro*, mas tem efeitos de desumanização semelhantes àqueles efetivados por obras assumidamente favoráveis à causa colonial.

De modo análogo ao que faz o narrador de Conrad, o protagonista dos Strugátski – apesar de espocar valores identificados como “progressistas” e pós-coloniais – nega, no limite, a humanidade do *Outro*. Mesmo em íntimo contato com os humanos locais e, ao menos inicialmente, alinhado às diretrizes de não-intervenção, Anton-Rumata é incapaz de abandonar os pressupostos coloniais a respeito dos alienígenas subalternamente alterizados. Assim, toda essa população nunca é realmente vista por ele como de fato é, mas sim como “deveria ser” (isto é, como ele imagina que seja). Ainda que desenvolva algumas poucas relações afetivas com membros dessa população, Anton-Rumata pode ser facilmente percebido como um interventor profundamente imerso na ideologia da modernidade. A partir dessa posição, ele apenas simula tolerar a autodeterminação do *Outro*, enquanto reiteradamente o conduz rumo ao seu ideal iluminista de progresso – em uma variação pós-colonial do *white man’s burden*,<sup>486</sup> como explicitado no título do livro –, justificando tal prepotência pelo caráter “inacabado” da humanidade do *Outro*, uma perspectiva evidentemente herdada do colonialismo:

“Eles ainda não eram humanos no sentido moderno da palavra, mas telas em branco, peças inacabadas, que apenas séculos sangrentos de história poderiam, um dia, tornar verdadeiros humanos, orgulhosos e livres”.

A assimetria nas relações travadas entre terráqueos e alienígenas em Arkanar deixa-se ver, por exemplo, na utilização de títulos e nomes feita pelos primeiros. Ao desembarcar no planeta alheio, os historiadores do Instituto de História Experimental

---

<sup>484</sup> CLARKE, 2017, p.10-11

<sup>485</sup> REFT, 2012

<sup>486</sup> ”Fardo do homem branco”.

adotam o título de “Don” e uma persona associada à nobreza – ocupando automaticamente uma posição elevada na estrutura de classes da sociedade semi-medieval local. Donos de uma identidade dupla – como no caso de Anton / Don Rumata –, os exploradores humanos guardam as suas verdadeiras identidade apenas para os seus pares – isto é, os terráqueos usam os seus nomes alienígenas tanto entre os alienígenas quanto entre si, mas utilizam os seus nomes terráqueos apenas entre terráqueos –, ocultando a realidade sobre si até mesmo dos alienígenas com quem estabeleceram relações afetuosas. Tal dinâmica denota a unilateralidade do fluxo de informações existente entre os grupos<sup>487</sup>: em um nível mais imediato, esse fluxo se mostra consoante à ideia de não-intervenção (de modo a proteger os habitantes locais de influências externas indevidas e se manter em uma posição de neutra observação, o humano *precisaria* ocultar a verdade do *Outro*); sob uma observação mais detida, contudo, ele revela uma dinâmica pautada pela hierarquia, pela ideia de conhecimento como poder e por uma condescendência típica das relações coloniais.

Como vimos, tal relação assimétrica surge ao longo da narrativa: se no início o protagonista desembarca em Arkanar para “amar as pessoas” e “ajudá-las a se erguer e enxergar o céu”, ao final ele enxerga os habitantes locais como seres “sujos”, guiados puramente pela fé cega e por impulsos carnis e hedonistas. Deste modo, os Strugátski introduzem no romance o embate entre o *moderno* e o *selvagem* – entre o homem branco europeu e quaisquer seres primitivos que escapem à sua Razão européia; entre o Saber “civilizado” e os conhecimentos “bárbaros” –, um tropo narrativo colonialista que se tornaria clássico na literatura moderna<sup>488</sup>. De muitas formas, esse embate remete ao presente em obras paradigmáticas da literatura moderna, como *Drácula* (1897). No livro de Bram Stoker, o protagonista Jonathan Harker – um advogado, representante da lei e da moderna racionalidade inglesa – viaja a uma Transilvânia que surge como representação do “atraso” – de uma Europa semi-feudal e decadente – e é auxiliado por Abraham Van Helsing – um professor, representante da *Razão* ocidental – em seu confronto com o Conde Drácula – um ser “mágico”, incompatível com um mundo desencantado, símbolo de um misticismo primitivo que insiste em permanecer parcialmente vivo mesmo diante das investidas modernas. Mina Murray, a principal personagem feminina, é reduzida a um objeto de disputa entre os dois campos – um território sobre o qual tanto o moderno quanto o tradicional tentam reproduzir a própria

---

<sup>487</sup> IAKOVLEVA, 2011

<sup>488</sup> BORGES; CALHEIROS, 2020

existência –, o qual termina conquistado pelo protagonista, como explicitado pela referência à existência do filho de Harker e Murray no epílogo do livro.

De modo análogo, Anton, um historiador, leva consigo o conhecimento moderno a um mundo que passa a entender como “selvagem”. Sua frustração e seus crescentes arroubos de violência derivam, ao menos em parte, da impossibilidade de submeter aquilo que considera primitivo à sua própria racionalidade. Kira surge como pouco mais do que um objeto de disputa entre os dois mundos em tensão. Aqui, a presença do corpo da mulher como metáfora para a disputa colonial assume uma nova dimensão: Kira é disputada por forças que buscam se reproduzir, mas nesse embate o representante da modernidade é representado de modo ambíguo – ainda que no início do romance Anton exprima afeto pela mulher e prometa levá-la a um “maravilhoso local muito distante” de Arkanar, ao longo da narrativa ele passa a demonstrar, como vimos, impulsos violentos direcionados a ela. A morte de Kira, ademais, representa o gatilho que leva Anton a renunciar qualquer “pretensão iluminista” e a abraçar definitivamente a violência que atribui ao *Outro*.

No desenrolar do enredo, Anton tenta salvar os poucos acadêmicos – médicos, poetas, cientistas e outros indivíduos associados por ele aos ideais do Iluminismo – que encontra em Arkanar. Ele justifica essa atitude argumentando que, sem o conhecimento, a sociedade seguirá o “caminho errado”. Todavia, o único conhecimento válido é o que ele, como representante do “mundo desenvolvido”, porta: no olhar do interventor – ainda que um interventor superficialmente crítico ao colonialismo –, o *Outro* não é capaz de desenvolver uma ontologia própria, devendo aceitar passivamente – como um subalterno – o conhecimento a ele imposto. Caso o *Outro* deixe essa posição de passividade, ele se torna um incômodo passível de ser exterminado. Durante a maior parte da narrativa, Anton-Rumata oculta de si mesmo esse caráter autoritário de sua perspectiva, se imaginando um observador neutro. Tomado pela frustração ao ver a sociedade local caminhando na direção “incorreta”, ele decide, em um impulso autoritário, ignorar os riscos da intervenção e a própria autodeterminação da população de Arkanar:

Eu não tenho mais tempo para teoria, pensou Rumata. Só sei de uma coisa: o homem é um portador objetivo da razão, e tudo que se colocar no caminho do desenvolvimento dessa razão é mau e deve ser erradicado tão rapidamente quanto for possível, e por qualquer meio necessário.

Percebe-se assim que, como ocorria sob a perspectiva colonial, o homem (*verdadeiro*) permanece como portador objetivo da (*única*) razão, e possuidor da liberdade para destruir aqueles que se opõem a essa verdade. Ainda em relação a esse ponto, uma cena particularmente reveladora se dá no terço final da narrativa: após cumprir a missão que havia recebido de seus superiores, encontrando o médico Budakh, Anton-Rumata aproveita a oportunidade de travar um diálogo com um dos poucos membros da humanidade local que ele considera suficientemente inteligentes. Assim, começa um diálogo com contornos teológicos, e implicações autoritárias: “Bem, e se você tivesse a oportunidade de oferecer um conselho a Deus?”, pergunta Anton-Rumata. Nesse movimento, ele simula conceder a voz ao seu “subalterno”, no termo de Spivak. Todavia, a cada resposta apresentada por Budakh, Anton-Rumata retorque, argumentando que o conselho formulado pelo médico é incorreto e teria consequências negativas. Após uma série de respostas, o médico diz que seu conselho a Deus seria que deixasse o seu povo em paz para seguir o seu próprio caminho. Diante disso, Anton-Rumata responde negativa e desdenhosamente, dizendo que não poderia fazer isso, pois seu “coração está repleto de compaixão”. Desse modo, mesmo diante de um dos poucos indivíduos que considera respeitáveis na sociedade alterizada, tudo o que Anton-Rumata tem a oferecer é uma falsa escolha – a decisão, afinal, já fora pré-definida, e cabia ao colonizado apenas escolher acatá-la. De fato, não é a piedade que impede Anton-Rumata de permitir a autodeterminação do humano local – é o seu impulso de autorreplicação.

Como aponta Fanon,<sup>489</sup> o colonizador desumaniza a população colonizada, enxergando-a literalmente como menos que humana, o que justifica o seu genocídio. Além disso, o invasor escreve a história pré-colonial do colonizado como um período de barbárie e maldade. A existência do *Outro* é, assim, envolta em um manto de pecado, superstição e ignorância – ele é tornado um ser de *crença* cuja história só pode ser narrada pelos detentores da *verdade*.<sup>490</sup> Desse modo, o colono opera o *epistemicídio* da sociedade invadida. Esse processo de desumanização e destruição do conhecimento produzido pelo *Outro* é fundamental para que, transformado em *coisa*, o *Outro* possa ser utilizado pelo colonizador para *replicar o seu modo de vida e de produção* – isto é, para se autorreplicar. Como demonstra Federici, a desumanização do *Outro* engendrou a criação do imperialismo capitalista ao justificar a escravização:

---

<sup>489</sup> FANON, 2005

<sup>490</sup> Vale lembrar, neste ponto, que Anton é, antes de tudo, um historiador.

uma “sociedade persecutória” foi se desenvolvendo na Europa medieval, alimentada pelo militarismo e pela intolerância cristã, que olhava o “Outro” principalmente como objeto de agressão. Dessa forma, não surpreende que “canibal”, “infiel”, “bárbaro”, “raças monstruosas” e “adorador do diabo” fossem “modelos etnográficos” com os quais os europeus “adentraram a nova era de expansão”, proporcionando o filtro com que missionários e conquistadores interpretaram as culturas, as religiões e os costumes sexuais da população que encontraram.<sup>491</sup>

De muitas formas, essa relação permanece intacta, como ilustra *É Difícil Ser um Deus*, no contexto descolonial. Anton-Rumata, ao negar que o *Outro* possa esposar uma ontologia própria – considerando esse conhecimento falso por não se alinhar à sua cosmovisão iluminista europeia –, busca replicar a sua própria existência: não do modo com que o colonizador reificou seres humanos colonizados para replicar o modo de produção, a riqueza material e o estilo de vida europeus, mas de um modo mais dissimulado e – sob certa perspectiva específica – ainda mais autoritário, ao oferecer uma miríade de falsas escolhas que levam ao mesmo destino de sempre.

O prólogo e o epílogo de *Трудно быть богом* fornecem indicações que reforçam a perspectiva de que a narrativa efetivamente propõe a reflexão sobre os limites de intervenções benignas, as quais poderiam produzir importantes efeitos deletérios, mesmo em um contexto no qual o anti-colonialismo era uma preocupação.

No prólogo, Anton e seus amigos Pachka e Anka – ainda crianças – desembarcam em um cenário bucólico e dão início a uma aventura exploratória. Entre florestas e penhascos, o trio se diverte com brincadeiras de capa e espada. Em um momento de tédio, Anka desafia Anton, de forma brincalhona, a acertar um alvo colocado sobre a cabeça de Pachka: “vamos brincar de Guilherme Tell”. Enquanto Anton se afasta para preparar a sua mira, Anka e Pachka brincam e simulam temer por suas vidas. Quando o protagonista tensiona a corda do arco e aponta na direção dos amigos, o sorriso desaparece do rosto de Pachka, e Anka parece tentar sinalizar para que Anton interrompa o jogo. Anton propositalmente erra a flechada, mas o fato de ele sequer ter atirado, colocando em risco vidas humanas, enfurece seus amigos. Após um silencioso trecho de caminhada, o trio alcança a Estrada Esquecida, um percurso

---

<sup>491</sup> (FEDERICI, 2017)

abandonado e que leva a um destino incerto<sup>492</sup>. Em sua entrada, uma placa antiga e desgastada pelo tempo proíbe a passagem<sup>493</sup>. Declarando a estrada “anisotrópica” (“ela só vai em uma direção”, explica o garoto), Anton decide desrespeitar o aviso e explorar a estrada. Mais tarde, enquanto os amigos remam de volta para casa, Anton diz ter encontrado o esqueleto de um fascista acorrentado a uma metralhadora.

No epílogo, reencontramos os amigos do protagonista, que convalesce em um retiro bucólico no planeta Terra. Pachka revela a Anka que Anton havia massacrado os seus inimigos e então entrado em um estado de catatonia. Enquanto aguardam para encontrar o Anton, Pachka recorda do dia em que o trio se deparou com a Estrada Esquecida:

– Анка, – сказал Пашка, – помнишь анизотропное шоссе? [...] Я теперь часто вспоминаю это шоссе, – сказал Пашка. – Будто есть какая-то связь... Шоссе было анизотропное, как история. Назад идти нельзя. А он пошел. И наткнулся на прикованный скелет.<sup>494</sup>

A Estrada Esquecida, de acordo com Anton, só apontava em uma direção. Pachka associa essa característica à marcha histórica: não deve haver retrocesso. Mas Anton – ignorando os avisos de seus antepassados – transgrediu a proibição de passagem e, assim, retrocedeu no percurso histórico, até encontrar o cadáver hediondo de um fascista. Isto é, ao fim daquilo que teve início como uma inofensiva incursão por um território a ele desconhecido, a caminhada do jovem Anton converge, de certo modo, com a de um representante da barbárie<sup>495</sup>. Em sua vida adulta, Anton-Rumata repetiria a trajetória, iniciando sua estadia em Arkanar como um observador – ou um interventor bem intencionado, aparentemente dotado de sentimentos anti-coloniais – e terminando como um violento e autoritário representante do colonialismo.

---

<sup>492</sup> “Забывтое Шоссе. По нему не ездят. И на карте его нет. И куда идет, совершенно неизвестно.” [“A Estrada Esquecida. Ninguém passa por ela. Ela não está no mapa, e ninguém sabe aonde ela vai.”]

<sup>493</sup> “– Мудры были предки, задумчиво сказал Пашка. – Этак едешь-едешь километров двести, вдруг – хлоп! – «кирпич». И ехать дальше нельзя, и спросить не у кого.” [“– Nossos antepassados eram realmente sábios – disse Pachka, pensativo – Você dirige por uns duzentos quilômetros e aí então, do nada, uma placa de entrada proibida. Não se pode seguir em frente, e não há ninguém por perto para dar informações.”]

<sup>494</sup> “– Анка, – disse Pachka – você se lembra da estrada anisotrópica? [...] Ultimamente tenho pensado com frequência nessa estrada, – disse Pachka – como se houvesse alguma ligação... A estrada era anisotrópica, como a história. É proibido retroceder. Mas ele retrocedeu. E topou com um esqueleto acorrentado.”

<sup>495</sup> A perda da inocência infantil é uma imagem recorrente no romance. Anton-Rumata, mesmo após adotar abertamente uma perspectiva antagônica e colonial em relação aos habitantes de Arkanar, mantém que as crianças locais são seres inocentes sem qualquer traço de maldade, as quais apenas posteriormente se tornariam seres “bestiais e ignorantes”.

O percurso do protagonista parece ilustrar a dúvida sobre os limites do intervencionismo sobre povos e nações – tema particularmente relevante no contexto soviético tanto pela já mencionada histórica (e, a partir do fim dos anos 1930, algo ambígua) relação soviética com movimentos anticoloniais e de desenvolvimento nacional quanto pela experiência como alvo de um avanço colonial durante a década de 1940<sup>496</sup>. A incursão de Anton em uma sociedade alienígena tem resultados destrutivos, ainda que dotada, inicialmente, de intenções benignas. O romance não parece sugerir que esse seja o único resultado possível: Pachka, assim como Anton, torna-se um cosmonauta-historiador na vida adulta, e sua atuação no planeta alienígena diverge radicalmente daquela do protagonista. O que parece restar ao fim da narrativa é um alerta que ecoa aquele feito por Lenin em seu “último esforço”.

---

<sup>496</sup> Como aponta Milanović, Hitler expressava em termos coloniais os seus planos de invasão da URSS. Rússia e Ucrânia seriam para a Alemanha aquilo que o Congo era para a Bélgica, a Índia para a Inglaterra, ou os povos originários da América do Norte para os EUA. Ao lado do extermínio do povo judeu, a conquista do “espaço vital” (*Lebensraum*) no leste (com a escravização dos povos eslavos) era um dos núcleos do pensamento de Hitler e dos seus objetivos na Segunda Guerra Mundial – a colonização do espaço soviético amalgamava esses dois objetivos (pois os soviéticos eram tidos por ele como “judeu-bolcheviques”) à cruzada anticomunista empreendida pelos nazistas. Assim, afirma Milanović, a guerra no front oriental só pode ser compreendida se vista como uma guerra colonial (causada pela tentativa de colonialismo em solo europeu) que visava o extermínio de determinadas populações (especialmente do povo judeu) e a escravização colonial sobre povos eslavos (MILANOVIĆ, 2020b). Em sentido semelhante, Aimé Césaire famosamente declarou que a Europa era “indefensável” diante da hipocrisia de potências europeias colonialistas em sua condenação do nazismo, que, nos termos de Césaire, consistia no colonialismo “aplicado na Europa” (CÉSAIRE, 2010). Sobre o modo com que políticas estatais racistas dos EUA serviram de modelo para Hitler (que declarava, por exemplo, que “Russians will be destroyed as the red-skins were dealt with” [“os russos serão destruídos como foram os peles-vermelha (nos EUA)”]) ver: WHITMAN, 2017.

### 3.1.2 A segunda-feira começa no sábado

Em uma das cenas iniciais de *Понедельник начинается в субботу*, o protagonista Aleksandr Privalov é convencido a pernoitar no museu *Изнакурнож*<sup>497</sup>, localizado na rua *Лукоморье*<sup>498</sup>, no qual são preservados artefatos dotados de características fantásticas – um sofá capaz de converter a realidade ordinária em realidade imaginária; um espelho falante; um grande carvalho que serve de abrigo a um gato menestrel e a uma sereia; o *Unclidet*, conhecido vulgarmente como “varinha de condão”; gênios aprisionados em lâmpadas –, disputados pelos diversos departamentos do instituto científico local enquanto objetos de estudo: um primeiro departamento dedica-se à elaboração da fórmula mágico-científica capaz de trazer felicidade a toda a humanidade, um segundo debruça-se sobre o aperfeiçoamento da técnica sobrenatural de criação de trabalhadores perfeitamente eficientes, já um terceiro é composto de charlatões que desenvolvem pesquisas questionáveis em troca de ganhos políticos pessoais.

Na entrada do edifício ancestral, Privalov é recepcionado por Naina Kievna, a guardiã do museu, cuja idade estimada supera a centena de anos e cujo rosto, coberto por uma intrincada rede de vincos, é emoldurado não apenas pelo lenço preto típico de uma Bába Iagá, mas também por uma peça de nylon estampada com uma colorida ilustração do *Atomium* e a inscrição “Feira Mundial de Bruxelas”. Essa tensão entre tradição e modernidade – entre folclore, magia e desenvolvimento técnico-científico – dá o tom da narrativa e introduz um conjunto de reflexões acerca de aspectos fundamentais do sistema soviético em sua relação com a modernidade<sup>499</sup>: o planejamento científico da sociedade, a transformação do ser humano e os conflitos travados no interior das instituições científicas. Buscaremos analisar aqui o pano de fundo sobre o qual se desenvolve o enredo criado pelos Strugátski – isto é, os institutos científicos soviéticos – e o modo com que ele serve de comentário a esses pontos de

---

<sup>497</sup> *Iznakurnoj*, corruptela de *Избушка на курьих ножках*, ou cabaninha sobre pernas de galinha. É a casa da Bába Iagá nos contos de fada russos.

<sup>498</sup> *Lukomorie*, uma região antiga do território russo, mencionada em crônicas e no folclore, e mais conhecida pela alusão feita a ela na poesia de Púchkin.

<sup>499</sup> Autores tão diversos quanto Soares e Escobio apresentam a imbricação entre socialismo e modernismo em termos semelhantes, argumentando, respectivamente, que o socialismo soviético constituiu o encontro entre o modernismo e o socialismo – em oposição aos dois outros grandes encontros do modernismo no século XX, com o conservadorismo, que daria vazão ao nazifascismo, e com o liberalismo, do qual surgiria o neoliberalismo (SOARES, 2019) – ou uma das “grandes tentativas modernistas de edificar um novo mundo sobre bases sociais, políticas, econômicas, e inclusive biológicas, radicalmente diferentes às existentes” (ESCOBIO, 2017, p. 353).



contato entre sociedade e modernidade, materializados no contexto soviético sob as formas do TsIT, da GOSPLAN<sup>500</sup> e da GUPL<sup>501</sup>.

Publicado no ano de 1965, Понедельник начинается в субботу marca o início de um ciclo de quatro romances – Второе нашествие марсиан<sup>502</sup>, de 1967, e Улитка на склоне<sup>503</sup> e Сказка о Тройке<sup>504</sup>, ambos de 1968 – que se afastam da especulação futurista calcada na realidade e enveredam rumo à esfera do fantástico e do satírico. Tal inflexão, contudo, não significou um abandono de temas: assim como em suas obras da primeira metade da década de 1960, os Strugátski mantiveram sua atenção nas instituições e na natureza humanas, nas contradições inerentes ao desenvolvimento histórico e nas dificuldades de implementação de um sistema socioeconômico socialista – todavia, essas noções seriam, nas obras mencionadas, examinadas através de um prisma que beirava o surreal.

Poderia ser tentador creditar essa alteração tonal nos rumos da obra dos Strugátski a uma forma de dissidência política. Elkounovitch, por exemplo, afirma que “By the mid 1970s the Brothers therefore had escaped into the ‘literary underground’, resorting to ‘Aesopian language’, symbolic cipher and other forms of cryptogram instead of engaging in an open and unequal struggle with the censors. The Brothers clothed their anti-Marxist and anti-Leninist ideas in complex and philosophically profound imagery, resorting to codes which were not immediately accessible”<sup>505</sup>; já Rottensteiner argumenta que “In the Soviet Union [...] the Aesopian mode of storytelling was a necessity for survival”<sup>506</sup>. Essa leitura, no entanto, não parece se sustentar diante do fato de que essas obras satíricas são mais explicitamente críticas à estrutura burocrática e a aspectos contraditórios da sociedade do que as obras anteriores da dupla, produzidas em modos de representação aparentemente mais próximos do realista – como aponta Potts, foi precisamente esse conjunto de livros publicados na segunda

---

<sup>500</sup> Comitê Estatal de Planejamento.

<sup>501</sup> O departamento criado para gerenciar a implementação do Grande Plano de Transformação.

<sup>502</sup> “A segunda invasão marciana”.

<sup>503</sup> “O caracol na ladeira”.

<sup>504</sup> “Conto sobre a Troika”.

<sup>505</sup> “Em meados dos anos 1970, os irmãos Strugátski já haviam escapado para o ‘submundo literário’, recorrendo à linguagem esópica, ao simbolismo e a outras formas de escrita cifrada de modo a não entrar em guerra aberta e desigual com os censores. Os irmãos ocultavam as suas ideias anti-marxistas e anti-leninistas em imagens complexas e filosoficamente profundas, recorrendo a códigos que não eram imediatamente acessíveis.” (ELKOUNOVITCH, 1988)

<sup>506</sup> “na União Soviética, [...] o modo esópico de narrativa era uma necessidade para a sobrevivência” (ROTTENSTEINER, 1999)

metade da década de 60 que deu ensejo às já mencionadas controvérsias em relação aos Strugátski entre a crítica soviética<sup>507</sup>.

Outra explicação é encontrada na conexão umbilical entre a ficção científica soviética e o conto maravilhoso: de acordo com Csicsery-Ronay<sup>508</sup>, a obra dos Strugátski, assim como a fantasia científica soviética em geral, orbita sempre em torno dos paradigmas estabelecidos por Propp em *Morfologia do Conto Maravilhoso*<sup>509</sup>. A ficção científica utópica da primeira fase da obra dos Strugátski parece particularmente adequada à estrutura do conto maravilhoso, enquanto suas narrativas da segunda metade da década de 1960 adicionam forte influência do absurdismo de Gógol e da sátira de Ilf e Petrov. Nesse sentido, seus singelos heróis, que não estariam totalmente fora do lugar em contos tradicionais, se deparam não com o vilão e a donzela em apuros presentes no esquema apresentado por Propp, mas com situações que lhes fogem completamente à compreensão e lançam luz sobre determinados aspectos da sociedade soviética. Понедельник начинается в субботу aparece nesse contexto, narrando a incursão do jovem Privalov por um instituto científico no qual os pesquisadores operam a combinação entre o mágico tradicional e o científico moderno – isto é, em que cavernas misteriosas e máquinas concebidas por cientistas compartilham o mesmo tempo e espaço.

---

<sup>507</sup> POTTS, 1991, p.53.

<sup>508</sup> CSICSERY-RONAY JR, 2018, p. 231-280.

<sup>509</sup> Nos termos de Lafetá, “Propp demonstrou que os contos populares se constituem sempre em torno de um núcleo simples. O herói sofre um dano ou tem uma carência, e as tentativas de recuperação do dano ou de superação da carência constituem o corpo da narrativa” (LAFETÁ, 2004)



No período posterior à Revolução de Outubro, as ruas de Moscou foram palco de grandes desfiles nos quais enormes bonecos, representantes dos dogmas do passado – associados ao mágico e ao religioso –, eram simbolicamente esmagados por gigantescas máquinas modernas<sup>510</sup>. A demonstração pública do poder que um trator era capaz de exercer sobre símbolos anteriormente hegemônicos revela a importância atribuída pelas lideranças soviéticas à tecnologia, tanto enquanto instrumento de transformação econômica quanto como meio para a emancipação da consciência humana – que deveria transcender a dominação pelas superstições de um outro tempo, de modo a dominar as mais avançadas técnicas disponíveis e construir uma nova realidade. Não é coincidência, portanto, que o primeiro projeto nacional de desenvolvimento econômico do período soviético tenha tomado a forma do plano GOELRO – concebido durante o ano de 1920, em meio à Guerra Civil –, que visava a eletrificação de toda a Rússia: a disseminação das linhas elétricas permitiria não apenas que a economia soviética se desenvolvesse sobre bases tecnicamente modernas, mas também que toda a população do país tivesse acesso ao ferramental necessário à construção do comunismo. Na formulação de Lenin, o plano GOELRO possibilitaria a “organização da indústria sobre as bases da mais moderna e avançada tecnologia, a eletrificação, permitindo a ligação

---

<sup>510</sup> CURTIS, 1992

entre a cidade e o campo, pondo fim à divisão entre o citadino e o rural; tornando possível a elevação do nível cultural nos territórios rurais e a superação, mesmo nos cantos mais remotos do país, do atraso, da ignorância, da pobreza, da doença e do barbarismo”. Em outras palavras, o comunismo seria construído por meio do “poder dos soviets somado à eletrificação de todo o país”<sup>511</sup>.

Curtis descreve uma cena reveladora do estado das coisas no momento da gênese do plano GOELRO: de modo a energizar as lâmpadas afixadas ao mapa do território soviético, que ilustravam o proposto avanço da eletricidade pelo país, teria sido necessário canalizar toda a energia da cidade para o Kremlin, deixando o restante de Moscou às escuras. Hiperbólica ou não, a anedota traduz uma realidade bastante desfavorável: a geração nacional de energia elétrica não superava os dois milhões de kWh em 1913, e atingia reais 0,5 milhão de kWh em 1920. Todavia, em 1930, uma década após a concepção do GOELRO, a URSS atingiu a marca de 8,4 milhões de kWh produzidos. Para a população em geral, a bem sucedida implementação do plano representou uma transformação profunda. De acordo com o engenheiro elétrico Nikolai Tchernobrovov, as pessoas comuns não compreendiam exatamente o funcionamento da eletricidade, mas sentiam que ela abria o caminho para uma nova vida<sup>512</sup>. Assim, se por um lado o mágico, em sua acepção tradicional, era rejeitado em nome da modernidade, a própria ciência moderna era tomada, em certo sentido, como um portal fantástico para o futuro.

Após algumas noites instalado no museu curatelado por Naina Kievna, Privalov – programador de computadores (assim como Boris Strugátski) e, portanto, membro da *intelligentsia* técnica dos anos 1950 e 60 – acaba empregado no NIICHAVO, o instituto científico local. A partir de sua perspectiva, o leitor passa a conhecer cada um dos departamentos de pesquisa. Há, por exemplo, o Departamento de Defesa Sobrenatural, que no passado havia desempenhado papel central em diversos conflitos armados – desenvolvendo técnicas para a utilização de vampiros no reconhecimento noturno de territórios estrangeiros, ou de tapetes voadores no despejo de substâncias contaminantes

---

<sup>511</sup> LENIN, 1965, p. 408-426. De acordo com Trótski: “Lenin, certa vez, caracterizou o socialismo como 'o poder dos soviets somado à eletrificação'. Este epigrama, cuja simplicidade se devia aos objetivos propagandísticos daquele momento, supunha como ponto de partida mínimo o nível capitalista de eletrificação” (TROTSKY, 1972, p. 62-63). Neste sentido, Lenin considerava fundamental para a existência do projeto soviético a apropriação das tecnologias de manipulação da eletricidade - as mais avançadas de então, ao lado daquelas relativas ao petróleo -, desde que estivessem submetidas ao poder democrático dos trabalhadores.

<sup>512</sup> (CURTIS, 1992)

e venenosas sobre cidades fortificadas –, mas que passara a enfrentar a obsolência após os avanços tecnológicos decorrentes da Primeira Guerra Mundial. Com isso, as últimas esperanças do departamento de retornar à relevância foram depositadas no projeto de utilização militar de gênios da lâmpada: a premissa era a de que, quando libertos, os gênios são capazes apenas de destruir cidades ou de construir palácios, e de que um gênio preso há mais de três mil anos dificilmente estaria inclinado a bovinamente dedicar-se à construção civil, o que resultaria na provável destruição do adversário. Todavia, até mesmo essa noção foi abandonada após o chefe do departamento ter tomado conhecimento da invenção das bombas de fusão, e, dando o braço a torcer, ido se juntar ao Departamento do Significado da Vida.

Privalov depara-se com uma miríade de departamentos como esse, cada qual dedicado às mais variadas áreas do conhecimento mágico-científico e constituído por pesquisadores de diferentes estirpes – alguns extremamente competentes e dedicados, outros meros burocratas bem intencionados, e outros, ainda, perigosos charlatões. As descrições desses profissionais – na diegese do romance, atribuídas ao seu protagonista, mas reveladores das percepções dos autores do livro – são reafirmadas no metatexto do epílogo, pretensamente endereçado pelo diretor do laboratório de informática do NIICHAVO aos Strugátski: “the authors were able to perceive the situation and to distinguish that which is progressive in the work of the Institute from the conservative”<sup>513</sup>.

Privalov compreende o primeiro desses grupos no último dia do ano de 1962, ao ser escalado para a sua primeira vistoria noturna do Instituto. Findo o horário de serviço, o protagonista inicia a ronda pelos diversos andares do edifício, cada qual abrigando um departamento: da Felicidade Linear, do Significado da Vida, do Conhecimento Absoluto, das Previsões e Profecias, da Magia Defensiva, da Juventude Eterna, e das Transformações Universais. Ao chegar ao laboratório de Viktor Korneiev – sujeito avesso aos rodeios, sempre preparado a chamar os pseudocientistas do NIICHAVO por aquilo que são, hábito que lhe rendeu a pecha de rude – Privalov se dá conta de que o cientista decidira passar o feriado trabalhando, enquanto um de seus “duplos” festejava o ano novo:

A while back Victor said that he was going off to a party, leaving a double in the laboratory to work. A double — that's a very interesting

---

<sup>513</sup> “os autores foram capazes de compreender a situação e de distinguir o trabalho ‘progressista’ desenvolvido no Instituto do trabalho ‘conservador’”.

item. As a rule it's a fairly accurate copy of its creator. Let's say a man doesn't have enough hands—he makes up a double that is brainless, mute, who knows only how to solder contacts, or lug weights, or take dictation, but knows how to do these things very well indeed. [...] Victor's double stood, palms braced on the laboratory table, and followed the working of a small Ashby homeostat with a fixed gaze. He accompanied himself with a soft little song [...] I had never heard of doubles singing before [...] Victor's double quit examining the homeostat, sat down on the sofa [...] and sang the following verse:

“With the aim of taming nature

And scattering ignorances’

Darkness We take the universe — yes!

And dully look at what goes which way and how.”

[...] I snapped to full alertness at once. This was said with emotion. No laboratory double could talk like that. The double put his hand in his pocket, got up slowly, and saw me.<sup>514</sup>

Logo, no entanto, Privalov percebe que Korneiev não é o único cientista quem preferiu trocar as festividades por uma longa noite de trabalho:

The feeling of nighttime emptiness and darkened quiet in the huge building had vanished without a trace [...] The Institute was stuffed to the gills with employees. It seemed there were even more of them than on a working day. In offices and laboratories the lights were full on,

---

<sup>514</sup> “Há algum tempo, Victor disse que estava indo a uma festa, e que deixaria um duplo trabalhando no laboratório. Um duplo: que item interessante. Em regra, é uma cópia razoavelmente precisa do seu criador. Digamos que te falte mão de obra: você pode criar um duplo que não pensa, não fala e que só sabe soldar contatos, ou mover cargas, ou tomar ditados – mas que sabe fazer essas coisas muito bem [...] O duplo de Victor estava parado, as mãos apoiadas sobre a bancada do laboratório, acompanhando um homeostático de Ashby com um olhar fixo. Ele cantarolava uma melodia [...] Eu nunca havia visto um duplo cantar [...] O duplo de Victor abandonou o exame do homeostático, sentou-se no sofá [...] e cantou o seguinte verso: 'Com o objetivo de domar a natureza, E de acabar com a obscuridade da ignorância, Nós tomamos o universo!, E tediosamente observamos o que vai para onde e de que modo' [...] Eu imediatamente entrei em alerta. O duplo disse aquilo com emoção. Nenhum duplo de laboratório falava daquele jeito. O duplo colocou as mãos nos bolsos, levantou-se lentamente e notou a minha presença.”

doors were wide open [...] I was burning with administrative indignation.<sup>515</sup>

Superada a revolta inicial, Privalov compreende as motivações existentes por trás de tal comportamento:

Here came people who would rather be with each other than anywhere else, who couldn't stand any kind of Sunday, because they were bored on Sunday. They were magi, Men with a capital M, and their motto was “Monday begins on Saturday.” True, they knew an incantation or two, knew how to turn water into wine, and any one of them would not find it difficult to feed a thousand with five loaves. But they were not magi for that [...] They were magi because they had a tremendous knowledge, so much indeed that quantity had finally been transmuted into quality, and they had come into a different relationship with the world than ordinary people. They worked in an Institute that was dedicated above all to the problems of human happiness and the meaning of human life, and even among them, not one knew exactly what was happiness and what precisely was the meaning of life. So they took it as a working hypothesis that happiness lay in gaining perpetually new insights into the unknown and the meaning of life was to be found in the same process.<sup>516</sup>

Essa mesma disciplina de trabalho é detectada pelo protagonista no segundo grupo, formado por administradores que pouco compreendiam do fazer mágico-científico – como Modest Matveevich Kamnoedov, um “homem de poder, irredutível e monumentalmente ignorante”, que todos tentam agradar – e por pesquisadores “muito

---

<sup>515</sup> “A sensação de vazio e solitude no enorme edifício havia desaparecido completamente [...] O instituto estava repleto até a boca de funcionários. Parece que havia mais gente até do que em dias úteis. Nos escritórios e laboratórios as luzes estavam acesas e as portas estavam escancaradas [...] Eu fervilhava com indignação administrativa.”

<sup>516</sup> “Essas eram pessoas que preferiam estar na companhia umas das outras do que em qualquer outro lugar, que não suportavam domingos, pois sabiam que se aborreciam aos domingos. Eles eram magos, Homens com H maiúsculo, e o seu lema era 'a segunda-feira começa no sábado'. É verdade, eles conheciam um ou outro encanto, sabiam transformar a água em vinho, e poderiam facilmente alimentar milhares com cinco pãezinhos. Mas não é por isso que eles eram magos [...] Eles eram magos porque possuíam um enorme conhecimento, tanto conhecimento que a quantidade havia finalmente se transmutado em qualidade, e eles haviam passado a travar uma relação diferente com o mundo. Eles trabalhavam em um instituto dedicado, acima de tudo, aos problemas da felicidade humana e do significado da vida. E mesmo dentre eles, ninguém sabia exatamente o que era felicidade e qual era, exatamente, o sentido da vida. Então eles assumiram como hipótese a ideia de que a felicidade residia em obter perspectivas perpetuamente novas sobre o desconhecido, e que o significado da vida seria encontrado no mesmo processo.”

persistentes e muito esforçados”, mas que carecem completamente de imaginação, e que se agarram ao conhecimento previamente estabelecido, evitando qualquer inovação:

Having obtained a non-trivial result, they shied away from it, precipitately explaining it as experimental contamination, and were in fact fleeing from the innovative, because they were, in truth, much too tied to the old concepts comfortably pigeonholed within the boundaries of authoritative theories<sup>517</sup>

O terceiro grupo, no entanto, é descrito em termos muito menos benevolentes: são cientistas “calculating and unprincipled, knowledgeable of all the weaknesses of man, clever at turning any bad situation into a good deal for themselves, and tireless at that occupation”<sup>518</sup>, cujo único foco é o ganho pessoal. Tais charlatões podem ser identificados por uma particularidade anatômica: a cada vez que se entregam aos seus impulsos egoístas, suas orelhas são tomadas por pelos crescentemente espessos. Disso decorre que seus únicos esforços mágico-científicos sinceros concentram-se em remover tal pelagem, no intuito de apagar os traços de sua atuação fraudulenta. Nos termos de Privalov, esses cientistas frequentemente “succeeded in attaining considerable heights and great success in their basic purpose – the construction of a bright future in a single private apartment or on a single private suburban plot, fenced off with barbed wire from the rest of humanity”<sup>519</sup>.

De modo a lançar luz sobre o ambiente retratado pelos Strugátski em seu romance, faz-se necessária uma maior compreensão acerca das instituições científicas de então, especialmente de seu processo de constituição e de seus diversos vetores internos de motivação, os quais as revelam, de certo modo, enquanto ponto de atrito entre o mágico e o moderno científico: o exame do desenvolvimento do campo das ciências soviéticas demonstra que o processo de superação das brumas do passado por meio da moderna técnica – como não poderia deixar de ser – não se deu sob a forma de uma cisão absoluta com o antigo, mas de um complexo processo de continuidades e descontinuidades, por meio do qual a própria ciência soviética era fundada sobre a

---

<sup>517</sup> “Ao obter um resultado não-trivial, eles se esquivavam dele, explicando precipitadamente se tratar de uma contaminação experimental. Eles de fato fugiam das inovações, pois estavam, na realidade, excessivamente presos a conceitos antiquados e preguiçosamente classificados nos limites de teorias dogmáticas.”

<sup>518</sup> “calculistas e sem princípios, conhecedores de todas as fraquezas humanas, especialistas em transformar qualquer situação difícil em um bom negócio para si mesmos, e incansáveis nessa tarefa”.

<sup>519</sup> “obtinham grande sucesso e notoriedade em seu propósito fundamental: construir um futuro luminoso em um único apartamento privado, ou em um único terreno suburbano cindido do resto da humanidade por uma cerca de arame farpado”.



desconstrução e reconstrução de elementos da sociedade pré-revolucionária. Foi no interior dessa dinâmica que as teorias científicas de teor fortemente espiritual de Nikolai Fiódorov e de Georgii Morozov encontraram ecos no programa espacial soviético e no Grande Plano para a Transformação da Natureza, respectivamente, ou que os engenheiros burgueses contribuíram para a eletrificação de todo o país.

Como vimos, a ciência era central no projeto de libertação da humanidade empreendido pelos bolcheviques, por conta de seu caráter instrumental na produção e na reprodução das bases materiais da existência humana. Deste modo, se os revolucionários planejavam tomar o céu de assalto, dando oportunidade às parcelas oprimidas da humanidade de assumirem as rédeas de seu destino, o domínio sobre a ciência desempenharia papel central. Tal inter-relação entre desenvolvimento político e avanço científico, como se pode supor, não era inédita – pelo contrário, tratam-se de fenômenos que habitualmente caminham a par e passo, em um movimento que apenas se torna mais evidente no decorrer de guerras e revoluções. Tradicionalmente, forças políticas que buscaram ganhar espaço frente a grupos já estabelecidos foram motivadas a financiar a atividade científica – que sempre dependeu de alguma espécie de mecenas disposto a subministrar os vultosos recursos necessários ao pagamento de pessoal, infraestrutura, equipamentos e materiais exóticos – por conta do poder militar, econômico e político que poderia ser derivado do conhecimento produzido.

O caso russo não representou exceção à regra. A modernização iniciada por Pedro, o Grande, no século XVII foi movida pela noção de que o desenvolvimento técnico e científico representava um caminho viável para a consolidação do poderio do império. Ao longo do século e meio seguinte, o império russo passou por diversas reformas no mesmo intuito. No final dos Oitocentos, contudo, a autocracia voltou a assumir a sua face mais reacionária, e diversas reformas sociais – inclusive no campo da educação – foram revertidas<sup>520</sup>. O limitado escopo e a fragilidade de quaisquer avanços

---

<sup>520</sup> Ao ascender ao poder, Alexandre III reverteu as políticas liberais e modernizantes outorgadas por seu pai. O desfazimento das reformas teve fortes efeitos sobre a intelectualidade radical russa: “A década de 1880 foi uma negação de tudo aquilo em que os Ulianov acreditavam. O czar seguinte, Alexandre III, que subiu ao trono no início da década, após o assassinato de Alexandre II, resolveu deixar de lado aquelas políticas reformistas que haviam sido tão desastrosas para seu antecessor. Seu primeiro ato foi vetar um projeto que visava estabelecer comissões de consulta, por meio do qual Alexandre II pretendia fazer uma concessão às classes instruídas; e começou a praticar a política mais abertamente reacionária que se pode imaginar. Fortaleceu a Igreja Ortodoxa; enfraqueceu os conselhos locais e colocou as comunas camponesas sob controle autocrático. Fez o que pôde no sentido de impedir a entrada de influências ocidentais e obrigou seus súditos alemães, finlandeses e poloneses a falarem russo. Na margem do documento que o jovem Aleksander Ulianov preparara como programa de seu grupo, o czar escreveu, ao lado da afirmativa de que o atual regime político tornava impossível elevar o nível do povo: ‘Isso é

concedidos pelo regime tsarista reforçavam a perspectiva dos revolucionários russos do século XIX de que os desenvolvimentos científicos e sociais fomentados pela autocracia sempre constituiriam vetores de modernização *vindos de cima*, e, portanto, incompatíveis com os interesses das classes destituídas. Apenas a modernização e a ciência *vindas de baixo* – isto é, revolucionárias – teriam como horizonte a emancipação da sociedade como um todo.

Na virada do século XX, o financiamento à pesquisa científica russa – e, portanto, o vetor de motivação da inovação – seguia vindo de cima: à nobreza, somavam-se as corporações e os industrialistas do incipiente capitalismo industrial local, interessados nos avanços técnico-produtivos que poderiam ser derivados do trabalho desenvolvido nos institutos de pesquisa. Contudo, mesmo com a expansão dos aportes governamentais no campo científico resultantes da eclosão da Primeira Guerra Mundial, em 1914, a soma total destes investimentos permaneceu relativamente baixa. Em termos concretos, a Rússia possuía, no ano de início do conflito, um complexo científico enxuto, contando cerca de 4000 pesquisadores e 289 instituições<sup>521</sup>. Esses profissionais já imprimiam certas marcas no cenário científico internacional, mas demandavam a expansão da infraestrutura existente e a organização de um complexo científico nacional que lhes possibilitasse desenvolver suas pesquisas a par e passo com os avanços internacionais. Nos termos do acadêmico Vladimir Vernadski:

“for centuries the government has regarded knowledge as a necessary evil. And now as a result of this policy Russian blood is flowing in the Far East ... The government began this war without any understanding of the capabilities of the enemy ... In the West and in Japan there is a general recognition of the power of science and knowledge and this underlies all state policy”<sup>522</sup>

Isto é, ainda que por motivos bastante distintos, crescia o descontentamento entre revolucionários e cientistas russos quanto ao fomento governamental à atividade científica. É relevante notar, todavia, que a despeito da existência de reivindicações

---

tranquilizador’. Todo o entusiasmo por ideias novas, o ardor de transformar a Rússia num país moderno que a intelligentsia russa representava, defrontava agora com uma espécie de feudalismo que ela jamais nem sequer imaginara”. (WILSON, 2006)

<sup>521</sup> Kul'turnoe stroitel'stvo SSSR. Moscou: Gosstatizdat, 1956, p. 244.

<sup>522</sup> “durante séculos o governo considerou o conhecimento como um mal necessário. Agora, como resultado dessa política, sangue russo escorre no Oriente ... O governo deu início a esta guerra sem qualquer entendimento sobre as capacidades do inimigo ... no Ocidente e no Japão há um reconhecimento generalizado do poder da ciência e do conhecimento, e isso informa todas as políticas estatais” (TOLZ, 1997, p. 158)

públicas por mais investimentos em pesquisa, havia um entendimento majoritário entre os cientistas de que a ciência deveria ser “autônoma”, permanecendo em uma posição superior à da política mundana. Isso se devia, principalmente, à influência exercida sobre os pesquisadores russos pela cultura profissional científica europeia – os recém-graduados russos, afinal, tinham como destino mais comum uma longa temporada no continente –, que priorizava em suas discussões a atualidade e a objetividade dos diversos métodos e hipóteses concorrentes, em detrimento de questões ideológicas, políticas ou sociais<sup>523</sup>. Isso não significa que esses pesquisadores estavam alheios às questões políticas prementes de seu tempo – afinal, uma porção significativa da categoria era constituída de progressistas que viam no avanço científico um instrumento para o desenvolvimento da atrasada nação, e muitos cientistas de destaque ocuparam posições de liderança entre os *Kadets* (os membros do Partido Constitucional Democrático, uma relevante agremiação do centro liberal russo, fundada em 1905) –, mas que havia uma diferença evidente entre as perspectivas dos revolucionários e dos cientistas russos quanto à relação entre ciência e política: “despite their extensive social, political, and ideological activity, Russian scientists as professionals treated the pursuit of knowledge itself as above politics, above ideology, and above narrow practical interests – and fiercely defended the ‘purity’ of their scientific work”<sup>524</sup>.

De todo modo, a crescente insatisfação dos cientistas russos com relação à escassez de recursos advindos do governo tsarista ajuda a explicar o amplo apoio da categoria à Revolução de Fevereiro de 1917. Somava-se a esse sentimento a identificação de muitos acadêmicos destacados com o ideário liberal apresentado pelo governo provisório instituído após a queda de Nicolau II: figuras centrais na ciência russa, já atuantes politicamente no Partido Constitucional Democrático, como Vladimir Vernadski (um dos fundadores do KEPS<sup>525</sup>) e Serguei Oldenburg (secretário permanente da Academia Imperial) aceitaram participar de diversas comissões e ministérios da nova ordem. Na sua perspectiva, o país passava por um período de instabilidade política de enormes proporções, e seus conhecimentos técnicos poderiam auxiliar na busca pelo desenlace da crise.

---

<sup>523</sup> KREMENTSOV, 2006, p. 1178

<sup>524</sup> “apesar de sua ampla atividade social, política e ideológica, os cientistas russos, equanto profissionais, tratavam a busca pelo conhecimento como algo acima da política, acima da ideologia e acima de interesses práticos imediatos – e defendiam ferozmente a ‘pureza’ do seu trabalho científico” (KREMENTZOV, 2006, p. 1178)

<sup>525</sup> Комиссия по изучению естественных производительных сил, ou “Comissão para o estudo das forças produtivas naturais”.

Apesar das promessas de aportes significativos nas áreas de pesquisa e de ensino, é importante destacar que a ruptura política ocorrida em fevereiro não representou a descontinuidade do modo de pensar o fazer científico – isto é, a ciência praticada neste momento ainda partia do mesmo conjunto essencial de pressupostos que guiava aquela praticada no período anterior. Tal rompimento veio apenas na esteira da Revolução de Outubro. A radicalidade dos bolcheviques somada à irrupção da Guerra Civil deu ensejo às condições que permitiriam o desenvolvimento de uma ciência em moldes distintos daquela produzida no período da velha ordem. Isto é, na perspectiva bolchevique, a ciência socialista, não mais determinada pelos impulsos das classes dominantes em outros períodos – a nobreza feudal, as camadas eclesiásticas, a autocracia tsarista e a burguesia reacionária –, poderia ser praticada de maneira inédita. A partir deste momento, a ciência se reclamaria, ela também, revolucionária.

Para os revolucionários de outubro, a ciência deveria desempenhar papel central na construção de um futuro luminoso. Em termos concretos, ela foi mobilizada para a consolidação da revolução, com o desenvolvimento de um novo arcabouço econômico e social – baseado no rápido desenvolvimento industrial – e com o combate aos vestígios da velha ordem – materializados, por exemplo, na superstição religiosa.

Tais transformações, no entanto, dependiam da continuidade da Revolução, que se viu ameaçada pelo conflito contra as forças de oposição – um grupo amplo que abarcava desde monarquistas reacionários até liberais e socialistas não bolcheviques, e que era apoiado por tropas britânicas, francesas e estadunidenses. A eclosão da Guerra Civil ensejou a adoção de um conjunto de políticas conhecido como “comunismo de guerra”, que incluía a nacionalização de todas as forças produtivas do país. Um dos resultados desse processo foi o fato de que o Estado passou a figurar como único fiador da ciência – e os bolcheviques se mostraram apoiadores particularmente generosos<sup>526</sup>, pois compreendiam com extrema acuidade a importância do desenvolvimento científico tanto para o esforço de guerra quanto para a subsequente reconstrução da infraestrutura e da economia do país. Em janeiro de 1918, por exemplo, o Narkompros publicou as “Propostas para um Projeto de Mobilização da Ciência para a Necessidades de

---

<sup>526</sup> Como assegurou Lenin a Oldenburg, em 1921: “Personally, I am deeply interested in science and value it enormously. When you need something, do appeal directly to me.” (“Eu, pessoalmente, sou bastante interessado na ciência e a valorizo enormemente. Quando precisar de algo, peça-me diretamente”) (KREMENTSOV, 1996)

Construção do Estado”; alguns meses mais tarde, Lenin compôs o “Plano para o Trabalho Técnico Científico”<sup>527</sup>.

O destaque conferido à ciência na nascente sociedade soviética, no entanto, era acompanhado por tensões entre o corpo de cientistas e o novo governo. Apesar de terem no desenvolvimento científico um dos pilares de seu projeto político, os bolcheviques foram inicialmente recebidos com desconfiança e hostilidade pela comunidade acadêmica em geral. Diversas instituições – como a Academia de Ciências e a Universidade de Petrogrado – publicaram notas de repúdio aos revolucionários e até mesmo propuseram a paralisação de suas atividades de pesquisa. Por parte dos bolcheviques, a inquietude se originava da noção de que a ciência – como os demais elementos da sociedade – era historicamente determinada. Isto é, da perspectiva dos revolucionários, os cientistas qualificados para conduzir o desenvolvimento da nova ciência eram “especialistas burgueses”<sup>528</sup>, e que deveriam, portanto, ser vistos com certa desconfiança.

Apesar do intenso debate interno entre os bolcheviques, formou-se consenso em relação à necessidade de proteger esses acadêmicos remanescentes do período autocrático, de modo a resguardar o potencial científico do país<sup>529</sup>: afinal, estes

---

<sup>527</sup> KREMENTSOV. 2006, p. 1181.

<sup>528</sup> “As the organization of the new method of production and distribution was not proceeding at the required pace and with the expected reach, Lenin concluded that the capitalist sector would have to remain standing. He said, ‘If we decided to continue to expropriate capital at the same rate at which we have been doing up to now, we should certainly suffer defeat,’ and elsewhere that ‘the expropriation of the expropriators’ is easier than introducing a new system. He believed that the Red Guard attacks on capital had drawn to a close and the period of “utilising bourgeois specialists by the proletarian state power’ had begun.” [“Dado que a organização do novo método de produção e distribuição não estava progredindo no ritmo e amplitude necessários, Lenin concluiu que o setor capitalista precisaria ser conservado. Ele disse: ‘Se nós decidirmos continuar a expropriar o capital ao ritmo que fizemos até agora, certamente seremos derrotados’, e ainda: ‘a expropriação dos expropriadores’ é mais simples do que a introdução de um sistema novo’. Ele acreditava que os ataques da Guarda Vermelha ao capital haviam chegado ao fim, e que se iniciava o período de ‘utilizar os especialistas burgueses para consolidar o poder estatal proletário.’] (KRAUSZ, 2015), p.318)

<sup>529</sup> “In March 1919, the Eighth Party Congress approved a policy of preferential treatment for ‘bourgeois specialists.’ In December, the highest governmental body, the Council of People's Commissars (SNK), issued a special decree, ‘On Improvement of Conditions for Scientific Specialists.’ At the beginning of the next year, a special commission ‘to improve living conditions for scholars’ (Komissiiia dlia Uluchsheniia Byta Uchenykh, or KUBU) was set up to provide scientists with food and fuel to survive the harsh conditions of war communism” [“Em março de 1919, o VIII Congresso do Partido aprovou uma política de tratamento preferencial a ‘especialistas burgueses’. Em dezembro, o órgão governamental superior, o SNK, publicou um decreto especial, “Sobre a melhoria nas condições de vida dos especialistas científicos”. No início do ano seguinte, uma comissão especial voltada a ‘melhorar as condições de vida dos acadêmicos’ foi criada para fornecer alimento e combustível que garantisse a sobrevivência sob as duras condições do comunismo de guerra”]. (KREMENTSOV. 2006, p. 1182).

indivíduos eram maioria nas instituições científicas, e sua expertise era indispensável à hercúlea tarefa de construção da nova sociedade<sup>530</sup>.

Neste primeiro momento, portanto, estabeleceu-se uma relação mutuamente benéfica entre os bolcheviques e os especialistas burgueses: estes foram poupados de muitas das privações que atingiram o país como consequência da Guerra Civil, e viram investimentos inéditos em suas pesquisas e na infraestrutura das instituições científicas. Deste modo, o apoio estatal à pesquisa – rapidamente cristalizado sob a forma dos 33 novos institutos científicos criados entre 1918 e 1919<sup>531</sup>, além de um abrangente conjunto de agências encarregadas de fornecer apoio financeiro e organizacional aos mesmos – finalmente atingia um nível considerado adequado pela comunidade científica, o que resultou na reversão da tendência inicial de afastamento entre cientistas e bolcheviques: “Within a remarkably short period of time, most Russian scientists, even those who had been hostile to the Bolsheviks, joined the Bolshevik government in its efforts to revive and expand Russian Science”<sup>532</sup>. Ademais, como aponta Byford, o impulso fundamental que motivava o trabalho de grande parte dos cientistas do período tsarista não era de modo algum incompatível com a nova realidade social:

“The majority would, in fact, have shared the Bolsheviks’ conviction that science had the power, the right and the duty to transform the world, including what it meant to be human, for the ‘better’. And even though many would have had reservations about the imposed ideological framework, the actual undertaking laid before them was aligned with their own sense of duty to advance their country through their science. Scientists, therefore, actively partook in and contributed to the revolutionary spirit of the 1920s.”<sup>533</sup>

---

<sup>530</sup> A inclusão desses cientistas na criação de uma nova ciência revolucionária não era tida como contraditória, dado que poderia ser compreendida como um exercício tático e dialético. A aceitação das ideias de cientistas que haviam se posicionado contrariamente à revolução, vale notar, passou por momentos variados de aceitação e rejeição, como demonstra Brain.

<sup>531</sup> Organizatsiia nauki, 1968: 8.

<sup>532</sup> “Em um período notavelmente curto, a maioria dos cientistas russos mesmo aqueles que haviam sido hostis aos bolcheviques, se juntaram ao governo bolchevique em seu esforço de reviver e expandir a ciência russa” (KREMENTSOV. 2006, p. 1181)

<sup>533</sup> “A maioria deles partilhava da convicção bolchevique de que a ciência possuía o poder, o direito e a obrigação de transformar o mundo, incluindo o significado de humano, para o 'melhor'. E mesmo que muitos tivessem reservas quanto ao molde ideológico imposto, a tarefa que de fato era posta diante deles se alinhava ao seu senso de dever quanto ao desenvolvimento do país por meio da ciência que desenvolviam. Os cientistas, assim, participaram e contribuíram ativamente para o espírito revolucionário dos anos 1920”. (BYFORD, 2017)

Com isso, teve início o período chamado por Krementsov de “construção pacífica” da ciência russa. A estrutura fundamental do sistema científico desenvolvido durante o regime tsarista foi preservada e ampliada – a Academia Imperial de Ciências, por exemplo, não foi extinta, mas renomeada Academia de Ciências da URSS –, recebendo vultosos investimentos estatais que permitiram a expansão da infraestrutura institucional, o intercâmbio de cientistas e a publicação de seus trabalhos no exterior, a institucionalização de áreas do conhecimento até então relativamente ignoradas – como a genética e a física –, a importação de equipamentos, e a valorização simbólica da pesquisa científica, com a instituição de um Prêmio Lenin específico. O volume dos aportes estatais em pesquisa, vale notar, não estava atrelado a interferências governamentais: os cientistas gozavam de ampla autonomia no desenvolvimento de seus trabalhos<sup>534</sup>.

Um ponto de particular interesse para a leitura de *Понедельник начинается в субботу* é a interação entre o (mágico-)científico e o político. O retrato dessa dinâmica também deriva da realidade institucional, bem conhecida dos autores, membros da *intelligentsia* científica soviética do pós-guerra. Certos elementos de tal interação – como o sistema de contatos pessoais entre cientistas e políticos, e a retórica científica militante – têm origem já no período de “construção pacífica” da ciência soviética, como veremos.

A relação simbiótica estabelecida entre os especialistas burgueses e seus patronos bolcheviques dependia não apenas de financiamento, mas também do diálogo e da superação de desconfianças pessoais existentes entre as partes. Dentre os cientistas, as figuras de maior prestígio internacional eram vistas com bons olhos pelas lideranças revolucionárias, que tentavam restabelecer os laços diplomáticos. Já dentre os bolcheviques, as autoridades centrais e figuras públicas a elas associadas – isto é, Lenin, Aleksei Rykov (chefe da SNK), Anatolii Lunatchárski (chefe do Narkompros), Nikolai Semachko (chefe do Narkomzdrav), além do escritor Maksim Górkí – eram preferidas

---

<sup>534</sup> “Yet, despite its financing of all scientific research, the state's influence on scientific work itself was minimal. The state agencies rarely interfered in the direction, content, or duration of research, the choice of personnel and equipment, or the structure of scientific institutions; these were largely defined by the scientists themselves”. [“Apesar do financiamento de toda a pesquisa científica, a influência do Estado sobre o trabalho científico era mínima. As agências estatais raramente interferiam na direção, conteúdo ou duração das pesquisas, na escolha de pessoal ou de equipamento, ou na estrutura das instituições científicas; esses elementos eram amplamente definidos pelos próprios cientistas”] (KREMENTSOV, 2006, p. 1186).

pelos cientistas, em detrimento das lideranças locais, que via de regra não tinham origem na intelligentsia pré-revolucionária ou alto grau de instrução formal. Por conta desse sistema de contatos pessoais, certas lideranças da comunidade científica passaram a exercer forte influência política: cada grande área da ciência russa possuía um especialista de destaque que dialogava diretamente com as lideranças políticas, defendendo as suas perspectivas em relação aos rumos mais profícuos a serem tomados.

Um dos principais vetores de diálogo entre bolcheviques e especialistas burgueses advinha da noção compartilhada entre as partes de que a ciência deveria ser popularizada. De um lado, a comunidade científica mirava na expansão de suas instituições e sociedades locais; de outro, os bolcheviques visavam oferecer instrução formal à toda a população – com os objetivos, entre outros, de emancipá-la do obscurantismo do regime tsarista e de possibilitar o surgimento de uma nova geração de especialistas.

Em vistas a operar transformações radicais com a urgência determinada por fatores intrínsecos e extrínsecos à sociedade soviética – a devastação causada pela Guerra Civil, as condições de vida miseráveis da população, a pressão geopolítica exercida pelas potências capitalistas –, a incipiente ciência revolucionária muitas vezes perseguia ideias que beiravam o fantástico, como no caso do projeto espacial. A ambição sem paralelos de tais empreendimentos científicos, com seus variados graus de êxito, refletia o próprio ímpeto revolucionário, que diante do impensável se permitia pensar e fazer o impossível. Como aponta Byford:

This was no cynical use of science for revolutionary propaganda – the Bolshevik leadership was itself keen to believe in the possibility of impossible feats: scientific miracles served as the decisive confirmation of the rightness of the revolutionary act itself. The utopian heights that science was expected to reach became a direct inversion of the depths of deprivation and devastation out of which the Soviet Union needed to rise in the wake of the revolutionary civil war.<sup>535</sup>

---

<sup>535</sup> “Não se tratava de uso cínico da ciência para fins de propaganda revolucionária – a liderança bolchevique de fato acreditava na possibilidade do impossível: milagres científicos serviam de confirmação da correção do próprio ato revolucionário. Os patamares utópicos esperados da ciência se tornaram uma inversão direta da privação e da devastação que a URSS precisava superar no período posterior à guerra civil.” (BYFORD, 2017)



A vocação ao fantástico da ciência revolucionária tornou bastante permeável a membrana que separava o imaginário científico da ciência imaginária. A ficção científica soviética – um dos veículos da popularização da ciência – ilustrava saberes capazes de dobrar o tempo e o espaço, de prolongar a vida ao infinito e de concretizar o intangível – a ciência revolucionária, por sua vez, propunha-se a alcançar o cosmos, a transformar o ser humano, a dobrar a própria natureza à vontade humana.

Como aludido, no entanto, a parceria firmada com os “especialistas burgueses” era entendida como provisória pelos bolcheviques: se em um primeiro momento era importante fornecer apoio e proteção aos especialistas burgueses, uma visão de longo prazo exigia a formação de uma nova geração de cientistas proletários, capaz de tomar a frente do processo de industrialização e desenvolvimento do país. A escassez de especialistas revolucionários capazes de administrar esses avanços era evidente para Lenin:

Estado proletário da Rússia tem nas suas mãos forças económicas absolutamente suficientes para assegurar a transição para o comunismo. Que é que falta então? É bem evidente o que falta: falta a cultura na camada de comunistas que governa [...] Para dizer a verdade, não são eles os que conduzem, mas os conduzidos.<sup>536</sup>

De modo a tomar as rédeas da situação, apontava Lenin, “é preciso estudar, e entre nós não se estuda”<sup>537</sup>. Com base nesse diagnóstico, uma enorme quantidade de universidades foi criada ao longo da década de 1920, no intuito de treinar novos especialistas – especialmente engenheiros –, capazes de aliar o fazer científico aos interesses da classe trabalhadora. De acordo com David-Fox, a estratégia organizacional adotada em relação às instituições de ensino era diametralmente oposta àquela aplicada às instituições de pesquisa: se estas não estavam submetidas ao controle estatal centralizado, aquelas estavam sob intensa intervenção do Narkompros desde 1918<sup>538</sup>. Assim, o currículo acadêmico era direcionado no intuito de fomentar uma *intelligentsia* socialista, tecnicamente capaz de surgir como alternativa aos especialistas burgueses, e ideologicamente voltada à construção de uma ciência revolucionária.

Com o surgimento dessa nova geração de cientistas, surgiu uma nova linguagem científica. Jovens acadêmicos comunistas, assim como muitos dos especialistas

---

<sup>536</sup> LENIN, 1978

<sup>537</sup> LENIN, 1978

<sup>538</sup> DAVID-FOX, 1997.

burgueses, passaram a adotar em seus escritos um léxico marcadamente influenciado pelo marxismo, de modo substantivo ou performático, além de um estilo de argumentação baseado na polêmica e focado em elementos filosóficos e políticos. De acordo com Krementsov, a adoção do novo léxico foi, em grande parte, resultado de um artigo publicado por Lenin, intitulado “Sobre o significado do materialismo militante”, no qual lemos:

No natural science, no materialism can withstand the struggle against the pressure of bourgeois ideas and the bourgeois worldview without a sound philosophical basis. In order to be able to withstand the struggle and to accomplish it successfully, a scientist must be an up-to-date materialist, a deliberate follower of the materialism presented by Marx, that is, he must be a dialectical materialist.<sup>539</sup>

Isto é, para muitos jovens acadêmicos, a prática científica tinha como um de seus elementos centrais a luta contra as ideias burguesas, o que se concretizava por meio da crítica polêmica aos aspectos reacionários do trabalho dos especialistas burgueses; já para estes, adotar a linguagem marxista e o estilo polêmico de crítica às pesquisas de seus pares era uma forma de se destacar frente à concorrência pelo fomento das agências estatais. Como aponta Byford, a partir de então a ciência soviética passa a ser marcada por performances ritualizadas de um confronto entre a ciência *materialista* e a ciência *idealista* (burguesa):

Aside from prompting, towards the end of the 1920s, a wholesale shift in the rhetorical articulation of the sciences in the Soviet Union, this development transformed science from a weapon of revolutionary struggle into a target of a revolutionary ‘siege’. From this perspective, if the proletarian class was to maintain its grip on History, science as a social institution had to be not co-opted, but subjugated.<sup>540</sup>

---

<sup>539</sup> “Nenhuma ciência natural, nenhum materialismo, pode suportar a pressão da cosmovisão e das ideias burguesas sem um base filosófica sólida. De modo a suportar a luta e vencer, o cientista deve ser um materialista atualizado, um seguidor deliberado do materialismo apresentado por Marx. Isto é, ele deve ser um materialista dialético.” (KREMENTSOV, 2006)

<sup>540</sup> “Esse desenvolvimento, além de ensinar, a partir do fim dos anos 1920, uma mudança completa na articulação retórica das ciências na URSS, transformou a ciência, de uma arma na luta revolucionária a um alvo de ‘cerco’ revolucionário. Dessa perspectiva, se a classe proletária planejava manter o seu controle sobre a história, a ciência, enquanto instituição social, não deveria ser cooptada, mas subjugada.” (BYFORD, 2017)

Em meio a todas essas mudanças, a ciência soviética prosperava nos anos 1920, desenvolvida pelo esforço conjunto e relativamente harmonioso de especialistas burgueses e de cientistas comunistas. No final da década, todavia, o governo liderado por Stalin instituiu um conjunto de mudanças radicais na estrutura social e econômica da URSS – a chamada Grande Virada –, com vistas ao desenvolvimento industrial acelerado: a agricultura foi coletivizada, a NEP chegou ao fim, a iniciativa privada foi abolida, o controle sobre a produção foi centralizado.

Com isso, teve fim o período de construção pacífica da ciência soviética. A atividade científica foi mobilizada para possibilitar o avanço da indústria, passando a ser supervisionada por um complexo hierarquizado de instituições estatais. No “juízo Chakhti”, iniciado em 1928, cinquenta e três dos especialistas burgueses foram presos sob a acusação de sabotagem e conspiração com os antigos e exilados donos das minas de carvão da cidade que deu nome ao processo, no norte do Cáucaso. Os jovens cientistas soviéticos, formados no amplíssimo complexo educacional construído ao longo dos anos 1920, assumiram posições cada vez mais centrais. Nos termos de Stalin:

A fortress stands before us. This fortress is called science, with its numerous fields of knowledge. We must seize this fortress at any cost. Young people must seize this fortress, if they want to be builders of a new life, if they want truly to replace the old guard. ... A mass attack of the revolutionary youth on science is what we need now, comrades<sup>541</sup>

Neste período, a comunidade científica adotou com ainda maior intensidade o léxico e o estilo de argumentação polêmicos, de modo a reafirmar o seu prestígio perante as autoridades burocráticas encarregadas do gerenciamento de suas pesquisas. Assim, a perspectiva de que a ciência transcendia as questões mundanas e políticas – dominante no período pré-revolucionário, e decadente desde 1917 – estava praticamente extinta ao fim da década de 1930.

De acordo com Krementsov, o exame da trajetória da comunidade científica das duas primeiras décadas do período soviético revela “an infinitely adaptive (one may

---

<sup>541</sup> “Temos diante de nós uma fortaleza. Essa fortaleza é chamada ciência, com os seus numerosos campos de conhecimento. Nós devemos tomar essa fortaleza a qualquer custo. Os jovens devem tomar essa fortaleza, se quiserem construir uma nova vida, se quiserem realmente substituir a velha guarda ... Um ataque massivo da juventude revolucionária sobre a ciência é do que precisamos agora, camaradas” (KREMENTSOV, 2006)

even say, opportunistic) group capable of exploiting almost any political and social change to their own advantage”<sup>542</sup>.

A estruturação do sistema científico soviético, desenvolvida a partir da década de 1920 e consolidada nos anos 1930, possibilitou que pesquisadores inovadores – como o físico Piotr Kapitsa e o biólogo Nikolai Vavilov – desenvolvessem trabalhos pioneiros em gigantescos institutos que representavam o estado da arte do período. De fato, como aponta Krementsov, inúmeros cientistas estrangeiros que visitaram a URSS no período demonstravam profunda admiração pela quantidade e qualidade do trabalho científico desenvolvido no amplo complexo de instituições científicas soviéticas, que ao fim da década de 1930 era dez vezes maior do que durante o regime tsarista: “Soviet scientists were the first to successfully accomplish the dream of their colleagues throughout the world – the transition from ‘little science’ to ‘big science’ on a national scale”<sup>543</sup>. Todavia, determinados aspectos desse sistema – particularmente, a importância das relações pessoais travadas entre acadêmicos e políticos, assim como a utilização performática do estilo polêmico de retórica nos debates científicos – permitiram a ascensão de charlatões como Olga Lepeshinskaia e, especialmente, Trofim Lysenko<sup>544</sup>.

O breve panorama acima delineado acerca do desenvolvimento da comunidade e das instituições científicas soviéticas auxilia na compreensão de elementos centrais a Понедельник начинается в субботу.

Conforme mencionado, no interior do gigantesco edifício do NIICHAVO, Privalov trabalha ao lado de mago-cientistas de comportamentos diversos, reminiscentes de figuras históricas. Ainda que sempre tenham evitado revelar as suas fontes de inspiração, os Strugátski não faziam segredo do fato de que suas personagens eram, frequentemente, baseadas em pessoas reais<sup>545</sup>:

Ну, практически, все эти персонажи являются, естественно, авторским вымыслом. Но каждый (или почти каждый) имеет своего прототипа. Например, Федор Симеонович списан с Ивана

---

<sup>542</sup> KREMENTSOV, 2006, p. 1200.

<sup>543</sup> “Cientistas soviéticos foram os primeiros a alcançar o sonho de seus colegas ao redor do mundo: a transição da ‘pequena ciência’ para a ‘grande ciência’, de escala nacional”. KREMENTSOV, p. 1199.

<sup>544</sup> KREMENTSOV, 2006, p. 1198.

<sup>545</sup> “Мы всегда предпочитали не распространяться о прототипах наших героев. Далеко не каждому нравится быть прототипом” ([http://www.rusf.ru/abs/int\\_t37.htm](http://www.rusf.ru/abs/int_t37.htm))

Антоновича Ефремова, а Янус Полуэктович сильно смахивает на тогдашнего директора Пулковской обсерватории Александра Александровича Михайлова. Кристоаль Хозевич – почти чистая выдумка, а вот профессор Выбегалло есть некая смесь академика Лысенко и одного известного писателя, имени которого я не хотел бы здесь упоминать.<sup>546</sup>

Tomando tais indicações como ponto de partida, podemos compreender que em relação ao enredo das aventuras de Privalov nos corredores do instituto científico, subjaz um retrato das principais tendências formativas do ambiente acadêmico soviético, cujos reflexos ainda eram sensíveis em meados dos anos 1960.

O professor Ambrosi Vibegallo, chefe do Departamento do Conhecimento Absoluto, representa o ponto de culminação de alguns dos aspectos mais contraditórios do sistema científico soviético de que tratamos anteriormente. Conforme mencionado, a personagem foi composta pelos Strugátski com inspiração em Trofim Denisovitch Lysenko.

Lysenko, um agrônomo e biólogo dogmático, serviu como presidente da VASKhNIL<sup>547</sup> entre 1938 e 1956, além de integrar os conselhos de diversos organismos administrativos correlatos. Nesta capacidade, auxiliou a reorientar todo o campo das ciências biológicas soviéticas, que se aproximou de uma cosmovisão prometética – que amparou, por exemplo, a noção de que as colheitas e florestas russas poderiam ser moldadas de acordo com os arbítrios humanos – e de teses como a da herança de características adquiridas – a passagem intergeracional dos traços adquiridos por um organismo durante o seu tempo de vida, que segundo Lysenko poderia ser aplicada ao desenvolvimento de colheitas e rebanhos.

Apesar de irem de encontro aos entendimentos das sofisticadas agronomia e biologia então desenvolvidas no país – por exemplo e respectivamente, por silvicultores que continuavam o trabalho de Georgii Morozov e por geneticistas como Nikolai Vavilov –, as concepções advogadas por Lysenko ganharam tração em contexto de crise

---

<sup>546</sup> “Bem, praticamente todas essas personagens são, naturalmente, frutos da imaginação dos autores. Mas todas elas (ou quase todas) possuem um protótipo. Por exemplo, Fiodor Simeonovitch foi baseado em Ivan Antonovitch Efremov, e Ianus Poluektovitch lembra muito o então diretor do Observatório de Pulkovo, Aleksandr Aleksandrovitch Mikhailov. Cristobal Josevitch é quase inteiramente ficcional, mas o professor Vybegallo é uma mistura do acadêmico Lysenko e de um famoso escritor, cujo nome eu prefiro não mencionar”. ([http://www.rusf.ru/abs/int\\_t15.htm](http://www.rusf.ru/abs/int_t15.htm))

<sup>547</sup> Academia de ciências agrícolas.

agrícola, de fortíssima pressão política e de conhecimento relativamente incipiente no campo da genética<sup>548</sup>.

Brain atribui a perenidade da influência exercida por Lysenko sobre as ciências soviéticas ao apelo de sua promessa de domar as historicamente pouco produtivas colheitas russas, às suas origens camponesas e seus maneirismos considerados “humildes”, ao seu chauvinismo russo<sup>549</sup>, e à sua propensão em atacar seus adversários agressiva e polemicamente<sup>550</sup>. Soma-se a esse conjunto de elementos o sistema de relações pessoais estabelecidas entre pesquisadores e lideranças políticas, que havia sido fundamental para a estabilização do sistema científico no período pós-revolucionário, que lhe garantia abrigo de críticas tecidas até mesmo por figuras politicamente destacadas. Foi com o apoio pessoal de Stalin, por exemplo, que a influência de Lysenko na esfera da biologia soviética tornou-se expressiva a partir dos anos 1930, adquirindo um caráter dominante a partir de 1948. A habilidade política de Lysenko e o seu uso estratégico das conexões pessoais que lograra angariar entre as lideranças partidárias são ilustrados pelo seu embate com Iuri Zhdanov:

Just six months before the unveiling of the Stalin Plan, Iurii Zhdanov (the son of Politburo member Andrei Zhdanov and Stalin's son-in-law) had criticized Lysenko at a Moscow Party meeting for his numerous failures, as well as his habit of accusing any detractors of anti-Sovietism. Lysenko appeared decisively beaten, his innovations exposed as useless and he himself singled out for abusing his authority, but after he sent Stalin a series of letters and an example of his latest miraculous discovery, [...] the tide turned again in Lysenko's favor. Zhdanov was forced to recant, and at the historic August 1948 meeting of the Lenin All-Union Academy of Agricultural Sciences, Lysenko achieved his greatest victory when genetics was officially renounced as bourgeois idealism.<sup>551</sup>

---

<sup>548</sup> GRAHAM, p.26.

<sup>549</sup> Pollock, no mesmo sentido, aponta que “Lysenko gained an advantage over his ‘Mendelian-Morganist’ detractors by emphasizing that his ideas were homegrown and based on the specifically Russian scientific tradition of Michurin”. (POLLOCK, p. 214)

<sup>550</sup> (BRAIN, 2011), p. 142.

<sup>551</sup> “Apenas seis meses antes divulgação do Plano de Stalin, Iuri Jdánov (filho do membro do Politburo Andrei Jdánov e genro de Stalin) criticou Lysenko em um encontro do PCUS por conta de seus inúmeros fracassos, assim como por seu hábito de acusar desafetos de sentimentos anti-soviéticos. Lysenko parecia ter sido decisivamente derrotado, tendo suas inovações expostas como inúteis, e ele mesmo exposto como alguém que abusava de sua autoridade. Mas após enviar uma série de cartas a Stalin, junto de um

As ideias e técnicas propostas por Lysenko foram – desde a sua ampla divulgação – criticadas por seus pares, que apontavam sua obsolescência, sua inefetividade e sua inadequação ao método científico. No mais das vezes, as políticas propostas por Lysenko realmente mostravam-se altamente ineficientes. Este fato, entretanto, era ofuscado por evidências fraudulentas e pela capacidade ímpar de Lysenko em desabonar os seus críticos e aqueles que presumia serem rivais – neste sentido, Lysenko não se limitava, por exemplo, a recusar a noção de herança mendeliana<sup>552</sup>, mas também denunciava os geneticistas de seu tempo, dentre os quais Vavilov – fundador e primeiro presidente da VASKhNIL – e Thomas Hunt Morgan, como “embusteiros burgueses”.

De acordo com Graham, a tática de difamação operada por Lysenko consistia, primeiramente, em arregimentar jovens estudantes em torno de sua figura pretensamente camponesa e de suas promessas exuberantes acerca do futuro reservado à biologia soviética, criando um bloco de oposição a acadêmicos que via como concorrentes, especialmente os especialistas oriundos das classes privilegiadas. Em seguida, Lysenko valia-se do prestígio de que gozava junto a lideranças políticas para fazer valer as suas denúncias infundadas. Foi esse, por exemplo, o expediente utilizado no esmagamento de Vavilov. Em contraste, sob a batuta de Lysenko, pseudo-cientistas como Olga Lepechinskaia obtiveram grande destaque.

Um exemplo particularmente relevante do destrutivo expediente operado por Lysenko em sua ascensão a posições de prestígio e poder é encontrado em sua investida sobre a GUGL, movimento inscrito no conjunto de embates travados entre diferentes concepções de modernização no interior do complexo científico soviético – que seria, como veremos, tematizado pelos Strugátski em *Понедельник начинается в субботу*.

A GUGL (Главное управление по лесозащитному лесоразведению, ou Direção Geral para o Florestamento de Proteção do Campo) foi a entidade criada em outubro de 1948 para supervisionar a implementação do Grande Plano para a Transformação da

---

exemplar de uma de suas mais novas descobertas miraculosas, a sorte voltou ao lado de Lysenko. Jdánov foi forçado a retirar suas acusações, e em uma histórica reunião da Academia de ciências agrícolas, Lysenko obteve seu maior êxito, quando a genética foi oficialmente denunciada como idealismo burguês.” (BRAIN, 2011, p.151)

<sup>552</sup> Mais especificamente, Lysenko fundou e liderou a chamada agrobiologia mitchuriana, que rejeitava a genética mendeliana e a teoria cromossômica da herança. Surgido anos após a morte de Ivan Mitchurin, o grupo possuía uma relação apenas tênue com o seu suposto inspirador – Mitchurin havia, em um primeiro momento, questionado a ampla aplicabilidade da genética mendeliana, mas chegou à conclusão, em seus escritos maduros, de que sua própria pesquisa relativa à hibridização de plantas confirmava as Leis de Mendel; os proponentes da agrobiologia mitchuriana, todavia, ignoravam esses desenvolvimentos posteriores.

Natureza. Este consistia na radicalização de certas propostas de preservação e florestamento que se avolumavam desde meados dos anos 1930, e que visavam a criação e a conservação de cinturões florestais capazes de regular a hidrografia do país, profundamente afetada pelo avanço da indústria. Tais propostas ambientalistas<sup>553</sup>, por sua vez, retomavam noções desenvolvidas nas primeiras duas décadas do século XX por silvicultores como Georgii Morozov, e que haviam sido deixadas de lado nos início do período soviético, particularmente após a Grande Virada (Великий перелом) de 1928. Centralmente, todas as principais políticas florestais do período – com fins de exploração econômica, preservação ou transformação – foram atravessadas por uma disputa entre tecnocratas defensores de políticas conservacionistas e de exploração sustentável (muitos dos quais eram especialistas burgueses) e representantes de um certo prometeanismo cornucópico, que advogavam a ideia de que a natureza, incluindo as florestas, poderia ser moldada pela vontade humana, especialmente por meio dos avanços tecnológicos<sup>554</sup>.

---

<sup>553</sup> Para uma discussão quanto à adequação do termo “ambientalismo” ao contexto soviético dos anos 1930, ver BRAIN, 2011.

<sup>554</sup> Conforme aponta Martins, muitos dos grandes empreendimentos da engenharia geográfica na URSS – como o Grande Plano – foram de certa forma inspirados pela colossal mobilização técnico-científica vislumbrada por Fiódorov. É interessante notar, ainda, que as teses fiodorovianas eram também motivadas pela devastação ambiental resultante da crescente industrialização: “Deveria notar-se contudo, que Fedorov também estava preocupado com a espoliação do ambiente por meio da tecnologia e da ciência e se ele previa a transformação tecnológica de outros planetas, de modo a receberem a vida humana, (aquilo a que agora se dá o nome de ‘formação de Terra’), não era por não levar em conta a potencial degradação ambiental provocada pelo industrialismo” (MARTINS, p. 298). Cabe atentar, nesse sentido, à heterogeneidade das experiências prometeicas, inclusive as russas: “nem toda a versão histórica importante do projeto prometeico, pelo menos de Bacon em diante, esteve necessariamente comprometida com uma visão destemperada de um progresso material ilimitado, fazendo depender tudo de uma técnica cornucópica e infinitamente munificente” (MARTINS, p. 297).





Ivan Ivanovitch Chichkin, *Бурелом* (1888)

Durante o século XIX, o declínio das florestas russas era sensível. No campo das artes plásticas, as paisagens florestais passaram a surgir como símbolos de identidade nacional, relacionados a uma Rússia antiga e singelamente pitoresca<sup>555</sup>. Na literatura, o desaparecimento das matas – e, por extensão, de uma identidade nacional compartilhada – era traduzido na ansiedade que tomava personagens como Mikhail Astrov, de Tio Vânia:

Isto é um mapa da nossa região, há cinquenta anos. O verde-escuro e o verde-claro indicam as matas. Vê? Metade de toda esta área era coberta por florestas. Neste trançado vermelho sobre as áreas verdes havia alces e cabras-selvagens em abundância. Aqui eu mostro a flora e a fauna. Este lago era habitado por cisnes, gansos, patos. Como

---

<sup>555</sup> Como aponta Ely, pintores como Ivan Chichkin se afastavam da dramática estética romântica de seus pares da Europa Ocidental, optando por valorizar cenários como as ordinárias florestas russas, com suas árvores em disposição aparentemente desordenada somando-se em um todo impenetrável: “Trees spill outside the frames of the paintings and overlap each other into the interior until it becomes impossible to differentiate one from another” (ELY, 2002, p. 199). Tais paisagens evocavam um sentimento de profunda identidade nacional: “By creating symbols of Russian nationality, Shishkin invited urban Russians to imagine a profound connection between themselves and their natural surroundings” (ELY, 2002, p. 205).

dizem os camponeses, havia uma imundície de aves por aqui, de todas as espécies, sem fim; paradas pareciam montanhas – voando formavam nuvens. Além das vilas e dos povoados, você vê aqui, dispersos, núcleos menores de habitação, construções isoladas, pequenas fazendas, mosteiros, moinhos d’água [...] Agora vê só, aqui em baixo: são os mesmos lugares 25 anos depois, ou seja, há 25 anos. A floresta foi reduzida a um terço do que era! As cabras desapareceram completamente, sobraram apenas alguns alces [...] Agora a terceira fase da história, mostrando a região como é hoje. Um pouco de verde aqui, aqui e aqui, mas sem continuidade – só manchas esparsas. Todas as cabras, cisnes e galos-do-mato desapareceram. Não há nem traço dos pequenos sítios dos mosteiros e moinhos. Um quadro dramático e incontestável da decadência contínua da região [...] Praticamente tudo aqui já foi destruído e nada foi criado em troca.<sup>556</sup>

Na virada do século, Morozov confirmou a redução das áreas florestadas, creditando-a ao transplante mecânico de técnicas de silvicultura estrangeiras, que seriam inadequadas às especificidades do ambiente russo. Nesse sentido, concluiu que uma silvicultura propriamente russa só seria desenvolvida e bem sucedida caso adaptasse as práticas importadas à realidade do país:

Our slowly advancing science of forestry arose in Western Europe, having begun with the Germans. But our forestry, without discarding the importance of the general, the idea of the West, will make an attempt to allow for the unique properties of our forests and our country.<sup>557</sup>

Morozov era particularmente crítico da tendência tipicamente moderna da silvicultura alemã de interpretar a floresta por meio de abstrações, ignorando as suas particularidades locais<sup>558</sup>. Indo de encontro a essa tendência, ele se propunha a

---

<sup>556</sup> TCHÉKHOV, 2009

<sup>557</sup> “A nossa ciência florestal, que avança lentamente, surgiu na Europa Ocidental, tendo sido criada pelos alemães. Mas o nosso conhecimento florestal, sem descartar a importância geral da ideia ocidental, buscará considerar as propriedades únicas das nossas florestas e do nosso país.” (BRAIN, 2011, p. 8).

<sup>558</sup> No século XIX, a “silvicultura moderna” era sinônimo de “silvicultura alemã”. De acordo com Brain, os acadêmicos alemães do período reinventaram esse ramo da ciência, com vistas à maximização da extração de madeira – necessária diante das condições particularidades da sua modernidade (que tentava compatibilizar as exigências do mercantilismo à indisponibilidade de colônias) – e por meio do desenvolvimento de técnicas que reduziam a floresta a termos matemáticos: “Foremost among them was

compreender o papel desempenhado pela composição taxonômica de uma floresta no maior ou menor grau de sucesso da implementação de técnicas de manejo: “forest biology has ignored the role of the particular and has not identified different ‘taxonomic’ or systematic communities, whose biology we must understand first of all”<sup>559</sup>. Em suma, Morozov buscava identificar os diferentes tipos de composição taxonômica das florestas russas e desenvolver técnicas específicas de manejo que permitissem a extração sustentável de madeira, propiciando a combinação entre a exploração econômica da mata e a sua regeneração<sup>560</sup>. Após um breve íterim no período que se seguiu à revolução, sua influência reemergiu nas décadas de 1930 e 1940, culminando nos debates acerca da implementação do Grande Plano para a Transformação da Natureza.

No início dos anos 1920, em meio às consequências produtivas e econômicas da Guerra Civil, as ideias de Morozov saíram de voga, pois os bolcheviques viram nas técnicas alemãs de silvicultura um caminho para o aumento da produtividade na indústria florestal. As limitações desse método, já apontadas por especialistas como Morozov, seriam compensadas pelo centralismo e pela capacidade de mobilização de recursos e de força de trabalho do novo governo, que possibilitariam a regeneração artificial das florestas. Essa perspectiva, alinhada às tendências do prometeanismo do período<sup>561</sup>, criava uma dinâmica curiosa entre os revolucionários e os silvicultores

---

the tendency to conceptualize the forest mathematically, to apply to the forest what had proven so fruitful to physics. The mercantilist and cameralist impulses of the era led German foresters to describe the forest in quantitative terms, then evaluate it from an economic perspective. Accordingly, German forestry abstracted the forest into a space filled with *Normalbäume* (idealized ‘normal trees,’ easy-to-calculate shapes based on conic equations), grouped into age classes with expected yields. Over time, the model took priority over reality, and forest managers came to advocate the removal of trees that did not resemble *Normalbäume* so that real forests would more closely resemble their model” (BRAIN, 2011, p. 13).

<sup>559</sup> “a biologia florestal ignorou o papel do particular, e não identificou diferentes comunidades ‘taxonômicas’ ou sistemáticas, cuja biologia devemos compreender antes de tudo” MOROZOV, O биогеографических основаниях лесоводства: (к вопросу о типах насаждений). — СПб.: Типография Санкт-Петербургского градоначальства, 1914, p. 14.

<sup>560</sup> BRAIN, 2011, p. 8.

<sup>561</sup> As considerações de Martins acerca da existência de um terreno fértil, surgido na Rússia tsarista, para o desenvolvimento do ideário prometeico ajudam a explicar as motivações por trás de certas querelas surgidas na esfera das ciências já no período soviético: “Os fortes preconceitos da generalidade do pensamento russo contra a teoria malthusiana da população e respectivas implicações foram herdadas pelo marxismo russo, o qual manifestou na sua maioria uma forte convicção pró-natalista, e por certo que até aos anos 50, e uma aversão a encarar os condicionalismos demográficos como limitativos [...] contribuindo assim para uma maior exorbitação do papel da tecnologia e pondo implicitamente em causa a idéia de que os ecossistemas naturais são substituíveis”. Ainda de acordo com Martins, o prometeísmo do período soviético teria adquirido um caráter cornucópico também por conta de seu desenvolvimento no “pano de fundo da atmosfera apocalíptica e quiliástica da Rússia das duas primeiras décadas do século” (MARTINS, p. 298). As concepções prometeicas se manifestavam, por exemplo, em célebres formulações de Górkí em Mitchurin, que afirmavam, respectivamente, que [“Man, in changing nature,

remanescentes do período tsarista: estes, por advogarem a favor de técnicas inovadoras, baseadas nas particularidades do meio-ambiente russo, eram frequentemente considerados reacionários por aqueles que renovavam a aposta em técnicas que haviam sido hegemônicas sob a velha ordem, e que eram consideradas pelos silvicultores como ultrapassadas, inadequadamente importadas e desmedidamente extrativistas<sup>562</sup>. Nos termos de Brain, o debate soviético acerca do tema nos anos 1920:

came to mirror innumerable other clashes between intellectuals of the tsarist era and younger radical communists, although with one crucial difference: in the forestry debate, Europe represented the progressive force. In most other intellectual conflicts of the 1920s, older intellectuals were charged with “spreading ideologically dangerous doctrines of Western origin among Soviet youth” [...] In the contest for control of forest management, however, the roles were reversed<sup>563</sup>

Em outras palavras, a silvicultura soviética estava cindida entre o impulso de modernização das florestas, consubstanciado por meio de técnicas do século XIX, e a inclinação à conservação, que se apoiava na inovação. Tal divisão encontrou reflexos institucionais a partir da distinção estabelecida ainda no início da década de 1920 entre *gerenciamento* florestal e *indústria* florestal: a atividade de cultivo das matas passou a ser considerada uma atividade agrícola, desenvolvida, portanto, sob a responsabilidade do Comissariado Popular da Agricultura, ou Narkomzem, enquanto a extração e o processamento de madeira passaram a ser considerados atividades industriais, realizadas

---

changes himself”] e que [“We cannot wait for kindnesses from nature; our task is to wrest them from her”].

<sup>562</sup> De acordo com Brain, o debate soviético acerca do tema nos anos 1920 “came to mirror innumerable other clashes between intellectuals of the tsarist era and younger radical communists, although with one crucial difference: in the forestry debate, Europe represented the progressive force. In most other intellectual conflicts of the 1920s, older intellectuals were charged with ‘spreading ideologically dangerous doctrines of Western origin among Soviet youth’ or with promoting ‘bourgeois pessimism and fatalism about the future’. Especially in arguments related to economic production, experts were frequently accused of citing European methods in order to undermine Soviet industrial progress. In the contest for control of forest management, however, the roles were reversed: reformers, with their allies in the industrial bureaus, agitated in favor of the adoption of German methods that deemphasized local variation so as to increase output, while their opponents, who hoped to retain (and strengthen) forest laws that recognized the uniqueness of Russian conditions, were accused of obstructionism. (BRAIN, 2011, p. 86-87)

<sup>563</sup> “espelhava inúmeros outros embates entre intelectuais da era tsarista e jovens comunistas radicais, mas com uma diferença crucial: no debate florestal, a Europa representava a força progressiva. Na maioria dos outros conflitos intelectuais dos anos 1920, os intelectuais mais velhos eram acusados de ‘disseminar doutrinas ideologicamente perigosas de origem ocidental perante a juventude soviética’ [...] Na disputa pelo controle do gerenciamento florestal, no entanto, os papéis eram inversos” (BRAIN, 2011, p. 86-87)

sob o comando do Conselho Supremo da Economia Nacional, ou VSNKh. Sob essa dinâmica, portanto, dois órgãos burocráticos com objetivos diametralmente opostos disputavam o controle sobre as florestas: o VSNKh enviava ao Narkomzem suas crescentes estimativas quanto ao volume de madeira necessário ao desenvolvimento das atividades industriais, enquanto o Narkomzem determinava os limites máximos de desmatamento permitidos.

Todavia, a abordagem adotada inicialmente pelo novo governo em relação à silvicultura não se mostrou frutífera, sendo submetida a profunda revisão após o fim da Guerra Civil, em 1921. A partir de então, com a instituição da NEP, os bolcheviques adotaram um novo conjunto de políticas florestais e, sob a nova diretiva, o Narkomzem reabriu de forma ampla as suas portas aos silvicultores do período pré-revolucionário, fazendo com que as ideias de Morozov retornassem à ordem do dia<sup>564</sup>. Dessa forma, os conservacionistas galgaram os degraus da burocracia e se transformaram na força hegemônica no Narkomzem, que – em um movimento que muito desagradava aos industrialistas – se mostrava cada vez mais dominante em relação ao VSNKh. Menos de uma década mais tarde, todavia, os industrialistas e os partidários do prometeísmo veriam surgir uma nova oportunidade de concretização de seus desígnios, por ocasião da Grande Virada, que resultaria no abandono da NEP e na ascensão de uma política econômica voltada à coletivização e à industrialização aceleradas.

A escala do desenvolvimento industrial objetivada pelo primeiro Plano Quinquenal exigia quantidades exorbitantes de madeira, a ser utilizada como lenha e como material de construção. Neste contexto, os industrialistas “lobbied for and won complete control of the forest, chased their opponents from their jobs, imported and installed a completely new and untested forestry theory, and succeeded in making assertions of biological limitations on economic growth politically untenable”<sup>565</sup>.

As principais teorias que fundamentariam a silvicultura do período foram elaboradas por Serguei Bogoslovski, um acadêmico e representante do prometeísmo oriundo do Instituto Florestal de Leningrado. De acordo com Bogoslovski, os problemas enfrentados pelo gerenciamento florestal russo não seriam fruto da excessiva influência das técnicas germânicas, como argumentara Morozov, mas da falta de rigor em sua

---

<sup>564</sup> BRAIN, 2011, p. 67.

<sup>565</sup> “buscaram e obtiveram o controle florestal completo, removeram seus oponentes de seus trabalhos, importaram e implementaram uma teoria florestal completamente nova e nunca antes testada, e obtiveram sucesso em tornar politicamente impossíveis as afirmações sobre limitações biológicas ao crescimento econômico” (BRAIN, 2011, p. 80-81).

aplicação. Neste sentido, as técnicas pré-revolucionárias de manejo das florestas não apenas voltaram a ser utilizadas, como também foram aprofundadas: adotou-se a partir de então um novo desenvolvimento da metodologia alemã, que considerava sustentável não mais a exploração de uma determinada parcela de cada floresta, mas sim de uma determinada parcela da área verde total do país. Com isso, imensas extensões siberianas, cuja exploração era inviável, poderiam ser incluídas no cálculo de áreas desflorestáveis, resultando na permissão de exploração da quase totalidade de muitas matas do território ocidental do país. Críticos das noções preconizadas por Bogoslovski eram taxados por este como dogmáticos e conservadores, fato que indica que os debates travados no campo da silvicultura não eram imunes à ascensão da forma de argumentação polêmica descrita por Krementsov – como aponta Brain, “it was becoming sufficient, even in scientific circles, to label an opponent's idea as reactionary to gain the upper hand in a debate”<sup>566</sup> –, e a filosofia alemã novamente se tornou hegemônica na silvicultura soviética.

Entre 1929 e 1930, o papel do Narkomzem no gerenciamento florestal foi suprimido, e o VSNKh tornou-se responsável pelo planejamento e regulação sobre as florestas soviéticas, o que resultou em uma acentuada expansão nas quotas de extração de madeira.

Em poucos anos, o governo foi confrontado com as consequências do extrativismo desmedido empreendido pelos industrialistas sob a supervisão do VSNKh: enchentes, secas, desequilíbrios hidrológicos de toda sorte, e colheitas decepcionantes tornaram-se cada vez mais graves e frequentes. Com isso, e cedendo aos argumentos conservacionistas de que a remoção da cobertura florestal tornaria insustentável o intenso desenvolvimento econômico e a efetiva modernização do país objetivados com o Plano Quinquenal<sup>567</sup>, “Stalin's government reversed course and in the 1930s and 1940s set aside ever larger tracts of Russia's most valuable forests as preserves, off-limits to industrial exploitation”<sup>568</sup>. Seriam essas as políticas que culminariam, na segunda metade da década de 1940, no Grande Plano para a Transformação da Natureza.

---

<sup>566</sup> “até mesmo nos círculos científicos, estava se tornando suficiente rotular a ideia de um oponente como reacionária para ganhar vantagem em um debate” (BRAIN, 2011, p. 85).

<sup>567</sup> Os conservacionistas argumentavam, por exemplo, que o desmatamento resultaria no assoreamento dos rios, reduzindo drasticamente a produtividade e o tempo de vida útil das usinas hidroelétricas.

<sup>568</sup> “o governo Stalin reverteu a tendência e, nos anos 1930 e 1940, transformou áreas florestais valiosas e cada vez maiores em reservas, protegidas da exploração industrial” (BRAIN, 2011, p. 116).

Instituído em 1948, o Grande Plano consistia em um inédito programa estatal de reversão das mudanças climáticas decorrentes do desmatamento e do processo de industrialização, tendo como horizonte a construção de canais de irrigação e a plantação de grandes cinturões florestais na estepe da URSS meridional. Nos termos do decreto, o Grande Plano seria supervisionado pela recém-criada GUPL, uma organização técnica constituída por especialistas em ecologia de vertentes diversas, incluindo discípulos de Morozov.

Os objetivos iniciais do Grande Plano não estavam, evidentemente, alinhados aos desígnios do prometeísmo. Pelo contrário, estavam em consonância com os ideais da tecnocracia conservacionista, especialmente por seu intuito de retroceder as matas russas a uma versão algo idealizada de um estágio histórico anterior – a GUPL, afinal, contava com diversos tecnocratas em suas fileiras, que tinham como horizonte não a completa reorganização do mundo natural por meio da ciência, mas o conservacionismo e a exploração sustentável.

Logo, no entanto, o Grande Plano chamou a atenção de Lysenko, que articulou junto a seus aliados a bem-sucedida tomada de controle da GUPL. A partir de então, o objetivo do Grande Plano passou a não mais se limitar à regulação do fluxo hidrológico afetado pelo avanço industrial, mas a abranger a alteração do clima de todo o país: por meio da criação de oito gigantescos quebra-ventos capazes de interromper os cursos de ventos secos provenientes da Ásia Central – totalizando 5,7 milhões de hectares de nova floresta, área equivalente a cerca de quarenta vezes a cidade de São Paulo –, o Grande Plano tornaria o ambiente do sul do país fresco e úmido, semelhante ao de Moscou<sup>569</sup>. Tratou-se, deste modo, de uma nova investida do prometeísmo sobre o gerenciamento florestal, após derrotas em suas disputas anteriores com os tecnocratas conservacionistas: a primeira ocorrera nos anos 1920, quando Bogoslovski viu cair por terra a sua tese de que a exploração sustentável das florestas seria uma forma obsoleta de trabalho; a segunda, na década de 1930, quando os tecnocratas convenceram o governo de que o crescimento econômico seria inviável sem a proteção ao sistema hidrológico do país. Assim, o Grande Plano, levado a cabo em um período de relativa estabilidade nas ciências soviéticas, representava uma então incomum oportunidade de provar que a natureza poderia ser guiada a servir os arbítrios humanos<sup>570</sup>.

---

<sup>569</sup> BRAIN, 2011, p. 148.

<sup>570</sup> De acordo com Brain, a partir dos anos 1930, as ciências soviéticas em geral – assim como outros campos do pensamento –, afastaram-se do experimentalismo radical do início da era revolucionária,

Em agosto de 1948, Lysenko foi nomeado para o conselho técnico-científico da GUGL, e seu fiel discípulo Evgueni Tchkmenev tornou-se diretor da organização. As qualificações do cientista para o cargo eram escassas: ele não havia tido qualquer participação nos esforços de florestamento dos anos 1930 e 1940, e sequer havia publicado escritos acerca da biologia das árvores antes de 1948<sup>571</sup>. Por outro lado, pesou a favor da ascensão do grupo de Lysenko o estado de desordem vigente nos primeiros anos da implementação do projeto. No período, era comum que as fazendas coletivas, responsáveis pelo grosso da execução do Grande Plano, recebessem apenas decretos descritivos da tarefa a ser concretizada, mas nenhum direcionamento quanto ao modo com que isso deveria ser feito: um colcoz de Kursk, por exemplo, foi instruído a plantar “cinco hectares de quebra-ventos, quatro hectares de florestas em ravinas, criar um viveiro de árvores de 1,5 hectare, construir dois lagos, cultivar 50.000 mudas, e preparar noventa quilos de bolotas”<sup>572</sup>, mas a ausência de instruções mais detalhadas impediu qualquer andamento das operações. Quando eram enviadas, as prescrições sobre o modo de plantio eram consideradas excessivamente complexas e comumente não eram observadas. Conseqüentemente, na primavera de 1949, foram plantados apenas 43% da nova cobertura vegetal planejada – e mesmo essa área era afetada pelo plantio inadequado, pelas infestações de ervas daninhas e pela insuficiência de manutenção. Lysenko detectou nesse revés inicial a oportunidade de oferecer soluções simplistas, que apeteriam tanto a setores das autoridades políticas quanto dos agricultores.

O rudimentar método sugerido por Lysenko para a criação de cinturões verdes é ilustrativo de suas inclinações ao prometeanismo e ao esgarçamento do método científico. Partindo de experimentos envolvendo o dente-de-leão russo, Lysenko propôs uma revisão da teoria darwiniana da competição das espécies: se era verdade que representantes de espécies diferentes de plantas competiam entre si pelos recursos do ambiente, também seria observável a cooperação intraespecífica. Disso adveio o “método do ninho”.

Se dispostos em forma de ninho, argumentava Lysenko, membros de uma mesma espécie vegetal trabalhariam em conjunto para afastar ervas daninhas, e

---

passando a gravitar mais em torno da ideia de estabilidade do que do vanguardismo. Como aponta Pollock, “even as Stalin dictated fundamental truths, he gradually came to accept scientists' authority to ascertain laws that were beyond human ability to create or control” (POLLOCK, p. 222). As ciências biológicas, no entanto, adentraram o campo de um vanguardismo distorcido, especialmente por conta da enorme influência exercida por Lysenko.

<sup>571</sup> WEINER, “Little Corner of Freedom”, p. 89 e BRAIN, p. 151.

<sup>572</sup> BRAIN, 2011, p. 155.



posteriormente se uniriam em sacrifício, reunindo a energia do grupo em um único broto escolhido para prosperar. Além disso, plantas domesticadas – como trigo de inverno, aveia, cevada, girassol, linho, batata e alfafa – poderiam ser dispostas ao redor da espécie principal, servindo de guarda contra invasoras não domesticadas<sup>573</sup>. A implicação contida no método é a de que a natureza poderia ser levada a, conscientemente, servir às vontades humanas – nos termos de Brain, “Many have stressed the absurdity of Lysenko's ideas regarding self-selection and its implications of plant consciousness”<sup>574</sup>. Essa conclusão, baseada no aumento da taxa de sobrevivência de culturas mais densas do dente-de-leão russo, foi extrapolada para todas as espécies vegetais, e serviu de base para as prescrições feitas pela GUPPL quanto ao plantio de árvores na estepe russa – brotos de carvalho, por exemplo, deveriam ser plantados em grupos de cinco, um exemplar central cercado por quatro outros, que protegeriam o primeiro das intempéries e de ervas daninhas, e que mais tarde lhe doariam a sua energia vital.

Subjacente a quaisquer noções acerca da consciência e do coletivismo vegetal, no entanto, estava a ideia de que seria possível concretizar a hercúlea tarefa de florestamento proposta no Grande Plano por meio da utilização de uma fração do volume de trabalho e de recursos financeiros inicialmente projetados. Isso porque, de acordo com Lysenko, se dispostos em “ninho”, os novos brotos que constituiriam a cobertura verde da estepe praticamente não exigiriam trabalho de manutenção.

Apesar da ausência de comprovação sólida de sua eficiência, a simplicidade e as supostas vantagens decorrentes do método tornaram-no bastante atraente, o que facilitou a consolidação da influência de Lysenko sobre o Grande Plano e levou à adoção do plantio em ninhos em larga escala.

Em última análise, no entanto, a mesma porção das prescrições de Lysenko que facilitou o seu domínio sobre a GUPPL foi a responsável por uma série de revezes na implementação do Grande Plano: se o plantio em forma de ninho era um capricho inofensivo, ainda que perdulário – os menores brotos de carvalho definhariam por conta da competição por recursos, mas ao menos o maior broto de cada ninho cresceria normalmente –, a ideia de que as jovens florestas poderiam se desenvolver sem supervisão resultou em um monumental desperdício de recursos e esforço humano. De

---

<sup>573</sup> LYSENKO, p. 7.

<sup>574</sup> “muitas pessoas ressaltaram o absurdo das ideias de Lysenko com relação a auto-seleção e as implicações disso quanto a uma consciência vegetal” (BRAIN, 2011, p. 153).

acordo com Vassili Koldanov, vice-ministro do Minleskhoz (Министерство лесного хозяйства, ou Ministério do Gerenciamento das Florestas) metade dos cinturões florestais plantados entre 1949 e 1953 encontravam-se degradados em 1954. Além disso, uma pesquisa realizada em Rostov em 1952 demonstrou que dentre as florestas plantadas na província por meio do uso do método do ninho, apenas 5,5% haviam sobrevivido<sup>575</sup>.

Os resultados desalentadores e a crescente pressão dos tecnocratas conservacionistas deram ensejo a uma incipiente reconsideração por parte das lideranças partidárias quanto às ideias de Lysenko. Em 1953, contudo, antes que uma reversão pudesse ser efetivada, a morte de Stalin decretou o efetivo encerramento do Grande Plano, pois seus sucessores optaram por redirecionar esforços e recursos a outros projetos.

Apesar de Lysenko e seus esforços prometeanos em aprimorar a natureza, tomando dela tudo o que se apresentasse como necessário aos interesses humanos, o Grande Plano produziu resultados positivos. Em quatro anos, duzentos mil hectares de floresta foram plantados, e a produtividade das colheitas da região foi positivamente afetada.<sup>576</sup>

Evidentemente, as façanhas protagonizadas por Lysenko não passavam despercebidas, e ganharam corpo em meio a comunidade científica soviética, especialmente a partir da década de 1940, as críticas ao seu trabalho e modus operandi.

Em um cenário de desenvolvimento científico acelerado – o domínio sobre a tecnologia atômica e a conquista do vôo espacial, na URSS, e o avanço das pesquisas genéticas, no cenário internacional – crescia o sentimento de que o virtual monopólio exercido por Lysenko sobre as ciências biológicas havia, ao longo de décadas, causado danos incalculáveis. Em outubro de 1955, um conjunto de duzentos e noventa e sete cientistas de diversas áreas do conhecimento enviou ao Presidium do Comitê Central do PCUS uma carta contendo críticas ao estado das ciências biológicas na URSS e, particularmente, às práticas e crenças de Lysenko. A correspondência, que ficaria conhecida como Carta dos Trezentos, levou à queda de Lysenko da presidência da VASKhNIL, e de diversos de seus aliados de posições de destaque no sistema científico soviético. Uma década mais tarde, no ano de 1965, em um contexto social, político e científico bastante diverso daquele em que prosperara, e à míngua do tipo de contato

---

<sup>575</sup> BRAIN, 2011, p. 155.

<sup>576</sup> BRAIN, 2011, p. 165

peçoal entre as lideranças partidárias de que gozara no passado, Lysenko foi definitivamente denunciado pela comunidade científica como uma fraude e exposto publicamente como o causador de grandes retrocessos na agricultura e na biologia soviéticas<sup>577</sup>. Mais do que isso, ele foi apontado como o principal responsável pela perseguição perpetrada contra muitos dos mais brilhantes geneticistas do país, como Vavilov<sup>578</sup>. A partir de então, o termo “lysenkoísmo” tornou-se um sinônimo de pseudo-ciência e charlatanismo, tanto na URSS quanto no restante do globo.

Vemos, deste modo, que em meados dos anos 1960, período da composição e publicação de *Понедельник начинается в субботу*, as discussões sobre Lysenko já não se limitavam aos círculos científicos – aos quais os Strugátski possuíam acesso –, mas começavam a alcançar o público. Como aponta Joravsky, em 1964 “The press was filled with anti-Lysenkoite articles and appeals for the restoration of fully autonomous, rigorously scientific methods in all fields of biology and agricultural science. The trickle of Lysenkoites who had been deserting their cause became a flood”<sup>579</sup>. Tal inflexão resultou em alterações no currículo escolar e nos periódicos de divulgação científica, e não tardou a encontrar reflexo na literatura mais inclinada a tematizar a esfera das ciências.

Avatar de Lysenko em *Понедельник начинается в субботу*, Vibegallo é descrito por Privalov como um acadêmico de conhecimentos extremamente limitados, um pseudo-cientista e um demagogo que navega a cúpula da esfera científica graças à autopromoção midiática, à instrumentalização do léxico “ideologicamente correto” e de sua influência política. Dono de uma barba cinzenta desgrenhada e de um corte de cabelo à tigela – que convenientemente oculta suas orelhas –, ele veste botas de feltro com solas de couro e um casaco de peles de odor peculiar. Suas frases são pontuadas por termos franceses mal colocados e pronunciados, emprestados das falas de Anna Pavlovna Scherer, de Anna Kariênina<sup>580</sup>, e quaisquer questionamentos à sua atuação no

---

<sup>577</sup> JORAVSKY, p. 184.

<sup>578</sup> Ainda assim, mesmo nos anos 1970 Lysenko sustentava a persona que havia garantido a meteórica ascensão de sua carreira, se apresentando como um humilde agrônomo camponês e afirmando não ter sido responsável por qualquer perseguição a opositores – seu argumento era o de que havia apenas se misturado em querelas metodológicas com os geneticistas soviéticos. Nessa caracterização, Lysenko omitia o fato de ter, ao longo da década de 1930, denunciado diversos acadêmicos como contrarrevolucionários e infiltrados burgueses. (GRAHAM, p. 74)

<sup>579</sup> “a imprensa estava repleta de artigos anti-Lysenko, e de apelos pela restauração de métodos autônomos e rigorosamente científicos em todos os campos das ciências biológicas e agrícolas. O número de apoiadores de Lysenko que abandonaram a causa logo explodiu.” JORAVSKY, p. 182.

<sup>580</sup> Андрей Кашкаров — Приобщение к чтению: инновации для родителя, инструментарий библиотекаря, Litres, 2018, p.10.

instituto são rebatidas com a lembrança de que ele havia sido preso durante o regime tsarista. Mais importante do que isso, Vibegallo não se furta de promover suas ideias simplórias “размахивая томами классиков, из которых с неопикуемым простодушнем выдирает с кровью цитаты, нещадно опуская и вымарывая все, что ему не подходило”<sup>581</sup>, constitutivas de um trabalho que “можно было бы смело назвать евгеникой, но никто ее так не называл – боялись связываться”<sup>582</sup>.

Vibegallo é, ainda, um administrador de capacidade questionável, cujos subordinados mostram-se avessos ao trabalho:

Странный это был отдел. Лозунг у них был такой: «познание бесконечности требует бесконечного времени». С этим я не спорил, но они делали из этого неожиданный вывод: «А потому работай не работай - все едино». И в интересах неувеличения энтропии Вселенной они не работали. По крайней мере, большинство из них.<sup>583</sup>

O trabalho da fração produtiva dos mago-cientistas do Departamento do Conhecimento Absoluto consiste em “dividir zero por zero” e em sair constantemente em excursões de pesquisa, das quais retornavam cheios de ânimo e muito bem nutridos, de modo que imediatamente tiravam licença de trabalho por motivos de saúde.

As conexões entre Vibegallo e Lysenko são estabelecidas pelos autores por meio do humor. É assim que a contraposição do segundo às ideias mendelianas traduz-se textualmente em tentativas intermináveis empreendidas por funcionários do instituto no intuito de controlar as pestes que habitam um de seus depósitos, que resultam inevitavelmente em desastre por incompreensão dos fundamentos da seleção genética:

He doused them with turpentine and creosote, dusted them with powder, sprayed them with hexachloroethane. They died by the thousands and pro-created by the tens of thousands. They mutated, and talking and singing variants appeared among them, while the

---

<sup>581</sup> “agitando exemplares dos clássicos, dos quais, com indescritível parvonice, arrancava citações, omitindo e extirpando tudo o que não lhe era conveniente”. (p.113)

<sup>582</sup> “certamente poderia ser chamado de eugenia, ainda que ninguém o fizesse, por medo das consequências”. (p.113)

<sup>583</sup> “Era um departamento estranho. O seu slogan era: “a cognição do infinito exige tempo infinito”. Eu não tinha problemas com a premissa, mas a conclusão que eles retiravam dela era inesperada: “assim, não há diferença entre trabalhar ou não trabalhar”. E de modo a não aumentar a entropia do universo, eles não trabalhavam. Ao menos em sua maioria.”

descendants of the more ancient breeds now subsisted surely on pyrethrins<sup>584</sup>

A pesquisa central de Vibegallo orbita em torno da criação de um modelo humano ideal, em três etapas: o homem totalmente insatisfeito, o homem estomacalmente insatisfeito, e o homem totalmente satisfeito. O primeiro deles emerge da autoclave do laboratório como uma “miserable creature, covered like Job with boils, half decomposed, tortured with all the known and unknown ailments, suffering from heat and cold simultaneously”<sup>585</sup>, preenche os corredores do Instituto com suas lamúrias indistintas e logo expira. Com base no hediondo experimento, Vibegallo infere, com grande presunção, que “if a man was not fed and given water, was not doctored, then he could be considered to be unhappy – and might even die”<sup>586</sup>.

O segundo modelo – referido também como *cadáver* – manifesta-se durante a vigília de ano novo, pouco após Privalov se dar conta da presença dos diligentes cientistas no Instituto. Logo aparece, o “cadáver”, de aparência idêntica à de seu criador, passa a devorar porções obscenas de farelo, pão e leite, especialmente reservadas para aplacar o seu apetite. Após engolir o último pedaço de pão, no entanto, o “homem estomacalmente insatisfeito” segue faminto, e volta o seu olhar à multidão de curiosos:

The cadaver reached into the tub, pulled out the tray, looked over on all sides, and bit at its edge. His eyebrows rose in pain. He bit another piece out and crunched on it. His face turned blue [...] his eyes watered, but he kept biting time after time until he had chewed up the whole tray. For a minute he sat in thought, fingering his teeth, then he slid his gaze slowly over the stilled crowd. It was not a nice gaze; it was somehow evaluative and selective.<sup>587</sup>

---

<sup>584</sup> “Ele as cobria de aguarrás e creosoto, lançava sobre elas pó e hexacloretano. Elas morriam aos milhares e procriavam às dezenas de milhares. Elas mutavam, e variedades falantes e cantantes surgiam, enquanto descendentes das cepas mais antigas agora subsistiam exclusivamente à base de pirtrinas”.

<sup>585</sup> “criatura miserável, coberta de escaras como Jó, meio decomposta, acometida de todas as doenças conhecidas e desconhecidas, que sofria com o frio e o calor simultaneamente”

<sup>586</sup> “se um homem não for alimentado ou tiver saciada a sua sede, não tiver assistência, então ele pode ser considerado infeliz, e pode até mesmo morrer”

<sup>587</sup> “O cadáver sondou o tubo, puxou e examinou a bandeja, e mordeu uma de suas bordas. Suas sobranceiras se ergueram com a dor. Ele mordeu e mastigou outro pedaço. Seu rosto ficou azul [...] seus olhos lacrimejaram, mas ele continuou a morder até ter engolido toda a bandeja. Por um minuto ele ficou pensativo, cutucando os dentes. Então o seu olhar lentamente se moveu em direção à multidão imóvel. Não era um olhar benigno, mas um olhar de avaliação e seleção.”

Neste momento, respondendo aos insistentes chamados dos presentes, surge à porta Vibegallo, exalando vodca e coberto de gelo. O professor, que mesmo na iminência da eclosão de um de seus experimentos não trocara os festejos pelo laboratório, vem acompanhado de dois repórteres do jornal local, igualmente recedentes<sup>588</sup>. Quando o “cadáver” interrompe a sua comilança momentaneamente, Vibegallo providencia uma breve sessão fotográfica ao lado de sua criação, e então compartilha suas meditações com os jornalistas, valendo-se do jargão pseudo-marxista:

The most important thing is that man should be happy [...] We have here a metaphysical transformation from unhappiness to happiness, and this does not surprise us, since people are not born happy, but, I mean, that is, they become happy. Here it is waking up.. it desires. For this reason it is temporarily unhappy. But it is able, and through this, dialectic jump occurs. [...] There you are. Now it has been able to move dialectically into the region of happiness. To the realm of satisfaction, that is. Comrade ((Perspicaciov)), write down everything I say and then let me have a look at it. I'll smooth it out and add references.<sup>589</sup>

Em seu discurso demagógico, Vibegallo argumenta que a emancipação espiritual e o desenvolvimento humano poderiam ser alcançados por meio da satisfação dos anseios materiais. Nessas divagações filosóficas, a caracterização de Vibegallo como um moderno prometeico fica particularmente evidente, assim como a ambiguidade de sua criação, simultaneamente um “novo homem” e o consumidor definitivo:

We have here the universal consumer who desires everything and, correspondingly, is capable of everything. He has in him all the needs that exist in our world. And he is capable of satisfying all of them.

---

<sup>588</sup> A notoriedade de Vibegallo, que supera em muito a de mago-cientistas sérios, é em grande parte devida aos seus contatos nos veículos de imprensa: “almost no one heard of Oira-Oira, while everyone was fully informed about Professor Vibegallo [...] This had come about because only two or three hundred people on this entire globe were capable of grasping Oira-Oira's ideas [...] The classic work of Vibegallo, *Fundamentals of Production Technology of Auto-attiring Footwear*, on the other hand, which was stuffed with demagogic prattling, made quite an impact at one time due to B. Pupilov's efforts (Later, it became evident that auto-attiring shoes cost more than a motorcycle and were sensitive to dust and humidity.)” (p.90)

<sup>589</sup> “O mais importante é que o homem seja feliz [...] Temos aqui uma transformação metafísica da felicidade para a felicidade, e isso não nos surpreende, pois as pessoas não nascem felizes, mas, isto é, ou seja, elas se tornam felizes. Aqui ele está acordando... ele tem desejos. Por isso ele está temporariamente infeliz. Mas ele é capaz, e assim ocorre o salto dialético [...] Aí está. Agora ele foi capaz de se mover dialeticamente para a região da felicidade. Para a zona da satisfação. Camarada Perpicaciov, escreva tudo o que digo e então me deixe dar uma olhada. Eu vou revisar e adicionar referências.”

With the help of our science, of course. I am elucidating for the press. The universal consumer model, enclosed in this autoclave — or as we say, here in the auto-locker — has unlimited desires [...] it desires such things as we cannot even conceive of. And it won't wait for a gift from nature. It will take from nature all that it needs for its complete happiness, which is its satiation<sup>590</sup>

A essa altura, Roman Oira Oira questiona Vibegallo, levantando a razoável dúvida quanto ao que ocorreria após o cadáver ter consumido tudo. A resposta de Vibegallo remete ao mais infinito prometeísmo, e é marcada não apenas pelo tom polêmico de argumentação científica, mas de denúncia de um suposto rival profissional e político:

I request that everyone present here note this provocative question, which stinks of Malthusianism, neo-Malthusianism, pragmatism, existentialism, and a lack of faith, comrades, in the inexhaustible might of mankind. What are you trying to say with your question, comrade Oira-Oira? That in the future of our scientific organization there will come a time of crisis, of regression, when our consumers will not have enough consumer products?<sup>591</sup>

O esotérico diagnóstico apresentado por Vibegallo quanto ao destino de seu segundo modelo, todavia, mostra-se incorreto, e os horrorizados presentes testemunham, ao invés de um salto dialético, a explosão do abdômen distendido da criatura. Mesmo coberto de entranhas, Vibegallo é capaz de declarar o sucesso do experimento e de censurar seus críticos pelo “ceticismo nocivo” e pela “falta de confiança nas forças da natureza e nas potencialidades do homem”. Os representantes da imprensa, igualmente cobertos de dejetos, não demoram a iniciar a escrita de artigos elogiosos.

---

<sup>590</sup> “Temos aqui um consumidor universal, que tudo deseja e, de modo correspondente, é capaz de tudo. Ele tem em si todas as necessidades existentes em nosso mundo. E é capaz de satisfazer todas elas. Com a ajuda da nossa ciência, é claro. Estou esclarecendo para a imprensa. O modelo do consumidor universal, contido nessa autoclave, possui desejos ilimitados [...] ele deseja coisas que nós sequer imaginamos. E ele não vai esperar por presentes da natureza. Ele vai tomar da natureza tudo o que precisa para a sua felicidade completa, que é a saciedade.”

<sup>591</sup> “Eu requeiro que todos os presentes se atentem a essa pergunta provocativa, que fede a malthusianismo, neo-malthusianismo, pragmatismo, existencialismo e falta de fé, camaradas, no poder infinito da humanidade. O que você está querendo dizer, camarada Oira-Oira? Que no futuro da nossa organização científica haverá um período de crise, de regressão, no qual os nossos consumidores não terão produtos de consumo suficientes?”

Após os transtornos causados pelo segundo modelo, e em vista do seu ainda maior potencial destrutivo, o terceiro cadáver de Vibegallo – segundo este, um “colosso espiritual”<sup>592</sup>, cujos desejos materiais seriam aplacados de pronto por meio da feitiçaria – tem o seu local de nascimento transferido do Instituto para um local quinze quilômetros distante da cidade. Uma multidão de pesquisadores e curiosos aglomera-se em trincheiras e atrás de escudos blindados para testemunhar o surgimento do humano ideal. Ao contrário do planejado por Vibegallo, todavia, o recém-nascido “homem totalmente satisfeito” não mostra qualquer interesse em seu próprio desenvolvimento espiritual, afanando instantaneamente todos os bens materiais disponíveis: relógios, obturações de platina, anéis, braceletes, cofres e até mesmo alguns Moskvitch. Em seguida, a criatura – que se revela não o homem ideal, mas o consumidor perfeito – tenta dobrar o espaço e interromper o avanço do tempo, de modo a se tornar onipotente. Antes que a catástrofe se concretize, no entanto, Roman Oira-Oira lança um gênio da lâmpada sobre o colosso, que acaba consumido em uma espiral flamejante.

Neste sentido, o professor Vibegallo dos Strugátski aparece não apenas como mero “duplo” de Lysenko, mas como um arquetípico pseudo-cientista que galga os degraus da academia e logra o apoio da imprensa por sua habilidade política e pela instrumentalização do discurso político corrente. Os modelos desenvolvidos pelo professor, por um lado, remetem ao Моральный кодекс строителя коммунизма<sup>593</sup>, que nos anos 1960 era associado ao surgimento do *novo homem soviético*, que surgiria com a reprodução, no humano, do novo sistema sócio-econômico, a partir da satisfação de necessidades materiais e espirituais. Por outro lado, o impulso que move as críticas de Privalov e seus colegas aos modelos desenvolvidos por Vibegallo coadunam com as políticas soviéticas de denúncia do modo de vida consumista do mundo capitalista:

While it desired to stuff itself, it couldn't care less about its spiritual world [...] Having satisfied its hunger, it ignored its spiritual self, because it went limp and temporarily did not desire anything at all.<sup>594</sup>

Isto é, de acordo com os jovens pesquisadores do Instituto, a criatura não é um ser humano ideal, mas “um consumidor puro”.

---

<sup>592</sup> исполнил духа

<sup>593</sup> “O código moral do construtor do comunismo”.

<sup>594</sup> “Quando queria se empanturrar, não dava a mínima para o mundo espiritual [...] Após satisfazer a sua fome, ele passou a ignorar a dimensão espiritual pois amoleceu e temporariamente não queria mais nada”



Por meio da paródia e do estranhamento, portanto, os Strugátski o questionamento das instituições científicas soviéticas e do modo com que estas haviam se desenvolvido sob Lysenko.

### 3.1.3. *Piquenique à Beira da Estrada* (1972)

Em 1972, os irmãos Strugátski publicaram o seu romance mais conhecido, *Piquenique à Beira da Estrada*. O livro trata das repercussões da passagem de alienígenas pelo planeta Terra. Os visitantes pousam em seis localidades ao redor do globo e, sem encontrar nada digno de nota, partem rapidamente. A visita, contudo, deixa para trás uma série de resíduos: artefatos tecnológicos incompreensíveis para a humanidade que frequentemente se mostram mortíferos. A tecnologia alienígena imediatamente se torna extremamente valiosa para cientistas, governos, organizações militares e comerciais, a máfia e indivíduos particulares. Por conta disso e do perigo representado por estes locais, são criadas zonas de exclusão ao seu redor. Apenas indivíduos ousados, chamados de *stalkers*, invadem clandestinamente as *Zonas* no intuito de saquear e contrabandear artefatos alienígenas – ou ainda de buscar uma mítica esfera dourada, supostamente capaz de realizar o desejo mais sincero de uma pessoa. A visita alienígena é descrita por uma das personagens através da metáfora que dá título ao romance:

“Um piquenique. Imagine uma estrada no interior, uma clareira na mata, perto da estrada. O carro sai da estrada e vai até a clareira. Abrem-se as portas, e sai uma turma de jovens. Começam a tirar do porta-malas cestas com mantimentos, armam as tendas, acendem a fogueira. Churrasco, música, fotos... De manhã, eles vão embora. Animais, pássaros e insetos da floresta, que assistiram horrorizados àquele evento noturno, saem de seus esconderijos. E o que eles encontram? Manchas de óleo que pingou do radiador, uma lata com um pouco de gasolina, velas e filtros usados. Do lado, estão jogados os panos sujos de óleo, as lâmpadas queimadas, uma chave de fenda que alguém esqueceu na grama. Nos rastros deixados pelo carro sobrou um pouco de lama que veio grudada de algum brejo no caminho... E, claro, há cinzas de fogueira, restos de comida, embalagens de chocolate, latas e garrafas de bebida, guardanapos amassados, bitucas, um lenço perdido, um velho jornal rasgado, um canivete de bolso derrubado por alguém, moedas, flores murchas do campo vizinho...”<sup>595</sup>

---

<sup>595</sup>STRUGATSKI; STRUGATSKI, 2017.

Chama a atenção o fato de o livro ser caracterizado por diversos comentadores como uma descrição acurada do mundo soviético – Dmitri Bykov diz se tratar da “mais sincera e precisa obra dos Strugátski sobre o projeto soviético”; Alexei Yurchak afirma que “é amplamente sabido na Rússia que os Strugátski tencionaram criar com seu livro uma metáfora para a realidade” soviética<sup>596</sup> – ainda que muitos dos dados textuais não apontem imediatamente para esta direção: a narrativa se passa na pequena cidade de Harmont, presumivelmente localizada no Canadá, onde as personagens dirigem Peugeot e fazem referências explícitas à Rússia como um local distante. Em contrapartida, a caracterização do ambiente evidencia, em uma leitura mais atenta, a relação entre o *locus* da ação do romance e a União Soviética.

"É tudo verdade. Nossa cidadezinha é um buraco. Sempre foi e sempre será. Só que agora [...] este é um buraco para o futuro. E através dele iremos trazer para este mundo desgraçado as coisas que mudarão tudo. A vida será diferente, será justa. Cada um terá o que precisa. Eis o nosso buraco! Por este buraco passa o conhecimento. E quando tivermos conhecimento, todo mundo ficará rico; iremos às estrelas ou a qualquer outro lugar desejado. É assim que é o nosso buraco!"<sup>597</sup>

A metáfora é evidente: um local periférico que se permite sonhar o canal para um futuro imbuído de conhecimento, no qual a iniquidade material inexistente e o cosmos está ao alcance. Bykov argumenta que o espaço descrito pelos Strugátski “traduz muito precisamente toda a realidade soviética de seu tempo. Em primeiro lugar, trata-se de um local realmente desorganizado, no qual, por outro lado, estão dispersos os vestígios de uma grande vitória, de uma grande conquista, de grandiosos projetos não concretizados”<sup>598</sup>.

No interior dos limites de Harmont, encontramos a *Zona*, o dado mais intrigante do romance. Trata-se de um espaço bem delimitado, uma tentativa de contenção do inumano, de evitar que o *outro* se espalhe pelo cenário familiar.

Nos termos de Jameson, a *Zona* “é uma área mágica e incompreensível de espaço radicalmente outro”<sup>599</sup> e “é um museu de um tipo bastante diferente, cujos objetos não

---

<sup>596</sup> YURCHAK, 2006, p.160.

<sup>597</sup> STRUGATSKI; STRUGATSKI, 2017, p.75.

<sup>598</sup> BYKOV, 2016

<sup>599</sup> JAMESON, 2005, p.73.

nos dizem nada sobre os visitantes alienígenas ou sua história, mas emitem poderosos sinais de pura alteridade”<sup>600</sup>.

Para Žižek, a *Zona* dos Strugátski “não é um espaço mental puramente fantasmático no qual a pessoa encontra (ou no qual a pessoa projeta) a verdade sobre si, mas [...] a presença material, o Real de uma alteridade absoluta”<sup>601</sup>.

Insondável e alienígena, ela existe no interior de Harmont. Assim, representa um espaço *externo* e *interno*, cujo surgimento transforma a cidade de diversas maneiras – após emigrarem, aqueles que habitavam Harmont no momento da visita causam uma série de fenômenos inexplicáveis;<sup>602</sup> os filhos daqueles que visitam a *Zona* não nascem inteiramente humanos<sup>603</sup> e tornam-se incapazes de se comunicar com as pessoas;<sup>604</sup> os mortos sepultados em um cemitério localizado no interior dela voltam à vida.<sup>605</sup>

De modo a melhor compreender o funcionamento do método representação da realidade neste romance, parece-nos fundamental investigar qual aspecto do real está sendo formulado na imagem da *Zona*.

Foucault<sup>606</sup> e Castel<sup>607</sup> demonstram que, nas sociedades da Europa ocidental dos séculos XV a XVII, a internação dos indesejados – loucos, pobres, prostitutas, ociosos, etc. – se deu como uma forma de controle, contenção e demarcação do local a ser ocupado por esses indivíduos, que não produziam, dentro da sociedade:

---

<sup>600</sup> JAMESON, 2005, p.100.

<sup>601</sup> ŽIŽEK, 1999

<sup>602</sup> “Mas eis que um deles decidiu emigrar. Um cidadão qualquer. Um cabeleireiro, filho e neto de cabeleireiros. Ele chega, digamos, a Detroit. Abre um salão, e aí começa uma loucura diabólica. Mais de noventa por cento de sua clientela morre no decorrer do ano: sofrem acidentes de carro, caem de janelas, morrem em assaltos e brigas, afogam-se em lugares rasos”. (STRUGATSKI; STRUGATSKI, 2017, p.219.)

<sup>603</sup> “ele deu uma olhada no quarto. Monstrinho dormia despreocupadamente, o cobertor havia escorregado para o chão e a camisola havia se levantado de um lado, revelando um corpinho pequeno e esguio, igual ao de um bichinho adormecido. Redrick não conseguiu conter a ternura e acariciou suas costas cobertas por uma penugem dourada”. (STRUGATSKI; STRUGATSKI, 2017, p.120); “O senhor sabe que tipo de filhos têm os stalkers, e também sabe que o mesmo acontece com os próprios stalkers. Por quê? Onde está o fator mutagênico? Não há nenhuma radiação na *Zona*” (STRUGATSKI; STRUGATSKI, 2017, p.221).

<sup>604</sup> “– Ela já não entende quase nada – pronunciou Guta em voz baixa (...) – Um [médico] disse que ela não é mais humana”. (STRUGATSKI; STRUGATSKI, 2017, p.232).

<sup>605</sup> “Mal Redrick havia entrado no carro, o rapaz disparou a falar, contando que, naquela manhã, um cadáver do cemitério tinha aparecido andando pela sua rua. O morto-vivo, contava o taxista, foi para sua casa, que há anos estava vazia e tapada com tábuas, pois sua viúva, a filha com o marido e os netos tinham se mudado do lugar havia muito tempo. O próprio defunto, conforme os relatos dos vizinhos, tinha morrido havia já uns trinta anos, ainda antes da *Visitação*, e agora, ora essa, voltou para casa!”; “Aliás, seus defuntos têm uma característica muito curiosa: a viabilidade autônoma. Pode cortar a perna deles e continuarão andando... Não andando, é claro, mas vivendo. Separadamente.” (STRUGATSKI; STRUGATSKI, 2017, p.148;223).

<sup>606</sup> FOUCAULT, 2017

<sup>607</sup> CASTEL, 1978

“O asilo ocupou rigorosamente o lugar do leprosário na geografia dos lugares assombrados, bem como nas paisagens do universo moral. Retomaram-se os velhos ritos de excomunhão, mas no mundo da produção e do comércio. É nesses lugares da ociosidade maldita e condenada, nesse espaço inventado por uma sociedade que decifrava na lei do trabalho uma transcendência ética, que a loucura vai aparecer e rapidamente desenvolver-se ao ponto de anexá-los (...) A partir da era clássica e pela primeira vez, a loucura é percebida através de uma condenação ética da ociosidade e numa imanência social garantida pela comunidade de trabalho. Esta comunidade adquire um poder ético de divisão que lhe permite rejeitar, como num outro mundo, todas as formas de inutilidade social. É nesse outro mundo, delimitado pelos poderes sagrados do labor, que a loucura vai adquirir esse estatuto que lhe reconhecemos. Se existe na loucura clássica alguma coisa que fala de outro lugar e de outra coisa, não é porque o louco vem de um outro céu, o do insano, ostentando seus signos. É porque ele atravessa por conta própria as fronteiras da ordem burguesa, alienando-se fora dos limites sacros de sua ética”.<sup>608</sup>

Em certos períodos da URSS, os expedientes de internação e expulsão funcionaram, ao menos parcialmente, de modo análogo àquilo que Foucault chama de *A Grande Internação* ocorrida no mundo capitalista: aqueles que não produziam (do modo desejado) tornavam-se inconvenientes, figuras que não precisavam estar inseridas na sociedade. Nos anos 1930, pessoas cujos comportamentos eram considerados inadequados poderiam ser acusadas de participação em “atividades anti-soviéticas” e enviadas a campos de trabalho, prisões ou instituições psiquiátricas. Outras foram expulsas de universidades ou demitidas de seus empregos. A partir dos anos 1960 consagrou-se definitivamente a prática, por parte do Estado, de tratar indivíduos indesejados como pacientes psiquiátricos – tal prática é exemplificada pelo caso de Vladímir Dántchev, um radialista no Serviço Mundial da Rádio Moscou que, após denunciar a guerra soviética no Afeganistão durante uma transmissão em maio de 1983, foi internado em um hospital psiquiátrico.<sup>609</sup> Outro exemplo ilustrativo da patologização

---

<sup>608</sup> FOUCAULT, 2017, p.72-73.

<sup>609</sup> YURCHAK, 2006, p.125. Segundo seu então colega Vassíli Strélnikov, essa não foi a primeira ocasião em que Dántchev fez importantes alterações no texto que lia no ar em inglês (e que, portanto, não era imediatamente compreendido por muitos dos outros funcionários da estação de rádio), fato que já fora notado por membros da imprensa internacional, mas que passara despercebido pela administração

do ócio e da “inutilidade social” é o de Iósif Bródski. Em 1963, o poeta teve sua poesia denunciada como “pornográfica e anti-soviética”, e, acusado de parasitismo social, foi duas vezes internado em instituições mentais antes de ser condenado a passar dezoito meses em um campo de trabalhos forçados.

Nas últimas décadas do período soviético, contudo, essa tentativa de delimitação de um espaço para os indesejados e de rígido controle sobre a população por parte do Estado teve por consequência última e imprevista o surgimento de espaços culturais vibrantes que se localizavam simultaneamente no interior e no exterior do sistema soviético. De acordo com Alexei Yurchak, a *Zona* pode de fato ser interpretada como a representação dos espaços culturais surgidos na URSS durante a segunda metade do século XX como resultado da virada performativa.

Anteriormente, citamos alguns exemplos de surgimento de espaços culturais alternativos como resultado da virada performativa. Casos mais extremos são o clube de leitura do Palácio dos Pioneiros<sup>610</sup> e a “geração de varredores de rua e guardas noturnos”:

O Palácio dos Pioneiros, em São Petersburgo, tinha como objetivo anunciado preparar os jovens pioneiros para que estivessem sempre prontos para lutar pelos objetivos do PCUS e se tornassem interessados em atividades socialmente úteis. Ao mesmo tempo, muitos dos clubes educativos organizados no Palácio promoviam ativamente o raciocínio crítico e a independência de pensamento – o que estava perfeitamente em acordo com os valores socialistas –, e, como consequência, ensinavam esses jovens a questionar o discurso de autoridade. Isto se dava, em parte, porque o Palácio “atraía professores incomuns – entre eles os melhores escritores, músicos e historiadores – que trabalhavam lá não necessariamente por razões financeiras (os salários eram inferiores à média), mas por conta da sua dedicação ao ensino e da considerável liberdade de experimentação que esse tipo de clube ‘especializado’ oferecia”.<sup>611</sup> No caso do Palácio dos Pioneiros, o sentido referencial original (o estímulo ao pensamento crítico e o respeito a posições não canônicas) dava lugar, através da reprodução performativa (a promoção de discussões críticas sobre literatura e cultura), a

---

soviética. Na transmissão em questão, do dia 23 de maio, Dántchev anunciou que “os ocupantes soviéticos haviam reduzido a cinzas uma vila afegã” (STRELNIKOV, 2006). De acordo com Chomsky, em resposta à grande repercussão causada pelo fato no Ocidente, um oficial soviético declarou que “[Dántchev] não foi punido, pois um homem doente não pode ser punido”. (CHOMSKY, 1986)

<sup>610</sup> O grupo dos pioneiros era a organização ligada ao Partido voltada a crianças de dez a quatorze anos. O Palácio dos Pioneiros, inaugurado durante a era stalinista (em 1937), era gerido pelo Estado soviético e organizava diversos clubes, sociedades e eventos culturais.

<sup>611</sup> YURCHAK, 2006, p.135.

novos significados: antigos membros do clube de leitura relatam terem sido apresentados – durante os anos setenta – a autores como Aleksandr Soljenítsin, Mandelshtam, Akhmátova e Gumilióv. Além disso, em suas expedições, os jovens membros do clube de arqueologia organizado pelo Palácio “sentavam-se ao redor de fogueiras [...] e cantavam canções de Gálitch e Vissótski”.<sup>612</sup>

No final dos anos 1980, a famosa banda de rock soviética *Akvarium* lançou uma canção intitulada *Поколение дворников и сторожей*.<sup>613</sup> Trata-se de uma referência aos jovens que, durante as últimas décadas do período soviético, passaram a abandonar trajetórias profissionais de prestígio em busca de ocupações que lhes fornecessem mais tempo livre. Esses jovens de origens diversas – filhos da *intelligentsia* e de famílias operárias – tornavam-se técnicos de salas das caldeiras, guardas de armazéns, carregadores de trens de carga e varredores de ruas. Estes empregos exigiam apenas dois ou três turnos de trabalho por semana, e não estavam atrelados a exigências em relação ao comparecimento em reuniões, desfiles e outros eventos públicos.<sup>614</sup> O reduzido custo de vida na URSS permitia que até mesmo os baixos salários oferecidos por estes empregos fornecessem a renda necessária à subsistência.

Assim, a obediência à legislação que obrigava todo cidadão a ter um emprego<sup>615</sup> era reproduzida performativamente, e, no lugar do sentido referencial original – ser um membro produtivo da sociedade de acordo com as expectativas do Estado –, surgia um universo de novos significados e possibilidades: muitas dessas pessoas tornavam-se escritores amadores (ou seja, não afiliados à associação estatal), músicos de rock, ou pesquisadores de temas malquistos pela academia. Isto é, através do apoio estatal,

---

<sup>612</sup> YURCHAK, 2006, p.137. Aleksandr Gálitch e Vladimir Vissótski, músicos que possuíam uma relação ambivalente com o Estado, sendo considerados “problemáticos” por suas composições em que criticavam aspectos do sistema soviético. *Охота на волков* (Caça aos lobos), por exemplo, uma das canções mais conhecidas de Vissótski, faz uso do recurso da linguagem esópica ao narrar a história de um jovem lobo que tenta escapar de um grupo de caçadores, em uma “metáfora transparente dos episódios opressivos da história soviética” (YURCHAK, 2006, p.124.)

<sup>613</sup> *Поколение дворников и сторожей*, ou “geração de varredores de rua e guardas noturnos”.

<sup>614</sup> YURCHAK, 2006, p.151.

<sup>615</sup> Ilustrada pelo exemplo de Bródski, explicado por Foucault: “Antes de ter o sentido médico que lhe atribuímos, ou que pelo menos gostamos de supor que tem, o internamento foi exigido por razões bem diversas da preocupação com a cura. O que o tornou necessário foi um imperativo de trabalho. Nossa filantropia bem que gostaria de reconhecer os signos de uma benevolência para com a doença, lá onde se nota apenas a condenação da ociosidade”. (FOUCAULT, 2017, p.63-64.)

surgiu uma cultura vibrante de grupos artísticos e filosóficos<sup>616</sup> interessados em formas de conhecimento que não haviam sido antecipadas pelo Estado.<sup>617</sup>

Desse modo, surgiram inúmeros estilos de vida – novas possibilidades atreladas à dimensão poética do discurso de autoridade – que estavam simultaneamente no interior e no exterior do sistema soviético.



*Stiliágui: jovens que viviam em um Ocidente imaginário.*

Ocupando uma posição similarmente ambivalente estava outro conjunto de estilos de vida, viabilizado pela combinação peculiar, na cultura soviética, de insularidade e abertura ao mundo. O Estado fazia uma distinção ambivalente entre o que era a boa cultura internacional e a má cultura internacional, o que é exemplificado pela relação entre o Estado soviético e o artista Pablo Picasso: em setembro de 1961, o secretário geral Nikita Khrushchov ridicularizou publicamente obras do espanhol, então em exibição em Moscou, por conta de seu caráter não realista. Decorrido menos de um ano, em maio de 1962, Picasso foi premiado com o Prêmio da Paz de Lênin pelas qualidades progressistas e internacionalistas de seu trabalho como artista comunista.<sup>618</sup> Uma

---

<sup>616</sup> É importante notar, contudo, que o posicionamento assumido por estes grupos e indivíduos não era de dissidência – tratava-se de um fenômeno possibilitado (porém não antecipado) pelo Estado.

<sup>617</sup> Estes interesses incluíam, por exemplo, o budismo, o jazz ocidental e a filosofia existencialista (YURCHAK, 2006, p.154.)

<sup>618</sup> EGBERT, 1867, p.361.



relação igualmente ambígua foi estabelecida com o jazz, declarado alternadamente um “fenômeno da decadência burguesa”<sup>619</sup> e uma forma artística enriquecedora e fruto do gênio de afro-americanos escravizados e da classe trabalhadora.<sup>620</sup>

Isto é, a mesma obra podia ser descrita como *cosmopolita* – e fruto do imperialismo ocidental – ou *internacionalista* – e capaz de enriquecer a cultura soviética –, dependendo do contexto da enunciação.<sup>621</sup> Pode-se creditar tal variabilidade ao fato de que o sentido referencial atribuído a essas formas culturais pelo discurso de autoridade não estava mais atrelado à sua forma. Com isso, era inteiramente possível que uma pessoa se considerasse um bom cidadão soviético – cuja vida seguia de acordo com os valores do socialismo –, e, simultaneamente, não se alinhasse às críticas feitas pela imprensa a uma determinada forma cultural. Isso contribuiu para o surgimento de espaços culturais que existiam simultaneamente no interior e no exterior do sistema soviético, como aqueles ocupados pelos entusiastas da moda ocidental, da radiodifusão de ondas curtas e do rock.

Já nos anos 1940 o aparecimento dos *stiliágui*,<sup>622</sup> aliado a um conjunto de políticas estatais ambivalentes na esfera cultural – isto é, a crítica às manifestações mais extremas de “influências burguesas”, e a tolerância às suas tendências menos proeminentes –, possibilitou o surgimento de um desses espaços. Influenciado pelos filmes ocidentais exibidos nos cinemas soviéticos,<sup>623</sup> um grupo de jovens passou a copiar o estilo vibrante dos figurinos exibidos por seus protagonistas:

“Em todo o país, stiliágui costuravam suas próprias roupas, incluindo suéteres de tricô multicoloridos, calças de alfaiataria e gravatas costuradas a mão, ornamentadas com figuras variadas, incluindo “um desenho prateado de teia de aranha ... palmeiras, macacos, e até mesmo garotas em roupas de banho” [...] Estes experimentos estilísticos não se limitaram a pequenos grupos privilegiados de

---

<sup>619</sup> HOBBSAWM, 2011, p.328.

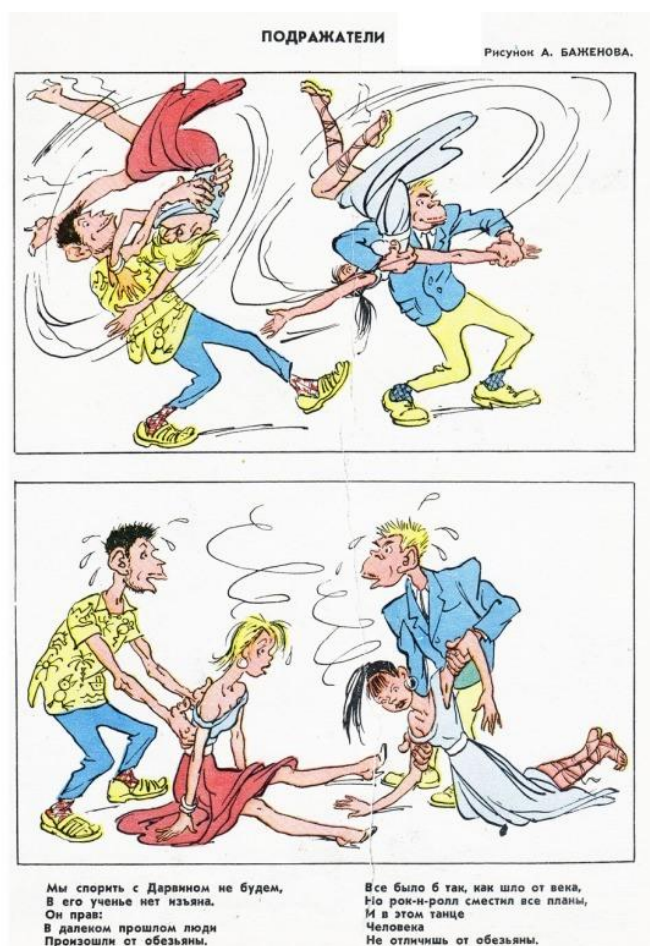
<sup>620</sup> YURCHAK, 2006, p.165.

<sup>621</sup> Essa questão foi exacerbada após a morte de Stálin e a “virada performativa” e durante as reformas de Khrushchov: “como o cânone objetivo em relação ao qual avaliações deveriam ser feitas não era conhecido, não era possível dizer ao certo se uma influência estrangeira concreta (...) era uma manifestação de bom internacionalismo ou mau cosmopolitanismo, e, portanto, cada caso concreto estava potencialmente aberto a interpretação”. (YURCHAK, 2006, p.164.)

<sup>622</sup> Termo derivado de стиль [*stil*’], ou “estilo”.

<sup>623</sup> Durante a Segunda Guerra Mundial e nos primeiros anos do pós-guerra, a imagem dominante dos EUA na URSS era a de um aliado que havia apoiado o povo soviético através do programa Lend-Lease, iniciado em 1941. Por sua vez, o protagonista do filme britânico *Agente Secreto* (1936, Alfred Hitchcock), um espião que se infiltrava na Gestapo, era visto como uma personagem positiva na URSS e inspirou o estilo de jovens stiliágui.

Moscou e Leningrado. Nos anos 1950, em Penza, localizada quatrocentas milhas a sudoeste de Moscou, um grupo de jovens estilosos, em sua maioria filhos de operários de fábricas locais e de agricultores de fazendas coletivas, costuravam suas próprias roupas da moda – ou compravam as versões “legítimas” ocidentais de contrabandistas que as conseguiam com seus contatos em Moscou – e iam dançar o twist e o boogie-woogie em centros culturais estatais. Nos anos 1950, um dos jovens de Penza, Vitali Sinitchkin, “moldava seus cachos loiros em um topete a la Elvis Presley [...] fixando-o com xarope de açúcar, pois spray ou mousse para cabelo ... não eram vendidos na URSS”.<sup>624</sup>

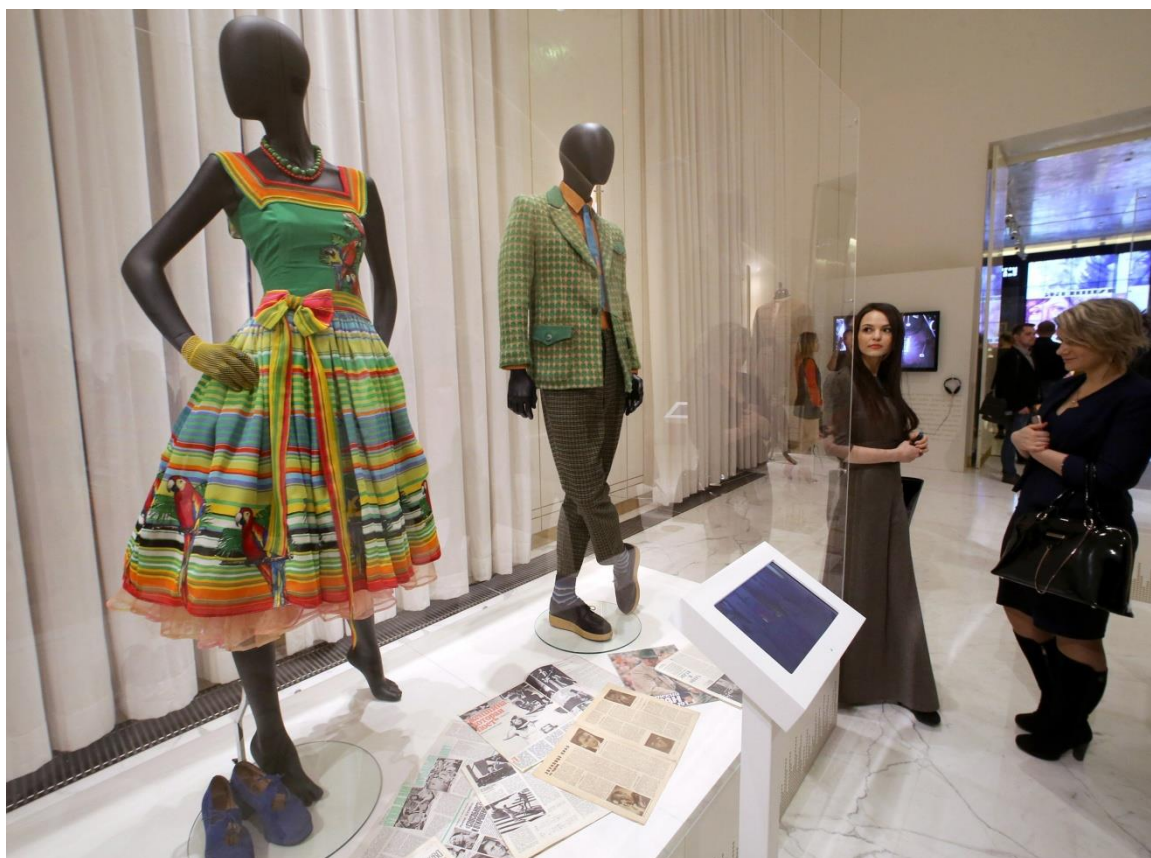


*Charge associa os fãs de rock'n'roll soviéticos aos primatas não-humanos estudados por Darwin.*

A imprensa retratava os *stiliágui* – cujo interesse na moda e na música ocidentais alcançara níveis extremos – como indivíduos incultos e simpatizantes da burguesia. Por

<sup>624</sup> YURCHAK, 2006, p.171.

outro lado, em determinados contextos, esses interesses eram não apenas tolerados, como promovidos – muitos dos jovens que se interessavam por música ocidental se reuniam abertamente em um restaurante no topo do Hotel Evropeskaia, em São Petersburgo; na cidade costeira de Sochi, o Estado organizava bailes que incluíam competições de *twist*. Essa política ambígua teve resultados imprevistos: os milhões de jovens soviéticos que se interessavam por filmes, música e moda ocidental, mas também por literatura, música clássica e ciência, não se identificava nas caricaturas dos *stiliágui* publicadas por revistas satíricas estatais, e até mesmo viam aquele pequeno grupo com desdém.<sup>625</sup> Com isso, a crítica feita pelo discurso de autoridade aos *stiliágui* (a manifestação mais extrema do fenômeno) levou à normalização de uma série de influências estrangeiras entre a jovem população em geral, que não via incongruência entre a apreciação de símbolos ocidentais e os valores soviéticos.



*Reprodução das vestimentas produzidas e usadas pelos stiliágui.*

Outro exemplo do modo como as políticas estatais ambivalentes em relação a influências culturais ocidentais possibilitaram o surgimento de novos espaços culturais pode ser encontrado na maneira com que a tecnologia do rádio de ondas curtas foi

---

<sup>625</sup> YURCHAK, 2006, p.173.

introduzida na URSS. Ao contrário do rádio AM ou FM, o rádio de ondas curtas possibilita que um sinal percorresse milhares de quilômetros antes de ser captado e interpretado. Ele foi promovido pelo Estado soviético como parte do projeto de desenvolvimento de indivíduos instruídos e internacionalistas.<sup>626</sup> O objetivo, evidentemente, era estimular a recepção de formas culturais enriquecedoras e desencorajar o consumo de transmissões burguesas ou antissoviéticas. As políticas de contenção dos efeitos indesejados da disseminação dessa tecnologia, contudo, eram bastante ambíguas: apenas algumas faixas de transmissão (aquelas em que difundiam transmissões ostensivamente antissoviéticas) eram parcialmente restritas, e essas limitações eram facilmente burláveis; além disso, as transmissões que não eram feitas nos idiomas falados na União Soviética não eram bloqueadas em momento algum.<sup>627</sup> Aliadas à promoção incessante da tecnologia de ondas curtas e da produção massiva de aparelhos de rádio, essas políticas resultaram na normalização do ato de ouvir regularmente estações internacionais e no crescimento exponencial da popularidade do jazz, do rock, das línguas estrangeiras e do conhecimento sobre o mundo entre a população soviética – que não via nesses interesses uma contradição com os valores soviéticos. Isto é, o Estado possibilitou a popularização da tecnologia, mas não pôde prever ou controlar o seu uso.

Por sua vez, a popularização do jazz e do rock ocidentais, aliada à pequena oferta de gravações destes gêneros nos lançamentos realizados pelas gravadoras estatais, resultou na invenção de uma nova tecnologia: o disco LP caseiro. Discos ocidentais contrabandeados eram copiados em chapas de raios-X.<sup>628</sup> De acordo com Yurchak, “o estímulo estatal à ciência, inventividade tecnológica e experimentação tornavam esta invenção perfeitamente compatível com a cultura estudantil soviética [...] discos de raios-X e salas das caldeiras eram metáforas perfeitas para os mundos distantes imaginários surgidos na sociedade soviética – as culturas experimentais que eram internas e externas ao corpo do estado soviético”.<sup>629</sup>

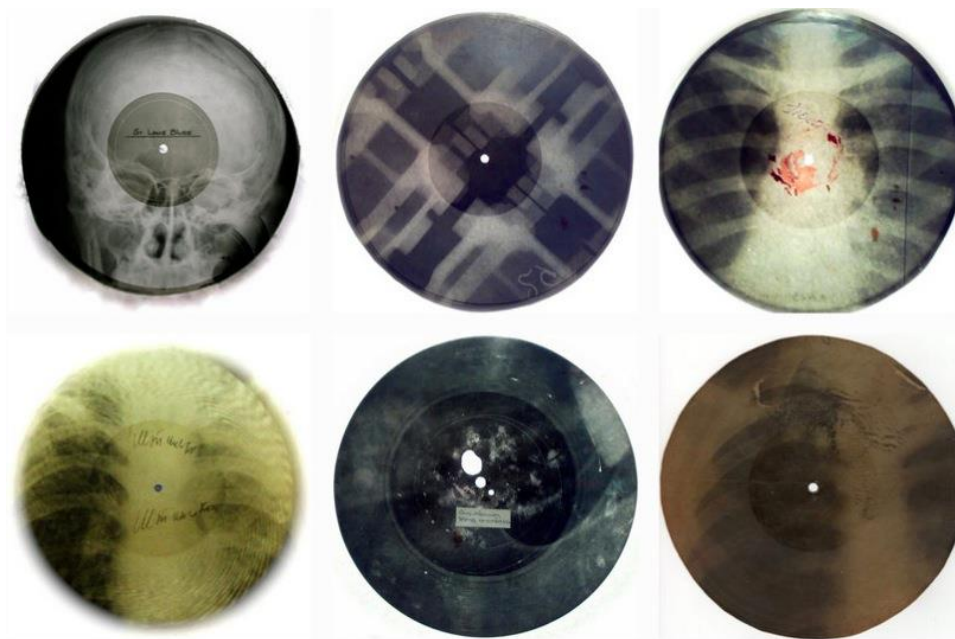
---

<sup>626</sup> YURCHAK, 2006, p.176.

<sup>627</sup> Isto significa que estações como a BBC World Service e a Voice of America eram facilmente acessíveis na URSS.

<sup>628</sup> GOFF, 2017

<sup>629</sup> YURCHAK, 2006, p.182.



*Discos LP copiados em chapas de raios-X.*

Vemos, portanto, que as tentativas de controle estatal sobre a população, seja na forma da patologização dos indesejados ou do rígido domínio sobre a linguagem e a representação, resultou, em última análise, no surgimento de espaços culturais alternativos, simultaneamente intrínsecos e extrínsecos ao sistema vigente. Este fenômeno, nos parece, foi formulado no romance *Piquenique na Estrada* na imagem da *Zona*, um local interno e externo ao mundo das personagens;<sup>630</sup> que permanece formalmente igual, mas é essencialmente diferente;<sup>631</sup> que transforma os filhos daqueles que a visitam<sup>632</sup> e traz os mortos de volta à vida.<sup>633</sup> Podemos concluir, portanto, que a persistência da popularidade dos Strugátski nos Estados pós-soviéticos de fato se deve, ao menos parcialmente, ao reconhecimento, por parte do público leitor, da “naturalidade” – nos termos de Todorov – dos dados sobrenaturais presentes em suas obras. A *Zona* (assim como ocorrera com a *Nau dos Loucos* na literatura europeia do século XV<sup>634</sup>) simbolizou toda uma inquietude soerguida no horizonte da cultura soviética na segunda metade do século XX.

<sup>630</sup> “os vidros das nossas janelas são grossos e contêm chumbo; atrás deles está a Zona, nossa querida, tão perto, ao alcance do braço”. (STRUGATSKI; STRUGATSKI, 2017, p.36.)

<sup>631</sup> “quando se olha para ela, só se percebe um terreno normal banhado pelos raios do sol como qualquer outro lugar na Terra. Aparentemente nada mudou lá, tudo permanece como era treze anos atrás. Se meu falecido pai olhasse aquilo, não repararia em nada especial, talvez perguntasse por que a chaminé da fábrica estava apagada, se seria por causa de uma greve” (idem.)

<sup>632</sup> As subculturas supracitadas eram compostas majoritariamente por jovens.

<sup>633</sup> Escritores como Mandelstam, Akhmátova e Gumilióv eram figurativamente ressuscitados com a renovação de seu público leitor após décadas de ostracismo.

<sup>634</sup> FOUCAULT, 2017, p.13-14.

## Conclusão

“[A] person’s spiritual side depends to a significant degree on how he spends his free time [...] [P]rogress in the sphere of the hard sciences [and] technology and ignorance of social problems lead society to decay or catastrophe.”<sup>635</sup> (Iliá Ehrenburg)

Em 1959, o escritor Iliá Ehrenburg se envolveu em um debate público<sup>636</sup> travado a partir da publicação de um artigo no jornal *Komsomolskaia Pravda*, no qual criticava um jovem engenheiro que se recusava a conversar sobre artes com a sua companheira, por considerar o assunto desinteressante em um tempo determinado pelo progresso científico e pelas fórmulas precisas das ciências exatas.

Nos anos 1960, o debate entre *fíziki* e *líriki* colocava em jogo, na arena cultural soviética, o significado de “ser moderno” após as rupturas representadas pela Grande Guerra Patriótica – o confronto contra os horrores do colonialismo e do nazifascismo desenvolvidos em escala industrial – e do bombardeio estadunidense sobre Hiroshima e Nagasaki – a obliteração atômica de civis como desdobramento da mecânica einsteiniana. De um lado “físicos” abraçavam a noção de que, em uma sociedade moderna, os desenvolvimentos científicos e tecnológicos – os quais seriam os fatores decisivos nas disputas entre nações, crescentemente destrutivas – deveriam estar no centro das preocupações humanas, e de que a arte representaria um obstáculo às tarefas práticas que realmente importariam. De outro, “poetas” questionavam, em meio às evidências do potencial destrutivo dos avanços tecnológicos, se o progresso científico seria sempre necessariamente benéfico, e defendiam uma cosmovisão pautada pelas artes e pelas ciências humanas.

Howell sugere que a disputa revelava não uma discórdia fundamental, mas expressões distintas de uma expectativa coletiva por um futuro satisfatório para todas as pessoas, um “romantismo coletivo sobre o mundo do futuro, no qual os sucessos espetaculares das ciências contemporâneas e a beleza emocional personificada pelas humanidades fossem finalmente integrados”<sup>637</sup>. Ainda que confluentes, essas

---

<sup>635</sup> “O aspecto espiritual de uma pessoa depende significativamente do modo com que ela usa o seu tempo livre [...] O progresso na esfera das ciências exatas e na tecnologia, aliado à ignorância em relação a questões sociais, leva a sociedade à decadência ou à catástrofe”

<sup>636</sup> COSTANZO, 2006

<sup>637</sup> HOWELL, 2007

perspectivas demonstravam a existência de questionamentos importantes acerca dos rumos da modernidade soviética.

Em meio à polêmica, os Strugátski expressaram o impulso pela integração mencionada por Howell, buscando operar uma genuína ressignificação do moderno na sociedade soviética. Isto é, em suas obras, os autores questionavam: qual era a perspectiva moderna possível em relação ao colonialismo e a intervenção sobre outras nações após o embate com nazifascistas? Qual relação as instituições científicas, símbolo da modernidade para os *fíziki*, estavam estabelecendo com a proposta modernidade socialista do mundo soviético? De que modo as grandes conquistas pregressas da revolução russa, a qual se constituía como projeto da razão moderna, eram compreendidas e desenvolvidas em meados do século XX? Essas são algumas das questões sobre os anos 1960 e 1970 soviéticos que nos parecem surgir, por meio do estranhamento característico da ficção científica, nas obras da dupla.

A transformação do humano em máquina, a sujeição de trabalhadoras e trabalhadores ao trabalho abstrato, a “nova racionalidade” da sociedade do meio do século, assim como movimentos intervencionistas sobre repúblicas vizinhas, a submissão de uma grande área da esfera científica ao charlatanismo, os ataques a artistas e intelectuais por parte de governantes – tudo isso se tornava objeto de reflexão crítica.

Assim, os autores propunham um acerto de contas com a modernidade, cuja trajetória na União Soviética de muitas formas se confunde com o percurso do gênero de ficção científica. Surgida em um movimento de compressão histórica sem precedentes, possibilitada pelas imaginações literárias de textos especulativos, desenvolvida de modo acidentado e contraditório ao longo de décadas, a modernidade soviética se tornava, assim, objeto de reflexões que, talvez, tentassem exercer a mesma função performativa que os primeiros textos do gênero foram capazes de efetuar na virada do século XX – uma (re)criação do moderno sobre um substrato que integrasse o científico e o poético, o exato e o humano, o pragmático e o utópico.

Observada em retrospectiva, de um ponto de vista cerca de meio século afastado de seu contexto original, a empreitada dos Strugátski – e de outras e outros artistas que propunham a ressignificação da modernidade do socialismo real – poderia ser tida como um ingênuo experimento fracassado, incapaz de arranhar a superfície de um sistema que se afastava, em suas contradições mais agudas, das premissas que ensejaram a sua criação. Dessa perspectiva, os Strugátski poderiam se assemelhar ao protagonista de

Piquenique à Beira da Estrada, que ao final do romance – após encontrar a esfera dourada capaz de concretizar qualquer desejo – consegue apenas articular simploriamente o pedido de “felicidade para todos” – uma formulação inocente e, como aponta Potts, insuficiente (e algo desesperada) diante da complexidade de seu mundo. Uma perspectiva menos pessimista, todavia, poderia revelar que os textos da dupla – alguns dos mais populares no mundo russófono da segunda metade do século passado – efetivaram mudanças reais ao criar significados inesperados que tensionavam o seu contexto de criação ao gerar, na mentalidade de seus leitores, expectativas novas quanto ao significado do moderno, as quais tornavam mutuamente compreensíveis os discursos e cosmovisões de físicos e poetas – operando, nesse ensejo, uma transformação do *byt* da “nova racionalidade” do meio do século no *bytie* de um novo modelo de modernidade, no qual os ICBMs pudessem dar lugar aos sonhos cósmicos que superassem aqueles de Tsiolkóvski ou Tátlin, ou no qual o chauvinismo de grande potência pudesse ser substituído pela efetivação das políticas de radical garantia à autodeterminação esposadas na década de 1920.

Parece-nos, assim, que em sua literatura os irmãos Arkádi e Boris Strugátski mobilizaram um instrumental criativo semelhante àqueles utilizados pelos autores de ficção científica da virada do século XX – como Bodánov – em seu esforço de criação da modernidade, e por escritores como Zamiátin em sua tentativa de fomentar a reflexão, por meio do estranhamento, sobre certos aspectos da sociedade. Desse modo, os autores propuseram, acionando a dimensão performativa da linguagem literária, a superação de uma compreensão de modernidade, a qual informava desenvolvimentos políticos que, em sua perspectiva, alargavam a lacuna entre o socialismo real – formatada pelo encontro entre modernidade recuperadora e teorias marxistas – e os ideais de justiça social por eles preconizados.

Essa pesquisa surgiu a partir de questionamentos acerca dos potenciais representativos do gênero de ficção científica. No percurso do seu desenvolvimento, muitas das convicções que informaram as suas premissas iniciais foram desconstruídas, e o que surgiu como um plano de pesquisa sobre a função da literatura esópica em contextos de autoritarismo deu lugar, esperamos, a uma perspectiva mais nuançada – ainda que, admitidamente, por vezes pouco ordenada. Se as reflexões aqui desenvolvidas foram – ao menos para nós – transformativas, isso nos parece indicar que a interpretação das obras dos Strugátski – que certamente não pretendemos esgotar



nesse trabalho – possuem, ainda hoje, o potencial de geração de questionamentos fundamentais, que deve ser objeto de contínua investigação.

## Bibliografia

- AUSTIN, John Langshaw. **Performatif-Constatif. La Philosophie Analytique Cahiers de Royaumont.** [s.l.: s.n.].
- BANERJEE, Anindita. **We Modern People : Science Fiction and the Making of Russian Modernity.** Middletown: Wesleyan University Press, 2012.
- BAUDELAIRE, Charles. **O pintor da vida moderna.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- BELIAIEV, Aleksandr. Создадим советскую научную фантастику. **Литературный Ленинград № 40, [S. l.], 1934.**
- BENJAMIN, Walter. **Baudelaire e a modernidade. Trad. João Barrento.** Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BEVINS, Vincent. **The Jakarta method: Washington's anticommunist crusade and the mass murder program that shaped our world.** New York: PublicAffairs, 2020.
- BLOCH, Ernst. **Literary Essays.** Stanford.
- BOIADJIEVA, Liudmila. **Андрей Тарковский: Жизнь на кресте.** [s.l.: s.n.].
- BORGES, Stephanie; CALHEIROS, Orlando. **Drácula, Frankenstein e zumbis. BENZINA, 2020.**
- BRAIN, Stephen. **Song of the forest: Russian forestry and Stalinist environmentalism, 1905-1953.** Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2011.
- BRETON, André. **Manifestos do surrealismo.** Rio de Janeiro: Nau, 2001.
- BROOKS, Jeffrey. **When Russia Learned to Read: Literacy and Popular Literature, 1861–1917.** Princeton: Princeton University Press, 1985.
- BUCK-MORSS, Susan. **Dreamworld and Catastrophe : The Passing of Mass Utopia in East and West.** London: MIT Press, 2000.
- BURLATSKY, Fyodor. **Вожди и советники: о Хрущеве, Андропове и не только о них [Vozhdi i sovetniki: o Khrushcheve, Andropove i ne tol'ko o nikh].** Moscou: Politizdat, 1990.
- BYFORD, Andy. **Revolution and Science under the Bolsheviks.** 2017. Disponível em: <https://www.culturematters.org.uk/index.php/culture/education/item/2539-revolution-and-science-under-the-bolsheviks>. Acesso em: 21 mar. 2023.

- BYKOV, Dmitri. **Пикник на обочине - вся правда об СССР.** , 2015. Disponível em: <http://ru-bykov.livejournal.com/2130884.html>.
- BYKOV, Dmitri. **Стругацкие. «Пикник на обочине».** 2016. Disponível em: <http://arzamas.academy/courses/22/6>.
- CARR, E. H. **A History of Soviet Russia: The Bolshevik Revolution, 1917-1923: Volume 3.** New York: W. W. Norton & Company, 1985.
- CASSEGARD, Carl. **Shock and Naturalization in Contemporary Japanese Literature.** Folkstone: Global Oriental, 2007.
- CASTEL, Robert. **A ordem psiquiátrica: a idade de ouro do alienismo.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.
- CEDERLÖF, Henriette. **Alien Places in Late Soviet Science Fiction: The ‘Unexpected Encounters’ of Arkady and Boris Strugatsky as Novels and Films.** Stockholm: Acta Universitatis Stockholmiensis, 2014.
- CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo.** [s.l.] : Letras Contemporâneas, 2010.
- CHANG, Ha-Joon. **Maus Samaritanos: O Mito do Livre-Comércio e a História Secreta do Capitalismo.** Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2008.
- CHOMSKY, Noam. **Knowledge of language: Its Nature, Origins, and Use.** New York: Praeger, 1986.
- CLARK, Katerina. Political History and Literary Chronotope: Some Soviet Case Studies. *Em: Literature and History: Theoretical Problems and Russian Case Studies.* Stanford: Stanford University Press, 1986.
- CLARKE, Arthur C. **Greetings, Carbon-Based Biped!: Collected Essays, 1934-1998.** New York: St. Martin’s Griffin, 2001.
- CLARKE, Clare. **An Analysis of Chinua Achebe’s An Image of Africa Racism in Conrad’s Heart of Darkness.** London: Macat International, 2017.
- COSTANZO, Susan. The 1959 Liriki-Fiziki Debate: Going Public With the Private? *Em: Borders of Socialism.* New York: Palgrave Macmillan US, 2006. p. 251–268. DOI: 10.1007/978-1-4039-8454-8\_13.
- CSICSERY-RONAY JR, Istvan. Science Fiction and Empire. **Science Fiction Studies,** [S. l.], 2003.
- CSICSERY-RONAY JR, Istvan. Towards the Last Fairy Tale: The Fairy-Tale Paradigm in the Strugatskys’ Science Fiction, 1963–72. *Em: ANINDITA BANERJEE (org.). Russian Science Fiction Literature and Cinema.* Boston, USA: Academic Studies Press, 2018.

- PANDORA`S BOX. Direção: Adam Curtis. UK: BBC, 1992.
- DAVID-FOX, Michael. **Revolution of the Mind. Higher Learning among the Bolsheviks, 1918–1929**. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1997.
- DAVIS, Bret W. (Org. ). **Martin Heidegger (Key Concepts)**. Durham: Acumen, 2010.
- DAVIS, Mike. **Holocaustos Coloniais: A criação do terceiro mundo**. São Paulo: Veneta, 2022.
- DE LEPE, Mary et Al. Using Science Fiction Prototyping to Decrease the Decline of Interest in STEM Topics at the High School Level. **Intelligent Environments**, [S. l.], 2015.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: Volume 3**. São Paulo: Editora 34, 1996.
- DOBRENKO, Evgeny. **Political Economy of Socialist Realism**. New Haven: Yale University Press, 2007.
- DRALYUK, Boris. **Western Crime Fiction Goes East: The Russian Pinkerton Craze 1907-1934**. Leiden, The Netherlands: Brill, 2012.
- EGBERT, Donald D. The Idea of “Avant-garde” in Art and Politics. **The American Historical Review**, [S. l.], v. 53, 1867.
- ELKOUNOVITCH, Dalia. **The symbolism of the “wanderers” in the recent fiction of the brothers Strugatsky**. 1988. University of the Witwatersrand, Johannesburg, 1988.
- ELY, Christopher. **This Meager Nature: Landscape and National Identity in Imperial Russia**. [s.l.] : Northern Illinois University Press, 2002.
- ENNKER, Benno. The Origins and Intentions of the Lenin Cult. *Em: Regime and Society in Twentieth-Century Russia*. [s.l.: s.n.]. DOI: 10.1007/978-1-349-27185-6\_8.
- FANON, Frantz. **The Wretched of the Earth**. New York: Grove Press, 2005.
- FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador: Editora EDUFBA, 2008.
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.
- FIÓDOROV, Nikolai. **Sobranie sochineny (Obras completas), vol. 2**. Moscou: Progress, 1995.
- FISHER, Mark. **Realismo capitalista**. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.
- FOUCAULT, Michel. **“Society Must Be Defended”: Lectures at the Collège de France, 1975-1976**. [s.l.] : Picador Press, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da prisão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade clássica**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

FURTADO, Rafael Nogueira. Baudelaire e a Modernidade: Um diálogo entre Walter Benjamin e Michel Foucault. **Kinesis, Vol. IV, n. 07**, [S. l.], 2012.

GACHEVA, Anastasia. Новые материалы к истории знакомства Достоевского с идеями Федорова. [S. l.], 2004.

GACHEVA, Anastasia. Art as the Overcoming of Death : From Nikolai Fedorov to the Cosmists of the 1920s. **e-flux journal**, [S. l.], v. 89, 2018. Disponível em: <https://www.e-flux.com/journal/89/180332/art-as-the-overcoming-of-death-from-nikolai-fedorov-to-the-cosmists-of-the-1920s/>. Acesso em: 2 out. 2019.

GARLIPP, José Rubens Damas. A incrustação do tecido social na economia: Karl Polanyi e a reconstrução do pensamento econômico contemporâneo. Entrevista concedida a Patricia Fachin. **IHU On-Line**, [S. l.], 2019. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/589403-a-incrustacao-do-tecido-social-na-economia-karl-polanyi-e-a-reconstrucao-do-pensamento-economico-contemporaneo-entrevista-especial-com-jose-rubens-damas-garlipp>. Acesso em: 26 mar. 2023.

GASTEV, Aleksei. **Поэзия рабочего удара (Poeziia rabotchevo udara)**. Moscou: Khudozhestvennaia literatura, 1871.

GASTEV, Aleksei. **Как надо работать (Kak nado rabotat)**. Moscou: Ekonomika, 1972.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro**. São Paulo: Editora 34, 2001.

GLINTER, Ezra. (Give me that) old-time socialist utopia. **The Paris Review**, [S. l.], 2015.

GOFF, Samuel. **Bone music: how bootleggers used X-rays to bring rock and roll to the USSR**. 2017. Disponível em: <https://www.calvertjournal.com/articles/show/8597/bone-music-bootleggers-x-rays-rock-and-roll-soviet-union-roentgenizdat>. Acesso em: 4 out. 2019.

GORDON, Lewis R. **Decolonizing Frankenstein**. 2018. Disponível em: <https://commonreader.wustl.edu/c/decolonizing-frankenstein/>. Acesso em: 3 out. 2019.

GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do

- longo século XVI. **Sociedade e Estado**, [S. l.], v. 31, n. 1, p. 25–49, 2016. DOI: 10.1590/S0102-69922016000100003.
- GROYS, Boris. **The Total Art of Stalinism: Avant-garde, Aesthetic Dictatorship, and Beyond**. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1992.
- GROYS, Boris (Org. ). **Russian Cosmism**. Cambridge, MA: MIT Press, 2018.
- HAGEMEISTER, Michael. **Russian Cosmism in the 1920s and Today. The Occult in Russian and Soviet Culture**. New York: Cornell University Press, 1997.
- HARAWAY, Donna. **A Manifesto for Cyborgs**. London: Routledge, 2000.
- HARVEY, David. **Paris: Capital da Modernidade**. São Paulo: Boitempo, 2015.
- HELLER, Leonid. **Вселенная за пределом догмы (Vselennaia za predelom dogmy)**. London: Overseas Publications Interchange, 1985.
- HOBBSAWM, Eric. **História Social do Jazz**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- HOCHSCHILD, Adam. **King Leopold’s Ghost: A Story of Greed, Terror, and Heroism in Colonial Africa**. Boston: Houghton Mifflin, 1999.
- HOLLINGER, Veronica. Contemporary Trends in Science Fiction Criticism, 1980–1999. **Science Fiction Studies**, [S. l.], v. 78, 1999.
- HOLQUIST, Michael. Konstantin Tsiolkovsky: Science Fiction and Philosophy in the History of Soviet Space Exploration. *Em*: SLUSSER, George E.; RABKIN, Eric S. (org.). **Intersections: Fantasy and Science Fiction**. Carbondale: Southern Illinois University Press, 1987.
- HOSHIKAWA, Ana Maria Novi. **Modernidades alternativas: arte e ideologia nos Estados Unidos e na URSS no entreguerras**. 2022. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.
- HOWELL, Yvonne. **Apocalyptic Realism: The Science Fiction of Arkady and Boris Strugatsky**. New York: Peter Lang, 1994.
- HOWELL, Yvonne. “Fiziki-Liriki (Scientist-Poets).” *Em*: **Encyclopedia of Contemporary Russian Culture**. New York: Routledge, 2007.
- IAKOVLEVA, S. Структурообразующая функция имен собственных (на материале повести А. и Б. Стругацких «Трудно быть богом»). [S. l.], 2011.
- IRVING, Washington. **Knickerbocker’s History Of New York**. 2004. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/files/13042/13042-h/13042-h.htm>. Acesso em: 3 out. 2019.
- JAMESON, Fredric. **Archaeologies of the Future: The Desire Called Utopia and Other Science Fictions**. London: Verso, 2005.

- KAHN, Andrew; LIPOVETSKY, Mark; REYFMAN, Irina; SANDLER, Stephanie. **A History of Russian Literature**. Oxford: Oxford University Press, 2018.
- KALININ, Ilya. A arte como procedimento de ressurreição da palavra: Viktor Chklóvski e a filosofia da causa comum. *[S. l.]*, 2018.
- KERSLAKE, Patricia. **Science Fiction and Empire**. Liverpool: Liverpool University Press, 2011.
- KHRUSHCHEV, Nikita. **Speech to 20th Congress of the C.P.S.U.** 1956. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/khrushchev/1956/02/24.htm>. Acesso em: 3 out. 2019.
- KRAUSZ, Tamas. **Reconstructing Lenin: An Intellectual Biography**. New York: Monthly Review Press, 2015.
- KREMENTSOV, Nikolai. **Stalinist Science**. Princeton: Princeton University Press, 1996.
- KREMENTSOV, Nikolai. Big Revolution, Little Revolution: Science and Politics in Bolshevik Russia. **Social Research**, *[S. l.]*, v. 73, 2006.
- KRISHNAN, Rohit. **The now neglected history of Soviet anti-colonialism**. 2018. Disponível em: <https://africasacountry.com/2018/08/the-now-neglected-history-of-soviet-anti-colonialism>. Acesso em: 21 mar. 2023.
- KUKULIN, Iliá. **Физики как официальные советские культурные герои**. 2020.
- KURZ, Robert. Sozialistisches Ziel und neue Arbeiterbewegung. Zur Kritik der sowjetischen Produktionsweise. Trad: Marcos Barreira. **Gemeinsame Beilage**, nº 1, *[S. l.]*, 1984.
- KURZ, Robert. **O colapso da modernização: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- KURZ, Robert. A falta de autonomia do Estado e os limites da política: quatro teses sobre a crise da regulação política. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, 1995.
- KURZ, Robert. O colapso da modernização - Entrevista concedida a Tarson Nufiez e Carlos Winckler. Trad: Peter Neumann. **Utopia**, Porto Alegre, 1997. a.
- KURZ, Robert. A Origem Destrutiva do Capitalismo. **Caderno Mais!. Folha de São Paulo**, São Paulo, 1997. b.
- LAFETÁ, João Luís. **A Dimensão da Noite e outros ensaios**. São Paulo, Duas Cidades: Editora 34, 2004.
- LE GUIN, Ursula K. A New Book by the Strugatskys. **Science Fiction Studies**, *[S. l.]*, v. 12, 1977.

- LENIN, V. I. **A “Scientific” System of Sweating**. 1913. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/lenin/works/1913/mar/13.htm>. Acesso em: 3 out. 2019.
- LENIN, V. I. **The Taylor System—Man’s Enslavement by the Machine**. 1914. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/lenin/works/1914/mar/13.htm>. Acesso em: 3 out. 2019.
- LENIN, V. I. **The Immediate Tasks of the Soviet Government**. 1918. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/lenin/works/1918/mar/x03.htm>. Acesso em: 3 out. 2019.
- LENIN, V. I. **Obras Escolhidas em Três Tomos**. Lisboa: Edições Avante!, 1978.
- LENIN, Vladimir Ilyich. Our Foreign and Domestic Position and Party Tasks. *Em: Lenin’s Collected Works, 4th English Edition*. Moscow: Progress Publishers, 1965. v. 31.
- LISBOA, Armando de Melo. A Crítica de Karl Polanyi à Utopia do Mercado. **Instituto Superior de Economia e Gestão – SOCIUS Working papers nº 2, [S. l.]**, 2000.
- LOSEFF, Lev. **On the Beneficence of Censorship: Aesopian Language in Modern Russian Literature**. Munich: Otto Sagner, 1984.
- MAJOR, Patrick. **Across the blocs : Cold War cultural and social history**. London: Frank Cass, 2004.
- MARCUSE, Herbert. Some Social Implications of Modern Technology. **Studies in Philosophy and Social Sciences Vol. IX, [S. l.]**, 1941.
- MARCUSE, Herbert. **Soviet Marxism. A Critical Analysis**. New York: Columbia University Press, 1958.
- MARGOLIN, Victor. **The Politics of the Artificial**. Chicago: University of Chicago Press, 2002.
- MARX, Karl. **O capital : crítica da economia política : livro I : o processo de produção do capital**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.
- MCGUIRE, Patrick. **Red Star: Political Aspects of Soviet Science Fiction**. Ann Arbor: Michigan Slavic Papers, 1985.
- MEIKLE, Jeffrey. Domesticating Modernity: Ambivalence and Appropriation, 1920-1940. *Em: KAPLAN, Wendy (org.). Designing Modernity: The Arts of Reform and Persuasion 1885-1945*. London: Thames & Hudson, 1995.
- MILANOVIĆ, Branko. **Capitalismo sem rivais: o futuro do sistema que domina o mundo**. São Paulo: Todavia, 2020. a.



MILANOVIĆ, Branko. **Germany and The Last European Colonial War?** 2020b. Disponível em: <https://braveneweuropa.com/branko-milanovic-the-last-european-colonial-war>. Acesso em: 13 mar. 2023.

MILNER, Andrew. Archaeologies of the Future: Jameson's Utopia or Orwell's Dystopia? **Brill**, [S. l.], 2009.

NAVROZOV, Andrei. An Ill Wind in Moscow. **The New York Times**, [S. l.], 1995.

NEWTON, Isaac. **Philosophiae Naturalis Principia Mathematica**. London: Dawson & Sons, 1726.

NICHOLS, Justin. Developing STEM Interest and Genre Knowledge Through Science Fiction Prototyping. **The STEAM Journal**, [S. l.], v. 3, n. 2, 2018.

NORMAN, Pat. **Giving Voice to the Other: Frankenstein and Heart of Darkness as Imperial Disavowal**. , [s.d.] . Acesso em: 4 out. 2019.

PALEI, Abram. Советская научно-фантастическая литература. **Революция и культура**, № 23/24, [S. l.], 1929.

PARRINDER, Patrick. **Science Fiction: A Critical Guide**. London: Routledge, 1979.

POLANYI, Karl. **A grande transformação: as origens de nossa época**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

POTTS, Stephen W. **The Second Marxian Invasion**. San Bernardino, California: Borgo Press, 1991.

PRASHAD, Vijay. **Red Star over the Third World**. New Delhi: Left Word Books, 2017.

REDDY, Chandan. Modern. *Em: Keywords for American Cultural Studies*. New York: NYU Press, 2014.

REFT, Ryan. **The Modern Paul Gilroy: Modernity, Transnationalism, and the Impact of The Black Atlantic on History**. 2012. Disponível em: <https://tropicsofmeta.com/2012/12/11/the-modern-paul-gilroy-modernity-transnationalism-and-the-impact-of-the-black-atlantic-on-history/>. Acesso em: 4 out. 2019.

REID, Susan E. In the Name of the People: The Manège Affair Revisited. **Kritika: Explorations in Russian and Eurasian History**, [S. l.], v. 6, 2005.

RENAULT, Gregory. **Science Fiction as Cognitive Estrangement: Darko Suvin and the Marxist Critique of Mass Culture**. **Discourse**, vol. 2, MASS CULTURE ISSUE. Detroit.

- RIEDER, John. **Colonialism and the Emergence of Science Fiction**. Middletown: Wesleyan University Press, 2008.
- ROTTENSTEINER, Franz. **View from Another Shore**. 1999. Liverpool University Press, Liverpool, 1999.
- SAID, Edward. **Orientalismo: O Oriente Como Invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- SCHIVELBUSCH, Wolfgang. **The Railway Journey: Trains and Travel in the Nineteenth Century**. New York: Urzen, 1978.
- SCHWARTZ, Matthias. How Nauchnaia Fantastika Was Made: The Debates about the Genre of Science Fiction from NEP to High Stalinism. **Slavic Review**, [S. l.], 2013.
- SERVICE, Robert. **Lenin: A Biography**. London: Macmillan, 2000.
- SHINN, Terry. Desencantamento da modernidade e da pós-modernidade: diferenciação, fragmentação e a matriz de entrelaçamento. **Scientiae Studia**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 43–81, 2008. DOI: 10.1590/s1678-31662008000100003.
- SIDDIQI, Asif A. **The Red Rockets' Glare: Spaceflight and the Soviet Imagination, 1857-1957**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- SIMAKOVA, Marina. **Russian Cosmism: A Foretaste of Revolution**. 2018. Disponível em: <https://www.e-flux.com/journal/88/176018/russian-cosmism-a-foretaste-of-revolution/>. Acesso em: 2 out. 2019.
- SLEZKINE, Yuri. The USSR as a Communal Apartment, or How a Socialist State Promoted EthnicParticularism. **Slavic Review**, [S. l.], v. 53, n. 2, 1994.
- SOARES, Tiago Chagas. **Make it New: Hayek, Modernismo e a invenção do Neoliberalismo (1920-1950)**. 2019. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. DOI: 10.11606/T.8.2019.tde-16122019-183100.
- SOMA, Eduardo. **Ulisses em tempos de estagnação: tradução e estudo de Moskvá – Petuchki, de Venedíkt Eroféiev**. 2016. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- SORENSEN, Charles E. **My Forty Years With Ford**. New York: W. W. Norton & Company, 1956.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Three Women's Texts and a Critique of Imperialism. **Critical Inquiry**, [S. l.], v. 12, n. 1, 1985.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Can the Subaltern Speak? *Em*: WILLIAMS, Patrick; CHRISMAN, Laura (org.). **Colonial Discourse and Post-Colonial Theory: A Reader**. Hertfordshire: Harvester Wheatsheaf, 1994.

- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Preface To Concerning Violence**. 2020. Disponível em: <https://filmquarterly.org/2014/10/29/preface-to-concerning-violence/>. Acesso em: 20 fev. 2023.
- STEINBERG, Mark. **Proletarian Imagination: Self, Modernity, and the Sacred in Russia, 1910–1925**. Ithaca, NY: Cornell University Press, 2002.
- STENGERS, Isabelle. **No tempo das catástrofes**. São Paulo: Cosac e Naify, 2015.
- STOCKWELL, Peter. **The Poetics of Science Fiction**. Harlow: Longman, 2000.
- STRELNIKOV, Vassili. **The Danchev Story**. The Big Podcast, , 2006. Disponível em: <https://bigpodcast.ru/podcast/the-big-podcast-the-danchev-story>.
- STRUGÁTSKI, Arkádi; STRUGÁTSKI, Boris. **Hard to Be a God**. Chicago: Chicago Review Press, 2014.
- STRUGATSKI, Arkadi; STRUGATSKI, Boris. **Piquenique na estrada**. São Paulo: Aleph, 2017.
- SUVIN, Darko. Criticism of the Strugatskii Brothers' Work. **Canadian-American Slavic Studies**, [S. l.], v. 6, 1972.
- SUVIN, Darko. The Literary Opus of the Strugatskii Brothers. **Canadian-American Slavic Studies**, [S. l.], v. 8, 1974.
- SUVIN, Darko. **Metamorphoses of Science Fiction: On the Poetics and History of a Literary Genre**. New Haven: Yale University Press, 1977.
- SUVIN, Darko. **Defined by A Hollow: Essays on Utopia, Science Fiction and Political Epistemology**. New York: Peter Lang, 2010.
- TAUBMAN, William. **Khrushchev: The Man and His Era**. New York: Norton, 2003.
- TAYLOR, Frederick Winslow. **The Principles of Scientific Management**. New York: Dover Publications, 1997.
- TCHÉKHOV, Anton. **O jardim das cerejeiras seguido de Tio Vânia**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2009.
- TCHERNIAKHOVSKAIA, Iulia. Общественно-политические воззрения а. И б. Стругацких в контексте советской политической истории 1960-х–1980-х гг. [S. l.], 2012.
- TCHUKOVSKI, Kornei. Nat Pinkerton i sovremennaia literatura (1910). Em: **Sobranie sochinenii v 15 tomakh**. Moscou.
- THOMPSON, E. P. Time, work-discipline, and industrial capitalism. **Past and Present**, [S. l.], 1967. DOI: 10.1093/past/38.1.56.

- TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- TOLSTÓI, Liev. **Anna Kariênina**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- TOLZ, Vera. **Russian Academicians and the Revolution: Combining Professionalism and Politics**. Houndmills, Basingstoke: Macmillan Publishers Ltd, 1997.
- TROTSKY, Leon. **The Revolution Betrayed: What Is the Soviet Union and Where Is It Going?** New York: Pathfinder Press, 1972.
- TSIOLKOVSKY, Konstantin. **The Call of the Cosmos**. Moscou: Foreign Languages Publishing House, 1960.
- TUMARKIN, Nina. **Lenin lives! : the Lenin cult in Soviet Russia**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1983.
- VOROBIOV, B. N. Science Fiction in Tsiolkovsky's Writings. *Em: The Call of the Cosmos*. Moscow: Foreign Languages Publishing House, 1960.
- VUJOSEVIC, Tijana. **Modernism and the making of the Soviet new man**. Manchester: Manchester University Press, 2017.
- WALLERSTEIN, Immanuel. **O sistema mundial moderno. Vol. I: a agricultura capitalista e as origens da economia-mundo europeia no século XVI**. Porto: Afrontamentos, 1974.
- WEINER, Douglas. **Models of Nature: Ecology, Conservation, and Cultural Revolution in Soviet Russia**. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2000.
- WELLS, H. G. **The War of the Worlds**. 1992. Disponível em: <http://www.gutenberg.org/files/36/36-h/36-h.htm>. Acesso em: 3 out. 2019.
- WHITMAN, James Q. **Hitler's American Model: The United States and the Making of Nazi Race Law**. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2017.
- WILSON, Edmund. **Rumo à estação Finlândia: escritos e atores da História**. São Paulo: Companhia da Letras, 2006.
- WOLFE, Ross. **The Graveyard of Utopia: Soviet urbanism and the fate of the international avant-garde**. 2011. [S. l.], 2011.
- YOUNG, George M. **The Russian cosmists : the esoteric futurism of Nikolai Fedorov and his followers**. New York: Oxford University Press, 2012.
- YURCHAK, Alexei. **Everything Was Forever, Until It Was No More: The Last Soviet Generation**. Princeton: Princeton University Press, 2006.

- YURCHAK, Alexei. **Bodies of Lenin: The hidden science of communist sovereignty. Representations**, 2015. DOI: 10.1525/rep.2015.129.1.116.
- YURCHAK, Alexei. **The canon and the mushroom : Lenin, sacredness, and Soviet collapse. HAU: Journal of Ethnographic Theory**, 2017. DOI: 10.14318/hau7.2.021.
- ZAMYATIN, Yevgeny. **A Soviet Heretic: Essays by Yevgeny Zamyatin**. Chicago: University of Chicago Press, 1970.
- ZERKALOV, Andrei. Игра по собственным правилам. [S. l.], 1991.
- ŽIŽEK, Slavoj. The Thing from Inner Space. [S. l.], 1999.
- ŽIŽEK, Slavoj. **The Sublime Object of Ideology**. London: Verso, 2008.
- ŽIŽEK, Slavoj. **God is dead, but he doesn't know it: Lacan plays with Bobok**. 2009. Disponível em: <https://www.lacan.com/essays/?p=184>. Acesso em: 3 out. 2019.
- ŽIŽEK, Slavoj. **Em defesa das causas perdidas**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.
- ŽIŽEK, Slavoj. **The Relevance of the Communist Manifesto**. Cambridge: Polity, 2019.